

“Este material repousou durante mais de quatro anos a espera de recursos que viabilizassem sua publicação e esta já é uma marca a ser considerada em sua leitura. O trabalho é um dos produtos do projeto de pesquisa **Memória Docente: histórias de professores catarinenses (1890-1950)** no qual se adotou como fonte principal o acervo de história oral do Museu da Escola Catarinense. As motivações para a pesquisa e esta publicação se apóiam na premissa de que o testemunho de professores acerca de aspectos que compõem a História da Educação é um importante e singular recurso para a historiografia, tanto da educação como da história da profissão docente.”



ISBN 978-85-61136-34-



Memória Docente: Histórias de Professores Catarinenses (1890 - 1950)

Vera Lucia Gaspar da Silva & Dilce Schüeroff (Orgs.)

Memória Docente:

Histórias de Professores Catarinenses (1890 - 1950)

Vera Lucia Gaspar da Silva & Dilce Schüeroff
Organizadoras



UDESC - EDITORA
2010

Memória Docente:
Histórias de professores catarinenses
(1890-1950)

*Vera Lucia Gaspar da Silva
Dilce Schüeroff
(Organizadoras)*

*Memória Docente:
Histórias de professores
catarinenses
(1890-1950)*

UDESC Editora

Florianópolis, 2010.

- 2010 – Vera Lucia Gaspar da Silva
- 2010 – Dilce Schüeroff

Editoração: Luani de Liz Souza

Capa: Luani de Liz Souza

Revisão Técnica e bibliotecária responsável: Gisela Eggert-Steindel

Revisão ortográfica e gramatical: Juarez Segalin

Ficha catalográfica elaborada por Gisela Eggert Steindel, CRB 014/28

M533

Memória docente: histórias de professores catarinenses (1890 – 1950) / Vera Lucia Gaspar da Silva e Dilce Schueröff (Org.). Florianópolis: UDESC Editora, 2010.

p. 370

ISBN: 978-85-61136-34-5

1. Educação 2. História da Educação – Santa Catarina
3. Memória Docente I. Gaspar da Silva, Vera Lucia (Org.) II. Schüeroff, Dilce.

CDD 370

UDESC Editora
Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi
Florianópolis - SC - 88.035-001
Telefone: (48) 3321-8000
<http://www.udesc.br/>

Texto produzido a partir do Grupo de Pesquisa Sociedade, Memória e Educação (GPSOME). Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação, Programa de Mestrado em Educação (PPGE/FAED/UDESC). Recursos oriundos do Programa de Apoio a Pesquisa (PAP/UDESC). Participação do Museu da Escola Catarinense (MEC/UDESC).

À Professora Maria da Graça Vandressin

Sumário

<i>Apresentação</i>	8
<i>Primeiras Notas</i>	25
<i>Abel Beatriz Pereira</i>	37
<i>Ada Bicocchi Ramos</i>	55
<i>Adalby Abraão Massish</i>	69
<i>Aida Pereira da Rosa</i>	77
<i>Albi Pereira</i>	93
<i>Almerinda da Silva Fernandes</i>	107
<i>Araci Cesconeto Sandrini</i>	117
<i>Delorme Werner</i>	125
<i>Dilma do Espírito Santo</i>	137
<i>Eugênia de Oliveira Nunes Pires</i>	155
<i>Fernandes Marques Trilha</i>	167
<i>Jamille Trindade Sadelli Pacito</i>	187
<i>Januário Raimundo Serpa</i>	201
<i>Josina Teixeira Pacheco</i>	225
<i>Laurita Franzone Pereira</i>	235
<i>Lydio Martinho Callado</i>	251
<i>Maria dos Passos Oliveira</i>	265
<i>Nereu do Valle Pereira</i>	279
<i>Norma Machado Pereira</i>	295
<i>Plínio Bonassa</i>	307
<i>Sônia Maria Simões de Bonna</i>	321
<i>Vilma de Souza Fernandes</i>	337
<i>Oliria Oliveira dos Santos</i>	351
<i>Bibliografia Consultada</i>	363
<i>Fontes Consultadas</i>	365

APRESENTAÇÃO

*Um dia, por tramas de vida e das circunstâncias, recebi de Vera Gaspar – Professora Titular do Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina / UDESC – o convite para escrever a “Apresentação” do livro **“Memória docente: histórias de professores catarinenses (1890-1950)”**. Resultado de uma ampla pesquisa que se desenvolveu sob a sua coordenação geral, o estudo trilha os caminhos metodológicos da História Oral, a partir do acervo do Museu da Escola Catarinense.*

Desde o primeiro momento, senti-me honrada com essa convocação acadêmica. Por sua vez, parece-me evidente agora, a situação teve dimensões de um certo retorno no tempo pois foi nessa instituição que iniciei a minha vida de pesquisadora recém-saída de um curso de graduação, em tempos que já não estão perto. Tudo ocorreu sob a batuta, tal qual um regedor de orquestra, do antropólogo Silvio Coelho dos Santos que então organizou o Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais da UDESC. Já tinha eu então concretizado minhas primeiras e tímidas investigações no campo da História da Educação e convidou-me para integrar o nascente corpo de pesquisadores.

Tratava-se de uma novidade não só no âmbito da Universidade do Estado, mas em Santa Catarina e mesmo no Brasil.

*Nesse sentido, recorde-se que ações dessa ordem foram tardias na cultura pedagógica brasileira. Somente em 1952 as instituições federais passaram a se ocupar, de forma sistemática, com o assunto; o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) sob a liderança de Anísio Teixeira dá os primeiros passos para a criação do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), com sede no Rio de Janeiro, e dos Centros Regionais nas cidades de Recife, Salvador, Belo Horizonte, São Paulo e Porto Alegre (muitos docentes de Santa Catarina participaram de atividades nos dois últimos órgãos). Nessas instituições já se almejava unir “ensino” e “pesquisa”. Nos presentes tempos, agora ampliados pela dimensão “extensão” e inseridos em um contexto de globalização e suas decorrências, investigar/relacionar “ensino” e “pesquisa” continua a ser uma louvável meta da Universidade do Estado de Santa Catarina. E o livro **“Memória docente: histórias de professores catarinenses (1890-1950)”** constitui-se em um expressivo indicador dessa afirmativa.*

Minha participação neste livro teve ainda outra dimensão que gostaria de salientar: o convite foi formulado pela Professora Vera Lúcia Gaspar da Silva que apresenta uma trajetória irrepreensível sob a perspectiva da formação disciplinar: iniciou com Curso de Graduação em Pedagogia, estendendo-se por Mestrado em Educação na Universidade Federal de Santa Catarina e Doutorado em Educação na

Universidade de São Paulo, este intercalado com incursões de estudos na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Portugal.

A partir desses indicadores de formação, entendo que a convocação para escrever a “Apresentação” do livro, por ser dirigida a uma pesquisadora com formação em Sociologia (que sempre teve a Educação como objeto de estudo), revela que essa formação disciplinar, louvável sob todos os aspectos, não se transformou em posturas de enquadramento disciplinar no sentido de dificuldades ou restrições na convivência com intelectuais de outras áreas do conhecimento. Penso ainda que a expressão “intelectual” pode soar um pouco estranha no sentido de excessiva, pois tem sido pouco usada no campo da Educação. Todavia, a emprego dirigida a pessoas que têm gosto pelo mundo das idéias, e acho que esse é o universo dos professores e dos pesquisadores.

Toda essa situação, por um lado, também indica ajustamento da postura intelectual da coordenadora da pesquisa, a Professora Vera, com o perfil da História Oral que, na melhor das interpretações, tem sido visto como uma encruzilhada de disciplinas, um verdadeiro ponto de confluência multidisciplinar, um lugar de contato entre as várias ciências sociais. Por outro lado, legítima, penso eu, que neste espaço que me está disponibilizado, enfoque um pouco questões relacionadas com as ciências sociais, especialmente Sociologia e Antropologia em suas relações com a História Oral.

Este modo de fazer pesquisa tem sido concebido de

diversas formas, como uma técnica, um método, uma postura, um movimento. Ou uma mescla de tudo isso? Nesse sentido, faz-se agradável seguir o pensamento de Daniel Bertaux ao afirmar que o emprego da História Oral depende do temperamento do pesquisador¹. A todas essas questões pode-se acrescentar, ainda, a incerteza epistemológica que cerca esse modo de agir científico e que talvez tenha muito de suas origens na confluência dos debates em que surgiu – verdadeiras alegações “pró” e “contra” – na tensa fase de confronto, nas décadas de 1940/1950, entre “pesquisa quantitativa” e “pesquisa qualitativa”². Situações dessa ordem foram muito nítidas nos campos da Antropologia e da Sociologia de onde se estenderam para outras áreas do conhecimento; e paulatinamente, especialmente com a difusão da tecnologia da gravação em fitas, então uma novidade, a tomada de depoimento mediante entrevista passou a receber uma decisiva valorização.

Ao focar o trabalho de campo, as autoras afirmam que alguns entrevistadores/bolsistas, por vezes, revelaram carência de conhecimento sobre o tema que, coincidindo com a ausência de um roteiro de entrevista mais estruturado, levou a resultados

1 LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo; CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri (orgs). **História oral e pesquisa sociológica**: a experiência do CERU. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2001.

2 QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: LUCENA, Célia Toledo; CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri (orgs). **Pesquisa em Ciências Sociais**: olhares de Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: CERU, 2008, p.35-77.

*prolixos e com conteúdo algo tumultuado gerando então uma tomada de decisão: essas entrevistas não foram incorporadas no presente estudo. O fato aqui é registrado apenas como um ponto de apoio à afirmativa: as organizadoras do livro “**Memória docente: histórias de professores catarinenses (1890-1950)**” enfrentaram a tarefa (difícil) de formular uma crítica sobre o próprio trabalho e, mais ainda, dar visibilidade a possíveis limitações. Trata-se de uma “posição crítica” não em seu sentido “externo” – os “outros” apontando falhas; mas os próprios investigadores socializando os resultados de sua reflexão. Momentos assim revelam sintonia com a filosofia de Marilena Chauí para quem o ato de criticar envolve confrontação de formas de pensamento; ou seja, como as entrevistas figuravam no plano de trabalho e como efetivamente se concretizaram nas atividades de campo.*

De uma forma geral, tratando-se de nossas vidas, não temos condições de relatar o passado em todas as nuances e detalhes e o mesmo ocorre em situações relacionadas com a História Oral. Mesmo assim, não há como negar o interesse que sempre despertam por colocarem em evidência trajetórias pessoais: “É da experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro: aquele que faz do homem um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu – e, por isso dá vida a – as conjunturas e estruturas que de outro modo

parecem tão distantes.”³

A História Oral como um todo, no entanto, não está isenta de ser alvo de críticas como as tecidas por Philippe Joutard em seu estudo “Desafios à História Oral no século XXI”. Esse autor considera a História Oral como um caminho privilegiado de acesso a uma história antropológica, relacionada ou não com arquivos escritos, e entende que assim deve continuar a ser; mas alerta que, para que tenha condições de bem desempenhar esse papel, faz-se necessário que fique restrita às suas proporções. Ou seja, devemos “reconhecer seus limites e aquilo que seus detratores chamam suas fraquezas, que são as fraquezas da própria memória, sua formidável capacidade de esquecer, que pode variar em função do tempo presente, suas deformações e seus equívocos, sua tendência para a lenda e o mito. Esses mesmos limites talvez constituam um de seus principais interesses”.⁴ Esse contexto apontado por Joutard tem como pano de fundo as possíveis “fraquezas da memória”, mas se constitui em uma constatação que não desmerece a História Oral – afinal, todos os caminhos metodológicos apresentam “pontos fortes” e “fragilidades” e as obras de filosofia da ciência e de

3 ALBERTI, Verena. O lugar da história oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de esquisa. In: ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 14.

4 JOUTARD, Philippe. Desafios à História Oral no século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena (orgs.). **História Oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Fiocruz; Casa de Oswaldo Cruz; CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000, p.34.

metodologia da pesquisa científica os apontam fartamente.

*No estudo “**Memória docente: histórias de professores catarinenses (1890-1950)**”, a maneira como as entrevistas foram concretizadas indica cuidado dos pesquisadores no sentido de controlar possíveis “fraquezas da memória”. Nesse sentido, as perguntas apresentadas aos professores aposentados de Santa Catarina, embora com certa variação de forma, repetem-se quase à exaustão. Essa posição agasalha riqueza epistemológica e resultados de pesquisa benéficos, no sentido de que o amplo conjunto das informações levantadas ajuda a controlar uma possível “tendência para a lenda e o mito” e, ainda, as “deformações e equívocos” gerados por lembranças guardadas por tanto tempo. Enfim, aspectos que costumam ser apontados como limitações da História Oral, como a fragilidade da memória, conseguem ser transformados em força. Mas há outras situações particulares que se faz importante salientar: para o pesquisador “importa destacar não o processo cognitivo de rememoração e esquecimento, mas a possibilidade de se tomar a ação de constituição de memórias como objeto de estudo”,⁵ na busca da construção de um relato científico.*

Essa última expressão traz ao palco a reflexão teórica encarada efetivamente como uma questão – um assunto a ser resolvido. E dessa forma levanta-se a pergunta: como fica a questão teórica no contexto da História Oral? Voltando ao

5 ALBERTI, Verena. O que documenta a fonte oral: a ação da memória. In: ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 36.

pensamento de Bertaux, pode-se responder que “depende do temperamento do pesquisador”, uma expressão que nos remete para o difuso campo da personalidade e do caráter. Há possibilidades, contudo, de formular algumas reflexões, talvez na posição de simples hipótese de trabalho ainda carente de maior aprofundamento, que apontam para dois encaminhamentos básicos: 1) com os pesquisadores, numa determinada proposta de investigação, responsáveis pela implementação da História Oral; 2) com os usuários dos resultados da pesquisa em História Oral.

*1) Os pesquisadores, ao realizarem as entrevistas de História Oral, pelo menos espera-se que assim seja, já devem ter presente o quadro teórico sob o qual desenvolverão o seu trabalho de campo, manifestado de forma expressa (que enuncia o pensamento) ou de forma tácita (que não o exprime mediante palavras). Possivelmente o último encaminhamento seja o mais usual no campo da História Oral, mas ocorre também em outras áreas do conhecimento, como no estudo de Jurandir Malerba “**A Corte no exílio: civilização e poder no Brasil às vésperas da Independência (1808 a 1821)**” que se refere a um tempo histórico que, obviamente, impossibilita quaisquer ações relacionadas com História Oral. O autor, em seu estudo, “retirou da vista do público leitor a base teórica que usou para construir a sua estrutura narrativa, permitindo-lhe apreciar, mais apropriadamente que o processo de sua construção, a*

*beleza do resultado”.*⁶

Considerações como as apresentadas, todavia, não podem significar, para os pesquisadores que trabalham sob a égide da História Oral, uma certa “carta de alforria”. Em todas as ações deve sempre marcar presença a sensibilidade com a ordem teórica esta entendida, entre outros sentidos, como um conjunto de proposições gerais ligadas de forma ordenada e lógica. Nesse sentido, uma expressiva lição nos vem de José Carlos Sebe Bom Meihy em sua investigação “A colônia brasilianista: História Oral de vida acadêmica”⁷ quando afirma não pretender ocupar-se com a busca de verdades “objetivas” e “neutras”, mas conceitua os termos fundamentais de seu estudo, e enfoca os cuidados técnicos, éticos e teóricos aos quais foi preciso estar atento; registra, ainda, as dificuldades enfrentadas com a passagem de uma entrevista oral para o texto escrito.

Trata-se de uma postura que, em suas linhas gerais, apresenta-se desde os tempos nascentes, podendo-se indicar o ano de 1961 como uma data marcante – aponta para o clássico estudo de Oscar Lewis.⁸ Este, em seu livro denominado “Los

6 MALERBA, Jurandir. **A Corte no exílio: civilização e poder no Brasil às vésperas da Independência (1808 a 1821)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.18.

7 MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **A colônia brasilianista: História Oral de vida acadêmica**. São Paulo: Nova Stella, 1990.

8 CAMARGO, Aspásia; HIPOLITO, Lucia; LIMA, Valentina da Rocha. Histórias de Vida na América Latina. **BIB**, Rio de Janeiro, n.16, p.5-24, 2º Semestre 1983.

*hijos de Sanchez”, divulga estudos, pelos caminhos da História de Vida, realizados com as classes médias baixas da cidade do México sendo as análises relacionadas com uma proposta teórica que passou a ser conhecida como “cultura da pobreza”.⁹ Diferente encaminhamento teórico segue o estudo de Alessandro Portelli (1998) denominado “**O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum**”¹⁰ que apresenta o confronto, na Itália, entre duas memórias – das instituições e da comunidade – aos tempos da Segunda Guerra Mundial. No Brasil, um estudo sobre a História Oral de Vida com um grupo de militares de esquerda, expressa claramente as dificuldades que foram surgindo em relação às delimitações teóricas, antes de iniciar o trabalho de campo¹¹. Com Selva Guimarães Fonseca em “**Ser Professor no Brasil: História Oral de vida**” enfocam-se os desafios teóricos e políticos que foi preciso enfrentar para trazer “para o centro dos debates e das análises, vozes de diferentes pessoas, expressando*

9 LEWIS, Oscar. **Los hijos de Sanchez**. México: Mortiz, 1965.

10 PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs). **Usos & abusos da História Oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p.103-130.

11 SANTOS, Andrea Paula dos. Objetividade histórica, subjetividade exposta: o trabalho de campo em história oral de vida com os militares de esquerda. **Neho-história** - Revista do Núcleo de Estudos de História Oral. São Paulo, n.0, p.53-70, jun. 1998.

variadas maneiras de ser e de ensinar”¹². Trata-se, enfim, de estudos com recortes bem específicos e diversificados entre si; simples exemplos ilustrativos de tomadas de posição teórica, que de forma expressa ou tácita, encontraram caminhos para se manifestar.

2) Os pesquisadores que analisam/consultam os resultados dos procedimentos de História Oral também detêm a possibilidade de relacioná-los, segundo os seus interesses científicos e a potencialidade propiciada pelas informações, com quadros teóricos. Neste livro os relatos apresentam, repetidas vezes, a figura do Inspetor Escolar, ora como um colaborador bem-vindo que muito auxilia no campo da qualidade do ensino, ora revelando-se como um fiscal distante e rigoroso que fazia tremer alunos e professores. Essas informações podem ser relacionadas aos paradigmas teóricos introduzidos pela Escola Nova que agasalhava a contribuição da Psicologia na forma de propor as relações entre professores e alunos. Ou então, agora pelos caminhos da Sociologia, relacionando os depoimentos com as teorias de Max Weber referentes à organização burocrática e às formas de exercer a dominação – uma rede de poder na qual o Inspetor Escolar era uma parte fundamental.

*O livro “**Memória docente: histórias de professores catarinenses (1890-1950)**” apresenta uma grande variedade de informações levantadas a partir da História Oral. Poderá eventualmente alguém – um leigo em termos de pesquisa*

12 FONSECA, Selva Guimarães. **Ser professor no Brasil: História Oral de vida**. Campinas, SP: Papirus, 1997, p.14.

científica - entender que esses resultados compõem um “painel de retalhos” no sentido de partes isoladas que não se comunicam entre si. Mas uma mente de investigador perceberá nessas informações riquezas que lhe chegam por via indutiva; e que, pelos caminhos que saberá criar, cabe-lhe organizar em painel (mental e/ou expresso em documento) que analise/recrie essa realidade multifacetada.

*O que vem a propósito é esquecer a analogia com “painel de retalhos” acima referida, e considerar essa ordem de informações (os resultados das entrevistas de História Oral de vida docente) como um “mosaico científico” no sentido atribuído por Howard Becker em seu livro “**Métodos de pesquisa em ciências sociais**”: “Cada peça acrescentada num mosaico contribui um pouco para nossa compreensão do quadro como um todo. Quando muitas peças já foram colocadas, podemos ver, mais ou menos claramente, os objetos e as pessoas que estão no quadro, e sua relação uns com os outros.”¹³ Os depoimentos de vida docente, sob a perspectiva de “peças de mosaico”, devem ser percebidos vendo-se em cada um deles, de um lado, a singularidade; de outro lado, a harmonia ou contraposição com outros depoimentos. De qualquer forma, esses relatos, integrando uma rede de indicadores, serão capazes de estimular a imaginação do pesquisador que tem como meta concretizar uma investigação científica. Neste campo, como bem se sabe, espera-se que a reflexão não prescindia de um conjunto de*

13 BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: HUCITEC, 1993, p.104.

sistemas conceituais interligados, mas há caminhos específicos que poderão ser seguidos.

De um lado, cotejando com a realidade os conceitos que nos vêm do passado e já se apresentam sedimentados como teoria – “paradigmas” segundo a terminologia de Thomas Kuhn - que não cabe aqui aprofundar. Mas penso que é oportuno referir o que o autor, nessa oportunidade, escreveu sobre a dimensão didática de certas ações de pesquisa: o estudo dos paradigmas “é o que prepara basicamente o estudante para ser membro da comunidade científica determinada na qual atuará mais tarde.”¹⁴

Há possibilidades, de outro lado, de um encaminhamento com acentuadas marcas indutivas, também possível quando, a partir do conhecimento da realidade, o pesquisador busca agasalhar os resultados obtidos sob uma teoria (ou mesmo criar uma nova). Estas últimas colocações estão apresentadas sob a forma de síntese e, por certo, não se adéquam a passar por análises mais rigorosas. Mas o que se quis dizer é que o fato de a História Oral ser uma importante forma de pesquisa qualitativa, não a libera da caminhada pelas vias da reflexão teórica.

Voltando agora ao tema “castigos escolares” (como uma simples exemplificação), a leitura dos relatos contidos neste livro nos leva a compor um instigante mapa mental, isso a partir das descrições desses procedimentos repressivos

14 KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1989, p.30.

no âmbito das escolas primárias de Santa Catarina, mesmo em tempos em que tal prática já estava legalmente proibida. Logo se constata, o que deve ser entendido como uma riqueza empírica, que as lembranças dos entrevistados não se encaminham todas na mesma direção. Em vista disso, o pesquisador tem possibilidades de compor/elaborar alguns tipos ideais – instrumentos metodológicos capazes de descrever situações com tão diversificadas facetas. A expressão está sendo usada segundo Max Weber que assim esclarece o seu pensar: “Obtém-se um tipo ideal mediante a acentuação unilateral de um ou vários¹⁵ pontos de vista, e mediante o encadeamento de grande quantidade de fenómenos isoladamente dados, difusos e discretos, que se podem dar em maior ou menor número ou mesmo faltar por completo”¹⁶.

Esse caminho metodológico valoriza a diversidade de pontos de vista (no presente caso, “pontos de vista” de professores catarinenses aposentados). E propicia percepções diversificadas mas que paralelamente, pela força de sua incidência (ou mesmo ausência), permitem a formação de um quadro homogêneo de pensamento, estimulando, por assim dizer, o desenvolvimento de uma certa visão mental da realidade. Dito de uma forma muito simples, os tipos ideais referem-se a uma descrição da realidade considerada com certa homogeneidade pela acentuação de seus

15 Grifos do autor.

16 WEBER, Max. A objetividade do conhecimento nas ciências e na política sociais. In: WEBER, Max. **Sobre a teoria das ciências sociais**. Lisboa: Editorial Presença, 1977, p.76.

*traços típicos*¹⁷. Mas, ainda com fundamento no pensamento de Weber, é preciso ter clareza sobre a impossibilidade de encontrar empiricamente essa realidade com as mesmas características apresentadas na pureza conceitual, pois se trata de uma utopia - uma construção imaginária da sociedade; no caso em análise, no âmbito do social que envolve educação e escola.

A esta altura deste escrito, poderei estar correndo o risco de, segundo alguns, ter me aprofundado demasiado em aspectos teóricos. É possível que a observação tenha fundamento mas desejo aclarar que a presença da teoria está sendo colocada em uma posição que não pretende apontar rumos ao investigador. Nesse sentido – o de respeito às opções do pesquisador – deve-se compreender que, embora em dados momentos tenha se empregado expressões como paradigmas teóricos, reconhece-se a existência respeitável de outros encaminhamentos, como a possibilidade de “um modelo artesanal de ciência, no qual cada trabalhador produz as teorias e métodos necessários para o trabalho que está sendo feito”¹⁸. O que se teve como meta aqui enfatizar é o entendimento de que a reflexão teórica, podendo ser advinda de variadas fontes e apresentar diversificadas formas, precisa ser uma das preocupações dos pesquisadores em História Oral.

Essa busca de aproximação com a teoria se relaciona,

17 WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 1993, p.144.

18 BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: HUCITEC, 1993, p. 12.

*tal qual uma contra-partida, com o receio de, em relação à História Oral, ocorrer eventualmente uma apropriação que evidencia somente (ou quase só) a sua dimensão empírica, o “ato de fazer”, a “ação de gravar” e suas derivações. Paralelamente a essa ordem de preocupações, é agradável salientar que a literatura de História Oral no Brasil é muito fértil envolvendo pesquisadores e alunos universitários e que o país pontifica ações acadêmicas desse teor mesmo ao nível mundial. Enfim, a História Oral não permite aplicações simplistas como entendo já estar evidente, e também não é simples a tarefa acadêmica de colher depoimentos de História Oral como os divulgados no livro “**Memória Docente: histórias de professores catarinenses (1890-1950)**”.*

Finalizando, entendo que este livro atingiu os objetivos a que se propôs lançando efetivamente luzes que permitem uma mais ampla compreensão histórica sobre a Escola Primária e a Escola Normal do estado de Santa Catarina e sobre a atuação docente em todo esse processo. E merecem cumprimentos a instituição universitária que deu guarida ao estudo, os bolsistas entrevistadores e principalmente as pesquisadoras que organizaram a obra, Vera Lúcia Gaspar da Silva e Dilce Schüeroff; e de modo muito especial a Professora Vera como coordenadora geral do projeto de pesquisa que propiciou os resultados que agora se divulgam.

*Neide Almeida Fiori
Florianópolis, setembro de 2010.*

Primeiras Notas

Este material repousou durante mais de quatro anos a espera de recursos que viabilizassem sua publicação e esta já é uma marca a ser considerada em sua leitura. O trabalho é um dos produtos do projeto de pesquisa “Memória Docente: histórias de professores catarinenses (1890-1950)” (2004 e 2006) no qual se adotou como fonte principal o acervo de história oral do Museu da Escola Catarinense.

As motivações para a pesquisa e esta publicação se apóiam na premissa de que o testemunho de professores acerca de aspectos que compõem a História da Educação é um importante e singular recurso para a historiografia, tanto da educação como da história da profissão docente. O Museu da Escola Catarinense (Órgão Suplementar da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC) reúne um importante acervo de história oral, pelo qual se pode ter acesso a informações deste gênero. Trata-se de entrevistas realizadas por bolsistas vinculados a projetos do museu, realizadas na década de 1990 com professores catarinenses já aposentados. Nelas buscou-se registrar o maior número possível de informações sobre a trajetória da vida escolar desses professores, do tempo em que estudaram ao tempo em que lecionaram. A prática tem sido registrar o relato destes testemunhos em suporte sonoro e transcrevê-los, transformando-os em suporte documental. Contudo, este trabalho evidenciou-se insuficiente para dar visibilidade ao acervo e socializá-lo a um público maior. Esta realidade levou a

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

elaborar o projeto de pesquisa “Memória Docente: histórias de professores catarinenses (1890-1950)”, o que deu origem a presente publicação. O projeto foi concebido com o intuito de permitir ao público o acesso ao conjunto de entrevistas reunido no acervo de história oral e às informações que habitam parte dos testemunhos. Através da sistematização temática das informações buscou-se apresentar elementos que possam contribuir para a compreensão histórica da construção da Escola Primária e da Escola Normal em Santa Catarina.

Em termos metodológicos, o desenvolvimento da pesquisa se deu em três etapas. A primeira foi dedicada à seleção das entrevistas que serviram para a elaboração das narrativas¹. De um conjunto de 86, foram selecionadas 23 entrevistas, adotando-se como critério inicial a data de nascimento. Assim, reuniu-se as histórias narradas por professoras e professores nascidos de 1902 a 1940. O material sofreu, então, nova triagem, tendo-se por critério a relevância dos conteúdos e a presença de detalhes que favorecessem o conhecimento e a compreensão da história da escola primária e da atuação docente. Esta seleção foi necessária em função dos procedimentos adotados para a realização das entrevistas. Há aquelas nas quais as perguntas são colocadas de forma clara e objetiva, direcionadas à temática em questão, como aparece, por exemplo, na que registra o testemunho da professora Dilma do Espírito Santo²

1 Todas as entrevistas são acompanhadas de termo de doação ao Museu da Escola Catarinense bem como de autorização de uso das informações.

2 SANTO, Dilma do Espírito. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira. Florianópolis, 30 de junho de 1994. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

1- *A senhora lembra de quando entrou na escola?*

2- *Como era?*

3- *A senhora lembra como era a sala de aula?*

4- *Tinha uniforme na sua escola?*

5- *A senhora lembra como a sua professora trabalhava?*

6- *Sua professora utilizava alguma espécie de castigos?*

Embora bastante simplificadas, estas questões ajudam a compor um roteiro no processo de rememoração, resultando num registro menos contaminado e mais profícuo. Ao lado de textos com estas características existem aqueles nos quais o entrevistador interferiu sobremaneira no processo, emitindo e solicitando opinião sobre determinados assuntos. Não nos cabe avaliar o trabalho dos entrevistadores. O contato com o material, porém, revelou que a ausência de roteiro e a falta de familiaridade com a temática em geral tornam o produto um tanto confuso. Tomemos como exemplo os trechos abaixo.

E, de um modo geral, primeiro grau, segundo grau, porque se dava conta de tudo, tinha-se mais línguas, tinha-se francês, latim, tudo isso, tudo isso saiu e parece que é só uma iniciação que se tem hoje na escola. É uma coisinha superficial, não é Dona Isabel...

E uma outra coisa que eu não lhe perguntei, quer dizer, não vou perguntar muito também. É assim quando a senhora ingressou na escola, como é que era mais ou menos, que tipo de curso que a senhora fez, se fez o Curso Normal e como eram as condições socioeconômicas naquela época, a questão da infância? Porque hoje é tudo muito fácil,

*os brinquedos, o brincar na rua, o fazer seus próprios brinquedos.*³

São exemplos que revelam um excesso de interferência no processo de rememoração. Em textos como os acima apresentados há momentos nos quais as falas do entrevistado e do entrevistador se confundem. Certamente estas entrevistas são importantes para a compreensão de certos aspectos da História da Educação, mas a maneira como estão organizadas dificultam a sistematização de dados pretendidos. Assim optou-se por não utilizá-las.

Considera-se aqui que o tipo de relação que se estabelece com o sujeito entrevistado, a habilidade para colher informações relacionadas com o tema central, a capacidade de escuta e até mesmo a competência técnica para operar os aparelhos são aspectos bastante importantes em trabalhos que envolvem a história oral. As resistências a aspectos ou ao tema da entrevista podem empobrecer a coleta de dados, situação muitas vezes contornada pela habilidade do entrevistador. Da mesma forma, é a habilidade do entrevistador que poderá indicar pontos sobre os quais o silêncio é a resposta capaz e mais significativa. Para Philippe Joutard, é fundamental numa relação de entrevista que a pessoa entrevistada “sinta a necessidade de transmitir uma experiência de vida ou uma tradição” (2000, p. 38).

Entendendo que a proposta de se fazer entrevistas se inscreve na perspectiva da construção de memória e, neste caso específico, da coleta de dados sobre a História da Educação em Santa Catarina, a falta de um suporte mais consistente que as

3 Foram omitidos os dados de identificação tanto do entrevistador quanto do entrevistado para preservá-los. Interessa-nos aqui ilustrar um modo de fazer e não qualificar ou desqualificar um trabalho feito, certamente com o melhor propósito.

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

conduza e as sustente teoricamente fez com que muitas delas se tornassem pobres em informações. José Carlos S. Bom Meihy alerta que, para se fazer um trabalho de história oral,

Não basta alguém munido de gravador e ter um ou mais depoentes dispostos a dar entrevistas. É preciso um projeto que guie as escolhas, que especifique as condutas e qualifique os procedimentos metodológicos. Sem a existência de um projeto articulado as entrevistas tendem a se perder, padecendo de capacidade de respostas aos problemas que se destinam. (1996, p. 51)

É importante ter presente que “o que se registra ou grava em cassete áudio não é a reprodução do passado tal como foi vivido. Mas tão só as lembranças e representações que as testemunhas dele conservam” (Vidigal, 1996, p.76). Estas lembranças e representações mobilizam sentimentos que podem desencadear reações variadas: da euforia por reviver o silêncio e a melancolia, da fantasia ao pessimismo, da descrição mais próxima do real à pura ficção. São limites deste empreendimento. Como afirma Luis Vidigal, a técnica de condução de entrevistas suscita inúmeros problemas: o condicionamento forçado da testemunha, “as reações podem variar entre a colaboração e a hostilidade num mesmo depoimento”; a própria “intromissão”, provocada pela iniciativa do entrevistador; a passagem do tempo, que “leva a que as lembranças sejam sujeitas a reelaboração (fruto de reflexões ou de leituras posteriores aos acontecimentos evocados)” (1996, p. 31). Além disso, uma mesma pessoa pode apresentar diferentes versões sobre um mesmo tema, se entrevistada em momentos diferentes ou, ainda, dar relevância distinta a um

mesmo tema em diferentes entrevistas.

Situadas a primeira fase da pesquisa e as reflexões a ela pertinentes, passamos à segunda etapa. Para norteá-la, elaborou-se uma grelha metodológica que serviu de guia para a sistematização temática das informações contidas nos/as testemunhos/as e definição de eixos norteadores na escrita final do trabalho. A definição dos eixos temáticos deu-se a partir das informações contidos nas entrevistas. Com a sistematização das informações os/as testemunhos/as tomaram a forma de narrativas, as perguntas do entrevistador desapareceram, permanecendo apenas o relato dos entrevistados. Objetivou-se, com isso e sem comprometer o conteúdo original, dar maior fluência às informações. Sempre que possível, foram mantidas as formas originais, procedendo-se apenas à correção gramatical, e evitando-se repetições, muito comuns em textos transcritos. Segundo Luís Vidigal,

A ordenação dos dados orais pode ser feita de várias formas, segundo o âmbito técnico-científico predominante em cada pesquisa. As principais alternativas podem ser assim sintetizadas:

- composição de uma narrativa sob a forma de 'história de vida', explorando as informações de um depoente principal (ou único) (centrada na vida da pessoa);*
- organização de uma coletânea temática feita de 'pedaços' de histórias de diversos depoentes (centrada no assunto ou tema em análise);*
- estruturação de uma história principal (centrada numa pessoa ou num*

assunto), feita com a adaptação livre (ou a recriação) de depoimentos orais [...] (1996, p. 78).

A construção do instrumento que estamos nomeando como grelha metodológica se deu paralelamente à análise que indicou o conjunto das entrevistas que seriam contempladas neste trabalho. Dos textos, foram pinçados elementos que serviriam de roteiro para a estruturação das narrativas. Assim, foram organizados blocos, iniciando-se pelos dados de identificação, seguidos de informações acerca da vida privada, do ingresso e da vida na escola, da formação para a docência, do ingresso e do exercício profissional e de outras atividades exercidas, concluindo se com aspectos referentes à aposentadoria. Cada item foi desdobrado, dedicando-se maior atenção aos aspectos referentes à vida escolar e à atuação docente. No mapa final, observam-se alguns vazios, já que as lembranças não seguem uma ordem lógica, nem se pautam por itens comuns, embora alguns sejam recorrentes. As informações mais frequentes estão relacionadas ao ingresso escolar, ao aspecto físico das escolas, à metodologia das aulas, aos materiais didáticos, à inspeção escolar, às reuniões pedagógicas e à disciplina na escola.

Organizado o “mapa do território”, passou-se à terceira etapa, quando foi iniciado o trabalho de transposição dos trechos transcritos na grelha metodológica para um texto em forma de narrativa. Neste processo foram feitas apenas correções gramaticais “simples”, tendo-se o cuidado de manter o texto na forma mais próxima possível do original.

Apresentamos um exemplo de texto nas duas formas – a transcrição e a narrativa – baseado em entrevista feita com

O texto transcrito:

155 - S.A.R. E a questão da avaliação, das provas?

156 - J.T.S. As provas a gente trazia pra casa, corrigia em casa, depois levava para o Grupo, a diretora revisava e dava a nota que ela achava direito. E depois uma professora, uma colega de aula posterior também examinava as provas da gente e dava nota.

157 - S.A.R. A elaboração da prova, quem é que fazia?

158 - J.T.S. A Diretora, a Diretora dava as matérias as questões, e preparava tudo e ia entregar lá na sala de aula.

E, em forma de narrativa:

As provas a gente trazia para casa, corrigia em casa, depois levava para o Grupo; a Diretora revisava e dava a nota que ela achava direito. Depois uma professora, uma colega de aula posterior também examinava as provas da gente e dava nota. A Diretora era quem elaborava as provas, ela dava as matérias, as questões, preparava tudo e ia entregar lá na sala de aula.

Entendemos que os relatos presentes nas entrevistas

4 PACITO. Jamille Trindade Sadelli. Entrevista concedida a Sandra de Albuquerque Reis. Florianópolis, 18 de julho de 1996. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

constituem fontes importantes por apresentarem informações que geralmente não encontramos em outros suportes. O conteúdo das entrevistas aqui consideradas revela práticas do cotidiano escolar que possivelmente não encontraríamos em outros suportes, como, por exemplo, o uso de castigos físicos no ensino primário como meio para disciplinar a criança, mesmo depois de proibido legalmente. O castigo físico, como a palmatória, era uma prática proibida se tomarmos como referência os documentos oficiais; já a história oral nos revela que seu uso permaneceu nas escolas por um longo período, a despeito da proibição⁵. Tomamos como exemplo o relato de Plínio Bonassa⁶, que em 1931 ingressou na Escola Isolada Rio Mãe Luzia, situada no sul do território catarinense. Ele conta:

Quando ela [a professora] levantava e batia nos alunos, não era brincadeira. Era com vara de vime e vara de cotia, a mão em cima do banco, e apanhava mesmo. E quem levava a vara para a escola eram os pais dos alunos, não era ela que ia pegar, os próprios pais mandavam bater. Teve uma vez que um aluno começou a faltar aulas, ele vinha até um certo ponto e voltava, só que voltava depois com os outros alunos,

5 Esta questão foi discutida na monografia de conclusão de curso, elaborada pela acadêmica do Curso de História Dilce Schueroff e tem como título: Castigos Escolares no Ensino Primário Catarinense (1910 – 1940). A monografia encontra-se disponível na biblioteca do Centro de Ciências da Educação FAEd – UDESC.

6 BONASSA, Plínio. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira. Siderópolis, 27 de dezembro de 1994. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

ficava esperando. Ai um dia o pai dele soube, trouxe o aluno até na escola, até dentro da sala de aula e disse para a professora o que acontecia, e a professora disse: “Ele está fazendo isso, sim, eu soube, os alunos aqui aprovaram, está tudo bem”. “Então, isso, vou fazer agora”. Pegou um chicote de cavalo que tinha quase um metro de comprimento e deu uma cintada no aluno que não foi brincadeira, foi pra valer. E disse: “Eu dou isso aqui hoje. Se ele faltar de novo, a senhora dá no meu lugar”. Ele nunca mais faltou.

Em muitas delas relata-se, por exemplo, como era o material que havia para estudar. A narrativa com origem no testemunho de Januário Raimundo Serpa, que ingressou em 1939 numa escola nomeada Escola Isolada Desdobrada Estadual no município de Canelinha, revela aspectos desta natureza.

Usávamos a lousa - tinha em torno de vinte por trinta - com a moldura de madeira ao redor. E tinha o lápis pedra, como a gente chamava, com esse lápis escrevia na lousa. E apagava o que escrevia, com pano úmido, ou até com saliva mesmo, cuspiam em cima da lousa, passava a mão e apagava a lousa. A professora não gostava, considerava falta de higiene apagar com saliva. Eu sempre fui reciclável no material. Isso vinha suprir uma dificuldade material, porque caderno era uma coisa praticamente inacessível para gente, para o poder aquisitivo da gente. Os cadernos para se escrever na sala de aula eram de papel

de embrulho de venda. A agente passava a ferro, costurava, e aí então, a gente escrevia. Sem pauta, se riscava a pauta com uma régua e se escrevia ali. Cadernos como os de hoje seriam um luxo. Quase que inconcebível, não se pensava, não existia.

Há relatos que revelam como se dava a visita dos inspetores às escolas e como eram realizadas as reuniões pedagógicas. Sobre a visita de inspetor, a professora Delorme Werner⁷, que lecionava para o ensino primário, revela o medo que sentia,

Ah! Meu sagrado, não me fala, era da gente ficar fria. Via o olho saltar. Quando chegava a gente ficava cega, ceguinha, vinha a inspetora e a diretora. Então, era muito cobrado saber. Tinha uma inspetora que como gente era muito boa, mas nas salas de aulas! Ela chegava e dizia: “Dá uma aula de História, dá uma aula de Geografia, agora, dá uma de Português, aula de Matemática”. Ela era muito boa como pessoa, Deus que a tenha no céu, não tenho nada contra ela. Quando a gente sabia que ela vinha visitar, a gente ficava doente, isso na Escola Reunida Francisco de Souza.

Sobre as reuniões pedagógicas a entrevistada

7 WERNER, Delorme. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira. Florianópolis, 25 de agosto de 1994. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)
professora Laurita Franzone Pereira⁸ conta:

Nas reuniões pedagógicas nós tínhamos que apresentar os planos de aula escritos, e tínhamos que apresentar o comunicado à sala. Naquele tempo era o comunicado e o plano de aula. Tinha em casa o preparo no caderno onde você programava suas aulas. Era o que tu ias de fato, no dia seguinte, dar de acordo com o programa. Ali você escrevia tudo o que ia dar. Era levado tudo para a reunião pedagógica para que elas olhassem e passassem o visto. Muitas vezes as reuniões pedagógicas eram à noite. Nessas reuniões a Diretora apontava os defeitos, chamava a atenção: “Não é pra fazer assim; é pra tratar melhor o aluno; o aluno está chegando tarde; o aluno está vindo sem uniforme...” Ela dizia como se deve fazer, como não se deve fazer. Esses assuntos tratavam-se nas reuniões pedagógicas.

São indicações como estas que motivaram a mobilização de esforços para que as narrativas tomassem forma de livro. Acreditamos que a socialização dos dados contidos nos relatos desses sujeitos, até então retidos e encerrados em arquivos, possam contribuir para a compreensão de aspectos de nossa História da Educação.

Vera Lucia Gaspar da Silva & Dilce Schüeroff
Verão de 2010

8 PEREIRA, Laurita Franzone. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira. Florianópolis, 24 de novembro de 1994. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

Abel Beatriz Pereira⁹

Nascido em Joinville / SC, em 17 de fevereiro de 1926.

VIDA PRIVADA

A FAMÍLIA

Meu pai chamava-se João Pereira e minha mãe, Rosa de Lima de Araújo Pereira. Eu estudava sozinho; os deveres, fazia orientado pelos professores. Orientação de meus pais não recebia. Minha mãe não sabia ler. Meu pai sabia ler um pouco, muita coisa não. Teve o primário incompleto - eu acho que teve. Mas era um homem de muita visão; era um homem de muito acerto. Em 1938, antes de começar a Segunda Guerra em setembro de 1939, meu pai dizia: “Em 1945, a Alemanha sairá do mapa. Ele fazia essa previsão. Não sei se ele ouvia alguém dizer isso ou se era coisa dele mesmo. Meu pai tinha previsões muito fortes, mas era um homem semi-analfabeto. Minha mãe, analfabeta total, mal desconfiava que o “O” era redondo”.

9 PEREIRA, Abel Beatriz. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira. Florianópolis, 11 de maio de 1994. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

A ESCOLA

INGRESSO

Entrei na escola Joaquim Santiago, na primeira série do primário, em 1934. Foi ali que aprendi o bê-á-bá com minha professora Natália Amaral Maia. Estive em três grupos escolares porque a minha família era pobre. Vivíamos na periferia da cidade. A gente se mudava muito. O segundo ano eu estudei numa escola em Corupá, que naquele tempo se chamava Hanza, porque a minha família se mudou para lá. Fica a uns 45 kms de Joinville. Mas passei só oito meses em Hanza. Lá estive numa escola de que mal lembro. Eu sei que tinha um professor meio carrasco – o nome dele era Orlando - e a escola, por ser um lugar ainda pouco desenvolvido, era um pouco pior. Havia o castigo de varada, e não palmatória. Eu estive pouco tempo nesta escola - até fui vítima de uma varada também -, mas foi pouco tempo, não lembro se foram dois, três, ou quatro meses na aula. Então, eu repeti a segunda série por ter estudado a segunda série em Hanza. Quando voltamos para Joinville, entrei na segunda série novamente, em 1937. Em 1938 fui para terceira série e em 1939 fui para a quarta série. Foi quando terminei o primário em Joinville. Era uma grande glória terminar o primário! Depois da quarta série fui trabalhar, parando de estudar como todos os demais da população. Havia o Colégio Bom Jesus, que naquele tempo era só o ginásio. Esse colégio ainda existe, só mudou de prédio. Mas ali era para pessoas de padrão de vida mais elevado. Fui embora para São Paulo em 1943, indo morar com minha irmã. Depois fui para o Rio de Janeiro, onde sentei praça na Marinha. E foi na Marinha que estudei mesmo. Fiz ali o Ginásio, que naquele tempo se chamava Ginásio.

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

Tinha o Colegial, como eles chamavam, tinha o Curso Técnico, o Curso Científico e o Curso Clássico. Eu fiz o Curso Clássico. Depois, a universidade fiz aqui em Santa Catarina, quando voltei para servir. Fiz o curso de Filosofia na Universidade Federal.

ASPECTOS FÍSICOS DA ESCOLA

A escola não tinha muita diferença da escola de hoje. Dizem que a escola se desenvolveu, mas essa criatividade, essa atividade extra-classe, tudo isso nós tínhamos. O Grupo Escolar Joaquim Santiago funcionava num casarão de dois pavimentos; tinha o térreo e o primeiro andar. Esse era um prédio parecido com o prédio de uma moradia chique. Esse grupo deixou de existir porque, justamente, foi feito um grupo novo chamado Grupo Escolar Rui Barbosa. Também um prédio nos moldes de hoje em dia, moderno, como naquele tempo se chamava uma coisa muito moderna. O Grupo Escolar Germano Timm e o Grupo Escolar Conselheiro Mafra tinham padrões mais modernos. Mas o Colégio Conselheiro Mafra também funcionava num prédio velho e depois foi construído um dentro dos moldes de hoje. Além desses três grupos escolares, também estudei no que eles chamavam de Asilo. Eu sei que era um colégio de freiras. Não sei se elas abrigavam idosos, se abrigavam crianças, mas sei que tinha um sistema escolar e eu frequentei a escola externamente. Ali fiquei pouco tempo. Foi apenas uma passagem. O ensino ali não era muito desenvolvido como nos grupos escolares. Era um ensino meio incipiente. Esse prédio é bem grande, e ainda existe hoje. As salas de aulas eram bem grandes, com uma dimensão de oito por dez, mais ou menos, onde se abrigavam vinte e cinco a trinta alunos. As carteiras, de madeira, eram de dois alunos. Na novela Éramos Seis, que foi apresentada

pelo SBT há alguns anos, podia-se ver perfeitamente como eram as carteiras. Aquilo era uma passagem de 1921. Só que era uma escola em São Paulo e já era um outro tipo de uniforme que eu desconhecia; parece que era uma escola particular. Mas o tipo de carteira, a situação ambiental de sala de aula eram as mesmas do meu tempo. As carteiras tinham um buraquinho para colocar o tinteiro. A caneta tinha uma pena. A caneta era de pau, com uma pena que a gente enfiava na ponta e molhava no tinteiro. Em casa nós tínhamos o tinteiro também para fazer as lições. O prédio do Grupo Escolar em Hanza era um prédio comum; não tinha nada de sistema de construção para escolas propriamente. Era um prédio antigo, de moradia. Eu me lembro muito pouco dali. Lembro muito passageiramente, tinha um pátio bem arborizado.

MATERIAIS DIDÁTICOS

No Colégio Joaquim Santiago, nós tínhamos uma cartilha que a gente chamava de Cartilha do Boi. Era uma cartilha distribuída pelo então Diretor de Instrução, que naquele tempo era o Henrique da Silva Fontes. Ele é o autor da cartilha que era distribuída gratuitamente no estado todo. Se for fazer hoje, as editoras não vão permitir. Mas ele fez a cartilha para o primário: segundo, terceiro e quarto, do nível primário todo. Ele editou isso mais ou menos em 1945. Os meninos mais pobres não tinham essa maleta, essas pastas que existem hoje. Muitos levavam em uma sacolinha de pano, de fazenda. Outros tinham uma pastinha de couro, mas tinha gente que não tinha, levava na mão mesmo. Eu, pelo menos, não lembro de ter tido uma pasta, esse negocinho bonzinho que eu cobiçava ter. Hoje o aluno tem uma mochila nas costas; é muito material. A gente tinha

geralmente um livro e o caderno, era o que a gente levava para a escola. Um livro, porque eu fui ao primário, estudei o primário. Então era um livro e dois cadernos, um para linguagem e outro para aritmética; isso que era importante. E tinha o caderno de dever de casa também. Eram três cadernos, quatro no máximo. Um caderninho desses simples, de quarenta ou sessenta, cem folhas no máximo, e o livro básico. Levava o que se chamava penal, guardava a caneta, o lápis e a borracha, um apontador de lápis. Chamava-se penal por causa da pena que usávamos. Primeiramente, eu estudava usando o caderno; depois fui estudar com a lousa e voltei para o papel. Ao invés de ir ao quadro, a gente escrevia na lousa. Ali tinha um apagadorzinho, um pano com que a gente apagava. Dava para fazer apontamentos durante a aula, só durante o tempo de aula. Era mais para trabalho em sala de aula, coisa assim. No colégio de freiras, usávamos uma lousa com lápis de pedra, de pedra qualquer. Eu não lembro muito bem agora qual era a pedra. A gente levava e trazia a lousa todo dia. Com o caderno sempre foi muito melhor. No caderno, a gente gravava. Ficava com a gente para estudar, levar para casa, fazer deveres. Na lousa era tudo passageiro. No colégio em Hanza também se usava caderno. O mesmo livro de Joinville, do doutor Henrique da Silva Fontes, era utilizado lá, eu lembro. Eu tenho o livro aqui, tenho todos eles aqui. Os outros estão em xeróx. Muita coisa daqui, do terceiro livro, eu sei de cor até hoje. Esse é o quarto livro de leitura, série Fontes. Os livros de leitura eram utilizados um a cada ano. A cartilha que estudei tem o prefácio de sua primeira edição, de 1920. Eu estudei nela em 1934. Esta tinha como primeira lição: bá-bá-bá-bé-bi-bó-bu.

O boi baba. Boi. O boi baba, o boi bebe, o boi bebeu. Tem até gravuras. Livro ilustrado, direitinho. Está é a primeira lição. O boi deitadinho ali, por isso se chamava a cartilha do boi. Aqui o côco. Cô-co, ca-cai, caiu. Aqui é o dado. Da-de-di-do-du. Aqui é a faca. Fa-fe-fi-fo-fu. A faca foi afiada. Eu afiei a faca. Quando chega aqui na metade da cartilha, por aqui termina. Olha como era que lecionavam. Daqui em diante passa a ter lições. O aluno da primeira série começava ali. Amai as flores, crianças, sois irmãs dos esplendores, porque há muita semelhança entre as crianças e as flores. O aluno já lia isso. Deveres para com os pais: “O primeiro dever do filho para com seus pais é amá-los. A primeira prova de amor é a obediência. A obediência está em fazer tudo com boa vontade o que os pais mandam”. Hoje seria o pede.

Então o aluno, no final do primeiro semestre, no começo do segundo semestre, já sabia ler, já lia todas essas lições aqui: aves: andorinha, tico-tico, saracura, sabiá, garça, cegonha, azulão urubu e caracará. É o carcará e aqui está escrito caracará. A mão: cada dedo tem seu nome próprio. E aí vai dizendo por aqui: “Os meus dedos. Nessa mãozinha direita eu tenho cinco dedinhos, fazem tudo de um feito, fazem tudo ligeirinho, são pequenos, são prendados, são formosos, pois não são? Eu acho tão engraçados os dedos de minha mão. São espertos nos brinquedos, os meus dedinhos mimosos. Mas da esquerda esses meus dedos são muito preguiçosos”. Para quem não é canhoto, não é? Para quem é canhoto, os preguiçosos são os da direita. Pois bem, aqui tem o primeiro livro, já é leitura. As professoras do primário trabalhavam muito em cima do texto. A gente pegava, por exemplo, “Duas boas irmãs”, aí lia: “Célia está doente. Há oito dias está de cama. Sua mãe não abandona a cabeceira procurando aliviá-la e distraí-la”. Ai vinha até o final desta leitura e ela trabalhava em cima desse texto. Trabalhava oralmente em cima do texto. Hoje não

se faz. Hoje a gente dá o texto e trabalha uma ou duas aulas em cima do texto escrito e pronto. Lá não. Nós trabalhávamos em cima do texto uma semana, duas, três semanas, oralmente e escrevendo, respondendo questões e dissecando o texto. Fazendo tudo, fazendo uma análise do texto, análise gramatical, tudo em cima do texto. Eu tinha uma memória fabulosa e decorava tudo, principalmente poesia, e até hoje eu sei de cor as poesias. Tinha uma lição que eu sei de cor que não é nem poesia, era um texto em prosa, dizia: “Mamãe, hoje fiquei muito aborrecido, quando voltava da escola. Por que, meu filho? Porque nada tive para dar a um pobre velho que ao subir a calçada por onde eu vinha, para pedir uma esmola, resvalou e caiu. Que fizeste, então, meu filho, vendo por terra o pobre velho? Ajudei-o a levantar e dei-lhe o chapéu e a bengala; limpei a roupa que estava cheia de poeira. E o velho não se alegrou com teu procedimento? Muito, mamãe; sorriu tristemente, dizendo cheio de emoção: Deus te pague, meu filho. Pois nada tens de te aborrecer; fizeste a melhor esmola, a que sai do coração. A caridade não consiste só em dar alguma coisa aos pobres; consiste também em consolá-los nos seus sofrimentos. Aprovando teu procedimento, eu repito como o bom velhinho: Deus te pague meu filho”. Então você vê a grandiosidade, que fundo moral grandioso tem um texto desses. Pois em cima desse texto a professora trabalhava.

Este parece ser da terceira série, se não me engano. A professora trabalhava alertando para o grande fundo moral do texto e também o analisava gramaticalmente todo inteiro. Usava o quadro, encenava, fazia tudo igual a hoje. Um menino era o filho, uma aluna mais grandinha já era a mãe, aí fazia tudo o que se faz hoje. A escola - era na década de 1930 - não ficava devendo nada à escola de hoje. Era uma educação bem mais trabalhada, principalmente moralmente, que é o que está faltando hoje. Porque as crianças não se educam, só aprendem. Em educação precisa fazer uma diferença entre educar e ensinar.

METODOLOGIA

A professora não usava métodos muito diferentes dos da escola de hoje. Ela usava vários métodos, escrevendo no quadro, mandando o aluno escrever no quadro, no caderno; tinha muito ditado, lembro bem, tinha cópia. Fazia-se muito isso nas primeiras séries. Como eles diziam, para desarmar as crianças.

DISCIPLINAS/ATIVIDADES NA ESCOLA

O currículo escolar, o que era ensinado, estava todo dentro do livro, desde a primeira até a quarta série. E tínhamos o livro de Matemática, com muitos exercícios de Aritmética. O programa de hoje é o mesmo daquele tempo. Havia as quatro operações no primário, lembro bem: fazia conta de dividir, de somar, de multiplicar, de diminuir. Fazia toda essa problemática da Aritmética. E a quarta série do primário valia mais do que a quarta série de hoje. O aluno saía com um cabedal de conhecimento maior do que hoje. O tempo era muito mais bem aproveitado, a escola era mais silenciosa. Na aprendizagem, o aluno desenvolvia muito mais que hoje.

Nós também representávamos peças infantis na escola. Uma dessas peças foi levada ao teatro de Joinville. Naquele tempo, o teatro se chamava Teatro São José e ficava ao lado do Colégio Santos Anjos, que hoje é a faculdade de Joinville. A peça tinha trabalhadores como personagens. Cada um contava um verso, uma coisa muito bonita. Tinha uma casinha e uma cabocla na janela, e de repente foi o sertanejo fazer uma serenata. O sertanejo cantou: “Se eu pudesse, se papai do céu me desse o espaço pra voar”. Eu lembro muito bem desta passagem.

Para esse trabalho de teatro, havia um conjunto de

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

professores de todas as séries, os quais se reuniam, bolavam uma encenação e ensaiavam com a gente. Isso acontecia na sala de aula, no pátio da escola. E se faziam os ensaios assim como hoje, mesma coisa. Procurava-se um cantinho onde se pudesse ensaiar; às vezes a biblioteca também servia. Mas também se ensaiava muito na sala de aula.

Além do teatro, também fazíamos visitas, excursões. Eu lembro muito bem de uma excursão em que a gente foi de Joinville a Corupá, que naquele tempo se chamava Hanza. Lá a gente jogou futebol de manhã e à tarde. Foi um dia todinho de programação, me lembro bem dessa passagem. Também fizemos outras excursões, pequenas. A gente saía de manhã e voltava ao meio-dia. A turma da tarde também saía, à uma ou às duas da tarde, e voltava no finalzinho do dia. Muita atividade extraclasse.

COMEMORAÇÕES CÍVICAS

Havia muito mais atividades em dias festivos do que hoje. Cantavam-se muitos hinos: Hino da Independência do Brasil, Hino da Proclamação da República, Hino Nacional, Hino à Bandeira. Hoje ninguém mais conhece isso. Ninguém sabe cantar o Hino Nacional. Os jogadores de futebol ficam lá abrindo a boca, fingindo que estão cantando; nem sabem cantar o Hino Nacional. A gente nota perfeitamente nessas transmissões através da televisão. Os estrangeiros cantam seus hinos nacionais, mas os brasileiros não cantam mais. Naquele tempo, cantava-se muito.

Toda escola tinha um pátio interno. Era ali que as atividades se processavam. Depois, ia-se para frente da escola, hasteava-se a bandeira e cantava-se o Hino à Bandeira. No dia da Bandeira havia um cerimonial muito bonito. Havia até queima da bandeira. Tudo isso terminou. Tudo isso nunca

mais vi na escola. Teve um período em que eu dava aula de Educação Moral e Cívica e quis colocar isso em prática, mas não consegui. Lá no meu tempo de criança isso era praticado normalmente. E todo dia! Entrava-se em formatura dentro da sala de aula, rodeavam-se os cantos da sala e cada um entrava na sua carteira e ficava em pé. Ali cantava o hino. Geralmente, o Hino da Proclamação da República ou o Hino da Independência: “Já podeis da pátria filhos! Ver contente a mãe gentil, já raiou a liberdade no horizonte do Brasil”. Só para se ter uma idéia do que era, de como cantava. Esse aí era o Hino da Independência e tem o Hino da Proclamação da República: “Seja um pálido de luz desdobrado, sobre a na, na, na...” Eu conheço a letra, cantava-se muito. E a professora enfatizava muito essas atividades relacionadas à moral e cívica.

HONRA AO MÉRITO

Tinha um quadro negro - que era como eles chamavam -, um quadro especial. Na sala de aula tinha dois quadros. Um era para usar esporadicamente, e nele constava a relação dos melhores alunos da classe. Não tinha grandes premiações. Mas eu lembro bem disso, que constavam ali os nomes dos melhores alunos da classe, no bimestre ou no mês. Mas tinha também uma coisa pior do que hoje, a prova. A prova era rigorosa, oral. Além da prova escrita, havia uma oral. Juntava uma bancada, geralmente os diretores do Grupo Escolar presentes. E era assim: o melhor aluno daquele bimestre figurava no quadro de honra. Era uma grande satisfação, um prazer muito grande estar nesse quadro. Era uma honra. Isso gerava até uma certa concorrência entre os alunos, porque cada um se empenhava mais, tinha que estudar para ir para o quadro de honra.

O RECREIO/BRINCADEIRAS

Lembro das brincadeiras em que meninas brincavam de roda, amarelinha, enquanto os meninos jogavam bola, tudo igual a hoje. Igual a hoje não. Hoje tem skait, não sei o quê. Mas a brincadeira de bola sempre existiu. Nós tínhamos a professora dentro do sistema e também tínhamos o professor de Educação Física, que era outro professor.

Fora da escola, eu ficava brincando, ficava em casa ajudando minha mãe, fazendo os mandados.

Mas eu lembro que eu ia muito caçar. Tinha o estilingue para caçar passarinho. Que maldade, né! Que perdição, né! E eu jogava muito futebol. Jogava muita bola, “pelada” era o que mais tinha naquela época. A gente jogava “pelada” num canto, num trecho da rua - não passava carro -, um trecho geralmente arenoso. Naquele trecho da rua a gente jogava e só passava bicicleta. Havia também muitos lugares, muitos gramados que hoje se acabaram. Hoje a criança não têm onde brincar. Brinca no meio da rua, no meio do asfalto; quando o carro vem, ela pára para o carro passar. Hoje não existem muitas alternativas de lugares para brincar. No meu tempo tinha muito lugar, gramados, muitos campos, muitas coisas além de jogar na própria rua.

CASTIGOS

Falam em castigo corporal;. Eu não me lembro de nada. Nunca fui castigado na escola. Para não mentir, eu levei um puxão de orelha lá uma vez ou outra, mas esse negócio de palmatória só conheço por ouvir dizer. Isso em 1934, em Joinville. Isso aí pode ter existido no Nordeste ou noutra parte do Brasil,; aqui em Santa Catarina, pelo menos em Joinville,

não me consta. Negócio de palmatória, negócio de ficar ajoelhado em grão de milho, em grão de feijão, não sei o quê, tudo isso eu desconheço. Nunca vi isso na minha vida!

AS DIFICULDADES

Para poder estudar no primário, eu andava oito quilômetros a pé. Em São Francisco do Sul, terra de meus pais, não existia nenhum tipo de condução coletiva. Tinha o tal de trole. Mas também não era para ser utilizado assim no dia-a-dia, não. Era um passeio, era ir numa missa, numa novena. Então se ia de trole. Era chique. Mas no dia-a-dia não tinha condução nenhuma. E em Joinville havia duas linhas de ônibus. Um ia da estação até a Rua do Norte, como à época se chamava, e hoje é a Avenida João Colin. A outra linha também saía da estação e ia até o final da Rua Quinze de Novembro. Isso era o que existia em Joinville. Pobre não andava de ônibus. E também não era no dia-a-dia; era para um passeio, uma caminhada muito longa que se utilizava condução. Qualquer outra, era sempre a pé. Eu andava do lugar de onde eu morava, que era o Itaum -, hoje tem o bairro da Guanabara, é tudo cidade, está tudo junto -, cortando caminho pela ponte que liga o Itaum a Boa Vista. Mesmo assim, eram quatro horas a pé. Para ir da Boa Vista a Itaum eram quatro horas a pé, a menos que se atravessasse de canoa. Hoje se faz em três minutos, porque tem a ponte dos trabalhadores no meio. Então eu viajava oito quilômetros de ida e volta para o grupo escolar. Lugar mais distante.

E andava sempre descalço. Muitos usavam tênis, mas não esse tênis chique de hoje. Era um tênis que lá pelo Nordeste eles chamavam de pé-de-anjo, um negócio assim, era

aquele tenisinho bem simples, o calçado mais simples que existia para alguém calçar. Nos dias de chuva, quem tinha tênis ia descalço. Se molhasse, na sala de aula tirava um pouco o guarda-pó, ou tirava a roupa de cima e estendia na carteira, coisa assim. É o que lembro nos dias de chuva.

UNIFORMES

No ano em que entrei no primário, em 1934, não tinha uniforme escolar. Tinha um guarda-pó. Era uma bata com um bolsinho. Eu lembro muito bem que a minha mãe dizia: “Olha meu filho, você está gripado; leve esse lencinho”, e o colocava no meu bolso. “Quando você começar a fungar, você limpa o nariz”. Aí a professora dizia: “Meninos, silêncio!” Eu pensava que era para usar o lenço, aí eu usava o lenço. De repente ela falava de novo: “Meninos, silêncio!” Eu pensava: “Poxa! Mas será que tem tanta gente fungando aqui?” E limpava o nariz de novo. Isto foi na primeira série - quando eu aprendi a ler. Foi num dia desses que vi uma propaganda, um desses folhetos com uma enfermeira com o dedo nos lábios e escrito silêncio. Foi aí que eu raciocinei: “Ah! Bom! Silêncio não é para limpar o nariz, silêncio é para não fazer barulho.”

As meninas usavam uma saia azul e os meninos, uma calça azul; a camisa era branca. No bolso tinha as iniciais da escola. Era assim que o uniforme era utilizado e o é ainda hoje nas escolas básicas. Agora é que estão terminando. Mas até um tempo atrás, tinha muita gente de uniforme por aí. Muitos alunos uniformizados.

Acho que comecei a usar uniforme a partir de 1936. Se não me engano, nos outros colégios já se usava uniforme.

Só no Joaquim Santiago se usava o guarda-pó, que era todo branquinho. E as professoras também usavam um guarda-pó branco.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL/DOCÊNCIA

INGRESSO

Comecei a ser professor em 1968. Eu ainda estava na terceira série da faculdade. Eu me formei em 1970, já aos quarenta anos. Não, quarenta e quatro. Eu entrei na universidade com quarenta anos e me formei com quarenta e quatro. Comecei a lecionar na Escola Técnica de Comércio de Santa Catarina, de 1968 até 1970. Em 1970 comecei a lecionar em São Francisco; depois fui diretor da Escola Básica da Barra do Aririú, na Palhoça. Em seguida lecionei em algumas escolas básicas: a Escola Básica José Boiteux, que depois passou a se chamar Escola Básica Jairo Callado, se não me engano. Depois eu trabalhei na Escola Presidente Roosevelt e outras escolas mais.

Também lecionei em muitos cursos particulares, que à época eram conhecidos como artigo noventa e nove. Depois, em 1973, eu fui para o Instituto, onde fiquei doze anos, e aí me aposentei.

Comecei a lecionar dentro de um tumulto muito grande. Porque veio a reforma da Educação em 1971, reforma que até hoje estão procurando reformular ou reformar novamente. É que não foi uma coisa muito boa na época.

Minha priméria aula foi muito tumultuada; havia mais de quarenta alunos na sala. No Instituto, eu dei aula para todas as séries, desde a quinta série até o terceiro ano do segundo grau. Durante muito tempo dei aula no primeiro ano do segundo grau. A escola, nesse tempo, era uma avalanche muito grande de alunos; no mínimo quarenta e três, quarenta e quatro. Tinha sala

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

até de quarenta e cinco alunos. E depois, além da matéria que eu dava, O.S.P.B., no segundo grau, lecionei também História, Moral e Cívica, Ética, Sociologia. Lecionei muita matéria porque o meu curso de Filosofia, por si só, já era polivalente. No MEC temos licenciatura em Sociologia, Psicologia e Filosofia, e pode ser também História. Dessas quatro, escolhem-se três. E para lecionar no Estado, a gente lecionava Moral e Cívica, O.S.P.B. e História. Então, eu lecionei seis disciplinas.

AS DIFICULDADES

Um dos erros que ocorreram no tempo em que lecionava era uma maior consideração em relação às disciplinas de Português e Matemática. O que é um erro, pois todas as disciplinas são importantes. Todas as matérias se completam uma com a outra. Não tem essa de mais importante e menos importante. Tanto é que essas matérias - Português e Matemática - tinham número maior de aulas. Houve um período em que as outras matérias, inclusive História e Geografia, coisas importantes, tinham apenas uma aula por semana.

Uma época no Instituto Estadual de Educação cheguei a ter mais de mil alunos, porque eu tinha vinte e cinco turmas. Eu dava uma aula por semana em cada turma. Então, para completar vinte e cinco horas semanais, eu tinha vinte e cinco turmas. Eu ainda fazia prova e levava para casa; ficava até de madrugada corrigindo prova, porque era obrigado dar prova. Eu fazia uma prova meticulosa, rigorosa no primeiro semestre, no primeiro bimestre, depois eu não podia mais. Porque dar conta de mil alunos...! Eu passei o ano inteiro com mil e tantos alunos. Vinte e cinco turmas com mais de quarenta alunos. Tinha turma com até quarenta e cinco. Essa foi a mudança da reforma, essa que ainda vigora. Quando saí, em 1989, ainda vigorava.

OUTRAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS

Além de ser professor, também sou um poeta. Tenho vários livros, mais de meia dúzia de livros de poesia escritos; trabalho nisso. Tenho a minha Figueira, o jornal poético-literário que eu distribuo mensalmente para a população do Brasil inteiro.

Tudo isso se deve também à minha infância. Porque tinha muita declamação - Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias e todos os poetas famosos da época ou anterior, é claro. A gente declamava orientado pela professora. Prestei muita homenagem na minha Figueirinha à minha primeira professora. Ainda fui ao octogenário aniversário dela. Fui e ainda dancei com ela lá em Joinville. Pouco tempo depois ela faleceu. Uma das poesias dela publiquei na minha Figueira. Quando me aposentei, em 1989, fiquei muito angustiado, fiquei doente do coração, coloquei marca-passo. Aliás, não me aposentei, me aposentaram, porque eu fiquei doente do coração. Eu me teria aposentado só alguns anos depois, mais uns três anos para completar sessenta e cinco anos, mas me aposentei antes por causa da doença. Então fiquei muito angustiado. O médico disse: “Olha rapaz, tu precisa fazer qualquer coisa, tem uma vida interior muito intensa e precisa desenvolver isso aí. Faça qualquer coisa”. Eu não podia mais lecionar, nem particular. Então o que eu sabia fazer era isso aqui: poesia. Eu bolei esta revistinha, a Figueira, que é mais uma terapia ocupacional para mim. Mas isso foi crescendo, crescendo, crescendo e hoje eu faço mil exemplares por mês. Geralmente é por mês, às vezes demora, às vezes leva dois meses, mas nunca levou três. Leva dois meses para sair e eu distribuo. Tenho leitores no Brasil inteiro. Eles ajudam a revistinha, que é mantida por alguns leitores. Eu faço mil, distribuo com endereço certo para setecentas pessoas, quatrocentas que ajudam e mais trezentas a quem eu mando de cortesia. Sobram

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

duzentos e poucos, trezentos exemplares. Distribuo nas escolas, geralmente no Instituto Estadual de Educação. Ou então, numa sala de aula da Universidade. Eu visito a título de divulgação e distribuo para eles. Se alguém quiser ajudar a Figueirinha é só ver a página quinze. Ali tem o cupom, recorta e passa a ajudar a Figueira. Em todo trabalho saem uma, duas ou três poesias minhas; o resto é também dos leitores e participantes. Eles mandam a poesia e eu publico. E àquele de quem eu publico a poesia eu peço para comprar dez exemplares. É outra forma de ajudar a Figueira. Ai eles compram. Muitos são professores e levam para a escola e distribuem para seus alunos ou repassam para os alunos até cobrando alguma coisa, sei lá, ou mandam para as bancas de jornal. Quem não comprar, quem não pagar, não tem importância; vai gratuitamente mesmo. Vai de cortesia. Mas à maioria eu peço ajuda.

Quero te falar uma coisa: a minha primeira professora, a que me ensinou o bê-á-bá, a professora Natália Amaral Maia, reencontrei cinquenta anos depois em Joinville. Estivemos juntos mais de uma vez. A minha Figueira - nos números 24, 27 e 28 - faz alusão a ela. Ela faleceu por esses dias. Foi bom que eu a reencontrei ainda a tempo.

Quero ler para ti um soneto de um cidadão que eu não conheço, que se chama Nóbrega da Siqueira. O soneto diz certinho como era a minha escola. É intitulado “Velha Escola”. Parece que foi feito para mim, ou parece que fui eu que fiz. Eu assinaria em baixo com todo o prazer, só que o soneto não é meu. Mas antes do soneto eu vou ler para ti tudo o que escrevi na minha Figueira número 29. O título é “Condolência”. Eu digo assim: “O tempo e a distância estiveram entre nós numa duração de mais de cinquenta anos. Depois do reencontro, foi magnífico, lindo, sensacional, emocionante. A Figueira número 24 registrou a emoção do momento. Mais tarde, o convite de suas filhas para o octogésimo aniversário. A Figueira, novamente,

agora o número 27, tornou a registrar o momento lindo da linda comemoração. Foi um encanto. Aliás, eu dancei com ela e tudo. Tive este prazer. Desta vez, porém, o vazio, o escuro foi inexorável, foi no dia 19 de setembro de 1993. Ficou a maior tristeza. A Figueira registra o inconsolável, o condolente acontecimento, agora sem brilho, sem festa, sem alegria. A Dona Natália, com certeza, está desfrutando as minúcias de um outro céu. É que ela viajou para o céu de todas as estrelas. Minha homenagem “in memoriam” não poderá ser outra. Apenas o de lembrar aqui o lindo soneto de Nóbrega de Siqueira, intitulado Velha Escola”:

“A velha escola das primeiras letras, o prédio pesadão só de um andar, a sala de aula austera e silenciosa. Lá fora um enorme pátio de brincar. O quadro negro no confício (sic) outrora, minhas primeiras contas de somar. Gravuras na parede e o mapa mundi onde já foi azul o azul do mar. Tudo como deixei, bancos, cadeiras, os armários de livros, as carteiras, sim. Tudo continua em seu lugar. Mas não. Nascendo a suave e evocadora, de tempos idos, falta a professora que me ensinou paciente a soletrar.”

Ada Bicocchi Ramos¹⁰

Nascida em Florianópolis / SC, em 06 de novembro de 1909.

VIDA PRIVADA

A FAMÍLIA

Meu pai chama-se Reinaldo Bicocchi e minha mãe, Daminali Bicocchi. Nós éramos seis: quatro homens e duas mulheres. Infelizmente, os quatro homens já faleceram e meus pais também. Só estamos vivas minha irmã e eu.

A ESCOLA

INGRESSO

Entrei na escola com idade de sete para oito anos. Fui para a escola São José, hoje Colégio Estadual Professor Henrique Stodiek. A escola São José foi comandada pelo padre Luís Schüller, sacerdote jesuíta. Funcionava na rua Padre Roma. Foi ali que eu fiz do primeiro ano até o complementar.

10 RAMOS, Ada Bicocchi. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira. Florianópolis, em 29 de novembro de 1994. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

ASPECTOS FÍSICOS DA ESCOLA

Quando eu estudei no primário, tinha divisão dos primeiros anos. Primeiro ano A, B e C. “C” eram as crianças que estravam sem saber nada. Depois de alguns meses, se a criança tinha aprendido, passava para o “B”; quando a criança estava bem ia para o “A”. Entre o “A” e o “B” ficava-se um ano. Então, ficava-se uns seis meses no “C”, depois se fazia um exame e no segundo semestre se passava para o “B”; no fim de um ano a criança passava para o “A”, pois sabia ler e escrever sem complicação; sabia ler corretamente. Depois, fazia descrição do que havia lido. Em geral, naquela época, havia crianças que ficavam dois anos no primeiro ano. Às vezes havia crianças que em um ano já passavam para o segundo, pois aprendiam bem, tinham facilidade e tudo mais.

MATERIAIS DIDÁTICOS

No primário eram essas cartolinas de fazer trabalhos... Era papel de criança de primeira série. Daí para frente era mais desenhos, trabalhos de desenho para crianças, desenhos e mapas: um fazia mapa do rio, outro de outra coisa, e assim iam fazendo. Naquele tempo não tinha tanto trabalho como hoje. Não se exigia tanto trabalho das crianças. Naquela época, era mais serviço de cartolina, onde se aprendia a fazer dedos, balões, essas coisas assim. Tínhamos a cartilha. Era a cartilha do Paulo Fontes. A do primeiro, segundo, terceiro e quarto ano. Era uma maravilha essa cartilha. Não sei se ainda existe, mas na Biblioteca Pública deve ter, porque era do professor Paulo Fontes. Naquela época, ele foi diretor de ensino e professor também na Faculdade de Direito. Tinha cartilha dele até no jardim de infância. A cartilha vinha com aquelas coisas para crianças:

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

saber se era um balão, se era um envelopezinho. Perguntava-se para as crianças para aprenderem. Depois tinha a cartilha do primeiro ano. Naquela época, soletrava-se muito bê-á-bá; bê-é-bé... Depois, formavam-se as sentenças, formavam-se as palavras. Depois, no segundo ano, as crianças já sabiam ler. Já tinha outro tipo de cartilha, havia versinhos para as crianças aprenderem a declamar. No primeiro ano, usava-se a lousa. Era dentro de um quadradinho de madeira, com um buraquinho e um cordãozinho amarrado ao lado com dois paninhos. Um era para lavar a lousa e o outro, para enxugar. E tinha o lápis de escrever na lousa. Era tão engraçado! Tínhamos um penal e levava-se tudo direitinho ali dentro. Ia-se para a escola com aquela lousa pendurada, com aquelas cartilhas e um caderno pequeno para aprender a escrever. Fazíamos muita caligrafia. Este caderno de caligrafia tinha as linhas miudinhas. Dentro, faziam-se as letras. É por isso que muita gente do meu tempo tem a letra bonita. Mas hoje!

METODOLOGIA

Por exemplo, elas iam dizendo: “Olha, nós vamos fazer a letra A, é uma bolinha; começa de cima para baixo, para cima, desce; bota a perninha para o lado”. Assim é que elas ensinavam. Era para todas as letras. Elas iam dizendo o contorno. Tinha uma letra no começo, que já vinha no caderno de caligrafia. Então, era assim. Para cima, desce, para o lado, a perninha. Ninguém fazia uma letra a mais sem a professora ir acompanhando. E assim era na leitura. Ela mandava ler, ler, ler... Sai desta e vai para a página tal. Era para ver se a criança tinha aprendido. Era de maneira muito metódica. Aprendíamos tudo ali no quadro. Tivemos a tabuada. Ela ensinava: “Hoje é

tabuada tal. Estudaram?” Fazia as perguntas salteadas. Por exemplo: 5x8; 8x5. Então, atrapalhava o aluno, para saber se ele tinha aprendido mesmo, de fato, a tabuada. Eu acho que no ensino, naquela época, as crianças aprendiam mais, sabiam resolver problemas.

DISCIPLINAS/ATIVIDADES NA ESCOLA

Estudava-se Português, Matemática, um pouquinho de História, coisa de criança do primeiro ano, preparando-se para o segundo ano, pois no segundo ano já tinha mais matérias. Mas quando eu estudei, ia tudo bem, as crianças passando de um ano para o outro. No Complementar antigo nós tínhamos Direito Público, Sociologia, Ciências, Química, Física... Era uma coisa tremenda. Estudávamos mesmo! Tinha-se que estudar, pois se não estudássemos, rodávamos. Mas eu, graças a Deus, desde o primeiro ano até o último sempre passei, até me formar. Aprendíamos trabalhos. Trabalhos de modelagem, muita modelagem. Quando comecei a aprender, minha primeira professora de trabalho foi a Irmã Lionila, que começou a ensinar assim: primeiro, a pregar o botão na roupa; depois, que ficasse bem direitinho ela ensinava a casear, fazer caseado; depois, a chulear o trabalho bem direitinho. Depois, fazia a bainha de costura à mão e bainhas abertas. Então, começava a fazer ponto de cruz, toalhas... Tudo isso aprendemos muito bem; bordados, tudo à mão, e ponto de cruz.

Fazíamos muitos trabalhos mesmo. No fim do ano, havia aquelas exposições de desenhos, pinturas. As exposições no Colégio São José eram lindas. Nós tínhamos um colega, José Rodrigues, que vem a ser sobrinho desse Hassis, grande pintor. O José desenhava que era uma coisa séria. Ele fez um mapa mundi que cobriu uma parede do lado do colégio; era uma coisa linda! Ele trabalhava muito. Então, a gente ajudava. Tinha jeito

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

e gostava de fazer o mar. A gente pegava o lápis de cor e raspava, ele ensinava, pegava o algodão e dizia: esta parte aqui eu quero mais clara e ia fazendo; ajudava a trabalhar e aprendia. Havia muito trabalho, desenhos e muitas exposições bonitas. Fazíamos coisas muito bonitas. Aprendemos muito trabalho no primário. No complementar também, pois os professores exigiam muito. Naquela época, o professor exigia e era atendido. A Educação Física para meninos era num horário e para as meninas, noutro. Era tudo diferente; não tinha sexo junto. Era sala de aula de meninos e sala de aula de meninas. Era tudo separado.

COMEMORAÇÕES CÍVICAS

Antigamente, todos os dias hasteava-se a bandeira na escola. Depois de ir embora ao meio dia, tirava-se a bandeira. A outra turma que entrava, quando havia duas turmas, hasteava a bandeira na entrada e a tirava na saída. Aos sábados era todo o colégio junto, pois não tinha aula no período da tarde. Ultimamente não, mas, primeiramente, tinha no período da tarde e da manhã. Então, era feito um rodízio: cada semana era uma sala de aula, onde um aluno fazia uma declamação à bandeira. É por isso que eu digo que hoje ninguém faz mais nada. É só correria.

AS PROVAS

Enquanto eu fui aluna, foi sempre assim (refere-se à fala de quando era professora, ou seja, as provas eram aplicadas da mesma forma que quando era aluna). O exame final do terceiro ano da primeira turma fizemos junto com a escola Básica Lauro Muller, porque era o mesmo inspetor que ia para lá e ia para

cá. Então, uniram e fizemos os exames junto com os alunos do Grupo Escolar Lauro Muller. Lá tinha muito mais alunos. O grupo São José era a primeira vez que ia formar uma turma. O inspetor disse: “Que tal fazer junto?”. Não tinha problema, pois as matérias eram as mesmas, o que caía para nós caía para eles. Então, foi tudo feito no grupo Lauro Muller... Juntou-se para ver no que dava. A nossa professora falou: “O que souberem, façam; o que não souberem, não façam”. Todo mundo passou, graças a Deus! Passou tudo junto, tudo bem. O Grupo Lauro Muller tinha uma rixa, todo mundo passou. Fizemos todos os exames ali, mas fizemos a nossa festa na escola São José. Eles fizeram a festa deles no Lauro Muller.

HONRA AO MÉRITO

Sim, tínhamos. Por exemplo: se em três meses consecutivos o aluno tirasse tudo dez, recebia a honra ao mérito e, se fosse oito ou nove, recebia a menção honrosa. A menção honrosa era um cartão que tinha o nome do estabelecimento, do aluno, a classe em que ele estava. Tirava-se a menção honrosa por ter tirado naquele trimestre as notas tais e tais, por exemplo, oito. Era uma espécie de incentivo para o aluno estudar. Nós tínhamos um livro onde constava o nome de quem recebia o honra ao mérito, porque durante aquele trimestre havia tirado nota dez. Era essa a recompensa.

O RECREIO/BRINCADEIRAS

Durante o recreio, tinha os professores que tomavam conta. Naquela época tinha sala de aula só para meninos e sala de aula só para meninas. Assim, nos pátios também eram

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)
separados. Num pátio, as meninas e no outro, os meninos. Então os meninos tinham o jogo de bola, essas coisas de criança. As meninas pulavam corda, essas coisas todas.

CASTIGOS

O castigo que tinha era isso: o aluno que não se comportava na sala de aula não participava do recreio. Durante o recreio, havia os professores que tomavam conta.

UNIFORMES

Sim, tinha uniforme. Saia azul-marinho, toda pregueada, e blusão branco, que no bolsinho levava as iniciais da escola onde se estudava. Os meninos também tinham uniforme: calça azul-marinho, camisa branca e camisetinha.

NAMORO

Sim, havia, coisa de alunos. Namorava comum, roubava o namorado da outra. Às vezes, brigava-se por causa dos namorados, queriam se bater, coisas de criança. “Ele é meu! Não, ele é meu namorado! Não, ele é meu”, dizíamos assim. Fulano está namorando com fulana. Agora eu vou fazer tudo para roubar o namorado dela. E assim fazia. Quando descobriam, era aquele bate-boca. A professora dizia: “O que é isto?” Nós não dizíamos o que era; deus-o-livre. A professora ia ralhar com a gente. Não, não é nada não.

Era aquela folia, era tão engraçado! Lembrome de um caso: um colega nosso, um rapaz bonito. Minha colega, que tinha o mesmo nome que eu, começou a namorar

com ele. Ela falou: “Ada, estou namorando fulano – Ah! Não é possível – Ada, o que é que você vai fazer?”. Eu vou roubar o namorado dela. E namorei com ele. Meu Deus! Foi um deus-nos-acuda. Ela chorou muito; se descabelou. Eu disse: “Não, pode ficar com ele”. Era coisa de gente pequena. Os professores não queriam namoro na escola, deus-o-livre! Quando a professora descobria, ela chamava a gente: “Não senhor, vocês são colegas, não têm nada de namoro; namoro é quando vocês forem mulheres feitas, de dezoito anos para cima, umas meninas de treze, quatorze anos com namorados?! Os namorados de vocês são os livros”. Mas a gente sempre pintava-o-sete, sempre tinha o que fazer, sempre tinha uma que inventava uma coisa. Ademais, tudo saía bem. Com as colegas não havia problemas. Uma roubava o namorado da outra. Ficava zangada e daqui a pouco dava um presente para ela. Tudo ia bem.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL/DOCÊNCIA

A ESCOLA

A escola São José foi comandada pelo Padre Luís Schüller, sacerdote jesuíta. Funcionava na rua Padre Roma. Foi ali que fiz do primeiro ano até o complementar. Depois, formei-me na primeira turma dos complementaristas. Éramos cinco colegas, um rapaz e quatro moças. Neste meio tempo, o diretor Padre Schüller faleceu. Entrou um novo diretor e fui convidada para trabalhar no grupo São José. Trabalhei lá cinco anos como professora de segundo ano. É uma escola antiga. Tinha bancos compridos e tinha uma mesa. Era para quatro alunos; tinha divisões com quatro gavetas,

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)
e tinha o banco onde o encosto era a classe seguinte. Eram três ou quatro alunos em cada banco, dependia da sala de aula.

METODOLOGIA

Havia os mapas de Santa Catarina e do Brasil e o quadro negro onde as crianças faziam os seus riscos. Como, por exemplo, a Matemática. Dávamos um problema e chamávamos um aluno. Uma vez era de somar, subtrair, multiplicar, dividir, e às vezes, era o conjunto. Dentro do problema tinha de somar e dividir. De mais a mais, as tabuadas. Estudávamos muito a tabuada. As crianças sabiam as tabuadas na ponta da língua. Naquela época, eles sabiam bem as tabuadas; estudávamos com eles e se exigia. Passávamos diariamente problemas para eles resolverem em casa. Eles levavam e no dia seguinte nós corrigíamos no quadro. Eles com o caderno no banco iam dizendo o que estava certo e o que errado. Botava-se “C” no certo e “E” no errado. Depois, botava-se a nota no caderno diário. Mensalmente, tinha aquelas provas, e mais duas provas por ano: as anuais, uma no primeiro semestre e outra no segundo. Depois, faziam-se as contas para saber se os alunos tinham passado ou se tinham que repetir. Por exemplo, em Geografia, tínhamos os mapas e ensinávamos os limites de Santa Catarina: qual era o país, qual era o oceano que fazia limite. Mostrávamos as cidades - naquela época não havia tantas divisões como hoje -, os rios principais. Em História, a mesma coisa: fazíamos perguntas sobre a História do Brasil, de Santa Catarina. Assim íamos levando e as crianças aprendiam com mais facilidades.

AS PROVAS

As provas eram todas vistoriadas. Recebiam o visto do diretor. Havia os pontos que eram sorteados. Os que caíam, passávamos no quadro negro e os alunos copiavam e deixavam espaço para depois resolverem os problemas. Eram cinco problemas, em geral cinco problemas para cada aluno. Naquela época, a nota mais alta era dez. Então, cada questão valia dois pontos. Eles faziam o exame na folha de exame na sala de aula. O exame geral, no quadro. Mas as provas de fim de ano, era com papel almaço, tudo direitinho, com margem, o nome da escola, a data, o nome do aluno, a classe que freqüentava. Ali eles copiavam a primeira questão e resolviam, certo ou errado. Depois a gente ia corrigir. Para todas as matérias as provas eram assim. Em junho, na metade do ano, antes das férias de julho, e novembro e dezembro, eram os exames finais. Além das provas escritas, tinha o exame oral. Para este, vinha o inspetor escolar. Ele ia lá e designava o dia e a classe. Por exemplo, dois exames por dia, às vezes uma sala de manhã e outra à tarde. Assim, preparávamos todos os alunos e fazíamos todas as contas e divisões para saber quem tinha passado, para saber que notas tinham tirado, para depois dar o boletim de fim de ano com as notas. Era para os pais saberem em que série tinham que matricular no ano seguinte: na terceira ou quarta série, conforme fosse.

CASTIGOS

Quando eles não faziam os deveres escolares, naquele dia não iam para ao recreio, mas o professor também ficava na sala de aula. E não iam brincar até que fizessem todos os deveres

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

que não haviam feito em casa. Iam fazer tudo na hora do recreio e não faziam lanche. Quando era demais, o aluno ia para o gabinete do diretor. Quando alguém chegava e perguntava: “O que é que o fulano está fazendo ali?” A gente respondia que estava de castigo, pois não tinha obedecido ao professor, estava deixando a aula perturbada. Depois do período de aula, depois que todo mundo tinha saído, eles ficavam e a gente ia dar aula para eles.

UNIFORME

Os professores usavam guarda-pó. Tinha semana que era branco e tinha semana que era azulado, puxando um pouco para o cinza. Entrava na escola, assinava o ponto e já pegava o guarda-pó, que ficava tudo no gabinete do diretor.

AS DIFICULDADES

Hoje há muita facilidade para o professor. Eu acho que há muita facilidade porque, hoje, cada professor dá uma matéria. Na nossa época, nós lecionávamos todas as matérias. Eram: Matemática, Português, História, Geografia e Ciências Naturais. Naquela época, as salas de aula comportavam de quarenta, quarenta e cinco, até cinqüenta ou mais alunos. Numa época, no segundo ano, faltou uma professora, pois o governo custou a mandar outra professora. Eu fiquei com mais de setenta alunos, enquanto não vinha professora. Era um colégio quase particular, mas o Padre Schüller fez um convênio com o Estado, e eles davam as professoras. Quando não tinha classe suficiente, sentava-se no chão. Mas corria tudo bem. Quando veio a professora, dividiu-se uma metade para um lado e outra metade para outro.

OS ALUNOS

Naquela época, o professor exigia e era atendido; o aluno obedecia muito ao professor. Havia muita facilidade de aprender as coisas. Eu acho que a educação é a primeira coisa dentro da sala de aula. É a minha opinião. O aluno chegava na sala de aula, se sentava e pedia para sair para tomar água, ou alguma coisa assim. Hoje em dia não, eles pegam e saem, eles pintam-o—caneco. Se o professor bota para a rua, eles ficam discutindo com o professor. Eu tenho sobrinhos e bisnetos que me contam as coisas. É um caso sério, um caso complicado. Eu não aceitaria mais ser professor hoje; preferiria trabalhar em outro lugar.

OS INSPETORES

Quando era professora no segundo ano, lembro do inspetor que era o Manebach, o seu sobrenome. E eu tinha um aluno - Cleóbulo Serratini, que já faleceu -, que era canhoto. Nos exames de fim de ano o professor tinha que preparar os pontos. Naquele ponto vinha o que ia cair de Matemática, Português, História, e tudo mais. Quando caiu para ele, caiu um problema que tinha três matérias juntas, que era somar, multiplicar e dividir. Ele pediu para eu ler este problema, e eu li. Ele pegou e disse para mim: “Neste problema tem três operações, somar, multiplicar e dividir”. Ali ele fez. Ele era canhoto e fez com uma facilidade tremenda. Quando acabou de fazer tudo, eu disse: “ótimo”. Ele se levantou, foi no quadro e escreveu assim: “Ótimo canhoto”. Ele era canhoto. Foi formidável. De vez em quando passavam os inspetores escolares fazendo vistoria para ver como é que estava e assistiam uma aula. Por vezes, quando eles estavam entrando, a gente levava aquele choque, e ele

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

dizia: “Não, pode continuar, eu não estou aqui; faz de conta que não estou”. Tínhamos que continuar. Ele dizia se estava bem, se gostava, se tinha que estender mais sobre isso ou aquilo, ou seja, orientava-nos. Depois da visita, eles deixavam o termo de visita, onde registravam se estava bom, ótimo ou regular. Muitas vezes, eles entravam na sala de aula e faziam a gente parar e ele continuava a aula. Era formidável. Os inspetores eram formidáveis. Eles vinham, orientavam, ensinavam e faziam reuniões pedagógicas. Todo mês tinha reunião pedagógica de todos os professores com o diretor. Quando tinha inspetor no estabelecimento, ele fazia a reunião pedagógica. Então, cada professor era determinado para fazer um plano para a reunião seguinte. Um professor era designado para fazer um plano de aula ou um comunicado, e apresentava. Os outros professores na sala de aula iam aproveitar aquele plano que a gente tinha feito e o comunicado. Na reunião pedagógica, o diretor ou um professor conversava com os professores e perguntava o que eles achavam disto, daquilo, o que eles achavam melhor para produzir, qual era o assunto melhor para discutir com os alunos dentro da sala de aula. Orientava como deveria ser feito o trabalho com os alunos e mesmo entre os professores. Cada um dava uma opinião para ver qual era a melhor opção para ser aplicada dentro da sala de aula. Cada um ia fazendo o que tinha pensado e na próxima reunião expunha o que tinha de certo. Assim a gente ia passando, e se dedicando, dedicando...

OUTRAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS

O dr. Nereu Ramos gostava muito do meu marido, porque ele era funcionário do Loyd Brasileiro. O Loyd fechando aqui, ou o meu marido ia para Santos ou para o Rio de Janeiro. Então, ele preferiu Santos. Quando ele faleceu, o dr. Nereu

disse: “A Ada vai voltar, mas ela não pode mais ser professora, pois ela tem três filhos pequenos para educar”. Eu tinha três filhos homens. Então eu fui trabalhar no antigo Departamento de Educação, que depois passou a ser Secretaria da Educação. Quando abriu concurso, eu fiz e passei da classe de professora para a de funcionária. Trabalhei na Secretaria por vinte e cinco anos e saí como subdiretora de um setor de Educação do Ensino Primário. Depois me aposentei, e agora estou trabalhando na Associação dos Professores. Eu trabalhava dentro da Secretaria, onde havia diversas divisões: a divisão dos professores que têm formação, e tinha o de escolas particulares. Eu trabalhava no setor em que os professores entravam, pediam remoção, pagamentos atrasados... Esses processos vinham, entravam no protocolo e vinham à minha mesa. Eu via a que setor pertenciam e distribuía. Todo setor tinha alguém que dava informações ao professor de grupos escolares - nessa época só havia grupos escolares, escolas normais. Então fornecia a cada um a informação pedida. Depois de informado o processo, eu dava encaminhamento ao gabinete do diretor e este o encaminhava ao secretário. O secretário encaminhava à administração ou ao Palácio do Governador; para que fosse feito o ato, de acordo com o pedido de cada coisa, o pagamento ou todas as informações possíveis. Nós trabalhávamos muito com processos de professores. Quando era escola particular, passava por setor. Havia ainda outras informações: professores que pediam registro: essas coisas todas eram do outro setor. Nós trabalhávamos muito com os professores. Havia muitos professores que vinham do interior para fazer a universidade e trabalhavam na Secretaria. Tinham o período para estudar e quando voltassem trabalhavam.

Adalby Abraão Massish¹¹

Nascido em Laguna / SC, em 22 de novembro de ?????).

VIDA PRIVADA

A FAMÍLIA

Meus pais são Miguel Abraão Massish e Ondina Abraão Massish. Tenho três irmãos. Eu tenho um irmão que é advogado, e outros dois, um dentista e o outro economista. Todos eles, porém, lutaram com dificuldades para chegar a um curso superior. Graças a Deus, com força e sacrifício! Isto prova que às vezes os bons funcionários, os bons mestres, os bons médicos, os bons dentistas são sempre aqueles que lutaram com dificuldades para chegar a um curso superior.

A ESCOLA

INGRESSO

Estudei num colégio de freiras, no Colégio Stella Maris de Laguna, onde a gente realmente aprendia. Só que a participação do aluno era mínima na sala de

11 MASSISH, Adalby Abraão. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira. Imbituba, 16 de fevereiro de 1994. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

aula. A gente só falava quando era interrogado. Da primeira à quarta série era muito forte. Depois veio a admissão - naquele tempo tinha o exame de admissão. Da quinta à oitava série eu fiz num Colégio Lagunense, também em Laguna. A escola era aquela tradicional, rígida, mas rica em conteúdo.

ASPECTOS FÍSICOS DA ESCOLA

As escolas eram boas, bem conservadas, não tinham problemas. Primeiro estudei no Ginásio Lagunense, que era particular. A administração das irmãs era ótima. O colégio, limpiíssimo. A pontualidade, britânica. Realmente eram ótimas. Não deixaram nada a desejar, como não deixa hoje o Colégio Stella Maris, que continua com a administração das mesmas irmãs. O prédio é de dois andares, muito bem conservado, com capelas e com banheiros. Depois, quando estudei em Laguna, já eram prédios novos, feitos na administração do Governo Celso Ramos. O CGAL foi construído no governo de Celso Ramos, num antigo campo de futebol do Flamengo Futebol Clube. As carteiras, primeiramente, eram individuais. Depois chegávamos a sentar de três a três ... Tinham um buraquinho no meio para botar o tinteiro. Não eram essas carteiras de hoje. Hoje não daria para colocar três a três, não daria por causa da cola ... Já na individual a gente sabe que o aluno cola. Não dá, pelo ambiente, pela mudança social, pela evolução da sociedade e olha que quando se fala em evolução nem sempre é para o positivo. O ambiente hoje é outro; o mundo é outro e a sala de aula vai se adaptando a essa evolução. Aquelas carteiras de antigamente hoje não serviriam.

METODOLOGIA

Era aula expositiva; simplesmente aula expositiva, em que a gente aprendia mais no estudo de casa, já que a participação na sala de aula era muito pouca.

DISCIPLINAS/ATIVIDADES NA ESCOLA

Havia a Educação Física, que antigamente era melhor do que hoje; havia mais exercício, menos bola, cavalete; havia mais exercícios.

AS PROVAS

As provas eram bem mais difíceis do que hoje. Eram escritas e orais, com média oito para passar. Nessa época a gente sabia que tinha que passar, que ia fazer a prova oral na frente do professor e tinha que saber a matéria, não o decoreba. O professor questionava.

O RECREIO/BRINCADEIRAS

No recreio, as brincadeiras eram normais, futebol, correria normal. Muitas vezes meninos e meninas sentavam juntos no pátio e conversavam. Trocávamos idéias. Não havia separação entre meninos e meninas no pátio, nem na sala de aula, mas as irmãs ficavam ali fiscalizando.

CASTIGOS

Eu peguei o castigo da primeira à quarta série. Eu lembro que levei uma reguada de uma irmã, porque naquele tempo era tinteiro e eu sujei a carteira. Havia castigo sim. Se não fazia os deveres também levava castigo. Muitas vezes tinha

que levar folha de papel almaço e escrita para casa com o castigo. Existia cobrança dos deveres. Eu acho que os deveres são uma maneira de fazer o aluno estudar em casa. O castigo pior era apanhar em casa e não poder ir ao cinema no domingo. O outro castigo era ficar de pé num canto na sala de aula, ou de joelho. Outro castigo era ficar sem o recreio. Ficava na sala de aula de joelho durante o recreio e perdia o lanche; não fazia o lanche.

AS DIFICULDADES

Depois do primário, eu enfrentei uma vida difícil. Eu não era rico. Trabalhava durante o dia e estudava à noite. Foi uma vida de muita luta, de muito sacrifício. Da primeira à quarta série, como era perto de casa, eu ia para a escola a pé. Depois, quando estudei à noite, eram uns quatro ou cinco quilômetros de casa e continuei indo a pé.

UNIFORMES

No colégio, da primeira à quarta série havia uniforme. Da quinta à sétima série, durante o período do dia, tinha uniforme; à noite, não tinha. O uniforme era comum: era calça de brim azul e camiseta branca; o agasalho, no inverno, era azul-marinho ou preto - não poderia vir de outra cor. Olha, eu sou contra o uniforme; acho que o importante não é o uniforme, e sim a presença do aluno na sala de aula. Nós temos que levar em conta hoje o poder aquisitivo, o desemprego que há nesse país. Às vezes, muitos pais mandam os seus filhos para a escola com dificuldades. Eu acho que o uniforme pode ser dispensado.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL/DOCÊNCIA

INGRESSO

Eu gosto de ser professor. Gosto de História. Estou agora escrevendo um livro sobre Imbituba, que deverei lançar até o fim do ano de 1994. Acho que o magistério é sublime, é uma profissão que, se não dá realização financeira, dá realização pessoal. Estou no magistério porque gosto, embora financeiramente, repito, seja uma profissão desgastante. Mas é realmente uma profissão digna de qualquer brasileiro, de qualquer ser humano, porque ela nos realiza como pessoa. Eu escolhi História para lecionar porque eu tive dois grandes professores de História. Um já faleceu, que foi o professor Rubens Lima de Ulisséia, um dos grandes historiadores, não só de Laguna, como de Santa Catarina. O outro é meu irmão, que já está aposentado (ele é advogado), o dr. Adílio Abraão Massish. Esses dois influenciaram na profissão que exerço hoje, no meu trabalho que é com Estudos Sociais, História e Geografia.

MATERIAIS DIDÁTICOS

Quando está disponível, procuro usar o slide principalmente em História. Quando a escola oferece condições, dentro do possível, eu uso o projetor e o retroprojetor, principalmente no segundo grau. Hoje a tecnologia trouxe o slide, o computador, o vídeo, a televisão para a sala de aula; hoje a escola está mais rica em material didático. Mas não adianta o governo mandar para a sala de aula o vídeo e a televisão se não mandar o resto, as fitas, o trabalho. Não adianta ter um laboratório se não tiver um laboratorista, alguém que vá exercer as funções no laboratório.

CASTIGOS

Eu não prego castigos. Eu digo sempre na sala de aula que o aluno é o pêndulo na balança. No fim do ano eu faço uma série de somatória. Muitas vezes o aluno chega no fim do ano e não consegue a somatória necessária para passar. Eu vou avaliar um aluno num todo e, muitas vezes eu paro a aula, procuro dialogar, procuro conversar, procuro fazer ver a necessidade do estudo. Se ele não quiser estudar, ele vai sofrer as conseqüências. Ninguém chega ao topo do mastro sem esforço; ninguém vence na vida sem lutar. O aluno, eu procuro esclarecer. Eu não sou só um professor; eu sou um amigo. Agora, se ele não quer vencer, o problema é dele, não é meu. Eu procuro exercer o meu papel com dignidade, com camaradagem e com capacidade, mas a gente nem sempre pode ser o salvador do mundo.

OS ALUNOS

Eu nunca tive problema de disciplina em sala de aula nesses vinte e cinco anos. Eu converso com os alunos, e às vezes até fora de sala de aula. O aluno de hoje é um aluno rebelde, revoltado, com o quê? Alguns, com problemas familiares, o divórcio, a separação de pais, às vezes chegam na escola sem comida, nem sempre a escola tem merenda. É preciso que o professor na sala de aula tenha um pouco de paciência, de tolerância e às vezes analise cada caso. Cada aluno tem seu potencial, que precisa ser analisado, estudado. O professor hoje não é só um professor, ele é um filósofo para que ele possa realmente exercer a sua profissão.

SER PROFESSOR

Olha, na escola como professor, hoje como há vinte e cinco anos e trabalhando com Educação, eu acho que a Educação no Brasil não evoluiu. Nós vamos só com 5692 que foi um desastre. Mas se você hoje olhar o educador pelo seu salário, pela dificuldade que ele passa, pelo pouco interesse pela Educação, pelos desgovernos de hoje da nação, a Educação não tem evoluído, apesar de termos no Brasil grandes educadores, grandes professores. Eu poderia citar aqui em Santa Catarina o Jairo Maião, o Áquila Abraão, o Rubens Ulicéia, o Osvaldo Cabral e tantos outros educadores, mas, infelizmente, o que nos falta hoje são condições de trabalho e um salário digno.

*Aida Pereira da Rosa*¹²

Nascida em Araranguá / SC, em 26 de julho de 1926.

VIDA PRIVADA

A FAMÍLIA

A primeira escola em que minha mãe trabalhou, não lembro o bairro nem a localidade, mas foi em Araranguá, na roça, escolinha de madeira, que tinha a sala de aula e a casa da professora junto. Era uma região de colonos italianos, muito esforçados; era boa a frequência dos alunos, o interesse deles. Os pais também colaboravam muito. Depois, ela foi transferida para trabalhar numa escola aqui em Imbituba, porque meu pai veio trabalhar na Companhia. A primeira, antes do grupo, foi uma escola isolada. Ali eu também estive pouco tempo; depois fui para Araranguá Dali ela foi para a Vila Nova. Ela se esforçava pelo ensino. Os professores se esforçavam muito. Os alunos na primeira série só saíam se sabiam ler direitinho e as quatro operações, para ir lá para a segunda série.

12 ROSA, Aida Pereira da. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira. Imbituba, 5 de março de 1994. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

A ESCOLA

INGRESSO

Estive só uns anos em Araranguá. É escola comum. Estudei no primeiro grupo que criaram lá, e fiz o segundo e o terceiro ano. Um estudo muito esforçado. Uma época muito boa. O primeiro ano eu não fiz em uma escola. A minha mãe era professora e onde ela ia eu ia atrás, estudando ora numa escola, ora noutra. Depois até não fiz o primeiro ano completo e fiz exame, o exame vago, para o segundo ano, em Araranguá e fiquei lá, dois anos. Eu fui matriculada na primeira série, mas não freqüentava, porque tinha a minha irmã mais velha e ela estava mais adiantada, e tinha a pequena: então a minha mãe levava a mais velha e eu ficava com a mais pequena, quase não freqüentei. Foi por isso que eu fiz exame vago lá. Não deu para terminar a série. Aí meu pai escreveu para a diretora e fiz este exame vago. Esse exame foi feito com uma professora numa sala. Ela ia exigindo, mandando eu escrever no quadro várias palavras. Escrevi, fiz continhas, li o livro. Era mesmo como um exame, porque naquele tempo os exames eram quase todos orais. Não tinha nada registrado da primeira série. Aqui em Imbituba fiz a quarta série. A segunda e terceira, em Araranguá. Até aconteceu um fato. Quase tive que repetir a quarta série, porque o ensino aqui era bem mais forte do que lá. Até meu pai ficou chateado porque as notas estavam baixas, mas a d. Eliza - que era de Araranguá e foi a primeira diretora - sabia como tinha trabalhado lá. Ela veio para Imbituba como diretora. Conversando com meu pai, que achava que tinha de chamar minha atenção, ela disse a ele que os alunos daqui eram bem mais fortes do que

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

os alunos de Araranguá. Eu custei a vencer. Estudei até o Complementar, que correspondia às primeiras séries do Ginásio, e dei aulas quase dez anos como complementarista. Depois é que fiz mais dois anos e completei o Ginásio. Depois de mais de três anos complementei o Normal, que agora é o Magistério.

ASPECTOS FÍSICOS DA ESCOLA

Na primeira escola em que minha mãe trabalhou, tanto lá como aqui em Vila Nova – que foi quando ela me passou pra cá -, as carteiras eram grandes. Nelas cabiam sete ou oito alunos. Nas salas de alvenaria ficavam, às vezes, cinqüenta, sessenta alunos ali dentro, amontoadinhos. Em Araranguá, eram meninos numa sala e meninas noutra. Tudo separado. Não sei explicar o motivo; preconceito, talvez. E eram em carteiras individuais. Quando vim estudar em Ibituba, já não era mais assim. Mas em Vila Nova, onde estudei por pouco tempo, também eram separados os meninos das meninas. Quando eu estava na primeira série, estudava com outra professora, pois minha mãe cuidava dos meninos, e essa professora cuidava das meninas. Em Araranguá, quando fiz a segunda e a terceira série, as carteiras eram para dois alunos. Era mais cômodo e mais fácil. Eu achei que era bem melhor para a gente se movimentar, para o professor chegar no aluno; tinha bem mais vantagens. A escola era bem longinho. Ficava bem pertinho da casa de um senhor que era como se fosse o coronel da região. As outras casas ficavam todas longe de tudo; a igreja era longe; as casas ficavam bem isoladas. E foi esse coronel que mandou construir a escola. Mas acho que professores ele não indicava; acho que vinham de Araranguá, do município.

MATERIAIS DIDÁTICOS

Quando eu comecei a estudar, era a lousa. Fazia e apagava, fazia e apagava. Caderno, dificilmente se tinha; no máximo, um ou dois. O resto era tudo na lousa. A lousa tinha mais ou menos uns trinta centímetros. Não havia outro material. Naquela época a gente custava ter essas coisas. A lousa era preta. A gente escrevia com um tipo de lápis, que também era preto, mas a gente escrevia e ficava branco, ficava como um giz no quadro. A gente fazia a ponta e gastava. Isso, depois, desapareceu. Com o uso da lousa não ficava nada registrado. Para corrigir, a professora tinha que ir lá e corrigir na hora, porque dali a pouco ela ia precisar da lousa de novo, e por isso apagava.

Achei péssimo o uso da lousa. Gostei muito mais do uso do papel. Na segunda série ainda se usava a lousa. Em seguida ela foi eliminada e só ficou o papel. Quando eu entrei na terceira série, em Araranguá, tinha-se apenas o caderno. O manuseio da lousa exigia cuidado, embora não quebrasse fácil. Agora, uma batida mais forte... A lousa era como um quadro, feita a partir da lâmina de ardósia, enquadrada numa moldura de madeira para nela se escrever ou desenhar. O lápis era do mesmo material: lápis de lousa, que era como se chamava. Era um bastãozinho, um pouco menor que a caneta esferográfica. redondinho. Aquilo ali desgastava a lousa. É como pegar um carvão, um lápis comum. O lápis de lousa não era totalmente redondo; tinha três lados e tinha faces arredondadas, não era de quina. Quase uma grafite, só que era mais grosso. Tinha outra preocupação: o moleque não podia usar a lousa. Se o moleque usasse a lousa, ele esfregava, dava nas costas do outro, quebrava, pintava-o-caneco e não podia fazer isso. Ia na escola e se levasse debaixo do braço, tomava-se

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

cuidado para não encostar o braço, pois apagaria tudo o que estava escrito. Algumas crianças levavam a lousa dentro de uma bolsinha estreitinha, de dois panos - que não era comprada, mas feita pelas mães - que se fechava e botava ali a lousa. Eu carregava meu material numa pasta que já existia naquela época.

METODOLOGIA

Minha mãe, para alfabetizar - eu lembro muito bem que ela ficava muito tempo no alfabeto – ensinava o alfabeto em etapas. A primeira etapa era de A a J, depois outra etapa, e enfim vinha a nota. Depois é que passava para as sílabas, depois para as palavras. Até a segunda série, como o uso do papel era difícil e pouco se usava, o aluno ia para o quadro, escrevia o que mandavam - era ditado. Lembro bem que depois que eu vim para Imbituba é que ouvi falar em redação. Não sabia o que era uma redação Não se mandava fazer carta, bilhetinho, nada. Era só ditado. Talvez por falta mesmo do papel. Na lousa. A professora recolhia a lousa para corrigir.

Havia professores que se movimentavam entre os alunos; a maioria, porém, ficava na frente, principalmente nas salas com essas carteiras grandes, pois era difícil do professor chegar lá. Ela chamava o aluno na mesa, quase sempre ia para o quadro. Ela ficava lá sentada, não tinha nem como se movimentar. Era muito apertado, não tinha espaço. O professor, no primeiro ano, utilizava a “Cartilha do Boi”. Na primeira lição tinha um boi, por isso esse nome. Depois veio a cartilha analítica. Tinha desde o livro do primeiro ano, depois o do segundo, do terceiro, um para cada ano.

DISCIPLINAS/ATIVIDADES NA ESCOLA

Da primeira à quarta série, tínhamos no currículo as disciplinas de História, Geografia, Português e Ciências. Língua ainda não havia, só Artística, Religião e outras disciplinas que agora se dão na quarta série. A Educação Física, em Araranguá, começou a ser dada durante a guerra. Havia um destacamento do exército e o sargento é que dava essa aula de Educação Física. Eram muitos exercícios. Num dia a aula era para as meninas; noutro para os meninos. Naquela época eram aulas em dois dias da semana.

HONRA AO MÉRITO

Havia o livro de honra, no qual os alunos que tinham a melhor nota, que não tinham faltas, assinavam. Quando eu era aluna não assinava. E ganhava um prêmio no fim do ano: uma caneta, um caderno, uma caixa de lápis de cor. Era o que o professor podia, o que a escola podia.

O RECREIO/BRINCADEIRAS

Na hora das brincadeiras a gente brincava de roda, de amarelinha, de jogar cinco-marias, bule-perde. Brincava com três saquinhos cheios de arroz: a gente jogava para cima. A gente chamava maria ou bule-perde, porque se a gente ia jogar um saquinho daquele para dentro e se batia no outro que estava próximo, perdia. Então, se bulir, perde. Já os meninos brincavam de correr, de esconder, de pegar. Os meninos e

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

meninas brincavam separados. Quando minha mãe começou a lecionar, eu estudava junto com ela, pois morávamos na casa da escola. Era muito bom. Era muito criança, mas me lembro que a gente, às vezes, na hora da brincadeira, ao invés de ir para a rua ia para a sala de aula e brincava de professora, estudando com os irmãos. Estudando não, brincando mesmo; brincava de escrever. E a escola, como ficava no alto do morro, tinha uma vista muito bonita.

CASTIGOS

Eu nunca fui castigada. Mas tinha alguns que ganhavam o castigo. Na minha época não tinha muita rebeldia, pelo menos nas escolas em que estudei. Quando era preciso, os professores aplicavam. Na segunda e terceira série, eu tive um professor muito enérgico; ninguém piava na sala. Era o professor Mário de Oliveira Goeldener, de Florianópolis. Tinha uma linha dura; era autoritário, gritava muito. Mas era compreensivo, tratava bem as crianças. Só era enérgico. Crianças não faziam bagunça na aula dele.

UNIFORMES

Tínhamos dois uniformes: o diário, que era um guardapozinho por cima de qualquer roupa, begezinho; e o que se usava nas festas: uma blusa branca de manga comprida e uma saíinha pregueada, branca também. Os meninos acho que também usavam guarda-pó. E era calça branca. Sempre tinha que ser compridinha. Naquela época os meninos usavam calça comprida e blusa branca, nos dias de festas.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL/DOCÊNCIA

INGRESSO

Minha mãe era professora. Como ficava muito tempo com ela, íamos para a escola juntas. Acho que isso acabou influenciando a opção pelo magistério. A gente diz que não quer, sabe que é uma profissão que sacrifica muito. A minha filha mais velha não queria nem ouvir que falasse em ser professora, mas como é um meio mais fácil de arranjar emprego, ela começou, porém, saiu. Agora, está muito sacrificado mesmo; o professor ganha uma miséria. E como havia muita falta de professores, e por ter concluído o Curso Complementar, a gente começava a ser professora a partir dali mesmo. A minha mãe fez até o quarto ano, mas o que ela sabia equiparava-se ao de um professor com magistério, porque naquela época era muito difícil: dava-se no primário coisa que hoje não se dá mais.

Comecei a lecionar num povoado em Araranguá. Um lugar onde moravam meus avós, meus tios. Lá é que eu comecei a trabalhar. A minha prima trabalhava lá. Ela casou e abandonou a escola e eu fiquei no lugar dela. Quando saí de Araranguá para Vila Nova, em Imbituba, ainda não existia o Grupo Escolar. Nos meus primeiros dois anos eles criaram o Grupo Escolar, que funcionou ali onde é a rádio. Aí achei que já era muita mudança. Já havia carteiras para dois. Achei bastante modificado e para melhor. Dava aulas no período das oito ao meio-dia e da uma às cinco. Depois, quando passou para o Grupo, foi aumentando o número de classes. Quando era escola isolada, era das oito às onze, das onze às duas e das duas às cinco. Durante muitos anos funcionou assim em Vila Nova. Uma vez, trabalhei das onze às duas e das duas às cinco, direto.

A ESCOLA

Com a criação do Grupo Escolar em Vila Nova, onde as salas de aula ficaram com tamanho maior, de acordo com o estabelecido pela Secretaria da Educação, ficou bem mais fácil de a gente trabalhar, de se movimentar entre as carteiras, de atender os alunos aqui e ali. A escola em que comecei a lecionar possuía carteiras grandes, mas para cada dois alunos, só que tinha mais espaço, pouco aluno e era de primeira à terceira série.

Sempre tive pavor! Um ano inteiro com três turmas numa única sala de aula, da primeira à terceira série. Não existia a quarta série. Havia uns dez alunos na primeira série, que naquele tempo era o primeiro ano; mais ou menos o mesmo número no segundo e, no terceiro ano, seis ou oito alunos, não passava disso.

MATERIAIS DIDÁTICOS

Nas carteiras escolares em Vila Nova os alunos já contavam com a caneta tinteiro presa nas carteiras, evitando que pudessem virar o tinteiro em cima do caderno. Então a gente quase não se atrapalhava; mas quando não tinha, se fazia muita sujeira,. Às vezes, a caneta saía mais cheia e borrava tudo. Eu usava muito o quadro para registrar as minhas aulas, para os deveres. Era muito bom. Em Vila Nova havia até dois quadros grandes e a gente aproveitava bem. No começo, não. Quando eu comecei, chamava-se Escola Reunida em Vila Nova. Era tudo apertadinho. Depois que passou a grupo, melhorou muito. Os alunos geralmente usavam uma bolsinha de brim fininha e carregavam a lousa dentro dessa sacola,

principalmente os rapazes, para evitar roçar a lousa no corpo e apagar o que estava escrito.

METODOLOGIA

Quando eu comecei a lecionar, eu dizia que era alfabetizadora; começava pelo alfabeto. Eu não sei, não tenho noção do qual era a metodologia, mas eu sei que logo que eu comecei a ensinar, uns dois anos depois, começamos com o método analítico. Aí é que eu soube o que era o método analítico, porque eu não tinha ainda nem o Normal. Era apenas complementarista. Quando comecei a trabalhar não tinha nem o Ginásio completo. Minha mãe também não tinha. Primeiramente, a gente dava letras, depois as sílabas e depois as palavras. Esse método era uma cartilha nova e eu tinha orientações para ensinar dessa maneira. Eu dava uma historinha, uma historieta para o aluno, que constava no livro. Dessa história é que tirava as palavras e das palavras as sílabas. Já o método analítico era o contrário. Dava uma historinha, tirava as palavras, depois as sílabas e com aquelas sílabas fazia outras palavras. Eu achei esse método bem melhor, mais interessante para a criança e também para o professor, porque ficar só naquilo... Às vezes o aluno ficava até no J o ano inteiro, não conseguia sair dali. E eu achei que teve muita melhora no aprendizado com esse método analítico. Passei muito trabalho para ensinar, porque a diretora exigia que se desenhassem no quadro e nas tarefas as figuras da lição e eu não sabia desenhar muito bem. Aprendi a desenhar porque ela exigia. Quando chegava na escola - naquela época não se usavam cartazes, aliás quase não se falava em cartazes -, tinha que desenhar um cavalo, o que tivesse na lição.

A gente passava no quadro as lições, mandava eles lerem. Às vezes liam no livro, mas quase sempre no quadro. Mandava ler em conjunto. Depois um lia, perguntava as palavras sorteadas, perguntava as sílabas, às vezes fazia sílabas em cartolina para eles montarem. Seguindo esse método, primeiro dava a lição, depois tirava as sílabas, transcrevia as sílabas nas cartolinas. Os alunos montavam outras palavras ou as palavras no quadro. Mandava eles escreverem outras palavras. Pelo que me lembro, era bem isso que a gente fazia. Variava bastante. Por serem turmas reunidas numa sala de aula, primeiro fazia a chamada da primeira série masculino e feminino, depois a segunda masculino e feminino. Era num livro só, mas separado por ano. Naquela época, era por ano e não por série. Era primeiro ano, segundo ano.

A gente sempre fazia o plano de aula. Quase sempre seguia o que tinha planejado, mas às vezes a gente ia com tudo na cabeça. Quando chegava lá, nem sempre era possível entrar direto no assunto. Por isso a gente começava alguma coisa e depois tinha que desenvolver o assunto. Dava da maneira que era possível. Às vezes ficava meio tansa, não sabia nem por onde começar, mas era uma escola municipal, tinha que ensinar. Então, ficava da melhor maneira possível. Eu me ergui como professora. Sei que não fui das piores. Depois fui trabalhar perto da minha mãe, porque ela me ajudava. No início, quando comecei a trabalhar no primário, no primeiro ano, a gente só trabalhava na sala da aula; dificilmente saía, a menos que não fosse para ensaiar uma coisa, ensaiar uma marcha. Depois que fiz o Normal e veio a lei que dizia que a gente devia levar o aluno para conhecer alguma coisa, eu achei isso importante. Nessa época a gente levava os alunos para mostrar a eles a praia, a ilha; levava até uma igreja para aprender a fazer orações. Fazia entrevista com os alunos. Isso eu achei muito importante. Eu tinha um aluno, 'tadinho', que não conseguia

escrever uma palavrinha. Nem o próprio nome ele aprendeu. Eu fui fazer um passeio desses e depois pedi que, quem soubesse escrever, escrevesse, e quem não soubesse contasse o que tinha visto. Eu fiquei admirada porque esse menino, que era bem tímido e não conseguia aprender, narrou tudo tão certinho, tudo tão direitinho, contando como se fosse uma história! Eu achei muito importante isso. Achei que entrevistar pessoas foi muito bom, principalmente na primeira série, e eles faziam direitinho. A gente pensa assim: “O que será que eles vão perguntar?” Mas não precisava dizer a eles o que perguntar. Eles sempre achavam o que perguntar, sempre achavam o que contar, quando era para contar. Isto me marcou tanto que eu nunca esqueço. Também não esqueço, que uma vez eu fui trabalhar com uma quarta série. Eu disse: “Gente, vamos fazer uma redação. Aí um dizia: eu não sei o que fazer. Eu respondia: redação de qualquer coisa. O que pode ser? Pode ser de um quadro, eu respondia. E ele: eu não tenho quadro em casa. Pois fica na frente da janela e desenvolve, eu sugeria, escreve o que tu está vendo. E saiu cada redação bonita!

Eu acho que se a gente motiva as crianças, elas sempre fazem alguma coisa boa. Eu não esqueço esse menino. Tinha pena dele. Ele era muito esforçado. Não conseguia aprender nada, mas conseguiu contar direitinho o que viu e contou como se fosse uma pessoa que soubesse mesmo. Tudo a gente começa a contar, como estou fazendo agora. Conto um pedaço daqui, um pedaço dali e ele disse direitinho. Acho muito bom levar criança a outros ambientes e não ficar apenas na sala de aula. Eles se interessam mais, ficam contentes e aprendem bastante também.

DISCIPLINAS/ATIVIDADES NA ESCOLA

Na escola havia dias de festas: Sete de Setembro, como sempre, o dia da criação da escola, festas juninas... Havia festas em benefício da escola... Só lembro dessas. Quase não se falava no Dia do Índio. Só ouvi falar deste dia depois de muito tempo. Já não estava mais trabalhando em classe. Antes, a gente nem ouvia falar. Os meios de comunicação é que ativaram essas datas. Por ser do interior, havia falta de comunicação. Existia o rádio, mas dificilmente dava informações desse tipo. Sempre se fazia uma festinha com os alunos. A gente celebrava e estudava. Coisas da época. Nunca esqueci as festas do Dia da Árvore, o Sete de Setembro, uma festinha junina. A gente estudava História, Geografia. Lembro que depois que fiz o Normal é que comecei a estimular os meus alunos a fazer experiências sobre Ciências, a apresentar cartazes. Mas foi só depois que estudei o Normal e quando já tinha mais de dez anos de trabalho.

Uma dessas experiências era mostrar como não apenas o calor ou o sol que fazia secar a roupa ou evaporar a água. Mandava que molhassem um lençinho e o pendurassem na sombra, e observassem como o vento também secava.

Outra coisa que lembro era a comemoração do Dia da Árvore, no dia vinte e um de setembro. Fazia os alunos plantarem flores ou uma árvore. No fim do ano a gente sempre fazia festas de encerramento. Era uma festa bonita. Agora, quase ninguém mais faz.

Naquele tempo havia aula de canto. Não era obrigatória, mas a diretora sempre pedia que a gente ensaiasse um canto com os alunos. Era Cantiga de Roda, Hino Nacional... Era uma vez por semana, ou de quinze em quinze dias. Hoje é difícil eles fazerem esses cantos, mas nós fazíamos.

CASTIGOS

Eu não gostava muito de castigo. Lá uma vez, passava. Quando eu trabalhava lá em Araranguá, se fosse preciso, mandava fazer uma cópia. Já em Vila Nova, eu dava castigo. Uma vez o inspetor me pegou! É proibido dar castigo. Ele me pegou com uma porção de alunos depois da aula numa salinha apertada. Ele perguntou por que eu estava com eles ali. Eu respondi que eles estavam pagando castigo. Por que estão de castigo? Eles não fazem deveres de casa. Por isso eles fazem aqui, depois da aula. Ele achou que eu estava certa e deixou. Dava, assim, para um aluno que não fazia o que era para fazer.

UNIFORME

Na primeira escola em que trabalhei os alunos não eram uniformizados. Era uma escola municipal, pobre, e os alunos eram filhos de lavradores. Não tinham. Já em Vila Nova existia uniforme. Era sainha azul para as meninas.

AS DIFICULDADES

Trabalhei apenas um ano com uma sala com três turmas reunidas e achei pavoroso. Às vezes, uma turma ficava esperando que a gente desse uma coisa para a outra turma. Era um quadro só, pequeno. A gente não tinha ainda como passar matéria. Faça isso enquanto passo aquilo. Era muito trabalhoso. Sei que não produzi muito. Passava pouco aos alunos. Aprenderam, acho que mais por esforço próprio, porque não tinha como dividir. Minha mãe

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

conseguia, mas eu não conseguia dar matéria para uma turma, principalmente no primeiro ano, enquanto atendia os outros do outro ano. Uma turma precisava ficar quieta enquanto trabalhava com a outra. Por sorte, o primeiro ano ficava parado; os alunos eram quietinhos. Enquanto eu dava matéria para o segundo e para outras séries eles ficavam esperando até que eu pudesse atendê-los. Era até possível que se confundissem com as matérias, mas eu não tinha tempo para perceber. Infelizmente ou felizmente, foi só um ano só, depois desisti, acho até que fecharam a escola.

PROFISSÃO/PROFESSOR

Na minha opinião, o professor antes tinha mais trabalho num certo aspecto. Não tinha ajuda da televisão, do cartaz, mas, em compensação, os alunos eram mais fáceis de lidar. Hoje em dia é difícil o professor ficar na sala sem se incomodar. E também porque as crianças hoje são educadas diferente, com mais liberdade. Eu acho que há pais que acham que devem deixar a criança à vontade, por isso deixam fazer tudo que querem. Quando chega na escola, a criança acha que deve fazer tudo o que quer. A meu ver, isto não está correto. Antes, os alunos iam para escola sabendo que o professor era uma autoridade, que tinha que ser obedecido tanto quanto o pai e a mãe. Naquele tempo os alunos tinham receio, porque poderiam ser castigados. Agora é tudo proibido. Não se pode castigar. Acho que isso faz com que os alunos se sintam totalmente à vontade. Minha neta me contou uma vez que não tinha um dia que o professor da disciplina não reclamasse da disciplina. Os alunos estão acostumados a fazer o que bem entendem na sala; não respeitam o professor.

OS INSPETORES

O inspetor não cobrava dos alunos, cobrava de nós professores. Às vezes ele fazia umas perguntas para os alunos, mas tinha mais a ver com o professor. Com o professor, ele olhava a chamada, verificava se o material estava em ordem. Ele fiscalizava o serviço do professor.

OUTRAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS

Por um tempo, fui diretora no colégio em Vila Nova. Como diretora, no começo tive muito apoio dos professores; foi tudo muito bom. A gente se incomodava muito com pai de aluno, com aluno, porque eles tinham problemas e vinham reclamar. Enquanto foi assim, foi muito bom. Depois, os professores começaram a abusar, a aproveitar. Não deu mais certo e pedi demissão.

*Albi Pereira*¹³

Nascido em 23 de abril de 1917.

VIDA PRIVADA

A FAMÍLIA

O meu pai chama-se Alcides Rosalino Pereira, e a mãe, Mauritânia do Carmo Pereira. Tinha um irmão, mas ele já faleceu. O nome dele era Osno Eliseu Pereira.

A ESCOLA

ASPECTOS FÍSICOS DA ESCOLA

Entrei na escola com seis anos de idade. Era uma escola isolada, sediada no Saco dos Limões, cuja professora-dirigente era a minha mãe. Era um tempo em que existiam as escolas isoladas nos bairros, que iam só até o terceiro ano. A escola era um casarão, à beira da estrada, à frente de um pasto grande, um gramado, onde os alunos brincavam na hora do recreio. Tinha a sala principal da casa,

13 PEREIRA, Albi. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira. Florianópolis, 25 de outubro de 1994. Disponível no Museu da Escola Catarinense.

onde morávamos, e outra sala grande. As carteiras eram bancos grandes em que sentavam os alunos de um lado e de outro. O número deles era de acordo com a Seção em que estavam. Tinha a Seção A, B e C do primeiro ano, do segundo ano e do terceiro ano. O terceiro ano era mais na frente; o segundo ano, no meio e o primeiro, atrás. Então, eram aqueles bancos com uma parte em cima para escrever. Não sei quantos alunos eram, mas eram em torno de doze por Seção.

MATERIAIS DIDÁTICOS

Naquele tempo não se usava o material como o caderno; era a lousa, um quadrado preto, revestido de madeira. Usava-se um lápis do qual saía a escrita branca. Caderno, só depois do terceiro ano.

METODOLOGIA

A professora é que fazia o seu método de ensino. Não tinha um método indicado. O professor é que aplicava o seu método. O método era de começar pela letra e ir até a palavra. Esse método, esse sistema é o seguinte: primeiro você aprendia a letra. O ABC: A, B, C, D, E, F, G, H, I, J (e naquele tempo ainda existia o K, que hoje não existe mais), L, M, N, O, P, Q, R, S, T, U, V, O, W (não existia), X, Y, Z. Você tinha que decorar aquele abecedário. Depois do ABC, você iria conhecer as sílabas: $b+a = ba$, $b+e = be$, $b+i = bi$, $b+o = bo$, $b+u = bu$, e assim por diante. Depois das sílabas, estudava as palavras. Primeiro se aprendiam as letras, depois as sílabas, depois a frase, a sentença. Depois é que vinham os significados, os sinônimos,

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

aquela coisa toda. Geografia era através do mapa. Não tinha o globo. Aliás, as escolas isoladas não eram bem aparelhadas como hoje, que já têm o globo, mapas, essas coisas todas. Mapa do Brasil e um mapa de Santa Catarina. Então, ia aprendendo os Estados, Municípios, etc... E ia assinalando no mapa. O ensino de História era contar a história. Ela ia dizendo a história, que naquela época da escola isolada só era a história do Brasil. Ela ia fazendo menção à Inconfidência Mineira... era mais ou menos isso.

DISCIPLINAS/ATIVIDADES NA ESCOLA

No primário, era Matemática, Português, História, Geografia, Ciências.

COMEMORAÇÕES CÍVICAS

As comemorações cívicas eram parecidas com as de hoje, só que nos grupos era uma comemoração interna. Então, existia uma saudação à bandeira: “Bandeira, símbolo querido da minha pátria, tu representas os nossos corações e os corações de nossos pais e amigos”. E assim por diante, aquela coisa. Tinha sempre uma aluna ou um aluno que sabia declamar melhor. Na escola complementar em Joinville eu tinha uma aluna que era muito falante, sabia declamar. Ela era a escolhida, não por mim, mas pelo diretor, para declamar nos dias de feriados. Tinha o dia vinte e um de abril, o três de maio. Dia três de maio, naquela época, comemorava-se o descobrimento do Brasil, que não é dia três de maio, mas o dia vinte e dois de abril.

AS PROVAS

As notas no grupo escolar não eram ditas. Eram feitas avaliações do aluno dentro da escola. Não existiam as notas; era a professora ou o professor. Só valia a nota final. No exame final, dava-se a nota e passava. Quem fazia o exame final era o professor mesmo. E tinha um particular: de vez em quando aparecia um inspetor que ia fazer a avaliação daquela escola.

O RECREIO/BRINCADEIRAS

O tempo de recreio era de meia hora. Havia uma Seção feminina e outra masculina. As meninas brincavam lá, e os meninos aqui, separados. Não é como hoje, tudo misturado. Era meia hora de recreio, onde se fazia lanche, comia-se pão com banana, aquela coisa toda.

CASTIGOS

Não se dava muito castigo. Antes, muito antes é que davam muitos castigos, davam com a régua na mão. No meu tempo já não era mais assim. A professora não dava muito castigo, só uma rebarbinha, assim, de ficar de joelho. A professora era a minha mãe e se fosse preciso, para dar exemplo, ela me pegava de vara de marmelo.

UNIFORMES

No primário não tinha uniforme. Depois do terceiro ano eu vim tirar o quarto ano no grupo escolar Lauro Muller,

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

onde tinha uniforme. A cor era cáqui, quase marrom, mais claro. Era uma espécie de bombacha que vinha até em cima do joelho; meias compridas e pretas, sapatos pretos normais. Não tinha camiseta. Era uma espécie de paletó, uma túnica, abotoada até o pescoço, como um militar. O botão não aparecia, era embutido. Era de manga comprida e boné de couro. A camiseta ficava por baixo. Às vezes nem se usava camiseta, só aquilo já era uniforme, de cor cáqui. O uniforme inteiro - paletó e calça - era cáqui.

OS INSPETORES

O trabalho do inspetor era ver como estava o desenvolvimento daqueles alunos. Ele fazia algumas perguntas, fazia alguma observação, e dali ele assinava uma ata, dando avaliação do desenvolvimento daquela escola isolada.

NAMORO

Naquele tempo não tinha namoro. Dentro da escola não existia. Só fora, isso com aluno do ginásio.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL/DOCÊNCIA

INGRESSO

Tirei o quarto ano no grupo escolar Lauro Muller. Neste grupo, na época, depois do quarto ano, a pessoa que podia fazer um exame par cursar o Ginásio Catarinense, aqui,

um dos melhores do Brasil, administrado por padres. Era famoso o Ginásio Catarinense, pois vinha gente de fora estudar aqui. Mas era para quem tinha dinheiro, quem podia pagar. Minha mãe não podia pagar; então eu fui tirar a escola complementar.

Depois do quarto ano do primário existia um curso, outra escola, de três anos: a escola complementar. Eu tirei a escola complementar no Grupo São José, que fica na Rua Padre Roma. Eu não sei se ainda é colégio. O seu diretor era o Frei Evaristo. Ali eu tirei o curso complementar, só que tem uma particularidade: eram três anos e eu tirei em quatro, pois rodei um ano. Porque, quando eu era moço, rapaz, eu sofria muito de asma; não era bronquite, era asma. Quando me atacava, não podia ir a aula. Então rodei um ano. Depois eu vim para a escola normal, hoje Instituto Estadual de Educação, que naquela época era a Escola Normal Catharinense, atualmente o prédio da Faculdade de Educação¹⁴, perto da Rua Hercílio Luz. Fiz o primeiro ano, o segundo, o terceiro e o quarto.

Quando terminei o curso normal, ingressei no magistério. Aqui, na época, não existia concurso. Você dava o nome e ingressava, porque faltava professor. Você dava o nome e o diploma, que já era uma credencial para ser professor. Eu ingressei no magistério como professor em Joinville, a maior, mais importante cidade em população, em importância mesmo, do Estado de Santa Catarina, o maior colégio eleitoral, uma cidade espetacular (mas a mais bonita é a ilha - Florianópolis). Lecionei três anos em Joinville.

Fui ser professor não do primário, mas do curso complementar, e só trabalhava à tarde. Eu dava aula de Português, Francês, História das Civilizações e Ciências. No primeiro ano eu dava quatro matérias na escola complementar.

14

Desde 2008 este prédio abriga o Museu da Escola Catarinense.

No segundo, eu comecei a trabalhar no grupo primário e no grupo complementar, porque ganhava mais, daí trabalhava o dia todo. Eu morava no centro da cidade, na Rua do Príncipe, e ia a pé até lá em cima onde fica a fábrica de um senhor que foi prefeito, do qual não lembro o nome. Eu lecionei no Grupo Escolar Germano Timm. Eu dava aula no primário de manhã e, à tarde, no curso complementar. Morava lá embaixo, na Rua do Príncipe, e vinha até em cima. Saía às onze e meia, vinha para cá, almoçava, descansava um pouquinho e voltava a pé. Dava as quatro matérias, voltava a pé, descansava na pensão - que era onde eu morava - para depois ir namorar. Isso em trinta e seis, trinta e sete, pois em quarenta eu vim para cá, para Florianópolis, porque o Dr. Nereu Ramos criou o Curso Provisório de Educação Física, um curso de um ano, porque os professores, à época, só davam uma recreaçõzinha, nenhuma ginástica. Então, ele criou este curso para os professores primários tirarem por conta do Estado, e eu vim pra cá. Só que lá em Joinville eu lecionando nos dois turnos; eu ganhava mais, ganhava o salário de professor primário e mais o de complementar, que dava mais ou menos quatrocentos e cinquenta mil réis. Ao vir para cá, perdi a metade, o salário de professor complementar. Eu ganhava como professor primário, fazendo o curso de Educação Física. Mas eu fazia este curso ganhando, e aquilo que perdia eu ganhava, porque estava em casa, não estava pagando.

Assim tirei o curso de Educação Física. Então, não queria mais ir para Joinville e ao perguntarem para onde eu queria ir, eu respondi que queria ir a Laguna. Naquele tempo não existia asfalto. Era uma estrada ruim e praia. Saía da estrada e pegava a praia e ia até Laguna. Lá fui eu ser somente professor de Educação Física, pois ganhava mais. No começo, eu só trabalhava no grupo; depois eu

passsei a ensinar Educação Física no Ginásio Lagunense, já recuperando aquilo que tinha perdido. Eu lecionava Educação Física no Grupo Escolar e na Seção feminina do Ginásio Lagunense. Todos os dias de manhã, às sete hora, estava dando Educação Física só para a Seção feminina. O outro colega meu dava para a Seção masculina.

METODOLOGIA

Quando fui professor de primário, a minha maneira de ensinar era igual às outras. A gente dava umas frases para eles fazerem em casa; em Matemática, umas contas, uns problemas. Então, ia corrigir aquilo e ver quem tinha acertado. O principal era Matemática e Português. Esse era o trabalho que se dava para a criança fazer em casa, de acordo com o que ela tinha aprendido na escola, no grupo. Depois a gente corrigia aquilo, olhava no caderno, via dois ou três problemas, mandava um no quadro e fazia o primeiro problema e ia corrigindo, ver se dava certo. Assim se fazia também em Português. Dava-se muita análise gramatical: adjetivo, substantivo, verbo. Os verbos eram decorados, decorados e eram ditos: “Eu amo, tu amas, ele ama, nós amamos, vós amais, eles amam. Eu corro, tu corres, ele corre, nós corremos, vós correis, eles correm”, assim. O aluno tinha que dizer isso, tinha que declamar os verbos de acordo com a frase.

DISCIPLINAS/ATIVIDADES NA ESCOLA

Durante a Segunda Guerra, eu lecionava. A gente tinha que fazer uma lição sobre a guerra, porque nos éramos aliados. Nós tínhamos que despertar no aluno aquele sentimento de

brasilidade, de nacionalismo, de patriotismo. Na época, tinha no currículo do curso complementar o Alemão. No ginásio, o Inglês. No complementar, o Alemão ou o Francês. Na minha zona, eu dava Francês; não gostava de Alemão. Francês eu sabia mais ou menos bem. Estudei Francês na Escola Normal.

Durante a Segunda Guerra, a gente tinha que conscientizar, porque lá em Joinville, terra de alemão, a maioria absoluta era descendente de alemão. Tinha que fazer algumas lições relacionando a guerra com a Alemanha, que era a pátria de alguns pais de alunos, talvez todos. Tínhamos que fazer uma programação de nacionalidade, entende? Seguíamos a orientação, eliminando muito a língua alemã. Dentro do grupo, o aluno não podia falar alemão; tinha que falar português e saber cantar e declamar o Hino Nacional: “Ouviram do Ipiranga às margens plácidas, de um povo heróico o brado retumbante”. Antigamente eu dizia direitinho, de cor. Tinha que saber também as saudações à bandeira. Além do Hino Nacional, tinha o Hino de Santa Catarina e o Hino à Bandeira. Eram três hinos principais. Havia também o Hino da Independência. A gente tinha que ensinar tudo o que tinha relação com nacionalismo, com o Brasi,. Os alunos tinham que saber de cor estes hinos. Diariamente, quando se entrava na sala de aula, cantava-se o Hino Nacional, de pé, antes de sentar: “Ouviram do Ipiranga às margens plácidas...”. Só a primeira parte: “Do que a terra mais garrida teus risonhos lindos campos têm mais flores, nossos bosques têm mais vida...”, daí por diante. Depois mandava sentar e ali começava a aula.

Primeiro a correção dos deveres; depois é que vinha o resto. Esse era o método da época. Na época da Educação Física já foi diferente. Eu dava para o primeiro ano, segundo, terceiro e quarto, no primário masculino e feminino. Eu dava sete aulas por dia. Às sete horas da manhã eu estava

dando aula para a Seção feminina do Ginásio Lagunense. O método aplicado nas aulas de Educação Física era o método francês. É um método eclético, que abrange vários métodos. O método sueco era outro método, que agrupou o alemão e fez um método completo.

Eu tinha o meu programa de Educação Física para dar, não importava o método. Tinha um caderno para a educação primária e para a educação secundária. O exercício que eu dava era para criança do primeiro ano, do segundo ano e coisa e tal. Primeiro, agrupava os alunos, fazia filas e nomeava, de acordo com a quantidade de alunos, as posições. Se você era grande, era quatro. Um, dois, três, quatro. Isso era fileira. Depois número um, um passo à frente; ficavam o dois, o três e o quatro atrás. Eram três passos à frente, ficava atrás do primeiro, e assim por diante. Assim formava uma pirâmide de quatro. Aí mandava aqui para a esquerda. Se fosse para lá, esquerda vamos ver. Então ficava assim: quatro por dez, um pelotão de aluno, masculino ou feminino. Os meninos usavam calção e as meninas usavam uma bombacha até acima do joelho, com elástico. Na época, elas não mostravam as pernas; elas tinham vergonha. Mas a gente também não tinha intenção nenhuma.

Dava-se Educação Física para o masculino e para o feminino; no Ginásio Lagunense, só para a Seção feminina, seguindo o método de Educação Física. O método tem três partes: a preparatória, a educação física propriamente dita, e a calma, que era para depois de dar todas as categorias: familiar, marchar, trepar, saltar, correr, lançar, atacar e defender-se. Marchar: primeiro você manda marchar. Trepar: fazia a suspensão, apoio. Saltar: fazia o educativo de salto. Depois a aplicação: fazia o salto. Correr: fazia a corrida, uma corrida pequena, mais devagar. No método francês, a cada lição havia dois jogos. Jogos de brincadeiras, como o chicote queimado. Fazia aquela roda e pá, pá, pá, tudo

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

aquilo, mas não é porrada na cara. É o tempo da própria lição. Dois jogos na lição propriamente dita.

Havia o preparatório, os flexionamentos e a lição propriamente dita. Nos flexionamentos, braço, perna, caixa torácica, tronco. Eram duas categorias de flexionamentos para a caixa torácica: aspirar e expirar. Aspira o ar e solta pelo nariz. Aí não é exercício respiratório, é para a caixa torácica. O respiratório é para quando terminava a lição. Quando estava muito cansado, você ia fazer a calma, dava uma marcha lenta e fazia o exercício respiratório. Ia fazendo devagar. Depois mandava parar e fazer mais uma marcha, mandava cantar e assoviar para ver se estava cansado. O cara cansado que for assoviar custa e também custa cantar. Este era o final da lição.

NAMORO

Nem na escola complementar tinha, que já tinha tirado o grupo; a escola primária não tinha. No ginásio, sim. Na época, o Ginásio Lagunense era o único do Sul congregado, assim, todo o Sul. Nunca apareceu aluna ou professora grávida. Existia muito respeito entre professores e alunos, de professores com professores. Dificilmente você namorava uma professora. Pelo menos no tempo em que trabalhei. Eu, namorar uma professora, não. Dava-me muito bem com elas; tinha intimidade, mas intimidade respeitosa. Namoro, não.

OUTRAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS

Em 1940, eu vim para Florianópolis. Aqui eu fiz concurso para a Previdência. Passei e trabalhei neste por vinte e cinco anos. O primeiro órgão em que trabalhei foi o IPASE

(Instituto de Previdência dos Servidores do Estado). Este estado é Estado Federal. Eram os funcionários federais que contribuíam obrigatoriamente para o IPASE. Trabalhei vinte e cinco anos no IPASE como escriturário, e ali eu fui desenvolvendo. Quando estava tudo bem, o IPASE tinha uma carteira de seguro de vida só para os funcionários federais, que eram contribuintes obrigatórios. Contribuíam com cinco por cento com o que hoje é uma coisa só, a Previdência. Depois, desenvolveram a carteira e designaram um funcionário para estender a carteira ao Estado, não sendo mais só para funcionário. Eu fui o escolhido e passei de funcionário interno para funcionário externo. Então, eles me davam uma viagem e eu viajava. Organizei o Estado todo, nomeando corretores e agência. Eles extinguiram naquela época a carteira de seguro do IPASE, não sei por quê. Talvez porque os segurados tivessem reclamado, pois o IPASE, no setor de seguros, fazia concorrência e oferecia mais vantagens. O IPASE tinha o código de averbação e os funcionários averbavam em folha; assim, era importante esse código de averbação que só o IPASE tinha.

Escolhido para organizar o setor de seguros no Estado, eu viajava o Estado todo, nomeando agentes e corretores para eles fazerem os seguros para os funcionários. Eu ia a Joinville, na exatoria estadual, que era o nosso curricular obrigatório. Eles indicavam pessoas, até o exator estadual indicava a sua mulher, a sua filha. Só não podia ser funcionário. Assim eu organizei o Estado todo. Depois que eu organizei o Estado todo, eles eliminaram a carteira de seguro do IPASE, pois as seguradoras reclamavam. O IPASE tinha certa carteira no Brasil todo, não era só aqui, devido ao código de averbação, pois toda repartição tinha a sua folha, e era descontado em folha. Era uma carteira muito grande, no Brasil inteiro, era uma responsabilidade. Depois criaram a Federal de Seguros, cujo acionista principal era o IPASE,

mas que operava como particular, como a Sul América. Então, eu deixei o serviço público, deixei de ser funcionário público para ser funcionário de seguradora, regido pela CLT. Trabalhei na seguradora que passou a funcionar como empresa privada, não mais pública. Tive que pedir demissão do IPASE para trabalhar numa empresa privada, que era a federal. Ali trabalhei treze anos. Os corretores que eu tinha indicado passaram a ser corretores da federal, e aquela carteira passou para carta no Brasil todo. Tive aí um desenvolvimento bom, pois a federal começou como representação e depois passou a sucursal, em virtude do desenvolvimento do próprio órgão. Eu passei a gerente da sucursal. Ganhava mais. Quando estava tudo bom, depois de trabalhar treze anos, venderam a federal, não só aqui, mas no Brasil inteiro. Todos os funcionários foram demitidos, inclusive eu, e como já tinha tempo de serviço suficiente, pedi aposentadoria.

Na época, quando eu trabalhava como gerente da sucursal, eu ganhava trezentos e cinquenta mil réis por mês, um salário bom para a época. Recebia, inclusive, algumas comissões - comissão de seguros, de corretagem, uma comissão de imprensa, do órgão -; eu faturava bem. Quando venderam a Federal, me demitiram, a mim e a mais setecentos e cinquenta funcionários no Brasil todo. Quando eu me aposentei, comecei a ganhar cento e vinte. Sofri. Outra coisa, esta casa foi comprada pelo IPASE.

Almerinda da Silva Fernandes¹⁵

Nascida em Imbituba / SC, em 22 de dezembro de 1914.

VIDA PRIVADA

A FAMÍLIA

Meu pai chama-se Pedro Augusto da Silva e a minha mãe, Maria Pereira da Silva.

A ESCOLA

INGRESSO

Eu entrei na escola em Roça Grande, com oito anos. Depois de algum tempo fui estudar em Ibiraquera. Lá fiquei por quatro anos com a minha irmã. Foi onde fiz a terceira e a quarta série. Lá só tinha até o terceiro ano; a quarta série eu fiz porque a minha irmã era formada e eu estudei com ela, que me dava aulas em particular. Para visitar meus pais em Roça Grande, nós íamos a cavalo, de carroça, a pé, tudo assim... Não tinha condução, não tinha ônibus, nada. A quarta série eu fiz no centro de Imbituba, no antigo prédio da prefeitura,

15 FERNANDES, Almerinda da Silva. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira. Imbituba, 4 de janeiro de 1995. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

onde atualmente é a rádio, onde fica o Manoel Martins. Ali é que era o grupo, a Escola Básica Henrique Lage. Depois da quarta série eu voltei para casa.

ASPECTOS FÍSICOS DA ESCOLA

Em Roça Grande, a escola era uma casa de madeira, meio velha, mas linda. Tinha uma sala só. Não era forrada. A sala estava sempre esburacada. Era uma salinha pobre. Dentro da sala tinha um quadro negro, carteiras - grandes; não eram individuais. Eu acho que eram uns seis alunos na carteira. Naquele tempo eram matriculados quarenta, cinqüenta alunos, mais ou menos isso. Todas as séries primeira, segunda e terceira - funcionavam juntas. Em Ibiraquera, onde estudei com minha irmã, a escola era uma casinha de barro, bem pobre mesmo. A sala de aula era grande, com aquelas carteiras grandes, de seis, e algumas de oito alunos. Tinha o primeiro e o segundo ano de manhã; o terceiro e o quarto, à tarde. A professora morava na mesma casa da escola, que era uma sala. Tinha um quadro e um mapa, só. Não tinha banheiro. Quando as crianças precisavam, iam no mato, lá fora, na rua, pois nem patente de madeira havia. A Escola Básica Henrique Lage tinha dois pisos: o de baixo e o de cima. A escola funcionava nos dois andares. As carteiras eram de dois. Tinha diversas professoras. A dona Francinha, já falecida, foi minha professora.

MATERIAIS DIDÁTICOS

Naquele tempo usávamos lousa e alguns cadernos. A lousa era um quadrinho pretinho, no qual a gente escrevia

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

com um lápis de lousa. Tinha muitos que traziam lousa; outros, um pedacinho de lousa. Quando era para fazer as provas, nós tínhamos os caderninhos. Então, e só então, usávamos a tinta, não dessas canetas que se usam agora, mas as de tinteiro, com pena. Muitos faziam da pena de galinha uma pena para escrever. Muitos não tinham a pena; eram apenas uns quatro que tinham. Para carregar o material, eu tinha uma bolsa de pano, que se chamava cartapasso. Naquele tempo era tudo feito em casa. Não existia pasta como existe hoje. No primeiro ano tinha a Cartilha do Boi, BA BE BI BO BU. Depois tinha o livro do primeiro ano.

METODOLOGIA

Ela começava com o ABC todo, o abecedário. O a, e, i, o, u. O bá, bé, bi, bó, bu, e continuava até o fim do abecedário. O método era começar pelas letras; continuava pelas sílabas, depois pelas palavras, tudo direitinho, até a leitura. O aluno que fosse bem e tivesse boa vontade, em até seis meses ele aprendia a ler tudo. Outros levavam quase um ano, outros passavam de um ano e nem o ABC aprendiam. Mas, naquele tempo, o estudo era muito rigoroso. Na medida em que ela ia passando para um, ia passando para outro. Uns faziam continhas na lousa, outros faziam uma cópia na lousa, outros faziam Matemática noutra lousa. Era assim. Ela não deixava o aluno ficar parado. Ela não dava tempo de um olhar par a carteira do outro. Ela usava bastante o quadro negro. Ela dividia o segundo e o terceiro.

DISCIPLINAS/ATIVIDADES NA ESCOLA

Naquele tempo, o primário era Matemática, historinha, ditado, contas, coisas assim... No segundo ano já havia História, Geografia, Gramática – estudava-se muito o verbo, coisas assim. No primeiro ano, a professora dava uma noçãozinha; no segundo já ia aumentando. Além de aula normal, tinha um cantecinho que as crianças faziam e as meninas bordavam. No quarto ano tinha o livro do quarto ano.

COMEMORAÇÕES CÍVICAS

Nas datas cívicas havia festinhas, saudação à bandeira, esse tipo de coisas. No dia das comemorações cívicas era feriado. No dia Sete de Setembro fazia-se a marchinha; desenhava-se a bandeira. Nos sábados fazia-se a saudação à Bandeira, hasteava-se a Bandeira, cantava-se o Hino Nacional... uma criança recitava um verso... era assim.

AS PROVAS

Havia nota todo o mês, mas a que valia mais era a do fim do ano. Eram outros professores que faziam os exames, professores de outros lugares. Vinham da Vila Nova a dona Itelvina, a dona Laura Barreto, outras professoras das quais eu não me lembro. O falecido Salomão. Todos esses faziam o exame lá.

HONRA AO MÉRITO

A professora dava para os alunos de melhor nota, que naquele tempo era de um a cem. Quem ganhava um cem ganhava uma estrelinha. O aluno ficava contente com aquilo.

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

Ela também escrevia no caderno que o aluno fulano de tal era bem aplicado, bom aluno, tudo isso.

O RECREIO/BRINCADEIRAS

Meninos e meninas brincavam juntos. Os meninos brincavam de ré, de bandeira. As meninas brincavam de casinha, faziam roda. Às vezes os meninos entravam na roda junto com as meninas; outras vezes era tudo separado. A bandeira era que eles colocavam um pau lá na frente e iam correr. O que chegasse lá ganhava.

As cantigas de roda eram ciranda cirandinha... Havia diversas outras de que nem me lembro mais. Eram muitas cantigas de roda. As aulas eram das oito ao meio-dia; o recreio era de meia hora.

CASTIGOS

Os castigos consistiam em botar pedregulhos e a gente ficar de joelhos. Usavam a palmatória, uma régua. A palmatória era redonda, com um cabo, e se batia na mão. Outro castigo era o de mandar fazer cem vezes a cópia de alguma coisa. Na Escola Básica Henrique Lage não se aplicavam castigos. A gente já estava maior e aprendia mais as coisas.

AS DIFICULDADES

Eu morava perto da escola, mas havia alunos que moravam longe, cinco, oito quilômetros. Estudavam em Roça Grande mas moravam na Guaiúba, ou abaixo do Estreito. Vinham de longe, de Itapirubá para Roça Grande. Quando

fui fazer a quarta série na Escola Básica Henrique Lage, que ficava no centro de Imbituba, eu vinha de Roça Grande de trem e voltava a pé. Eram quinze quilômetros de Roça Grande até a escola.

UNIFORMES

Era azul marinho e branco. A saia das meninas era bem comprida. O uniforme dos meninos era calça em meia canela, de tirante. Andavam quase todos descalços. Tamanquinho era para quem tinha. Naquele tempo ninguém tinha calçado; era mais o tamanquinho. A professora não tinha uniforme.

OS PROFESSORES

A professora era bem baixinha. Ela não brigava quando meninos e meninas brincavam juntos. Ela chamava a atenção, dava bom exemplo para os alunos, mas não brigava. Todos juntos, era uma irmandade só. Não existia maldade.

OS INSPETORES

Tinha o Inspetor Escolar, que custava a aparecer. Era de ano em ano. Ele só olhava os livros da escola, prestava atenção nas aulas, chamava a professora e conversava, mas a gente não sabia o que conversavam.

NAMORO

Naquele tempo, o namoro só era permitido depois que saísse da escola. Os pais não deixavam; não tinha nada disso.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL/DOCÊNCIA

INGRESSO

Eu tinha dezoito anos quando comecei a trabalhar, e o começo foi em Guaiúba. Naquele tempo, no sítio quase não tinha professora. Então, como o prefeito de Laguna se dava muito com a minha família, me botou a trabalhar. Eu tinha feito só até a quarta série. Lecionei na Escola Municipal da Guaiúba e depois de uns seis meses fui para a Escola Isolada de Roça Grande, que já era uma casinha de madeira feita pelo Estado. Trabalhei lá trinta anos.

A ESCOLA

O grupo de Roça Grande era bonito, bom. Está lá até hoje. Tinha biblioteca, sala da Diretora, tudo direitinho.

METODOLOGIA

Meu método de lecionar naquele tempo também era o da cartilha. Ensinava Português, Matemática, essas coisas. Na hora de alfabetizar, eu fazia assim: quando eu ia dar aula para o primeiro ano, levava-os para o quadro e botava os outros a fazerem uma cópia, estudar um ponto, para depois, quando terminasse, dar aula para o outro. Fazia assim, dividia. Eu dava aula de manhã e à tarde. Eram quarenta e cinco alunos de manhã e mais ou menos quarenta e dois à tarde. De manhã, eu dava aula para o primeiro e segundo ano, juntos na mesma sala. À tarde, para o terceiro, que já tinha um número maior de alunos. Isso foi em

Guaiúba. Em Roça Grande ,eu mudei o método de lecionar: ia para Tubarão fazer cursinho, e de lá a gente trazia o que era para dar a eles.

AS PROVAS

O exame era oral e escrito. Levava dois dias para fazer. Era o dia inteiro, às vezes até à noite. Eram seis folhas de papel almaço. Uma para cada matéria: Matemática, Português, História, Geografia... O inspetor ia lá, olhava e depois fazia avaliação. Outro diretor de outra escola também fazia a mesma coisa: olhava o plano de aula e não saía do gabinete sem dar o visto a todos.

CASTIGOS

Eu não dava castigo; eu tinha pena. Eles até passavam fome. Às vezes iam para a escola sem comer, sem nada. A gente tinha pena. Eles eram pobres. Castigos não. Só puxei a orelhinha de um aluno, coisa de que até hoje me arrependo. Eles eram bons, respeitavam a gente, obedeciam. Ainda mais aluno de sítio! Tinham respeito pela gente.

UNIFORME

Eu usava um guarda-pó branco. Os alunos que podiam eram uniformizados. Os que não podiam iam com a roupinha que tinham. Ai a gente fazia uma rifa, comprava uma fazenda e dava um metro para cada um. Os meninos faziam as calças e as meninas faziam as sainhas e as blusinhas para elas.

NAMORO

Namoro a escola não permitia mesmo. Não tinha esse negócio de namoro na escola. Os alunos falavam, a gente dizia que não queria namoro. Na sala de aula e dentro do grupo não tinha isso. Nos trinta anos em que eu trabalhei lá, nunca houve caso de aluna grávida.

OS INSPETORES

A gente ficava nervosa, porque não esperava. Ele chegava de repente. Mas depois ficava contente. Ele via a gente trabalhar, não fazia nada, só cumprimentava, perguntava como iam as crianças. Passava nas salas de aula, olhava os alunos, olhava nosso trabalho, verificava se estava tudo em ordem. As reuniões pedagógicas eram sobre o que se passava dentro do colégio ou sobre alguma coisa que vinha de Florianópolis. Os inspetores faziam perguntas e recomendações para todas. Eles explicavam sobre o material, sobre o trabalho da escola, seus movimentos. Era sobre isso.

Araci Cesconeto Sandrini¹⁶

Nascida em 25 de outubro de 1928.

A ESCOLA

INGRESSO

Eu tenho uma lembrança muito vaga da primeira vez em que eu fui para a escola. Foi na primeira e na segunda série. Naquela época, era o primeiro e o segundo ano. Depois eu fui para o internato no Colégio Estela Maris. Da terceira série em diante eu fiquei no internato.

ASPECTOS FÍSICOS DA ESCOLA

Era uma casa bem simples. Era uma escola isolada. O nome da professora era Ilza Andolim. A casa era toda de madeira. Era uma única sala de aula, onde funcionavam todas as séries juntas num período também único. Os móveis eram bem humildes. As carteiras eram bem rústicas, bem simples. Não eram como as carteiras de hoje. Era,

16 SANDRINI, Araci Cesconeto. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira. São José, 18 de março de 1994. Disponível no Museu da Escola Catarinense.

individuais, com uma cadeira e uma mesinha.

O Colégio Estela Maris era muito bonito, muito bem organizado. As salas de aula muito bonitas. Na frente do prédio, eu lembro muito bem, havia três palmeiras. Era de frente para o mar. O interior continuou quase o mesmo, melhorando, é claro. As carteiras e mesas eram ótimas. Eles uniam duas turmas, e na sala de aula havia aquele bis que botava o material em baixo. Depois do ensino fundamental, que era até a quarta série, fui estudar em outro internato, o Colégio São José, em Tubarão, onde fiz o Núcleo Normal. O colégio era do mesmo estilo, mesma irmandade, mesma residência, mesmo uniforme. A diferença é que se dava muito passeio. Por exemplo, a gente ia até a praia. Os calções eram de Educação Física, que iam até abaixo do joelho, e blusa.

MATERIAIS DIDÁTICOS

Na primeira e segunda série usava lousa. Pegava e fazia num caderninho na rua, e quando não queria, a gente apagava os deveres e pronto. Naquela época, os cadernos eram muito raros. Para trabalhar na lousa usava-se giz. Era a mesma coisa que giz no quadro. Às vezes acabava o giz; daí a gente pegava o giz da escola e tirava. Transportava a lousa numa sacolinha de brim ou na mão mesmo. Eu morava bem pertinho da escola. No Colégio geralmente tinha caderno. Livros, era difícil; naquela época não existiam; só depois. Naquela época foi o fundamental que a gente fez. A parte fundamental já era mais rígida: eram quatro séries: primeira, segunda, terceira e quarta série. Na quarta série já tinha o livro; aí já tinha Latim, Francês, Inglês.

METODOLOGIA

A professora escrevia no quadro e o aluno copiava no caderno. Ela não exigia nada. Simplesmente passava no quadro os deveres e pegava o material e corrigia. Depois devolvia o caderno. Mas isso foi só na primeira e segunda série. No colégio, as professoras eram dóceis, mas não tinha como se fazer baderna dentro da sala de aula. Ela seguia um currículo; antigamente era rígido. O colégio, o internato de irmãs era sempre muito rígido, muito certo, como tudo deveria ser; caderno, lápis, tudo bem feito. Depois, no Normal, as alunas aprendiam a bordar, costurar. Nós pegávamos nossas meias, tocos de madeira e depois das tarefas aprendíamos a pintura.

DISCIPLINAS/ATIVIDADES NA ESCOLA

Na primeira e segunda série era aprender números, aprender a ler e a escrever, exclusivamente isso. No colégio tínhamos Latim, Francês, Inglês, Português, Matemática, História, Geografia. Havia também Educação Física; inclusive me lembro muito bem de um professor. Ele era chefe de escoteiros na Laguna, era o Agenor Brun. Era uma pessoa muito legal, mas sempre naquele estilo... sabe como é que é internato.

COMEMORAÇÕES CÍVICAS

Fazia Educação Física, ensaio. Para o aluno que se comportasse melhor, o colégio dava honra, como, por exemplo, o aluno seria porta-bandeira, era uma honra carregar a bandeira nacional.

CASTIGOS

Às vezes, se não aprendesse bem, não fizesse as tarefas de acordo com o estudo. Os castigos eram de ficar sem o recreio, ou de ficar sem brincadeiras. Ficava no pátio só olhando, sem participar das brincadeiras. Havia irmãs, freiras, que fiscalizavam.

UNIFORMES

Na primeira e segunda série não havia uniforme. No Colégio Estela Maris era tudo uniformizado. Era saia, pregueada, bem comprida, e blusa branca com manga que ia até o cotovelo.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL/DOCÊNCIA

INGRESSO

Foi meio corrido, pois naquela época era muito difícil arrumar uma vaga. Eu, inclusive, fui a primeira professora lá da terra, formada em colégio de freira. Para o povo, era uma honra ter uma normalista lecionando. Eu fui a primeira professora de Orleães; vinham professoras de São Paulo, de Florianópolis para lecionar. O meu contato com os alunos foi bom. Comecei com terceira série. Eu tive um aluno que até hoje, quando eu me encontro com ele, me cumprimenta, fala comigo e diz: “Eu sempre fui apaixonado pela senhora”. Naquela época era assim com os professores. Os professores eram bem tratados, com muito respeito; além disso, os diretores daquela época eram

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

muito duros. Depois eu trabalhei oito anos como professora, mas já na Secretaria do Estado. Estudei lá no internato. Naquela época magistério era uma ótima profissão. Recebia pouco. Meu primeiro ordenado foi 950 mil réis. Eu não recebi influência de ninguém, acho que não. Agora, se fosse para eu escolher uma profissão, se eu fosse jovem, eu escolheria Polícia Feminina. Eu acho que é uma profissão bonita, mas professora eu não queria ser mais.

METODOLOGIA

A gente já era mais amena, tratava melhor os alunos, não é que no colégio eles tratassem mal, mas é que eles eram muito rígidos. A gente tinha mais contatos com os alunos, conversava mais com eles. O método, naquela época, era muito bom; os alunos obedeciam. O professor sabia os parâmetros que os pais queriam na educação das crianças. Livros era difícil. Só mais na parte do Ginásio. A gente lecionava falando, explicando a matéria; preparava bem a aula. Eles entendiam e, em caso de dúvida, perguntavam.

COMEMORAÇÕES CÍVICAS

Cada professor, aos sábados, da primeira à quarta série, na parte da manhã, era determinado a fazer uma homenagem. Todo mês as professoras tinham que procurar as meninas que soubessem declamar as poesias, que soubessem cantar. Fazia-se esta homenagem aos sábados cada sábado era um professor. Eu lembro de uma poesia, de uma menina que declamava muito bem, Jarlite Stestx, ela

tinha um dom pra declamar mesmo, e fazia sempre isso, sabia o Hino Nacional, o Hino à Bandeira bem ilustrado, cantava o Hino do Estado.

Tinha bastante trabalho na questão da Moral e do Civismo já da primeira à quarta série. No dia Sete de Setembro, todo mundo vinha uniformizado para a escola, porque era mais bonito. Depois, em Orleães, foi criado o Colégio Normal. O diretor era exigente. A marcha no dia Sete de Setembro era impecável. Era como o exército, um atrás do outro; o alinhamento era perfeito. Hoje em dia o desfile nas escolas não é assim; é um do lado do outro conversando.

AS PROVAS

Eles faziam as provas. A professora levava para casa, corrigia e dava nota. Eu exigia muito nas provas, pois era para ver se eles tinham aprendido. Ao aluno que tinha dificuldade eu dava outra lição. Os alunos, inclusive, iam na casa da gente pedir explicações. Eles não freqüentavam só a escola. As mães em casa também faziam testes com os filhos para saber como eles iam na escola.

CASTIGOS

Eu não dava castigos. Inclusive o meu sobrinho, cujo apelido era “caneta-tinteiro”, porque escrevia na mão, cada vez que ele o fazia, eu batia com a régua na mão. Não era régua de plástico, era régua de madeira. Hoje em dia até ele me fala: “Tantas reguadas que a senhora me deu!” Mas não precisou de médico, precisou? Então tá bom. Às vezes um puchãozinho de orelha que não doía. Lá pelo quarto ano, eu mandei um menino no quadro

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)
e ele fez errado. Peguei-o pelo cabelo e esfreguei o nariz dele no quadro. A diretora nem me chamou a atenção, nada. Se fosse hoje em dia, já ia para a justiça. Não me arrependo.

UNIFORME

As meninas usavam saia azul e camisa branca; os meninos, calça azul. Mas não se exigia como hoje. Hoje, se não estiver de uniforme, não pode entrar na escola. Às vezes os alunos não tinham condições. Se dava tempo de chuva, aí se a criança fosse para a escola sem uniforme a gente deixava ela entrar.

OS INSPETORES

O inspetor fiscalizava as aulas uma vez por semana, não lembro ao certo; ele estava sempre nas escolas fiscalizando. Cobrava tudo de cor. Por exemplo, se hoje o inspetor tivesse que vir à escola, os alunos deveriam ser preparados para recebê-lo com salva de palmas. Inspetor tinha este luxo. O primeiro, inclusive o seu José, era uma pessoa muito distinta, muito exigente, era muito competente. Chegava nas escolas, pegava o caderno dos alunos e queria ver as tarefas, os trabalhos. Tinha dias, inclusive, em que ele assistia aula comigo.

Delorme Werner¹⁷

Nascida em Florianópolis / SC, em 11 de junho de 1928.

A ESCOLA

INGRESSO

Minha primeira vez na escola foi em 1935, na Escola Feminina da Trindade. Era uma escola simples. A primeira professora foi Maria Meira de Lima.

ASPECTOS FÍSICOS DA ESCOLA

A escola era uma sala grande, com carteiras bem grandes. Nelas cabiam seis alunos. Era uma sala só e só feminina. É onde fica o grupo Olívia Amorim, ali na Trindade, hoje parte da Universidade, entre a igreja e o prédio da FSC. As professoras eram dedicadas. Era tudo, mais simples. A única coisa que não existia eram aparelhos sanitários. A gente fazia as necessidades na rua. O resto era tudo bacana.

A primeira escola era feminina; a segunda era mista e já bem diferente, com carteira para seis alunos. Já se

17 WERNER, Delorme. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira. Florianópolis, 25 de agosto de 1994. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

usava caderno; escrevia-se com tinta e lápis. Isso na terceira série. Era uma escola com mais conforto, e se situava bem onde hoje é um parque, na frente da penitenciária. Tinha na carteira aqueles buraquinhos em que botava um tinteiro para a tinta que se usava para uma caneta de pena de metal. Às vezes ela abria e a gente dizia assim: Ai professora! A minha pena escarrapachou, eu não posso mais escrever. Ela geralmente tinha uma caixinha cheia de penas e dava uma para gente.

Depois, fiz a quarta série no Olívio Amorim. Um bom grupo; tinha tudo o que era de bom. As salas eram bem limpas. Havia um relógio bem grande, bonito, no qual a gente via as horas. E tinha o gabinete do diretor. Era muito limpo. Depois fui tirar o complementar no grupo Getúlio Vargas. Este era muito amplo. As diretoras eram boas; a merenda era farta. Tínhamos Educação Física. Não tinha nada a desejar. Ali tirava-se o Complementar e o direito de ser professora.

MATERIAIS DIDÁTICOS

Não se usava caderno. Tínhamos uma lousa de pedra, com um lápis de pedra. Levava-se um pedacinho de pano com água para limpar a lousa. Quando se esquecia isso, a gente cuspi e passava os dedinhos. A gente copiava o que a professora falava. Então, ao fim do ano não se guardava nada. Com o caderno, a gente guarda para depois dar uma olhada. Mas com a lousa, não. E as provas eram orais. Quando chegava no fim do ano ia ler; dominava o livro e passava para a série seguinte. Assim foram a primeira e segunda série.

METODOLOGIA

Quanto ao método, utilizava-se uma cartilha; quando a gente dominava esta, passava para a seguinte. Ela começava pelas letras do alfabeto. Decorava-se. Era o tempo da decoreba. Depois que a gente aprendia o alfabeto, ela perguntava: que letra é essa? Para ver se a gente tinha gravado. Que letra é essa... essa... Tapava com os dois dedinhos. Depois ela começou a fazer junção. A minha cartilha era a cartilha do autor Henrique Fontes, a Cartilha do Boi. Depois a gente dominava a lição assim: “Menino, olha ao redor de ti; tudo trabalha, tudo convida ao trabalho...” A primeira leitura era mais ou menos assim,. A do primeiro ano, então, era a do boi. “O boi baba, o boi bebe, o boi bebeu, bá, bé, bi, bó, bu”. A segunda era o coco. Mas a professora não mostrava o coco, escrevia no quadro. Depois tinha o dado, e a seqüência... tudo era uma seqüência. Depois de dominar aquele, a gente ia para o segundo ano.

DISCIPLINAS/ATIVIDADES NA ESCOLA

O governo mandava aqueles sacos de pães com lanche bem reforçado. Para quem não tinha o uniforme o governo dava, as escolas davam. Também havia instituições que hoje não existem mais. Tinha o pelotão da saúde quando era aluna e quando era professora. Liga pró-liga nacional, liga da bondade e o clube da leitura no qual a gente fazia correspondência. Se tu eras um aluno desconhecido, eu escrevia para ti, um aluno desconhecido da quarta série; contava para ti como estava a minha escola, como era, e a gente se tornava amiga. Muitos iam às casas uns dos outros. Na minha casa nunca veio

ninguém, mas eles respondiam, trocavam correspondência. No Clube de Leitura via-se quem lia melhor. Todo dia da semana se determinava quem ganhava prêmio. Era um bom trabalho o do Clube de Leitura. Quem lia melhor ganhava uma lembrancinha. Havia a chamada caixa escolar, que hoje não existe mais. Cada aluno pagava uma certa quantia. Se eu era carente, ganhava (o material); se ele tinha condições de pagar, não ganhava. Muitos pais reclamavam. Quem era mais pobre é que ganhava a caixa escolar. Também havia uma cooperativa escolar, para a qual os sócios é que colaboravam. Essa cooperativa era para ganhar alguma coisa. As meninas trabalhavam com bordado, crochê, tricô; teciam, pregavam botões, remendavam (roupas), alinhavavam, faziam bainha, faziam de tudo. Pegavam retalho e faziam trabalhos. Depois disso começava-se a bordar uma toalhinha e, no final, fazia-se a exposição, que poderia ser de trabalhos manuais ou de desenhos. Os meninos, então, trabalhavam com madeira, com recorte, dobras. Faziam muita dobradura (em papel). A gente fazia aquela exposição muito bonita. Todas as crianças trabalhavam. Era bem feito ou mal feito. Quem tinha habilidade para bordar, bordava. Mesmo que não mostrasse muita habilidade, era igualmente colocado. O trabalho manual era muito incentivado.

Também havia aulas de canto. A professora dava a letra e ensaiava conosco. A gente cantava muita coisinha do descobrimento do Brasil: “Caravelas que vêm do Oriente, conduzindo uma escola...” Os cantos eram mais voltados ao civismo como: o Hino Nacional, o Hino da Proclamação da República - que nunca mais se cantou -, o Hino de Santa Catarina (que se cantava). Não havia o do município, não tinha. A gente celebrava as datas cívicas, como o dia do estudante: “Estudante do Brasil...”

COMEMORAÇÕES CÍVICAS

Antigamente, havia muito incentivo às festas cívicas, que eram muito comemoradas. A gente fazia desfile; era um civismo. Toda semana celebrava-se o dia da pátria nas escolas. Hoje mudou muito. A única coisa que mudou, eu acho, foi o civismo. No Dia da Pátria, a gente se arrumava, se embelezava. Toda semana se fazia a homenagem à bandeira. Cada professora arrumava as poesias, dava para as crianças recitarem. No tempo em que era aluna, a gente desfilava na praça onde é hoje a praça Tancredo Neves, que naquele tempo se chamava Praça da Bandeira. A gente desfilava e era muito bonito.

AS PROVAS

Chamávamos as provas de exames, a gente não chamava de prova, era exame. Era um dia de festa, desde manhã até a tarde. Cada um lia. Não era a professora que examinava, era uma banca escolhida. Vinham professoras de longe, nunca amigas, senão não podia examinar a sala. Tu ias para outra escola e eu ia para a tua, para não haver truque: aquele ali passa, mas tem de saber. Não sabia, não passava. Era escrito no quadro e perguntava, por exemplo, escrevia: metade. Quantas sílabas têm? Quantas vogais? Que frases podes fazer com a palavra metade? Tudo era oral. A mesma coisa com a tabuada. Era tudo decorado. Eu sabia que dois vezes dois era quatro, mas não sabia por quê. Dois vezes dois era quatro - tabuada decorada - e somava, mas não sabia por que somava.

HONRA AO MÉRITO

Naquele tempo existia um livro de prêmios. Quem era bom aluno assinava o livro de honra e quem era muito levado assinava o livro negro. Geralmente quem chegava no fim do ano em primeiro, segundo, terceiro e quarto lugar ganhava um prêmio.

O RECREIO/BRINCADEIRAS

A gente brincava muito com as crianças, não porém como agora. Brincava de tudo que era de infância. Tinha brincadeira de roda, de perna-de-pau, bandeira-salvar, de gato e rato, bate-manteiga, de pular corda, de setemarias, de comadre (um era compadre e outro, a comadre. Na brincadeira de gato e rato, a gente fazia uma roda; alguém ficava no meio e outro, fora e cantava: “O compadre está em casa? Não. Que horas ele chega? À uma, às duas... O que estava dentro fazia o papel de rato; saía e o outro ia correndo até pegar”. Já o bamboque era um atrás do outro; em seguidinha: “bamboque, bamboque, não deixar passar carregadinha de filho para ela criar. Passarás não passarás, algum dia ela criar. Passarás não passarás, algum dia há de ficar, se não for o da frente, há de ser o de trás”. Neste momento, quando se acaba de cantar, abraça-se o amigo que parou no meio dos dois que ficavam na frente da fila.

Tinha outra brincadeira, que a gente brincava muito, que era o céu e o inferno... Só brincadeiras sadias; nada que chamasse a atenção de coisa imoral, não tinha nada disso. Fui criada num tempo de muita moral. Os meninos

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

brincavam com a gente, mas não era sempre. Não na primeira escola, que era exclusivamente feminina. Havia uma moral elevada. Menino não belisca menina, não olha para a perna da menina. ‘Tia, fulano está me beliscando, me mandou um recado’. Não, nada disso. Se tivesse bilhetinho, era coisa muito simples, tipo ir fazer um lanche com ele, coisa de criança, muito amada. Às vezes quando tinha oportunidade, se estava com vontade de fazer bilhetinho, então fazia um bilhetinho e passava um para o outro, mas sempre assim, dentro das moralidades.

CASTIGOS

No tempo do primário, os castigos eram: ficar de pé, copiar várias vezes uma frase (cem vezes). Não me lembro de mais algum. Ah! Tinha de ficar sem recreio. Como educação, se o aluno respondia, fazia ele escrever cem vezes, mil vezes, quinhentas vezes: “Não devo ser malcriado.”. Tinha pai que chiava, gastava muito material. Isso no tempo do caderno. Eu nunca recebi castigo.

AS DIFICULDADES

A professora tinha que lavar a sala, no sábado à tarde ou no domingo, mas tinha que lavar. No meu tempo, a gente também trabalhava aos sábados, aos domingos, e sem fazer cara feia.

UNIFORMES

Lembro do uso de uniforme só a partir da terceira série. Era uma saíinha pregueada e uma blusinha com o distintivo da escola. E tinha o tênis. A gente cuidava muito daquele tênis. Às vezes ele ficava velhinho, meio amarelado; então, a gente lavava bem lavadinho e passava alvaiade, e quem não tinha, passava giz, aqueles pedacinhos da professora.

OS INSPETORES

Não éramos nós que sentíamos a pressão pela visita de um inspetor, mas a professora.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL/DOCÊNCIA

INGRESSO

Estive em escola reunida, em escola simples. Trabalhei com alunos de primeira à quarta série, que era uma coisa medonha. Depois eu fui para o Francisco Teodoro de Souza, bem de frente à penitenciária, onde estudei. Voltei, fui trabalhar. Aí já era melhor, com bastante conforto. A gente podia perguntar a um colega se tinha dificuldade, se não tinha. Depois, eu fiz o Normal de férias, até me aposentar. No princípio, não tinha do que lançar mão. Então ficava muito preocupada, puxava até os cabelos de tão nervosa que ficava não na frente dos alunos. Pensava assim: Amanhã, meu Deus! O que será do dia de amanhã? Mas

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

Deus sempre me deu muita vocação. Isso desde pequena, porque a gente brincava de profissões: um era dentista, outro advogado; a professora era a de meu agrado. E fui professora. Quarenta e sete anos. E nesses anos só faltei oito dias porque fui acidentada. Nunca faltei à aula.

METODOLOGIA

Fiz alguns trabalhos manuais com os alunos, como alguns recortes. Sempre fui acostumada e ensino às crianças a fazerem, a adquirirem uma habilidade. Mas a escola não pede.

UNIFORME

Sempre o mesmo até hoje: guarda-pó. Antigamente era branco, depois apareceu o azulzinho, que muita gente não gosta de usar porque fica parecido com a servente. Eu, porém, uso o azul. Não podia entrar sem o uniforme. Havia uma mesinha com uma toalhinha simples e um vasinho que até hoje uso.

AS DIFICULDADES

Tive um ano, meu Deus! Que suplício. Não sei se hoje é, no Estado, mas naquela época era muito difícil se locomover. Era difícil o transporte, a comunicação. Não tinha nada. Para chegar em Nova Trento, andavam-se cinco, seis horas a pé, a cavalo ou de charrete. Sofriam-se intempéries, coisas bárbaras. Fiquei só um ano.

Um ano que foi um suplício. Depois fiz exame em Brusque, e passei com direito a um regional. Tirei o regional e fui para o município de Ituporanga. Lá trabalhei muitos anos, mas havia um problema: muita política. A gente podia ser dedicada, mas eles não queriam saber. Se tivesse lá um candidato que quisesse uma, eles não faziam muita escolha. Comigo eles fizeram isto. Vinham se combinar, trocar planos e tal. A gente era um horror para eles; ia para lá, vinha pra cá; quando estava ambientada com uma classe, já ia pra outra escola. Trabalhei muito tempo nesse sistema. Mas eu nunca fui mal-sucedida, sempre no combinado. Tinha muito chamado de surpresa, uma coisa triste. A gente não podia dar muita atenção às crianças; mal as estava conhecendo, já tinha que se mudar para outra escola.

OS ALUNOS

Tem crianças que têm dificuldades. Tem muitas, boas, mas algumas delas com dificuldades. Ter que virem cedo, ajudar aquele que tem e o que não tem ajuda do outro, cedo. Sempre tem essa colaboração. “Podes vir aqui em casa seis e meia, sete horas que eu já estou aqui.” Aqueles que têm dificuldades eu ajudo. A criança aprende bastante. Modestia à parte, tudo que posso dar às crianças eu dou; eu procuro sempre dar o melhor para eles. Procuro sempre descobrir qualquer coisa de bom, tanto que antes da moeda real a gente fazia dois risquinhos, e agora, “olha meus queridos, real só tem um.” Tudo que eu posso dar de bom para meus alunos eu dou.

OS INSPETORES

Ah! Meu sagrado, não me fala, era de a gente ficar

fria. Via o olho saltar. Quando chegava, a gente ficava cega, ceguinha, vinham a inspetora e a diretora. Então, era muito cobrado saber. Tinha uma inspetora que, como gente era muito boa, mas nas salas de aulas... Ela chegava e dizia: “Dá uma aula de História; dá uma aula de Geografia; agora, dá uma de Português, aula de Matemática”. Ela era muito boa como pessoa, Deus que a tenha no céu, não tenho nada contra ela. Quando a gente sabia que ela vinha visitar, a gente ficava doente. Isso no tempo da Escola Reunida Francisco de Souza.

*Dilma do Espírito Santo*¹⁸

Nascida em Florianópolis / SC, em 10 de julho de 1921.

A ESCOLA

INGRESSO

*E*u fui matriculada numa escola, que não recordo se era na Rua Sete de Setembro ou Álvaro de Carvalho. Ali tinha uma escolinha. A professora se chamava Francisca Xavier, se não me engano, e ali tinha do primeiro até o terceiro ano. Mas naquela época o primeiro ano era dividido em três partes: Seção A., Seção B e Seção C. A Seção A, eram a daqueles que estudavam a cartilha e sabiam as palavras completas, da parte que ia do A até Z – Era a história do Zebu. A Seção B já era a segunda parte da cartilha. Era a parte em que a pessoa ia fazendo o que hoje se diz sentença. Naquela época chamava-se frase. A Seção C, era a que passava para o livro que tinha o nome de livro do trabalho. Nesta, nós já liamos corretamente, estávamos prontos para chegar fim do ano e passar para o segundo ano. Fiz o quarto ano aqui no Grupo Silveira de Souza. A diretora era a dona Beatriz de Brito. O ensino já

18 SANTO, Dilma do Espírito. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira. Florianópolis, 30 de junho de 1994. Disponível no Museu da Escola Catarinense.

era mais fortificado. Depois que saí do Silveira de Souza, fui fazer o Complementar, que naquela época se chamava Normal Primário, lá no Grupo Arquidiocesano São José, na Padre Roma, onde tem a igreja Santo Antônio, e ao lado um convento de Frades. Faz uns cinco, seis anos que já não tem mais o grupo. A escola se chamava Grupo Escolar Arquidiocesano São José, do qual era diretor o Frei Evaristo.

ASPECTOS FÍSICOS DA ESCOLA

A escola não tinha nome. Naquele tempo era escola isolada. Era tudo numa sala só: Seção A, Seção B e Seção C, primeiro, segundo e terceiro ano. Tinha uma professora, que era a Dona Chiquinha, e uma ajudante. Era das oito ao meio dia. Trabalhava tudo isso. A sala de aula até que era espaçosa, grande. Só que a casa era velha, tanto que hoje nem mais existe. Atrás havia um banheiro para a gente ir, que não era lá dessas grandes coisas. As carteirinhas eram para dois alunos.

No Silveira de Souza, a sala já era melhor, porque já era um grupo. As salas eram individuais e cada uma tinha seus professores. As salas eram boas, arejadas. As carteiras também eram para dois alunos cada. Tinham um lugar para colocar tinta, um tipo vasilhinha, onde a gente molhava a pena. Nessa época ainda não existia a esferográfica. Para poder escrever, a gente molhava a pena.

O Arquidiocesano era um colégio grande, com mais de dez salas, muito mais, porque tinha em cima e tinha em baixo. O pátio também era muito grande. Aquele frade era muito rigoroso. As brincadeiras tinham que ser como ele queria. As carteiras já não eram assim muito novas. O grupo já era velho. Mas as salas eram muito boas. As carteiras eram

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950) individuais. Havia separação de classe: uma feminina e outra, masculina.

MATERIAIS DIDÁTICOS

Havia o quadro negro. O material que a gente tinha era o seguinte: naquele tempo na existia caderno; a gente tinha a lousa. Nessa lousa faziam um furinho, no qual a gente punha um vidrinho com água e sabão e pendurava um paninho para quando acabasse de escrever qualquer coisa. Se precisasse apagar, molhava o paninho, passava e ficava tudo limpinho. Tinha-se que ter muito cuidado para não quebrar a lousa, porque, se quebrasse, não era a professora que ia dar castigo, era em casa.

Uma lousa era muito cara. Cada um tinha a sua. Às vezes a gente usava o que se chamava de bornal. Era uma coisa feita de pano na qual a gente colocava a lousa, mas com todo cuidado para não bater. Na quarta série já não usava mais a lousa, mas o caderno, embora continuasse o tinteiro. A tinta ficava bem aqui, no cantinho de cima; molhava a pena e escrevia. Tinha que cuidar para não respingar. Era fácil escrever com esta tinta porque a gente já estava acostumada.

Tínhamos livro, nessa época, da Editora Série Fontes: primeiro, segundo, terceiro e quarto ano. Tudo era Série Fontes. Um livro servia para o outro. Quando saía do quarto ano, deixava para o outro que saía do terceiro. E assim, sucessivamente. Não se comprava livro todo ano. Cada um comprava o seu. A gente trabalhava desenho. Usava Caderno de Caligrafia, também. Naquele tempo eles primavam muito pela caligrafia, saber escrever bem.

DILMA DO ESPÍRITO SANTO

Tinha a Cartografia. A Cartografia era fazer os mapas, mapa do Brasil, do exterior, essas coisas. Usava-se o lápis de cor.

METODOLOGIA

A dona Chiquinha, por exemplo, passava deveres de uma matéria para uma classe; depois ela ia passar, escrever para outra e assim sucessivamente. Ela já trazia tudo certinho: isso é desta classe, isso é da outra, da outra e ela preenchia o tempo. Ela dava trabalho para uns enquanto ia atender aos outros. E a gente era obrigada esperar. Mesmo que não tivéssemos trabalho, ficávamos aguardando em silêncio. Não havia tumulto naquela época.

No Silveira de Souza, tinha dia que era aula de Português, Alemão, Geografia; outro dia tinha História, Ciência. Havia outras coisas mais. Facilitava mais para a gente estudar, porque não precisava estudar todas as matérias todo dia. A única coisa que era todo dia era a Leitura.

DISCIPLINAS/ATIVIDADES NA ESCOLA

Até o terceiro ano nós aprendemos a somar e chegamos até a regra de três. Quanto à Geografia, a gente estudava geografia do Brasil. Do exterior, era a geografia dos países da América, a Europa, a Ásia, a África, a Oceania. Tudo isso nós vimos no terceiro ano. E Matemática, era somar, dividir, diminuir, multiplicar e uma ligeira regra de três simples. Lá no Colégio Silveira de Souza nós aprendíamos a fazer ofício, requerimento, porque as outras coisas nós já sabíamos, pois tínhamos

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)
levado da terceira série. Tivemos regras de juros compostos e por aí afora. Esse foi o quarto ano.

COMEMORAÇÕES CÍVICAS

A gente cantava o Hino Nacional, o Hino à Bandeira, o Hino da Independência, o Hino da Proclamação da República, Hino do Estado, que hoje tanta gente nem sabe que hino é esse. Havia também outras canções. Inclusive a gente tinha aula de canto. Aos sábados, ficava-se para uma meia hora de ensaio de canto.

HONRA AO MÉRITO

Naquele quadro negro, quando a gente fazia uma referência melhor, qualquer coisa assim, eles colocavam o nome da gente com uma estrelinha. No Silveira de Souza havia um quadro que se chamava Quadro de Honra. Cada vez que um aluno despontava com alguma coisa a mais, ficava com o nome lá e eles colocavam uma estrelinha no nome. Quer dizer que era aquele que mais podia, que queria se esforçar porque era para aparecer (risos) com uma estrelinha (risos). Era uma grande alegria aparecer; era um prêmio.

O RECREIO/BRINCADEIRAS

Naquela época, até o terceiro ano quase não tivemos brincadeira, porque não havia pátio. O recreio, por isso, era feito na própria sala de aula. A brincadeirinha era de fazer um

boneco na lousa, ou contar uma história, nada mais do que isso. No Silveira de Souza, que tinha um pátio bem grande, já tinha a hora do recreio. A gente ia para o pátio brincar, aquelas brincadeiras normais de criança. Eu não participava porque sou deficiente dessa perna. Tive paralisia com dois anos de idade, por isso dificilmente poderia entrar em brincadeiras como brincar de se esconder.. Havia duas ou três que não compartilhavam daquele brinquedo. Em vez disso, ficavam contando histórias, alguma coisa da vida da gente, da casa (risos), e assim se passava o tempo. No Arquidiocesano, já ia um pouco mais além, porque já éramos mocinhas. Então, uma contava do namorado da outra, de outra, de outros, de festas (risos). Já não queria mais ficar correndo, brincando. Ficávamos mais sentados contando as novidades, o que se tinha passado com o outro, com fulano, com beltrano. Nós éramos amigas.

CASTIGOS

A dona Francisca era durona (risos). Naquela época, os professores eram duros e os alunos, comportadinhos, porque tinham medo de entrar na palmatória (risos). Até era interessante, porque a professora tinha um marido e acho que eles moravam naquelas dependências mesmo. Quando eram os guris que iam ser castigados, ela chamava por ele e ele botava o menino encostado na parede. Assim, uns quinze minutos. Conosco, era até interessante, porque andávamos na escola eu, a minha irmã e um irmão. Mas sabe, o rapazinho às vezes facilitava. Aí, quando estava perto de sair da escola, deixavam-no uns quinze minutos de castigo. E agora! Nós tínhamos por lema o seguinte: sai da escola essa hora, tem que chegar em casa essa.

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

Então, não íamos embora; nós ficávamos esperando por ele para não contar, porque em casa era pior ainda (risos). Naquela época era duro. Apanhou lá uma, apanha aqui duas. Então nós ficávamos na esquina esperando por ele e depois saíamos correndo. Quando chegávamos perto de casa, desacelerávamos o passo para dar a entender que não havia acontecido nada. Mas era assim, e se aprendia. Mesmo quando os pais botavam lá, já diziam: “Olha, em casa somos nós; aqui é a senhora. Não obedeceu, pode punir”. Não havia o que chegar em casa e reclamar.

UNIFORMES

Na escola isolada não havia uniforme. No Silveira de Souza, o uniforme era saia azul e blusa branca.

OS PROFESSORES

Era uma época boa. A gente obedecia à professora. Gostava quando chegava no fim do ano. Nas festas de despedida, a gente sentia porque ia se separar ali. A festa de despedida era uma festinha comum; alguma balinha que elas davam para nós, um abraço, um beijo (risos), e boa viagem e até o regresso.

OS INSPETORES

Ele ia principalmente nas épocas de exame. Tinha uma banca examinadora, que era composta pelos professores fulano, tal, tal, tal e o inspetor, sempre junto para fazer os exames

da turma. Eles ficavam com os escritos também. Mas o oral era com eles. Chamavam o aluno na frente do quadro. Aí a gente ia. Para ser aprovado, era preciso passar nos dois, no escrito e no oral.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL/DOCÊNCIA

INGRESSO

Eu me formei no Arquidiocesano, em 1936. Mas eu ainda não tinha idade para lecionar. Eu ingressei em fevereiro de 1939. Fui designada para uma escola - posso contar isso? - em Hamônia, hoje Ibirama. Saí daqui, e a minha mãe foi junto. Daqui a Blumenau a gente foi de ônibus. De Blumenau para lá fomos de trem. Saímos às seis horas da manhã para chegar às seis horas da tarde lá na tal de Hamônia. Quando chegamos, fomos recebidas pelo inspetor escolar e um escrivão da Coletoria de lá. Porque eles tinham dito que ia uma professora de Florianópolis. Eles não acreditavam que uma professora de Florianópolis pudesse sair de lá tão longe.

Justamente naquele local eles não conheciam muito o negro. Então, toda a tarde eles iam para a estação para ver se desembarcava alguém com mala, qualquer coisa. Quando deu naquela que nós desembarcamos com mala, eles chegaram e perguntaram... “É, sou mesmo”. Aí o inspetor já tinha conseguido uma vaga no hotel para a gente ficar, e o escrivão ofereceu a casa dele para quando precisasse. Dizia que não era preciso ir para o hotel. Era para ficar na casa dele. Ele morava ali mesmo e tinha duas filhas professoras. No dia seguinte, eu fui me apresentar ao prefeito. Naquela época era assim. Mas o prefeito não falava português, só alemão.

Era tudo enjambrado. Mas como a gente tinha estudado alemão no terceiro ano, alguma coisa eu entendia. Mas, como era época da Guerra, era proibido falar alemão. Tinha que se mancar, tinha que só se fazer escutando. Ele achava que uma professora que viesse de Florianópolis não conseguiria chegar até esse lugar. Ele cedeu o carro da prefeitura, um carro de mola (risos), para me levar até lá. A viagem ficou marcada para o dia seguinte. À tarde fui até a casa do escrivão, e fiquei conversando com ele... Ele e a família eram de Biguaçu. Achavam que Biguaçu e Florianópolis era tudo a mesma coisa, tudo amigo. No outro dia, às seis horas da manhã, rumamos para esse lugar. O boleeiro também não falava português, era só hã, hã, hã. A gente só ria. Eu só olhava e a minha mãe dizia: “Não queres voltar”? (risos). Eu disse: “Não, claro que não”. Pois nada, a gente não viu onde é que fomos- “eu não, tá louco”! Até que ao meio dia eles fizeram sinal. O boleeiro parou e desembarcou em frente a um hotelzinho. Ali Almoçamos. Depois, continuamos a viagem. Mato, serra, terra, só, só. Cada volta, cada volta! Casa, era uma longe da outra. Às duas horas da tarde chegamos num local, tinha um professor, que era o próximo da minha escola, mas ainda faltavam doze quilômetros para chegar lá. Era preciso pegar as instruções com aquele professor, que já estava mais orientado para orientar a gente, porque lá não tinha ninguém. A primeira coisa que ele me disse foi: “Se eu fosse a senhora, eu voltava; eu não ia até lá, porque a senhora não vai parar num lugar daqueles”. Aí minha mãe disse: “Eu também já disse isso para ela; se quiser voltar, pode”. Eu disse: “Não. Não tem graça eu sair e antes de chegar no lugar, voltar. Porque eu vou ter que ver”. Continuamos a viagem e às seis horas em ponto chegamos no determinado lugar. Quando avistamos uma casa, ele, o homem, fez sinal. Ah! Mas depois de avistar aquelas montanhas, quando chegamos na frente da casa, parecia que tinha festa. Ele fez sinal que era

ali. A senhora da casa veio: “Ah! Professora...” Entramos e a galegada, tudo de olho arregalado, porque não conheciam um negro. Mas, não sei, diziam eles que achavam bonito. Sei lá se era ou se eles estavam brincando. Então conversamos. Eu não falava muito. Minha mãe é que conversava. A aula, no outro dia, devia começar às sete e meia. Fomos recebidas com uma baita fatia de polenta. Não marcava muito para mim. Quando tinha, comia; quando não tinha, não pedia mais. Tomava leite com batata, essas coisas. O pessoal era bom a beça, mas sem condições de oferecer outra coisa. De manhã, às seis e meia, já tinha barulho de guri pequeno na frente da casa. Só que era cedo. Levantei às sete horas. Nessa já havia uns quarenta. Só os três da casa mais os dois vizinhos é que falavam português. O resto, nada. Mas, como eu entendia um pouquinho da história, aos poucos fui domando a turma e tal e eles foram se acostumando. Até que, dentro de um mês, embora não muito bem, mas já falavam português. Os pais deles queriam conversar com a gente e tinham que aprender com eles porque sabiam que a professora tinha ordem de não deixar falar alemão. Quando foi em maio, eles pediram para eu fazer uma festa. Eu fiz. Tive que dar quarenta receptivos, porque todos eles queriam. Mas eles ficaram entusiasmados porque todos eles falavam bem o português, entendiam o professor, sabiam os lugares, ficavam satisfeitos. O lugar era muito bom. Mas a história é que tinha que fazer a festa, porque a escola tinha sido feita, mas estava tudo endividado. Para pagar o professor que chegasse, era preciso fazer as festas. E eu, só num ano, fiz três festas. Em três festas conseguimos dinheiro para pagar o que eles deviam. Eles tinham feito tudo na base do nada. Era prego, era madeira, era telha. Não tinha vidraça; era dessas portas mesmo de madeira.

O professor que fosse é que era obrigado a fazer essas festas, que era para arranjar o dinheiro para se pagar. Eles ajudavam com comida, com bebida, tudo isso, e além disso

eles é que trabalhavam. Então, o professor ficava só ali para disciplinar a questão. Mas depois de dois anos saí, porque era muito longe. Mas eu gostei.

Daí eu fui para o município de Palhoça, no distrito de Anitápolis. O lugar se chamava São Paulo dos Pinheiros. Era uma escola isolada também, mas a escola já estava formada, tudo muito bem. Ali o trabalho era só fazer as festas de Sete de Setembro, essas coisas. O pessoal gostava muito. O povo ali já era mais brasileiro. Tinha um lugar que se chamava Rio do Ouro. E no Rio do Ouro é que tinha o pessoal negro. Eles sempre transitavam para cá, trabalhavam na roça. Era um lugar assim: tinha duas ou três casas de negócios, os caminhões (porque naquela época não tinha ônibus). Então a gente viajava nos caminhões que vinham fazer a feira. Os caminhões vinham às terças-feiras à tarde para fazer a feira e a gente aproveitava. E na quarta-feira também eles iam e a gente voltava. Era o meio de transporte que se tinha. Mas ali, tudo bem.

Em 1948 passei para o sul. Fui para uma localidade que naquela época era Orleans, hoje é Lauro Muller, porque foi desmembrada em 1954. Essa foi a minha última escola. Também fiz algum progressozinho. Implantei uma festa de fim de ano do pessoal que tinha o quarto ano, porque na época em que cheguei, lá só havia até o terceiro ano. No ano em que cheguei, criaram o quarto ano. Aí resolvi fazer uma festinha para animar mais a criançada. Todos ficaram de branco, porque não tinha uniforme. Aquela festa foi progredindo e mandei que convidassem padrinho, paraninfo e tal. No final parecia uma festa de casamento. Os meninos tinham as madrinhas; as meninas, padrinhos. Além desses, havia o paraninfo. Além desses, havia mais esse, mais aquele. Era a festa falada do ano. A localidade vizinha toda começou também a fazer, a se acostumar com aquilo. Mas em Orleans era outra coisa. Nesse tempo os alunos já eram mais arteiros; tinha que bancar o pulso

firme. Quando cheguei, disseram assim: “Ah! Não vai dar. Tinha um ditado que diziam: “Não vai dar duzentas grammas, não vai poder”. Porque os alunos que se apresentaram para o quarto ano, que era a primeira vez, eram todos maiores de que eu. Eles achavam que não ia poder. Fui carrancuda, séria, e olhe lá, é por aqui, tem que ser assim, e eles ficando meio arregaladinhos. De vez em quando um saía fora do sério. Isso é natural; é aluno. Mas eram direitos. Depois as mães cooperavam, moravam ali perto. “Oh! dona Dilma, senta o pau lá de cima”. É, tinha hora que tinha que dar um guascaço mesmo.

A ESCOLA

A escola, em Hamônia, era uma casa de madeira. Tinha a sala de aula e tinha um quarto que, se fosse o caso, era para o professor morar, e uma cozinha. Eu não morei. Quanto aos outros, não posso dizer. Em Orleans, a escola pertencia à Companhia Barro Branco. Era um casarão bem velho, mas com salas grandes. Havia três salas de aula.

Eu trabalhava das oito às onze, das onze às duas e das duas às cinco, porque havia bastante alunos. Quando eu fui para lá, a escola não tinha nome. Só depois é que passou a se chamar Professora Emília Manet Soares. Hoje em dia é um grupo, Escola Básica Professora Emília Manet Soares. As salas de aula eram amplas. As carteiras eram boas. Eram de dois em dois; sentavam dois alunos em cada uma. Tinha bons quadros, tinha até fotografia dos governadores, dos presidentes da República, tudo.

MATERIAIS DIDÁTICOS

Em Hamônia, eu lecionava só com objetos, porque não tinha material para utilizar. Os alunos não falavam o português. Então, eu arranjava um objeto e eles iam desenrolando até o ponto que eu queria. Era proibido falar alemão na sala de aula. Isso foi em trinta e nove, na época da guerra. O objetivo, então, era ensinar a esses colonos o Português. Ensinava também boas maneiras, como é que tinham que se comportar, o que tinham que fazer quando chegasse uma pessoa, tudo isso assim. Eles até que aprendiam bem. Eu ensinava no primeiro ano, que era só o que tinha. No ano seguinte já tinha o segundo, mas eu saí. Em Rio do Ouro, o trabalho já era melhor, porque os alunos eram todos mais ativos, e eu podia lecionar com menos dificuldade. Era tudo como se fosse uma família. Eu já tinha material para utilizar: cartolina, lápis de cera... Era pouca coisa, porque o pessoal era pobre, e eu não podia arcar com tudo e nem exigir muita coisa. Mas eles eram mais inteligentes; sabiam o português claramente, o que facilitava mais o ensino. A escola, inclusive, dispunha de uma farmaciazinha. Qualquer dor de barriga que dava, ou qualquer coisa, a gente ia lá, dava o remédio, medicava.

METODOLOGIA

No primeiro ano, embora às vezes eles não quisessem, eu juntava as sílabas para formar as palavras e depois juntava as palavras para formar a sentença. Eu achava que assim eles aprenderiam mais depressa. O método que o governo queria era chegar lá e escrever uma frase. Mas o aluno chutava muito. A gente levava, às vezes, dois, três

meses para conseguir uma coisa. Para mim era teoria demais. Eles mandavam fazer assim, mas não eram eles que estavam fazendo. Por isso, e como o proveito é nosso, a gente tinha que saber o melhor. Eu já virei o negócio de volta, era be a bá, te a tá. Assim era mais rápido para eles entenderem do que eles lerem uma frase toda se nem sabiam ler. Quer dizer, decoravam. Eu lecionava assim, nesse método. Uma hora a gente perguntava: “Fulano, como é que se escreve tal coisa?” Eles pegavam e tal; às vezes um erro ou outro é claro, mas a gente já notava que havia facilidade. Aí as outras professoras que estavam por ali, diziam: “Ah, dona Dilma! Como é que os seus aprendem melhor?” Eu dizia: “Ah, não sei”. Aí foram indo. Quando o inspetor dizia que ia lá, a gente mudava, (risos). Só uma vez, não custava fazer diferente.

A gente que estava na sala de aula é que sabia o que era preciso. Eles vinham uma vez por ano.

O RECREIO

As meninas brincavam de roda. De mão, cantando, davam a volta. E os guris preferiam mais corrida; às vezes jogavam bola. Mas eu não gostava que jogassem muita bola, porque podia a bola passar lá para a casa do vizinho - era tudo muito perto - ou ir para o meio da rua uma vez que não tinha cerca. Uma hora daquela podia buscar a bola e passar um caminhão. Transitava muito caminhão de carvão ali, que era da Companhia Barro Branco. Por isso era perigoso jogar; era preciso se limitar ao pátio, que era bastante grande.

CASTIGOS

Alguns, levezinhos, como encostar na parede, ficar um pouquinho ali porque a professora chamava. Oh! dona Dilma, fulano de tal não quer fazer isso, não quer fazer aquilo. O fulano estava lá emburrado. A professora, então, chegava e dizia: “Vem cá meu filho! Conversava com ele e tal; uns dez minutos depois mandava sentar. Só para constar, para não dizer que a gente não queria ajudar. Castigo era só esse; às vezes, uns tapinhas na bunda (risos).

UNIFORME

Em Hamônia eu nunca exigi. Só que para festa eu pedi que eles comprassem uma roupinha branca. Eu já sabia que não adiantava. Os meninos de calça branca, uma cintinha, e a meninas de roupa branca. Agora nessa outra, em rio do Ouro, já tinham dado a ordem. Era azul e branco. Os meninos, era calça azul marinho e camisa branca; as meninas, saia azul com a blusa branca e uma letrinha.

OS INSPETORES

O inspetor chegava lá e queria o livro de escrituração do plano da gente, para ver como era, se estava tudo em ordem. Alguns davam uma aulinha para a gente, para ver a capacidade dos alunos, se estavam de acordo com o que estava escrito. Havia umas fichas onde constavam aulas disso, tantas aulas daquilo. Aí ele ia procurar para ver se o que estava escrito e conferia. Depois, quando ele saía, deixava um termo para o professor.

OUTRAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS

Por duas gestões, eu fui vereadora em Lauro Muller. O pessoal foi lá me procurar e achava que eu, quando eu viesse para Florianópolis, resolveria nas repartições tudo o que eles queriam e que colocavam num papel. Graças a Deus, independente de partido, eu sempre tive os amigos que quebravam um galho para a gente e eu sempre lavava o resultado. Às vezes eles pediam para os políticos, e os políticos diziam as coisas para... e as coisas nem sempre se concretizavam. . Eu tive um caso, na minha escola, de uma senhora que ia ser servente. Ela foi lá: “Dona Dilma, dia primeiro eu vou entrar na sua escola como servente”. Eu disse: “Tudo bem. Só que a senhora tem que me trazer a portaria, senão não posso lhe dar posse”. “Ah! Não! Mas seu sócio, não sei quem, disse que já está pronto e que eu posso...” Eu disse: “Bom! Se a senhora quiser ir sem compromisso.... mas eu não vou constar nada. Eu só consto a senhora na minha escola depois que a senhora apresentar os documentos”. Mas estava perto das férias. Aí ela disse: “A senhora não podia ver isso para mim, porque toda semana ele diz que vai para Florianópolis e diz que já vem”. “Bem, posso”. Aí eu cheguei em Florianópolis, percorri à Secretaria de Educação dos fundos até a frente. Em parte alguma constava o nome dessa pessoa. Mas, quem sabe, tinha dado entrada por... Porque às vezes os políticos trazem e entram lá pelos cantos que eu não sei onde era. Não tinha nada, nada. Aí, o secretário de Educação disse para mim: “Olha! Outra vez, não tem nada. Se a senhora aceitar lá, vai ficar na sua responsabilidade”. Eu disse: “Aí não! Na minha, não! Eu não tenho nada a ver com isso. Foram eles quem botaram”. Quando eu cheguei de volta e contei, eles ficaram horrorizados com

os políticos e ficaram acreditando muito em mim, porque eu falava a verdade. Agora, se eu tivesse falado para ela esperar que vinha, quem é que iria pagar? Até hoje ela não foi admitida como servente nessa escola. Por isso eles chegaram e disseram: Então, vamos candidatar a "dona Dilma para vereadora, porque ela já faz o serviço para nós. Mas era muito difícil, porque, naquela época, quem não tivesse dinheiro não conseguia, e eu não tinha mesmo. Então fui para servir o partido. Aí caí na primeira suplência. Mas um dos vereadores eleitos ia ser o prefeito. Então fiquei encaixada na vaga dele. Tirei aquele mandato. Depois, foi naquele ano que parece que foram só dois anos que era pra ficar equivalente com não sei mais quem, essas confusões que eles fazem. Eu decidi que não queria mais, não podia, não tinha condições. Mas insistiram. Eram três partidos: a UDN, o PSD e o PTB. Além disso, havia um problema: a gente tinha que se afastar um mês sem vencimento, e não era fácil. Mas aí o partido me pagou o vencimento, porque se não pagasse eu não ia. Não podia ficar um mês sem vencimento por causa da política; se não ganhasse, eu ficaria prejudicada.

Então essa já foi mais dura... , já tinha o PTB junto, eles iam lá e tiravam meu voto, tem que votar é no trabalhador. Fiquei na segunda suplência. Logo em seguida passei para a primeira. Foi depois que um daqueles que andou tirando o meu voto se incomodou com o partido e saiu fora; então, fui para a cadeira (risos). Depois vim embora. Queriam que eu ainda continuasse, mas eu disse: "Não, agora chega de política. Política é para quem tem dinheiro (risos); para quem não tem, é difícil.

Mas era tudo na base da amizade; também nunca dei um tostão a ninguém para pedir voto. Depois que cheguei em Florianópolis não fui mais professora. Fiquei quinze anos

fazendo os mesmos serviços para eles, nas repartições. Mandavam as cartinhas lá para casa, e eu ia. E assim eu andava: Segurança, Saúde, Educação, Tesouro, Tribunal de Contas. Depois de quinze anos, eu achei que estava cansada, então parei. Depois criaram essas regionais e ficou melhor. Facilitou o serviço para os professores e também não havia tanta necessidade. Então, mais ou menos em 1981, dei um basta de andar nas repartições. Mas para não fazer nada, eu sou voluntária na Associação dos Professores. Toda tarde eu dou uma ajuda para eles.

APOSENTADORIA

Lecionei vinte e sete anos e meio. A última escola em que lecionei foi essa. Depois vim para Florianópolis. Eles até queriam dar um jardim de infância para eu cuidar, mas preferi vir embora porque tinha meus pais aqui e eu já estava aposentada.

*Eugênia de Oliveira Nunes Pires (D.
Geninha)¹⁹*

*Nascida no município de Palhoça / SC, em 13 de maio de
1921.*

VIDA PRIVADA

A FAMÍLIA

Os pais chamam-se Osvaldo de Oliveira e Maria Palmira de Oliveira. Com doze anos, vim morar aqui em Florianópolis. Na nossa infância, a gente era bem normal. Éramos oito irmãos, quatro mulheres e quatro homens. Em comparação com a de hoje, uma educação muito rígida; meu pai era rígido. Ele nem gostava que eu brincasse com os meus irmãos. Eles recebiam amigos na nossa casa, na Palhoça, que tinha um quintal bem grande, o qual acabava num rio grande. Por isso ele não gostava, e a gente tinha que brincar menina com menina. Nós brincávamos de correr, de esconder, de bandeira. Roda era só na escola. Dessas brincadeiras de roda não se brincavam em casa. Os rapazes brincavam de bolinha de vidro. Mesmo assim, a gente brincava muito de bandeira, mas sempre rapaz com rapaz e menina com menina.

19 PIRES, Eugênia de Oliveira Nunes. Entrevista concedida a Alessandra Zocoli Borges. Florianópolis, 17 de junho de 1999. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

A ESCOLA

INGRESSO

Nós estudávamos no Grupo Venceslau Bueno, na Palhoça. A gente até inaugurou o grupo no nosso ano lá. Aquele grupo ainda existe. A alfabetização, porém, foi feita com a minha mãe, que também era professora. O método começava pelo alfabeto. Para cada letrinha havia um nome. O “R” dizia que estava rasgando o pano. O “S”....

A minha mãe era ótima, alfabetizava muito bem. As classes eram selecionadas. No primeiro ano, eram separadas: só femininas e só masculinas, não juntava. Já começava daí, que o certo é como o professor Henrique Fontes, que fez um discurso lá na Faculdade, que dizia que a gente deveria seguir o que Deus disse. Deus dá na família homens e mulheres; então as escolas deveriam ser assim também, como são hoje.

A gente se formou lá até a quarta série. Depois vinha o primeiro ano do Complementar, o segundo ano do Complementar e o terceiro do Complementar. Depois disso a gente fez o exame de Admissão. Eu só fiz até a segunda série do Complementar, e daí passei para o Instituto. Nós éramos quatro irmãos; três fizeram o exame, cada um com idade diferente. Ficamos na mesma sala, sempre estudando juntos, sempre os três. No Instituto, tivemos ótimos professores, mas eram muitos alunos - eram sessenta -, o que era difícil para os professores. Não era bagunça; eu era a mais quieta. Tinha muita gente que gostava de bagunça. Os professores eram bravos. Eles queriam dar as aulas deles, não é?

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

O professor Damiani era um ótimo professor de Matemática. A gente tinha medo. Ele perguntava quem sabia as coisas e eu ficava bem quieta; tinha medo de ir lá na frente, acho que era meio introvertida.

MATERIAIS DIDÁTICOS

Lembro da Cartilha do Henrique Fontes. Era muito boa. Lembro até de certas partes. A primeira lição era “o trabalho”. Sabia, bem até pouco tempo, mas de repente a gente esquece.

DISCIPLINAS/ATIVIDADES NA ESCOLA

Tínhamos Educação Física e o que mais se fazia era exercício respiratório. Não tinha aparelho de ginástica. Tinha um bastão que a gente fazia também. Jogo não tinha; só depois, quando já estávamos no Normal.

CASTIGOS

A disciplina era um pouco rígida, a gente tinha que chegar em forma, marchando para entrar na aula, formando de dois em dois. Parece que isso continua ainda hoje. No meu tempo de professora também era. E quando entrava na sala, ficava do lado da carteira. A carteira tinha aquele negócio de baixar e levantar. Para baixar, ela batia; então a gente, com uma palma, virava e na outra a gente batia com toda a força. Todos juntos. Depois sentava. O castigo era mandar o aluno para o diretor no gabinete. Lembro que o primeiro número era 4x9, mas não tinha

resultado. A gente tinha que dizer tudo; se errasse, levava “bolo” na mão. Na bagunça, não lembro que houvesse castigo. Aquela história de virar o tinteiro na carteira. Para quem fazia isso, o castigo era ficar na sala depois da aula para limpar o chão. Tinha uns buraquinhos na carteira que era fácil de virar a tinta. No Instituto, eles mandavam para fora da sala. Até eu, uma vez, cheguei a ir. Uma das alunas perguntou qualquer coisa. O professor ficou bravo e me botou para a rua. Aí eu tive que ir. A gente se sentia injustiçado, e isso acontecia com os outros também. Era uma turma boa.

UNIFORMES

Não lembro. Era na base do azul e branco.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL/DOCÊNCIA

INGRESSO

No Instituto, tínhamos aula de Pedagogia. Tinha que dar aula para ganhar nota. Cada dia uma aluna dava aula em cada sala. Tínhamos que dar aula sobre isso ou aquilo, por isso tínhamos que estar preparadas para dar a aula que estava ali. Eu achava que não gostava, mas adorei. A gente dava aula no Grupo Dias Velho, ao lado do Instituto. Depois mudamos para perto da Igreja Alemã, que mudou de nome. Ficou Professor Barreiros Filho. Era ali a gente tinha que dar aula. Eu tinha pavor de dar aula. Tinha medo; acho que era muito introvertida.

No dia de minha aula fui para Palhoça e deixei dito para as alunas para dizerem para dona Madalena que eu estava doente, tanto era o medo de dar a aula. Aí na Palhoça, à noite, fui assistir ao teatro, e quem sentou atrás de mim? Foi a dona Madalena, mas eu não vi. No outro dia disseram: “É, ela estava no teatro na Palhoça”.

Depois comecei a gostar. Ela mesma levava todas as alunas à minha sala, que ficava cheia de alunas mestras. Eu tinha mais de quarenta alunos de primeira série, e ficava toda rodeada. Ela só botava as alunas na minha sala, entravam umas trinta, e elas gostavam da aula. Eu me entrosava muito; mudava a aula de uma hora para a outra. Tinha o maior prazer em dar aula. Era como se eu fosse a um cinema, uma coisa que eu gostasse. E o meu marido, o Anibal, me estimulava muito, me ajudava. Depois, quando a gente se formou, não tinha mais essa facilidade de ser professor aqui no centro. A gente tinha que fazer um concurso e dependia da nota que a gente recebia. Havia tantas vagas pelo Estado todo. Era longe; ninguém ficava perto.

A gente tinha pontos pelo número de alunos que conseguia passar para o segundo ano. Nós - cinco colegas - fomos para Timbó, onde ficamos num hotel. Lá ficamos até pegarmos a nacionalização do ensino, Foi um tempo difícil. Os alunos só falavam alemão; a gente não entendia nada. O grupo era num paiol. Os alunos não podiam falar uma palavrinha em alemão. A gente perguntava o nome e eles não respondiam. Havia uns dois ou três que falavam o português. Quando qualquer palavra nossa coincidia com a palavra alemã, eles já chamavam a atenção, pois tinham medo. Eles eram bem educados, aliás, educadíssimos.

Os pais davam um valor muito grande ao professor. A gente não entendia nada de alemão. Aí pedíamos uma xícara, mostrávamos e dizíamos xícara. Era mais difícil, mas eles

aprendiam a falar e a ler mais depressa.

Depois fui para Imbituba. Lá, eram filhos de pescadores, crianças mal alimentadas, que não ligavam muito para as aulas. Era outro tipo de disciplina. Mas em Timbó, como era a primeira vez que a gente era professora (tinha apenas dezoito anos), ficava assim, desanimada, porque não tinha como.

Trabalhei meu primeiro ano em Biguaçu, mas como professora substituta. Depois tinha que pegar uma coisa efetiva. Aí fui para Timbó. Lá quem sabia português dizia em alemão para os outros, mas não podia falar alemão. Fiquei um ano lá. Depois fui para Imbituba, que era um meio completamente diferente. Fui de um extremo ao outro.

Em Imbituba era diferente, mas os alunos também eram bons, ótimos. Todos eles. Num instante a gente pegava as manhas. Quando eles estavam mais rebeldes, a gente ficava cantando, cantava muito. Ensinei muito por música. Só queria ensinar assim. “Atirei o pau no gato”. Era fácil, porque tem sílabas bem diferentes e simples, e eles gostavam. Era só por meio do canto que dava para levar eles, assim, na disciplina. Eram ótimos alunos.

Passei muitos alunos e fiquei em segundo lugar entre várias professoras. Só havia três vagas aqui, mas eu não queria vir. Pensei até que não conseguiria, porque só havia três vagas, mas peguei o Grupo Silveira de Souza; mas eu não gostava. Fiquei dois anos em Imbituba. Meus pais não queriam que eu ficasse lá porque, diziam, as professoras de lá cantavam muito no meio da rua, eram muito alegres. Mas eu era mais introvertida.

Meu pai queria que viesse para cá. Eu dizia que, infelizmente, eu era a segunda ou terceira da lista, e não podia dizer que não queria. Fui para o Silveira de Souza, que ficava perto da minha casa. Eu não me sentia muito bem.

Não era só porque as professoras fossem todas mais idosas. Não por só por isso. É que, por terem muitos anos de magistério nesse mesmo grupo, tinham o seu próprio método, diferente do meu, que era uma coisa mais espontânea.

METODOLOGIA

Tinha minhas próprias idéias, diferentes. Chegava na escola, assinava o ponto e colocava uma frase sobre o ensino, todos os dias. Colocava no meu diário. Utilizava muito um livro bem grosso do Rui Barbosa, em que ele falava muito sobre o professor, o aluno e tinha muita frase bonita sobre o ensino, sobre a criança. Então a diretora começou a colocar no livro do ponto. Cada dia uma professora tinha que colocar uma frase. Eu sempre colocava frases boas de acordo com o ensino.

A gente tinha que fazer todo dia a tarefa do professor. Eu preparava direitinho, mas de repente precisava mudar, porque os alunos apresentavam outras coisas. Às vezes estava dando uma aula e em uma janela aparecia uma borboleta. Ai a gente fazia uma aula bem diferente. Todos ficavam olhando para o vidro, e quem é que ia mudar? Então, passei para a borboleta, para as asas, ia formando as sílabas. Depois passava para a Matemática. Minha aula tinha como ponto de partida os alunos.

Um deles me ensinou a fazer um negocinho de lã, que a gente fazia num carretel de linha. Botava uns preguinhos, botava linha e ia fazendo uma tripa. Tripa de mico. Então, inventei que na Aritmética era a tripa de mico. Fazia o dois mais um, criava muita competição. A coisa mais fácil da aula era a competição. Quando havia competição, eles se interessavam mais. Vou contar uma coisa bonita, que até

hoje me deixa assim.... Eu tinha um aluno pobre, e desinteressado. Chamava-se Alfredo. Os alunos o escolhiam porque achavam que ele perdia. Mas ele começou a ganhar, e de repente ganhava a competição. Daí ele começou a se interessar. Então os alunos começaram a pedir para ir do lado dele. Todo mundo queria o Alfredo e ele começou a mudar completamente. Ficou bom, melhorou na escrita, começou a fazer tripa de mico maior. Ganhava de todos. Isso tudo inventado na hora, para ver quem dizia o resultado por primeiro. O Alfredo era danado; sempre dizia por primeiro. Começou a ficar com a moral e o astral altos. Sentiu-se valorizado pela turma que só queria a ele. Melhorou, ficou ótimo aluno por uma coisa que surgiu de repente, dos próprios alunos. Hoje ele é gerente da Caixa Econômica. Fez concurso e me agradeceu por ter passado. Mas não fui eu. Foi o seu próprio esforço.

No Silveira de Souza entrosei-me muito bem com dona Julieta. Ela adorava as minhas aulas. Às vezes dava aula à tarde no grupo, para os alunos mais fracos. Era uma beleza! Nas aulas das alunas mestras a gente inventava muita coisa, tudo de cabeça. Fiz uma bandinha. Os alunos adoravam. Eu conseguia disciplina. Conseguia atenção para fazer olhar, para fazer os movimentos certos.

Fiz muita dramatização. Naquele tempo quase não havia gravador. Eu consegui um emprestado com meu genro, que era do Paraguai. Havia um aluno que estava lendo muito mal, mas era bem inteligente, fantástico no raciocínio, mas desinteressado por leitura. Então mandei que lesse um trecho, um verso pequeno. Gravei o trecho que estava lendo (ele não sabia que estava sendo gravado). Quando terminou, parei e ele escutou e disse: “Meu Deus, como sou burro!!!” Daquele dia em diante ele começou a se esforçar e se tornou um ótimo aluno. Passou no vestibular, e eu fui a primeira pessoa que viu e telefonei para ele avisando. Eles até fizeram um jantar e me

convidaram, mas não fui.

A gente descobria saídas, como a história do Alfredo. A gente descobria muita coisa assim. Sempre dei aula para a primeira série. Encontrei a Teresinha nesses dias, que me disse: “A senhora era uma revolucionária.” É que, embora a diretora não gostasse muito, na hora da aula, dependendo das coisas que surgissem, eu mudava o plano que tinha preparado.

Duas vezes por mês a gente fazia reunião com os pais, o que eu considerava muito importante. Às vezes, porém, não eram muitos os que compareciam. No primeiro ano havia maior interesse dos pais pelas crianças. Depois eles iam diminuindo, mas sem culpa do professor. Os pais deveriam se interessar mais ainda pela terceira, pela quarta série. Mas aí já não é mais tão interessante; já não é aquela coisa bonita de ver o filho aprender a ler. Então os pais vão deixando mais entregue ao professor.

Fazia duas reuniões, porque eram muitos os pais. A gente não conseguia dar atenção a todos. Às vezes a gente também tinha certas decepções, mas isso fazia parte, para acertar aquilo que estava errado. Uma vez estavam reunidas todas as alunas mestras. Eu perguntei se já haviam entregue os bilhetes às mães. Uma, que nunca faltava, disse assim: “Puxa, essa chateação outra vez?” A gente estava empolgada, mas muitas iam por obrigação e não por gostarem. E as alunas riram, e eu disse: “Estão vendo? Às vezes a gente tem decepções”. Os recursos utilizados para dar aulas eram os mais simples e o mínimo possíveis, como o quadro. Às vezes, a gente fazia rifas com coisas que as mães que podiam davam como prêmios. Mas dava muito trabalho para as crianças venderem aquelas coisas para comprar outras.

Seguindo o meu método de aprender fazendo, inventando, despertando o interesse, às vezes eu achava que era melhor dar a aula no pátio, que era bem grande. Eu pedia que os alunos levassem a própria cadeirinha sem fazer barulho.

Meio que escondidos, cada um carregando a cadeira na cabeça, sem que D. Julieta percebesse (embora tivesse a permissão da diretora), chegávamos lá no quintal. Então a gente fazia uma roda, sentava um do lado do outro. Eu inventava várias coisas, como escrever na areia, fazer os movimentos, etc. Eles adoravam. Para voltar era a mesma coisa. Quando os outros professores viam, nós já estávamos lá, todos quietos. Quarenta alunos com a cadeira na cabeça, tudo direitinho. Aprendiam o que era de roda, por meio de cantos. Um professor, que tinha vindo do Rio de Janeiro onde havia feito um curso, me deu muitos versinhos que passei para os meus alunos. Eram coisas boas que davam para juntar com o ensino, e isso os interessava a vir para a aula. É claro que não era assim por cento. Um pouquinho de bagunça sempre havia, não é?

Outra coisa de que gostavam era que, já perto do fim da aula – coisa que também inventei – eu pegava o livro da Condessa de São José com as aventuras do burrinho. O burrinho era como se fosse uma pessoa. A cada dia eu contava um pedacinho do livro, mas não lia como estava ali. Ia adaptando. Eles diziam: “Está na hora de contar um pedacinho do livro”. Às vezes batia o sinal e eles ficavam tristes. Eu fazia como nas novelas: deixava para o outro dia para eles não faltarem. Eu pegava as aventuras mais interessantes.

Houve um dia em que chegou na aula uma menina, que estava muito quietinha. Percebi que estava ardendo em febre. Eu falei que ela estava com febre, mas ela disse que a mãe tinha feito ele vir para saber se o burrinho ia botar fogo. É que as crianças chegavam em casa e contavam as histórias que tinham escutado. Aprendiam a interpretar. A gente não sabia que eles contavam! O livro foi vendido e uma porção de mães quis comprar. Depois, quando as minhas filhas nasceram, eu também comprei para elas.

Eu tinha um aluno que desenhava muito bem. Eu lhe

dizia: “Plínio, agora tu vais lá e desenha o menino, mais a menina”. Ele ia lá e fazia. Dava até expressão ao desenho, e aprendia muito bem, por sinal. Eu não sabia desenhar direito; fazia um avião que mais parecia uma borboleta. O Aníbal desenhava muito bem. Eu dava a idéia e ele desenhava. Ele fazia um livro desse tamanho assim, na faculdade, com capa de madeira. E esse livro ficou no grupo quando sai de lá. Uns dez anos depois ele andava por aí. E aquilo surgiu de coisa assim. Para aqueles alunos já não seriam as mesmas idéias, mas deixei lá, deveria ter trazido.

Também teve aquele versinho, acho que foi a professora Doris que trouxe para mim. Eles cantavam e já aprendiam. Tinha um do zero de que eu gostava muito. Um aluno meu estava no ginásio e ele tinha que escrever alguma coisa sobre o zero. Aí cantei o tal do versinho e ele aprendeu e tirou o primeiro lugar. Havia ocasiões, é claro, em que tinha dificuldade com os alunos. Estava na segunda série. A família era de classe média alta. O aluno, no segundo ano, atrapalhava porque não sabia ler. Ele tinha vindo de outro grupo e a diretora o colocou na minha sala. Era rebelde. Sentiu-se mal. Além de tudo, era bem alto para a idade dele, muito grande para aquela classe. Um dia ele se meteu em baixo da mesa e começou a levantar a mesa com a cadeira. Os alunos ficaram olhando; nenhum achou graça, porque eles achavam que estava errado. Achei que o normal era eles rirem, mas ninguém riu. Ele saiu dali de baixo, muito revoltado. Mas ele tinha razão. Saiu da segunda série para a primeira, também se sentiu mal, não gostou e custou a dar certo. Havia uns alunos que aprendiam depressa e outros, nem tanto. A gente fazia teste e montava classes mais ou menos selecionadas. A minha turma tinha os mais fracos e os menos fracos. Tinha uns que aprendiam a ler mais depressa, que liam bem, e outros, fraquinhos. A gente tinha que começar de baixo, que é para aqueles aprenderem. Uns alunos tomavam

a lição dos outros. Eu escolhia os melhores, mas às vezes mandava os outros também. Dava livros diferentes – coisa de que a diretora não gostava, pois ela queria só o livro da classe. Mas eu arranjava vários livrinhos de histórias e pegava os mais fáceis e dava para eles. Uns tomavam dos outros e no outro dia invertia, e assim mantinha a disciplina. Quando eles viam que não estava muito bom, eles diziam que estava mais ou menos.

UNIFORME

Em Timbó não havia uniforme. Em Imbituba havia, mas a gente não obrigava ninguém a usar, porque havia alunos que não tinham dinheiro nem para lavar o uniforme. Eu não exigia estas coisas, apesar de ser obrigada a exigir.

OS INSPETORES

Toda vez que iam a Imbituba, eles passavam nos grupos. Os alunos mostravam os cadernos, recitavam, cantavam. Um aluno foi cantar “Saudades do Matão”. Era muito alto. Esganiçou-se todo, e o dr. Nereu deu uma boa risada. A gente recebia muita visita no primeiro ano. Depois eu não queria mais voltar para Florianópolis, mas a minha mãe e meu pai queriam.

APOSENTADORIA

Vinte e cinco, vinte e seis anos, era o tempo com que a gente se aposentava. Aposentei, mas depois continuei dando aula em casa. Morava na Almirante Alvim. Às vezes ajudava os irmãos dos que tinham sido meus alunos, no primeiro ano, e que nessa altura já estavam mais adiantados. Dava aulas em casa.

Fernandes Marques Trilha²⁰

Nascido em 1º de setembro de 1917.

A ESCOLA

INGRESSO

Entrei na escola pela primeira vez em 1923. Uma escola particular na rua Francisco Tolentino, antiga Figueira, que era como chamavam aqui em Florianópolis. A professora chamava se dona Vitória. Uma professora que não era titulada, mas que tinha conhecimentos. Ela tinha aquela escolinha particular. Éramos cinco alunos, porque um faleceu aos onze anos de idade e já tinha começado a estudar na Escola São José, na rua Padre Roma. Meu pai pagava mil e quinhentos réis pelo mais moço, que era eu. Até a irmã mais velha, que é falecida, ele pagava três mil réis. Meu pai era um operário especializado, Mas com condições de pagar um cursinho particular. Dali então, em 1924, eu passei a estudar na antiga Escola São José, na rua Padre Roma. Ali eu fui para

20 TRILHA, Fernandes Marques. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira. Florianópolis, 30 de junho de 1994. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

o jardim de infância, naquela época com a professora Julieta. Em 1925 e 1926, eu estudei no primeiro ano C, metade. Um semestre em cada série com a dona Maria das Neves Lisboa. Em 1927, eu estudei no segundo ano, com a dona Maroquinha, Maria Cândido Araújo Figueiredo, tia do ex-governador Pedro Ivo Campos. No terceiro ano, eu estudei com a dona Celina Brasília Dias e no quarto, com a dona Warda Mirasque. Naquela época, as classes eram divididas em Seção masculina e Seção feminina. Não era misto. Dali eu passei para o Curso Complementar, na mesma escola. Eu fiz em '30 e '31 o primeiro ano porque a professora dizia que aquela turma estava atrasada nos estudos devido a muita troca de professores. Em 1932, foram vários professores. Dentre eles, a que chamou a atenção dos alunos que não deveriam fazer os exames finais era a dona Maria da Glória Ribeiro. No segundo ano do Complementar tive dona Rute Silva; no terceiro, dona Osvaldina de Medeiros - hoje, se ela vivesse, seria Coelho, Osvaldina de Medeiros Coelho.

Depois eu passei a estudar na antiga Escola Normal Catharinense. Fiz a primeira, a segunda e a terceira série do Curso Normal Secundário. O Curso Complementar passou a ser o Normal Primário. Esse de que falei antes, o Normal Secundário, eu deveria ter estudado no Curso Vocacional, do qual desisti. Inclusive mais cinco colegas. Dali eu desisti e fui servir o Exército. Tinha um batalhão em Caçador. Ali fiquei e servi por três anos e seis meses. Licenciado, fui ao Rio, onde meus parentes me convidaram para ficar. Trabalhei no Lloyd Brasileiro. Fiquei um ano e voltei. Fiz, então, os dois normais no que, desde 1934, já era o Instituto de Educação; tinha havido uma reforma.

ASPECTOS FÍSICOS DA ESCOLA

Eram aquelas casinhas geminadas, porta e janela, das quais ainda existem algumas ali no centro. Parece que na Tiradentes existem algumas. A própria Conselheiro Mafra, no início da formação, foi a célebre Rua do Príncipe. Eu fiz um estudo da formação da cidade e gravei muitos nomes das ruas antigas. Então era assim, porta e janela.

O marido da professora era cego. De vez em quando dava uma voltinha no corredor grande, onde ficavam os alunos maiores. Era um tipo de Escola Isolada, com primeira, segunda e terceira série. Ali eu aprendi pouquinho coisa, tanto é que depois que fizeram o teste para matricular na dita Escola aqui na rua Padre Roma, eu fui para o jardim de infância. Eles achavam que eu não tinha capacidade de entrar na primeira série. A sala tinha umas carteirinhas improvisadas, umas mesinhas mais simples, com livros grandes de terceira série. Ela dava ensinamentos até da quarta série. Era um banco corrido no corredor, um banco bem comprido, com bastante suporte, bem firme.

Os alunos menores sentavam na sala junto com a professora. No Grupo São José, para o jardim não havia carteiras. Sentava-se à vontade na cadeirinha. A professora vivia entre os alunos.

A primeira etapa era se adaptar ao primeiro ano C. Se o aluno mostrasse conhecimento no primeiro ano C, no meio do ano passava automaticamente ao primeiro ano B, sem fazer provas finais. Do primeiro ano B ao primeiro ano A o aluno já estava bem adaptado. Quer dizer que o primeiro ano A daquela época já equivalia à segunda série de hoje. Veja que na quarta série se aprendiam

países, capitais e cidades principais dos países da Europa e até da Ásia. Os oceanos, os continentes, tudo se aprendia na quarta série, coisas de que hoje, parece, nem mais se fala.

MATERIAIS DIDÁTICOS

Havia mapas. Mapas do Brasil. Havia um lugarzinho pra dar início ao ensino de contagem da Aritmética. Já na terceira série, havia aqueles murais sobre frações ordinárias, Na quarta série, o sistema métrico, as divisões, as medidas de peso, de superfície, a medida linear, tudo ali, até a balança mostrava. Havia livro, lousa, um lápis de pedra, um furinho do lado da lousa com uma esponjinha para todo exercício que fizéssemos em sala - a esponja úmida apagava para fazer novo exercício. Quando se levava exercício para casa, não podia encostar, botar o livro junto à lousa, ou encostar a lousa do lado do corpo, porque, se apagasse e não soubesse, no dia seguinte tinha castigo. Perdia o direito da pausa - aquela hora de recreação - para fazer o exercício. O caderno eu só comecei a usar na segunda série e também só quando fazia o exercício de sala, a tinta. Os demais, era tudo rascunho a lápis. Nessa época já se usavam o lápis a grafite e a pena. Quando a gente se descuidava ou fazia uma molecagem de modo que a tinta caísse - o assoalho era de tábuas largas -, quando o tinteiro virava no chão, tinha que ficar depois da hora para raspar a tinta do chão com o caco de vidro e deixar limpinho para o outro dia. Havia uns castigos assim, mais severos.

METODOLOGIA

Havia dois métodos de alfabetização. Um, o método antigo, conhecido como analítico, ia da frase para a letra. O nosso – conhecido como sintético – perfazia o caminho contrário: ia da letra à frase. Eu acho que deveria ser sempre pelo método contínuo, pois é pela letra, pelos caracteres, pela grafia que o aluno vai começando a formação da sílaba, da sentença e da palavra. Nós tínhamos um livro muito bom, era a cartilha analítica. Nós dizíamos que era o livro do Paulo. Começava assim, por meio das letras. Por fim já se fazia a leitura correta, enquanto que, no tempo de ensino do alfabeto, a primeira série ficava na alfabetização, conhecendo primeiro as vogais, as consoantes, as combinações das vogais com as consoantes para formar as sílabas. Aprender o soletrado, o be-a-bá, be-o-bó, be-i-bi, aquela coisa assim. E a Aritmética, que não se dizia Matemática, era Aritmética, começava pelo zero e ia até o número nove; depois passava para a composição, o 1 à esquerda e o 0 à direita dá 10; tinha o onze e ia naquela enfiada. Era assim. Também um ensino muito rudimentar. Mais tarde, nas outras séries, passava pela Geografia, nome da cidade, dos municípios, que eram bem poucos - não eram os duzentos e sessenta e um de hoje, fora os que estão para ser criados - e pela História também. Bom! História das cidades, nada disso se aprendia. Começava pelo Brasil, situado na América do Sul, com tantos estados. Era essa coisa assim. A Educação Moral e Cívica tinha já a apresentação da Bandeira Nacional, o significado das estrelas, das cores, bem simplesinho, assim para adaptar a criança a um conhecimento mais elevado.

DISCIPLINAS/ATIVIDADES NA ESCOLA

Na Escola São José existia hasteamento da Bandeira aos sábados, com receptivos referentes à Bandeira e ao Brasil, e tínhamos aula de canto sacro e profano, porque lá a religião era muito acentuada. O camarada tinha que assistir a missa aos domingos, das oito e meia, a missa dos alunos na igreja que fica, praticamente, nos fundos da escola, a Igreja Santo Antônio. Ali se fez a primeira comunhão, a catequese toda. O diretor era o Padre Luís Filho, do Colégio Catarinense, professor de Matemática. Após o falecimento dele, em 1925, passou a dirigir a escola o Frei Evaristo Schüerman, que era o diretor do Convento dos Frades junto à igreja. Ele ficou até 1939, quando eu já não estava mais na escola. Eu me formei em 1933, lá no Curso Complementar. Ele, devido a um acidente de carro na Rua Felipe Schmidt, faleceu de uma batida que lhe atingiu a cabeça. A escola, então, passou a ser dirigido por outras pessoas. Deixou de ser particular, porque os professores eram pagos pelo que o Padre Schüermann ganhava de donativos. A própria escola foi toda construída com donativos de comerciantes, de pessoas em situação financeira mais ou menos boa. Ali tinha o salão de festas, tinha um piano. Tinha a professora que ensaiava cantos profanos, os hinos e canções populares, e a professora que, aos sábados, fazia os ensaios de cantos sacros para a missa das oito e meia de domingo. A aula de canto era dentro de um horário. Tanto no primário, quanto no Instituto de Educação. Nós tínhamos, no Instituto de Educação - a antiga Escola Normal Catharinense -, a dona Judite de Oliveira, uma boa pianista. Ela escolhia para os alunos, conforme a série, cânticos, não em português. Nós cantávamos canções italianas, canções francesas. Então, cantava-se o Hino Nacional em quatro vozes, a

Marselhesa. Preparávamos para as festas de final de ano, porque os diplomas eram entregues com festas na Assembléia Legislativa. O piano do instituto era levado para lá, para acompanhar. Mas também tínhamos a parte prática. O solfejo, que era feito na biblioteca. Depois é que passava para o canto. Então, tinha uma canção muito bonita, o Couro dos Escravos Hebreus, do Êxodo, da saída do Egito. Muitos deles eram escravos nas Galés, para dar movimento. Nós cantávamos aquele canto em italiano. Músicas muito bonitas, canções também bem brasileiras, como o Hino Nacional, o Hino à Bandeira. Ela ensaiou muito o Hino da Escola Normal, o Canto da Despedida, muito bonito. Eram aulas boas, agradáveis. O Canto da Despedida era assim: “Da montanha da vida a escalada já sozinhos iremos tentar, e no mérito próprio estudada, cada qual o triunfo buscar.” Essa é a primeira estrofe, tem umas quantas. O Hino da Escola Normal também era muito bonito: “Neste tempo... que a vitória ao mundo conduz, só desejos vibrantes e belos, enche a alma de glória e de luz. Aqui há sonhos de rosas no céu que a todos seduz, canções de fé sonoras e flores feitas de luz”. Tudo canções bonitas. Também se cantava o Hino do Estado de Santa Catarina. Até, por sinal, ganhei do marido de minha sobrinha, desses de quarenta e cinco rotações, o hino tocado por maestros, e no verso era cantado por um coral. Também tenho o Hino Nacional Brasileiro à fantasia, tocado por um maestro compositor alemão. Eu tenho um aparelho de som com vários discos bons, só da música romântica do passado. Do presente eu não tenho nada e não quero. Também, com setenta e sete anos, não vou querer escutar Rock, cantar Rock. No primário havia muitas músicas. Havia a canção dedicada ao diretor na festa do seu aniversário. Tinha uma erudita, patriota mesmo: “Tempos de vida, cheios de

glória... Pátria, nosso Brasil. E que seu nome seja na história sempre coberto de aplausos mil. Brasil, teu nome augusto inspira luz, transporte de anos faz palpitar o nosso coração. Escondes os filhos teus em toda ocasião, tens os braços fortes” (risos). As vezes comove, tanto tempo passado. Essas aulas de canto eram dadas por série, de acordo com um horário determinado para cada classe. Então, quando era pra fazer um canto que exigia entrosamento, fazia-se a primeira com a terceira, a segunda com a quarta série. Tinha até a aluna Ivone Brigmam Leal, filha do professor Henrique Brigmam. Ela tocava piano. A diretora fazia papel de maestro e ela tocava piano de acordo com as vozes. Os rapazes faziam a segunda voz. Então, a quatro vozes, o Hino Nacional ficava muito bonito.

O RECREIO/BRINCADEIRAS

Meninas de um lado, meninos de outro. Elas brincavam, faziam aquelas rodinhas e cantavam. Os meninos tinham as bolinhas para jogar. Brinquedos assim como puxar corda, uns para um lado outros para outro. Quando a bolinha caía pro lado das meninas, eles chegavam para os professores que estavam cuidando do recreio, pediam se podiam pegar a bola. Vai devagar, dizia o professor, para não fazer uma menina cair. Então, era aquele cuidado tremendo. Eles brincavam, não faziam arte. Quer dizer, conforme a localidade. Em Ibirama era calmo o recreio. Alunos disciplinados, educados, um lugar de formação de origem alemã. Os avós, os pais, tinham vindo da Alemanha.

CASTIGOS

Na escola particular, o ambiente era sadio porque a professora era enérgica. Havia ainda, aquele castigo de sentar no cepinho áspero, uma espécie de banquetinha com as fibras do caule salientes. Sentando ali, era coisa tremenda. A gente não podia se manter ali porque sentia dores. Ajoelhar nos grãos de milho junto à parede.... Ah! Existia a vara de marmelo, a régua, a batida nos pontos das falanges... Quando o aluno errava o cálculo, fazia a correção no quadro e ganhava a batida. Na correção dos trabalhos, ela batia. Olha! Erraste aqui. Nos ditados havia os castigos corporais, menos o puxão de cabelo, o puxão de orelha. O que ainda hoje se fala que os professores faziam no primário, não havia. A professora dava os castigos mais leves. Talvez mais leves, porque puxar uma orelha seria prejudicial. Agora, sentar no cepinho, podia ser que depois de se levantar o ardume ia passar. Mas nunca me aconteceu isso, porque nós tínhamos um respeito tremendo pelo nosso pai. Era uma educação muito rígida a daquela época. Uma coisa que o camarada não podia vacilar. Fomos criados nesse sentido até a maioridade. Em casa, ainda antes do casamento, tinha que seguir aquela regra que ele traçou desde a infância. Não havia abuso, não se olhava com cara feia para o professor. Qualquer reflexo de algum erro que a professora mandasse uma queixa para casa por um irmão ou um vizinho era um castigo. Então, aprendeu-se bem. Aliás, dado o ensino de hoje, creio que temos aprendido muito bem.

UNIFORMES

No Grupo São José usava-se uniforme. O uniforme era calça curta; tinha, como antigamente diziam, o

dolmo, aquela túnica abotoada, e tinha um quepezinho branco, uma pala preta. Até hoje o meu irmão mais velho está numa fotografia que o padre mandou bater da seção masculina, à época separada da seção feminina. A minha irmã, que faleceu há pouco tempo, tinha as duas. A outra minha irmã estava com a feminina, que na feminina estavam as duas irmãs mortas. Essa me disse: “Tu sabes que eu não gostava de estudar; então, naquele dia que bateram a fotografia, eu não estava presente.” E a outra, na qual eu queria ver o meu irmão que faleceu aos onze anos, eu preciso perguntar ao meu irmão que ficou responsável por essa irmã mais velha para saber se ela ainda tem essa fotografia lá em Itajaí, onde ela mora.. Uma ocasião, ela me havia mostrado onde ele estava. Dessas fotografias da seção feminina eu fiz xerox; Aí estão as duas.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL/DOCÊNCIA

INGRESSO

Eu ingressei no magistério em 1945. Fiz ingresso para Ibirama, para o Grupo Escolar João Guilherme. Em 1947, fui designado diretor do Grupo Escolar Marechal Born, de Chapecó. Antes era território de Iguazu. Aquele território foi criado pelo presidente Vargas e depois foi extinto e mandaram os professores para cinco cidades. Eu fiquei na sede. Mas a minha esposa não se deu bem. Ficou muito chocada com as mortes, por isso pedi remoção para Ibirama. Em Ibirama fiquei até 1948. No final fiz concurso de remoção e fui para Santo Amaro. Ali fui auxiliar de direção por um ano. De Santo Amaro fiz remoção para

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

Coqueiros, num grupo que havia sido criado em 1949, o Grupo Escolar Presidente Roosevelt. Trabalhei lá oito anos com interrupção. Eu substituí uma professora.... Depois voltei para Coqueiros, onde trabalhei e depois de 1959 fiz remoção para o grupo escolar da Trindade, que era o Olívio Amorim. Está situado na entrada da avenida para a universidade. Ali é o atendimento da universidade, perto da capela. Ali eu me aposentei, no dia 7 de agosto de 1962. Então, eu não trabalhei os vinte e cinco anos de magistério. Trabalhei apenas dezoito anos, porque foi contado o tempo de Exército. Do segundo período, que foi o tempo em que servi na guerra (dois anos), contaram quatro com mais três e alguns meses, com que completei vinte e cinco anos e me aposentei. Essa foi a minha trajetória até os quarenta e quatro anos. Quando ingressei, peguei em Ibirama uma classe de alunos repetentes de terceiro ano, uns vinte e oito, trinta alunos. O diretor me disse: “Olha! Aquela classe de terceiro ano está esperando professor, mas são todos repetentes. Uma parte desses alunos já está de repetência há três, quatro anos. ” Alunos que não assimilavam porque misturavam português com alemão. Aí no fim do ano ficaram dois. Ele disse: “Até que enfim desencalhou”. Porque todo ano aquela coisa. Fazia a primeira vez, reprovava; fazia a segunda vez, reprovava. E tem uma coisa, não tive aula prática; eu nunca assisti a uma só aula e nunca havia dado aula. Tinha um grupo modelo, ao qual os alunos formados da quarta série davam aula, do quarto normal. Então cheguei lá e fiz das tripas coração, como diz o outro. Como se faz? Vai fundo e tal. Porque a segunda vez em que fui convocado para a guerra, eu estava matriculado para fazer os dois normais. Em abril, me convocaram. Então eu tive que requerer ao antigo interventor. Naquela época da ditadura, requeri ao interventor federal para fazer provas sem freqüentar as aulas e a escola. Aceitaram, e o batalhão

só me deu a semana de provas. E agora, como é que vou recolher dados para fazer as provas, se não assisti às aulas? Então os alunos me davam dados de Português, outros de Sociologia, outro de Pedagogia, outro de Metodologia. Só não tinha prática de ensino, porque não podia sair do batalhão para assistir às aulas práticas. Ainda bem que não tinha a celebre Matemática, que a Matemática precisava de um professor de fora. Eu nunca fui bom em Álgebra. Eu peguei muito bem a Aritmética, a Geometria e a Trigonometria, mas a Álgebra, não. Fazia as provas, o professor era duríssimo, o professor Anacleto Damiani. Não se podia olhar nem para o lado. “Fique com os olhos em cima da prova e a parte que está no quadro para copiar.” Não podia olhar para o lado; era rigoroso mesmo. Eu ainda passei com 7,5. Ainda tinha a tal Biologia. Comecei, batalhei e fui. Só que eu queria mesmo era ser regente de classe. Eu não tinha tendência para comandar, para determinar; eu achava que não devia, não dava.

METODOLOGIA

Em Ibirama, os alunos começavam a ser alfabetizados em português já na primeira. Existia uma professora de origem alemã, dona Helena, que introduzia o português a partir do alemão que eles falavam. Eles não aprenderam a escrever com a letra gótica do alfabeto alemão; aprenderam o alfabeto da Língua Portuguesa, tirado do latim. Quando chegava o segundo ano, ela dava alunos completamente alfabetizados e falando, praticamente, o português. Aí, quando chegava na terceira e na quarta, os professores já tinham tudo encaminhado. Parece que agora voltou, porque aquele tempo foi o tempo da nacionalização. Havia até repressão do Exército. Havia uma companhia lá, nesse lugar de colonização. E agora dizem que

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

até no pátio os alunos falam alemão. Os alunos já estão falando alemão. Caiu todo aquele rigor. A coisa ficou livre. Democracia. O nome da professora que falava alemão e português era Helena Belle Rizete Laun. Hoje ela é falecida. Era natural de Brusque. Foi um desenvolvimento ótimo. Tinha cartazes de tudo. Ela arrumava as consoantes e as vogais que formavam as sílabas tudo por meio de cartaz. E também tocava piano. Tudo ela ensinava mais por música, aquelas canções bem fáceis.

COMEMORAÇÕES CÍVICAS

Enquanto fui professor, nós tínhamos que organizar os programas para as festas, as festas cívicas. Naquela época tínhamos que preparar os alunos durante o ano, cooperando com a professora de Educação Física para o desfile da cidade. Aqueles desfiles! Depois, na praça municipal, para homenagear a bandeira, um professor era encarregado de falar sobre o Dia da Pátria, o Dia Sete de Setembro, o descobrimento do Brasil. Até tem uma passagem em Ibirama. Eu estava naquele momento na direção, respondendo pela direção, e era homenagem do dia vinte e dois; tinha uma festa interna. O diretor, que era inspetor e tinha sido diretor antes de mim, disse: “Trilha, quem é que vai fazer o discurso?” Tinha prefeito, aquelas autoridades, juizes de direito, promotor. Era festa no pátio interno. Eu disse: “Eu já preparei as palavras”. “Mas tu tens coragem de falar em público?” Porque ele não falava. Eu disse: “Eu vou falar como se estivesse falando para os alunos na sala de aula. O camarada não discorre sobre o descobrimento do Brasil, sobre a Independência, tudo na sala de aula?” Já na segunda série se falava de descobrimento do Brasil, Independência, os principais presidentes da República e tal. Mas deu um temporal

tão grande que não houve a festa. No dia vinte e três era a folga. No dia 24 de abril ele disse: “Escapasse do discurso (risos)”. Eu digo: “Eu teria falado”. Pois eu dava aula no quarto ano seccionado, Português e Matemática, em que haviam muitos alunos, e eu dava aula de Geografia no Curso Complementar. Era como se fosse um discurso. Expunha a matéria, fazia indução, perguntas, essa coisa toda, desenvolvia. Era o mesmo que estar fazendo discurso constantemente.

AS PROVAS

Naquele tempo estudar era mais gravar, decorar. No primário, eles ensinavam que quem decora é papagaio. Tinham quantos papagaios assim; um decora o que o outro diz. Vocês têm que escutar a explicação do professor. Depois eu vou fazer perguntas e depois que notar que vocês captaram o que eu ensinei, então eu dou um questionário com cinco ou dez perguntas, conforme a classe. Aquilo vai valer para o fim do ano, que no fim do ano o diretor mandava organizar um questionário sobre tudo o que vai cair no exame, mas sem os alunos saberem. Então, ali iam questões de Matemática, questões de problemas, questões de Gramática, tudo direitinho. Passava no gabinete. O diretor aprovava e no dia do exame vinham as perguntas. Dificilmente reprovava; eu nunca reprovei mais do que três alunos.

CASTIGOS

Eu nunca castiguei aluno. O que valia para mim durante o ano era o que eu dizia no primeiro dia de aula, as determinações daquele dia. O material necessário, a entrada

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

certa na escola; tolerância de cinco a dez minutos, devido a um atraso qualquer na rua, uma interrupção de condução. Mas quando chegava na sala de aula, tanto dentro como no pátio, o aluno tinha que se comportar; não podia abusar.

OS ALUNOS

Em Ibirama, o recreio era calmo. Alunos disciplinados, educados, um lugar de formação de origem alemã. Os avós, os pais, tinham vindo da Alemanha. Agora, quando cheguei aqui na cidade, fui professor no Grupo São José, o grupo em que estudei. Fui professor um ano ali e desisti. Voltei pra Coqueiros. Já, na Trindade, a disciplina também não era má. A diretora era conselheira de disciplina. Na Trindade existia o curso Normal Regional; o curso Complementar tinha sido extinto. Formava professores para as escolas reunidas, professores que ensinavam até o quarto grau. As isoladas ensinavam até o terceiro. Acho que ainda existem escolas isoladas em locais mais afastados. O aluno acatava qualquer determinação dos professores. Ia naquele quadro que era o mural. Aplicava uma penalidade ao aluno por não ter feito os deveres, por indisciplina. Ele dizia embaixo: “Confirmo a determinação da professora”. O aluno tinha que se conformar e o pai, ficar em casa, porque não aceitava reclamação. Agora parece que é o aluno que determina o professor. Já não digo no curso superior, em que o camarada tem a sua formação, pode fazer uma pergunta ou protestar alguma coisa que foi explicada e não foi entendida. Naquele tempo, faziam-se elogios e comentários na entrega do boletim. Eles diziam que aqueles que tivessem nota mais baixa que o colega, procurassem se aperfeiçoar; prestar mais atenção na aula, estudar mais em casa, fazer bem

os deveres. Quando não tivesse assimilado qualquer coisa, pedisse para o professor repetir. Eu, quando notava que um aluno tinha alguma deficiência na aula, passava para frente; também passara para a frente os mais rebeldes. Ia corrigindo assim, e o ensino era praticamente assimilado. Havia exceções. Alguns já tinham a inteligência desenvolvida. Eu tive um aluno que faltava mais do que freqüentava as aulas, em Coqueiros, o Flandres. O pai dele era caminhoneiro e ele viajava com o pai. Terceiro ano. A diretora não era muito boa. Eu, quando ia, repetia as aulas antes do tema novo e ele anotava. Quando fazia as provas mensais, as provas eram ótimas, mesmo com pouca freqüência. Ele fez as provas finais e teve boas notas.

Então, ali ia o apanhado de tudo, as notas finais, as freqüências, as faltas, para a Diretora aprovar, dar o sim. Ela mandou me chamar no gabinete e disse: “Trilha! Esse aluno não vai ser promovido para o quarto ano. Mas por quê? – Olha aqui o número de faltas dele, a freqüência. Esse aluno não tem freqüência para aluno de terceiro ano”. Digo: “Mas tem competência; é inteligente”. As poucas vezes que ele assistia à aula na semana, assimilava tudo. Eu não sou professor de dar aula só uma vez, sou professor de repetir antes de entrar num assunto novo dessa ou daquela matéria; eu volto atrás. Ele está com todos os questionários; ele estudou; ele foi bem vigiado; ele não pediu auxílio a colega nenhum, não arranjou meio nenhum para fazer a prova por intermédio de engodo, coisa e tal. A senhora tenha paciência, quer reprovar, reprova. Mas se o pai for no Departamento de Educação reclamar, eu vou citar o que eu citei à senhora. Aí ela: “Então vamos deixar”. E no quarto ano foi um ótimo aluno. Quer dizer que era uma pessoa provavelmente capacitada, de inteligência bem desenvolvida. Mas também há muitos que não têm capacidade. Precisam repetir.

APOSENTADORIA

Com quarenta e cinco anos eu me aposentei. A o meu pai, quando cheguei em casa, eu disse: “Estou livre do magistério, cansei (risos)”. Ele disse: “Mas que idade tu tens?” “O senhor meu pai então não sabe, não lembra? (risos)”. Eram doze filhos. “Pois é, eu com setenta e dois ainda trabalho; essa geração de hoje...” Desde então eu não trabalhei mais. Depois de aposentado, eu só me dedicava ao serviço externo. Saía de casa, para fazer uma feira, ir ao supermercado. De vez em quando diziam: “Tem uma substituição em tal grupo”. Não quero nunca mais. Porque cansa.

VIDA PRIVADA

Dos professores do grupo eu não tenho fotografias; só tenho dos normalistas. E tenho meus célebres diplomas. Eram grandes. Do Curso Complementar, do Normal Secundário, do Normal mesmo. E tenho da minha mulher também; ela era normalista. Diplomas bem trabalhados, bem desenhados. Agora dão um pedacinho de papel, um canudinho (risos). Ainda com as notas no verso. No Normal, o diploma ainda vinha com a fotografia. Não tinha notas boas, aquelas notas nove, mas não tinha as notas baixas. A minha filha, a mais moça, ela tinha um lema: “Mãe eu fiz tudo para passar, não para apresentar a caderneta com notas bonitas, que muitas vezes essas notas bonitas não dizem nada.” É mesmo, porque às vezes o aluno usa artificios para ter notas boas, mas conhecimento, nada. Meus filhos foram ótimos. A mais velha fez a Faculdade de Educação na UDESC. Fez concurso para secretária na Eletrosul. Não chegou a ser secretária. Pegou logo o setor de treinamento de candidatos ao concurso. Ela preparava. Depois de um tempo ela passou para o setor financeiro. Ela já está aposentada, hoje,

aos 46 anos. Fez acordo, e hoje ela dá cursos e faz palestras. Tem curso de francês e curso de piano. Era uma mentalidade! Do rapaz, então! Em Matemática! E a mais moça só fez o Magistério, porque ela achou que devia casar; estava com 21 anos. Foi onde se deu mal. O casamento foi a morte dela. O rapaz tem cargo de chefia na Embratel, e o filho já vai no mesmo caminho. Está na universidade, fazendo Engenharia Mecânica. Está com 18 anos. Terminou o segundo grau, passou bem no vestibular. O outro, que é mais moço, está na oitava série do primeiro grau. Mas eu acho que depende da formação da família. Nunca peguei o caderno de meus filhos para ler, para mandar fazer exercícios. A minha mulher é que olhava as notas no boletim, sempre notas boas. Foram bem. Mas sempre cuidando. Não pode faltar à aula, não pode desviar o tempo para isso ou para aquilo, tem que ser: quem estuda, estuda. O restante da vida virá depois. Tanto é que casaram depois da maioridade. Não se importavam com namoro. Mas hoje em dia o negócio é bem diferente.

Na minha infância praticamente era aquele currículo escolar, aquela coisa. Fora da escola, era rapaz comum, com aquelas brincadeiras, aquelas coisas. Mas, perto de casa, não saía de perto, porque a minha mãe não permitia. Brincava de carrinho de quatro rodas. À noite pegar um mamão, abria e fazia caverinha, os olhos, os dentes, botava uma velinha dentro. A gente morava perto de um cemitério antigo, perto da ponte de ferro, da Ponte Hercílio Luz. Durante o dia a gente saía, tinha aquelas velas nos túmulos bem gastas. A gente levava e colocava nos cantos da rua para intimidar as pessoas. Coisas de rapaz. Um futebolzinho ali na frente. De vez em quando um passeiozinho mais longe, mas com permissão

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

*de chegar em casa tal hora. É a vida. Era coisa desse tempo..
E as minhas irmãs nem pensavam em sair na rua, ao anoitecer. O meu irmão mais velho era encarregado de meu pai de cuidar delas. No podiam sair como saem agora, em turminha, fazer um passeiozinho, voltar à hora que querem. Não tinha isso.*

*Jamille Trindade Sadelli Pacito*²¹
Nascida em Florianópolis / SC em 19 de março de
1915.

VIDA PRIVADA

A FAMÍLIA

*N*o meu tempo foi tudo muito bom, muito gostoso, porque eu tinha pai, tinha mãe, um pai muito bom, a mãe também. A mamãe era muito enérgica, era mais que o pai. Papai nunca me bateu, mas a mamãe... Então, às vezes o pai falou assim pra ela: “Você nem parece ser mãe; você bate muito nas crianças”. Ela dizia: “Deixa-me criar nossos filhos como eu fui criada”. Eles foram criados, sabe nordestino como é que é, e no fim da vida éramos amigas. E, é verdade, precisa de um pouco de energia com a criança, não pode deixá-la fazer tudo o que quer. Tudo tem que ser um pouco negativo, um pouco positivo, um pouco fazer a vontade da criança, um pouco contrariar. Contrariedade para a criança é uma coisa muito boa, tem que orientar, a criança precisa de orientação. Eu era pequena ainda e mamãe percebeu que eu era canhota, então, aí ela começou, sabe como é... Os pais naquele tempo eram muito rigorosos. Então, ela batia na mão porque não podia. A mamãe era

21 PACITO, Jamille Trindade Sadelli. Entrevista concedida a Sandra Albuquerque Reis. Florianópolis, 18 de julho de 1996. Disponível no Acervo de Museu da Escola Catarinense.

do norte, muito severa. Ela pegava, botava meia na minha mão esquerda para eu trabalhar a direita. Assim é que comecei a trabalhar com a direita. Há algumas coisas que eu não consigo fazer com a direita, por exemplo, descascar uma laranja. Daí tem que ser com a esquerda. Sinto mesmo mais força na esquerda, tenho mais agilidade.

A ESCOLA

INGRESSO

Quando eu era menina, criança, estudei no Colégio Sagrado Coração de Jesus. Fiz o jardim de infância, foi muito interessante. Fui algumas vezes para o banco do gato, que era o castigo que tinha. O banco do gato era um banquinho. Por qualquer peraltice que se fizesse na época, ia sentar no banco do gato. Se estava no banquinho, já sabia que estava de castigo. Não podia fazer nada. E antes de começar as aulas, nós íamos para a chácara, para a Grutinha de São José, para rezar. No colégio tinha muitas árvores frutíferas, tinha goiabeira. A gente pegava goiaba; as frutas que caíam no chão. Era um ano no jardim, depois ia para o primeiro ano. No 1º ano a minha professora era a Irmã Alaíde; uma irmã muito boazinha, porém severa, muito severa. Depois ia para o 2ºano, com a irmã Abertides. Depois para o 3ºano. Depois passei para o Arquidiocesano São José.

O Curso de Normalista foi um período tão gostoso, muito bom mesmo. Eram poucas alunas... E sempre tinha de uma aula para outra um espaço de uns dez minutos para a entrada de um novo professor. Cada professor tinha uma matéria. Algumas alunas, que eram mais vaidosinhas, em vez de passear

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

ou de brincar iam para o toailete se enfeitar, colocar batom, ficar bonitinhas. Eu com a Cleusa gostávamos muito de empada do Chiquinho. Atravessávamos aquela figueira ali numa correria medonha e íamos lá para o Chiquinho comer empada.

Eu era muito peralta. No Colégio Arquidiocesano de São José havia um carroceiro que levava sempre o cavalo para comer grama, já que no pátio havia grama. Eu tinha uma colega lageana, a Selma, que vivia me provocando: “Ah! Jamille, duvido que tu montes naquele cavalo”. Ela montava bem porque era lageana, vivia na fazenda. Eu disse: “Ó Selma, tu estás me provocando”. Um dia cheguei lá na carroça. O cavalo não tinha nada, não tinha sela, só tinha uma corda no pescoço com que o carroceiro o amarrava ali... Peguei o cavalo, encostei no muro e subi em cima. Nunca tinha montado, mas eu gostava muito de cavalo. Aí fui, desci a Rua São Francisco. Enquanto ia descendo, Frei Evaristo, que era diretor, ficou quase louco, botou as mãos na cabeça, e falou assim: “Menina, eu sou responsável por você. E se você cair desse cavalo?” Aí eu tive que descer, e fui levando o cavalo lá para o lugarzinho dele. Ele então escreveu uma carta para minha mãe, contando da minha “belezinha”. Aí entrei no chinelo: “Vai pegar o chinelo”. Aí eu peguei o chinelo e ai, ai, ai... Ela disse: “Você sabe por que esta apanhando”? Eu disse: “Não senhora, não sei.” Por causa daquela carta, olha o que você fez”. Aí eu contei para ela: “Pois a Selma vivia me provocando e eu...” Era levada mesmo.

ASPECTOS FÍSICOS DA ESCOLA

No Coração de Jesus, as alunas eram assim de uma classe mais ou menos... De uma situação financeira melhor, e lá no Arquidiocesano, as alunas já eram de um nível inferior, quer dizer, gente mais pobre. No Arquidiocesano, as salas

de aula eram boas. As classes eram individuais; as carteiras também. No Coração de Jesus e no Complementar, as carteiras também eram separadas, individuais.

MATERIAIS DIDÁTICOS

Tinha lousa, pedra na parede, e cada um tinha seu caderno. Fazia-se cópia, muita cópia mesmo. Tinha o livro de leitura. Era aquele livro de capa mole, até me lembro bem, a primeira leitura era uma poesia: Deus. Muito bonita a poesia. A disciplina no colégio, que era de freiras, era muito boa. E eram estrangeiras. Tinha irmã Tereza, que veio da França, muitas alemãs, e outras alemãs, sempre estrangeiras. Agora está tudo diferente.

METODOLOGIA

O ensino era todo em português. A minha alfabetização no primeiro ano foi com o sistema analítico, que começava pelo $b+a = bá...$ Foi assim. No sagrado Coração de Jesus, as aulas eram muito severas. As professoras eram freiras, religiosas, e antes de começar as aulas se fazia oração, o Pai-Nosso, a Ave-Maria... O comportamento tinha que ser exemplar. Tinha aquela posição assim de ficar de mãos juntas. Havia muita disciplina; então, a aluna tinha que prestar muita atenção nas aulas para poder aprender bem, e aprendia-se mesmo; a disciplina ali era coisa muito bonita.

DISCIPLINAS/ATIVIDADES NA ESCOLA

Assim no colégio, eram... Às vezes eram músicas sacras, mas a música eu não lembro. Agora, do Arquidiocesano

lembro de algumas. Lá no colégio tinha um palco. Então nós, as crianças, virávamos artista. Cada um recitava a sua poesia, cantava. Tinha umas alunas que eram mais introvertidas. As mais extrovertidas é que participavam do teatro. Professora Maria da Glória Oliveira, que era pianista, tocava piano e nós cantávamos, tipo assim: “Passarinho bonitinho de onde vens, para onde vais, tão sozinho”. Isso era muito bonitinho, esse eu cantava. E depois tinha uma poesia assim: “Sombrinha”. Então, a gente dizia: “Vejam só que ela era bem simples, o que contam o gestor, com esta bela sombrinha que o padrinho me comprou”. A gente recitava, era tudo muito bom. Tinha muitas matérias: Português, Matemática, História, Geografia, Pedagogia, Psicologia... Ainda tenho até no verso do diploma a relação das matérias com as quais nos formamos. No Normal tínhamos uma professora de música, dona Judite Simone. Nas aulas de música, nós cantávamos. Parece que uma vez por semana. Ela tocava piano muito bem. O Normal tinha piano de cauda muito bonito e um salão. Ela tocava e nós cantávamos. Nunca tive muita tendência para música. Eu era um pouco difícil. Além da música e do canto, tínhamos também, prática, que era fazer as pautas, as notas e aula de música também.

Mais: tinha Latim, Francês... No ano em que eu me formei, que foi em 1935, eles tiraram o Francês e o Alemão e puseram o Inglês. Eu não tive muita sorte, porque o Inglês é mais fácil, e o Francês é difícilimo por causa dos verbos. O Alemão também é muito difícil. O professor de Alemão era o frei Evaristo Schüller, que era o diretor do Curso Complementar. Antes de nos formar, no 4ºano, nós íamos dar aula nos colégios, nos grupos. Nós íamos em turmas. Eram turmas escolhidas para dar as aulas. Primeiro, ficávamos assistindo às aulas, no fundo da sala. Depois, na outra semana, nós dávamos a aula para os alunos. Era

aula prática para poder lecionar. Porque lecionar é uma coisa muito importante, muito delicada; precisa ter muito cuidado para o aluno não ficar receoso de alguma coisa. Então, é muito importante a professora estar bem preparada para poder lecionar.

O RECREIO/BRINCADEIRA

O recreio também era muito disciplinado. Cada aluna levava seu lanche. A gente sentava num banquinho. Não tinha aquela correria como tem hoje. Brincava-se de roda e de várias brincadeiras. No tempo em que eu estudava no Arquidiocesano, no recreio era tudo separado; as meninas ficavam de um lado e os meninos, de outro. Também tinha a grutinha no pátio, com a imagem de São José. Antes de começar as aulas, a gente formava e cantava, rezava para depois cada um ir para a sala de aula, isso tudo formado, duas a duas, com muita disciplina. Como havia disciplina naquele tempo! Hoje não sei... Parece tudo assim...

UNIFORMES

Tínhamos uniforme. No Coração de Jesus, era uma saia vermelha toda pregueadinha e a blusinha branca. Na Escola Normal, as alunas tinham a saia azul-marinho toda pregueadinha e a blusa branca. As professoras eram religiosas, então era o véu. Na Escola Normal era o guarda-pó. Todos os professores - naquele tempo se chamavam lentes - para dar aula tinham que usar guarda-pó.

OS INSPETORES

O inspetor ia ver a maneira como a professora estava dando aula. Ele assistia às aulas das professoras e notificava os defeitos, as deficiências, essas coisas assim. Numa reunião pedagógica, ele chamava, quer dizer orientava, não chamava atenção; orientava as professoras. Essa era a finalidade do inspetor.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL/DOCÊNCIA

INGRESSO

Quando eu estava no último ano, que era o 4º ano, a minha vaga para lecionar em Laguna já estava reservada... Eu tinha uma prima cujo tio era deputado. Ela escreveu para ele, lá em Laguna, e ele já reservou a minha vaga no Grupo Escolar Jerônimo Coelho. Depois que recebi o diploma, eu fiquei seis anos lá lecionando. Morei primeiro com uma família muito amiga da nossa família. Mas o meu pai era assim um pouco orgulhoso, queria que eu pagasse mensalidade, mas o seu Salomão Coelho não queria receber. Meu pai falou: “Então você vai para um hotel”. Fomos para o hotel. Como o hotel era muito caro e a nossa remuneração era quase miserável, para poder pagar nós ficávamos em quatro ou cinco professoras num quarto só. E assim continuamos por seis anos no Grande Hotel. Depois, para a transferência para cá, tivemos que fazer concurso, concurso de pontos. Eu fiz. Depois de seis anos, eu fui transferida para cá, em 1942, para o Grupo José Boiteaux, no Estreito. Trabalhei lá oito anos. De lá fui transferida para o Silveira de Souza, onde

fiquei doze anos. Depois então me aposentei. Olha, eu só continuei no Magistério mesmo por amor, por vocação. Porque eu sempre gostei de dar aula. Adorava! Quando entrava na sala de aula, o resto do mundo para mim acabava. Tinha verdadeira adoração, mas o dinheirinho era muito... Muitas vezes o meu pai tinha que mandar dinheiro para eu pagar o hotel. Sempre ganhamos muito pouco. Professora sempre ganhou pouco; a remuneração era uma vergonha.

A ESCOLA

Em Laguna, uma cidade muito boa, povo bom, foi muito gostoso. Lá passei a maior parte da minha mocidade, meus 19, 20, 21 anos, bem jovenzinha. Dancei muito naqueles clubes; foi tudo muito bom lá. Também os alunos. Lá eu fui lecionar logo no 3º ano, uma classe masculina, pois o misto ainda não era permitido, e eu peguei o 3º ano masculino. O Grupo Escolar era um grupo moderno. No Jerônimo Coelho, no José Boiteaux, as carteiras eram individuais também. O Grupo José Boiteaux era um grupo bem organizado; sabe, era um grupo muito bom. A diretora era a dona Eulina Marcelino, que também era enérgica, muito boa, mantinha muita disciplina. Lá era muito bom, bem grande, tinha bastante criança. O colégio tinha dentista, uma biblioteca com muitos livros e os alunos procuravam, faziam pesquisas. No Silveira de Souza, as crianças tinham direito à sopa, assim como as professoras, às 10:00 horas, 11:00 hora. A sopa era muito saborosa, bem variada, cada um com sua caneca. Tinha a cozinha no fundo do pátio, uma cozinha muito boa. Em todos os grupos em que lecionei era assim, a mesma estrutura: pátio interno, as salas do lado de cá e as salas do lado de lá, e aqui na frente, gabinete da Diretora.

MATERIAIS DIDÁTICOS

Nós dávamos o nome dos livros, das cartilhas e os pais compravam. No meu tempo, havia uma cartilha muito boa para o 1º ano: Caminho Suave. E havia também os mapas, quadros para colocar na parede, quadros de desenhos de acordo com a cartilha. Tornavam mais fácil à criança assimilar. No primeiro ano era lápis; depois era caneta, do tipo esférogáfica. No 1º ano sempre foi lápis. agora, já mais no fim do ano, a gente dava canetinha. Eles ficavam tão contentinhos, faziam a festa!

METODOLOGIA

Antes de começar tínhamos que preparar os planos de aula, que tinham que ser todos escritos. Quando se entrava num grupo, tínhamos que ir para a secretaria ou o gabinete do diretor, para que ele passasse o visto no plano de aula. Não podia dar aula sem preparação.

Na alfabetização, o método era do todo para as partes, quer dizer, nós dávamos a sentença, depois vinham as palavras para a criança gravar. Era tudo escrito no quadro, na pedra negra. O ensino assim ficava mais objetivo. Em seguida passava-se às sílabas e das sílabas para as letras, o alfabeto. Era o chamado ensino analítico. Em geral, desde agosto as crianças já liam corretamente. A gente ficava até admirada, e eles, naquela animação, naquela alegria. Como eles gostavam quando começavam a ler! Naquele tempo existia Caligrafia. Era muito importante a letra do aluno. No primeiro ano, eu ensinava a maneira de sentar para escrever, porque tinha criança que sentava assim, botava a cabeça no braço. A posição de sentar, de pegar

no lápis, tudo isso tinha que ensinar a ela no 1º ano, como fazer a letra...

A professora não podia sentar. Só sentávamos para fazer a chamada. O resto era tudo circulando, para ver o defeito de cada aluno, a maneira de sentar, de pegar o caderno. Às vezes a criança deixava enrolar a pontinha do caderno, também não podia; tinha que ser tudo bem direitinho.

DISCIPLINAS/ATIVIDADES NA ESCOLA

No José Boiteaux havia esporte, aulas de ginástica.

COMEMORAÇÕES CÍVICAS

No José Boiteaux e no Silveira de Souza não havia piano, mas cantava-se antes de entrar na sala de aula. Para entrar na sala de aula antes de começar, no pátio, os alunos formavam fila; hasteava-se a bandeira e cantava-se o Hino à Bandeira.

AS PROVAS

As provas a gente trazia para casa, corrigia em casa, depois levava para o grupo. A diretora revisava e dava a nota que ela achava direito. Uma outra professora, uma colega de aula seguinte também examinava as provas da gente e dava nota. A diretora era quem elaborava as provas. Ela é que dava as matérias, as questões, preparava tudo e ia entregar na sala de aula.

O RECREIO

As crianças brincavam bastante. Eram mais peraltas. Davam muito trabalho, muito trabalho, muito trabalho. O diretor era José Varella, um bom diretor. Enérgico, mas um bom diretor.

CASTIGOS

A criança era peralta... Quando fazia qualquer coisa, claro que tinha que receber castigo. Não podia bater não, deus-o-livre. Eu conseguia disciplina na sala de aula, assim. Quando estava dando aula, que eram três fases (explicação, argüição e, depois, a parte do aluno), se eu visse alguém que não estivesse prestando atenção eu ficava olhando firme para ele. Só com o olhar ele ficava comportadinho.

UNIFORME

Em Laguna a professora usava guarda-pó. As crianças, não me lembro não, acho que não tinham uniforme. No Boiteux, também não me lembro, acho que não, nem aqui no Silveira de Souza não. Lembro que nós tínhamos que dar aula de guarda-pó.

OS ALUNOS

Tínhamos um amor especial pelos alunos. Para mim, era como se fossem meus filhos. Quando eu passei a lecionar no 1º ano, olhava por eles, olhava

o cabelinho, as unhas, isso porque eu sempre lecionava no 3º, 4º. Tinha higiene. Eu sempre levava tesourinha, porque às vezes uma mãe, especialmente em Grupo Escolar, tinha muitos filhos e não tinha tempo para tudo, para olhar eles. Por isso eu olhava as unhas, o cabelo, tudo isso na aula de Higiene, que eu transformava em objetiva mesmo. Antigamente, a professora orientava muito mais, eu pelo menos orientava muito os meus alunos sobre todos os assuntos. Ensinava o que era a verdadeira vida, especialmente religião. Eu punha muito Deus dentro da criança, porque há pessoas que acham que não precisam de Deus, mas ele é que não precisa de nós, nós precisamos muito dele. A pessoa que tem Deus dentro de si já não faz certas coisas, porque tem aquele sistema de obediência, sabe o que se pode fazer e o que não pode fazer. Naquele tempo falava-se muito em pecado. Hoje não se fala mais. Eu fui criada nesse sistema do pecado, tudo era pecado. Claro, era um pouquinho de fanatismo, mas fazer o quê? Fomos criadas assim, naquela base, mas acho que assim foi melhor.

OS INSPETORES

Nós tínhamos um inspetor escolar que se chamava Mosmann. Ele assistia às aulas das professoras, sentava na secretaria, e mandava a gente dar aula. As aulas eram englobadas, sabe? Era assim, por exemplo: de uma aula de Geometria (tinha aquelas figuras de madeira, tinha 1, 2, 3), dali, desses números, a gente já passava para aula de Aritmética que falava em número, passava para a de Matemática, porque contava com figuras como o cone, a bola, a esfera. Mas isso era quando o inspetor ia assistir à aula da gente, porque normalmente não se fazia assim.

OUTRAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS

A disciplina naquele tempo era outra. Hoje é muito diferente. Eu também entendo, não quero ferir o sentimento dos adolescentes de hoje, mas a diferença é grande. Não gostei das reformas do ensino. Não estou de acordo, porque no meu tempo o ensino era muito difícil, muito difícil mesmo, o aluno estudava, mas hoje eu não sei o que é que há. Difícilmente a gente acha um aluno que saiba responder alguma coisa, noções comuns. Essas coisas assim são muito difíceis. Quando eu fui morar em São Paulo já estava aposentada. Minhas vizinhas sabiam que eu era professora. Uma delas disse: “Ah! Jamille, eu sei que você é professora e tal, e a minha filha está na 2ª série, na 3ª e está muito atrasada”. Eu não tinha tempo, porque comecei a trabalhar com ele (meu marido) na Companhia de Seguro, em Relações Públicas (também tive que fazer concurso)... Mas como ela era minha vizinha fiquei com muita pena, falei: “Olha, então manda a Edilene no período de 5h00 h às 6h00.” Ah! Minha filha! Era um fracasso. Não sabia nada, nada, nada, e como ela as outras. Eram promovidas, passavam de uma classe para outra sem saber nada. Até perdia o sono à noite, e ele dizia assim: “tu não está dormindo por causa da Edilene?”. Aquilo de fato me preocupava, me preocupava o fato de elas passarem a criança sem saber. Ela, já na 3ª série, não sabia nada, nem ler; era para estar na 1ª.

*Januário Raimundo Serpa*²²

Nascido em Canelinha / SC, em 31 de agosto de 1933.

VIDA PRIVADA

A FAMÍLIA

Meus pais chamavam-se Rodolfo Francisco Serpa e Amada Maria dos Santos Serpa. Sou filho único. Nasci depois de vinte e cinco anos de casados.

A ESCOLA

INGRESSO

Entrei na escola em 1939, aos seis anos e meio de idade. E, como se dizia, encostado. Eu via todo mundo ir para a escola (morava perto), eu queria ir para a escola também. Sei que mamãe foi lá e falou com a professora Albertina Ross, que aceitou que eu freqüentasse como aluno encostado até o final do ano, até completar os sete anos de idade. A escola era em Canelinha, uma escola

²² SERPA, Januário Raimundo. Entrevista concedida à Rosinei da Silveira. Florianópolis em 31 de agosto de 1994. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

Isolada Desdobrada Estadual. Desdobrada, porque funcionava em dois períodos: pela manhã e à tarde. Em Canelinha, freqüentei até a segunda série, segundo ano. Na época dizíamos primeiro ano fraco, primeiro ano forte e segundo ano. Ai me transferi para outra escola isolada, em Ribanceiras, município de São João Batista, em 1942. Saí do Ribanceiras e fiz a quarta série no Colégio Espírito Santo de Tijuca. Era um colégio de freiras, das Irmãs da Divina Providência. Para um aluno que não tinha condições de pagar os estudos, o colégio me oportunizou freqüentar sem pagar. Talvez o único. Talvez houvesse um ou dois alunos que tinham este privilégio de freqüentar o colégio sem pagar. Eu fui um deles. O corpo docente do colégio era exigente. As irmãs tinham um nível de exigência, seriedade! Isto foi uma nota marcante. Uma parte dos alunos era de internados. As mulheres eram internas. Mas os meninos que freqüentavam eram externos. Na quarta série, havia uns doze alunos que eram externos, eram rapazes. As meninas, acho que eram todas internas.

No ano seguinte, eu fui para São Ludgero, no Seminário Menor Metropolitano de São Ludgero, na época, município de Tubarão. Era um seminário secular. Ao chegar lá, fizemos uma prova escrita para ver se realmente tínhamos condições de fazer a primeira série ginásial. Se conseguíssemos entrar, começávamos a aprender Latim, Francês, Português, Matemática, História, Geografia e outras disciplinas. Eram cursadas apenas duas séries, a quarta, que eu cursei no Colégio Espírito Santo, e a primeira ginásial. Então, quem através daquela prova não tivesse condições, fazia a quarta série. Os que tivessem condições faziam o primeiro ano ginásial. A destinação desse seminário era de formar sacerdotes para o clero secular para atuarem, depois, na comunidade. Então, eram os dois primeiros anos de estudos que eram feitos lá. Depois, se aprovados no primeiro

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

ano, eram encaminhados para Azambuja, em Brusque. Eu permaneci um ano em São Ludgero, depois, mais cinco anos em Azambuja. Lá eu fiz segundo, terceiro, quarto, quinto e sexto ano, que correspondiam ao segundo grau, na época, o clássico. Nós já estávamos na reforma Capanema em 1946. Nessa tinha Espanhol, Francês, Inglês que era facultativo, Grego, Latim, Física, Química, Biologia. Latim era uma língua que nós tínhamos que falar, embora precariamente, “Latim de cozinha”, porque as aulas no seminário maior eram em latim. Nós tínhamos que começar a praticar, pois todas as aulas eram em latim. Mas em Azambuja era em Português. No seminário maior, em Viamão, no Rio Grande do Sul, é que as aulas eram em Latim. Fiz todo o meu curso superior de Filosofia lá. Só que o curso não era reconhecido oficialmente. Eu vim para cá e tive de fazer novamente na Universidade Federal. Simplesmente, eu cheguei aqui em Florianópolis e diziam, na época era raro, esse moço é formado em Filosofia. Ah! Mais um, que bom, que maravilha. Ai me pediam um certificado, uma comprovação dos estudos feitos. Eu disse, só que infelizmente eu não tenho, eu cursei as matérias. Então, resolvi entrar na Universidade Federal e fazer o curso de Filosofia. Fiz os quatro anos. Licenciatura e Bacharelado.

ASPECTOS FÍSICOS DA ESCOLA

A Escola Isolada Desdobrada funcionava em dois períodos. De primeira, segunda e terceira série. Funcionava na parte da manhã e da tarde. Eu estudava no período matutino. A Escola Isolada, onde iniciei, era um prédio de madeira, com duas portas na frente. O edifício era de cor branca, pintado de branco, com as portas em verde. Tenho uma imagem muito precisa da minha primeira escola. Da primeira e da segunda.

As carteiras eram coletivas. Carteiras em que cabiam seis a oito alunos. Sentava-se nas carteiras, havia bancos, e a carteira onde a gente depositava material. O segundo colégio em que estudei foi em Ribanceiras. O prédio já foi demolido. Mas estive lá antes da demolição, e fiquei revendo aquilo. Eu gosto dessas coisas. A gente fica velho e começa a recordar. É como diz Luiz Vieira: “Tropeiro só pensa em mula; vaqueiro só pensa em boi; moça nova em casamento; velho só diz o que foi”. Canelinha de hoje é uma metrópole, comparada com a Canelinha de minha época, 1939. Em Ribanceiras eu morava no prédio da escola. Então, a gente desfrutava daquele privilégio de estar dentro da escola, praticamente. Eu passava da cozinha da minha casa, na parte de trás, para dentro do prédio da minha escola, na parte da frente. Era o aluno mais próximo da escola, por volta de 1942.

Morava com a minha mãe. Meu pai já havia falecido. Perdi meu pai aos nove anos de idade. Essa foi a razão pela qual eu me transferi de Canelinha para Ribanceiras. A sala de aula era semelhante à da escola de hoje. Aquelas carteiras com seis, oito alunos sentados. Continuavam a lousa, cadernos, o livro de leitura da primeira série, do primeiro ano fraco, do primeiro ano forte. Quando me transferi de Canelinha para Ribanceiras, vim para o primeiro ano forte. Depois, segundo ano, terceiro ano forte, já era um livro a mais, um grau de dificuldade um pouco maior. Mas a escola, o prédio, as instalações eram praticamente as mesmas, só que na segunda escola nós tínhamos o museu pedagógico. Era uma mesa, de aproximadamente 1,20 m por 0,60, 070m. A professora tinha ali algumas rochas, alguns animais empalhados, alguma coisa e tal. Às vezes nós tínhamos aula no museu pedagógico. E o museu pedagógico ficava ali no meio da sala da escola. Uma modalidade. A única que tinha, além da

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

escola, era o Colégio do Espírito Santo, que ainda está lá. A igreja matriz na parte da frente e depois, nos fundos, o colégio. As salas de aula, o internamento das alunas das Irmãs da Divina Providência: um prédio muito grande, até suntuoso para a época, em que as dimensões, o sentido de grandeza da gente era outro. Achava aquilo uma coisa realmente extraordinária. Já no seminário, as carteiras eram de duplas. Sentavam dois alunos numa carteira. As salas de estudos eram de carteiras individuais, onde você guardava o seu material. Então, chegava-se no estudo, o professor, o padre-prefeito dizia: tirem os livros. Abria-se a tampa da carteira, tiravam-se os livros que a gente iria utilizar para fazer o estudo naquela tarde, naquela manhã. Depois não podia mais abrir a carteira. Para tirar um livro, um caderno, ou outra coisa que você esquecia, tinha que pedir licença. Levantava o dedo, pedia e concedia. Caso contrário, não tinha licença para abrir. Tiravam-se os livros e fazia-se o estudo da tarde, da manhã, do período, com os livros que você tinha. Mas, de vez em quando ele dizia: parece que você não programa seu estudo. Porque, se vocês tivessem um estudo preparado, sabendo o que iriam fazer, não esqueceriam.

MATERIAIS DIDÁTICOS

Usávamos a lousa, que tinha em torno de vinte por trinta, com a moldura de madeira ao redor. E a gente tinha o lápis-pedra, como a gente chamava. Com esse lápis a gente escrevia na lousa. E apagava o que escrevia com pano úmido, ou até com saliva mesmo: cuspia em cima da lousa, passava a mão e apagava a lousa. A professora não gostava; considerava falta de higiene apagar com saliva. Eu sempre fui reciclável

no material. Isso vinha suprir uma dificuldade material, porque caderno era uma coisa praticamente inacessível para a gente, para o poder aquisitivo da gente. Os cadernos para se escrever na sala da aula eram de papel de embrulho de venda. A agente passava a ferro, costurava e aí, então, a gente escrevia. Sem pauta. Riscava-se a pauta com uma régua e se escrevia ali. Cadernos como os de hoje seriam um luxo. Quase que inconcebível, não se pensava, não existiam. Mas o caderno tinha a vantagem de fixar, de deixar escrito. Mesmo escrito a lápis, ou então a tinta. Nas carteiras que usávamos na sala de aula havia várias perfurações, aproximadamente de metro em metro e naquelas perfurações arredondadas, na extremidade superior era colocado o tinteiro. Mas aquele tinteiro era sempre aberto; colocava-se tinta. Então, quando se tinha um caderno melhor, pautado, usava-se o tinteiro. A caneta era tradicional, com a pena de aço. Molhava-se a pena no tinteiro e se escrevia. Mas, também, com o balanço, o tinteiro virava em cima da carteira. Às vezes o responsável, quando era localizado, era castigado, às vezes até apanhava de palmatória. A professora utilizava muito o quadro. Era o material de que mais se dispunha. Eram o quadro negro e o giz, salvo uma outra matéria que a professora preparava com cartolinas, mas era praticamente o quadro e o giz. Antes de dormir, eu geralmente lia revistas que a gente conseguia, como os almanaques. O almanaque era esse distribuído pelas farmácias. Isso era uma literatura obrigatória. Eu tinha uma coleção de almanaques. Conhecia as histórias do almanaque de pé a ponta, as cartas enigmáticas. A primeira coisa que se ia resolver era a carta enigmática. Toda cheia de símbolos. Então, a glória da gente era ser um dos primeiros a resolver a carta enigmática. Passava uma caminhonete, porque a farmácia era distante, jogando aquilo. A gente pegava os almanaques.

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

Tínhamos uma coleção de almanaques, de revistas. Lembro que me surpreendi lendo alguma coisa que não o meu livro do primeiro ano, que foi um pedaço de jornal retalhado, uma coluna. Eu me surpreendi lendo uma coisa diferente. Nunca esqueço desse momento. Aí eu fui mostrar para a minha mãe que eu estava lendo, devia ser mal, mas lendo uma coisa que não era do meu livro de leitura. Não se tinha facilidade e acesso. A literatura era essa. Eram anuários, almanaques. Nós tínhamos um livro, Terra Catarinense, publicado aqui, acho que em Florianópolis, sobre a vida do povo catarinense, economia, folclore. Então, aquele livro, Terra Catarinense, um volume massudo, a gente sabia de cor. Até as trovas, os episódios. E líamos sempre a mesma coisa. Hoje você não consegue ler o que tem. Eu tenho uma estante com livros que eu nunca li. Pode ser que um dia, de vez em quando, eu precise. Vou lá, pego e leio. A coisa mudou cento e oitenta graus. O acesso era difícil.

METODOLOGIA

Eu fui alfabetizado começando pelo ABC. A gente aprendia, primeiramente, todas as letras do alfabeto. Decorava-se as letras do alfabeto de A a Z, A, B, C, etc. Depois aprendia-se a distinguir as vogais das consoantes. Depois se começava o processo de juntar, Bê a Bá, Bê e Bê, Bê i Bi, Bê o Bô. Então, soletrava-se aquilo até decorar. Ao final do ano a gente sabia de cor o livro da leitura. Criança tem uma memória boa, só faz aquilo, só se preocupa com aquilo. A gente chegava no fim do ano só abria a primeira página do nosso livro do primeiro ano fraco, como chamávamos, lia a primeira página e dizia de cor todo o livro de leitura. Mas também no primeiro ano forte. Até hoje me lembro das

lições do meu primeiro livro do primeiro ano forte. Era o único livro de que a gente dispunha. Não existia outro; então você só lia aquilo, quando não tinha nada de ler, lia e decorava. Eu me lembro de muitas leituras do nosso livro do primeiro ano forte que foi elaborado pelo nosso saudoso professor Henrique da Silva Fontes, pessoa realmente extraordinária. Eu teria muita vontade de rever este compêndio, todas aquelas lições, do cavalo roubado, as abelhas, o papagaio de papel, tudo a gente sabia de cor. Era o primeiro livro de leitura. Ele continha lições de uma página, página e meia, poemas. Ele foi elaborado com temas, com temática bem regional, muito local. Por exemplo, o velho Jerônimo, que era carpinteiro, tinha ferramentas, um serrote que não gostava de emprestar para ninguém. Alguém mandava pedir emprestado o serrote para ele, que não gostava de emprestar. A diferença básica que havia entre o primeiro ano fraco e o primeiro ano forte é que no primeiro ano fraco você aprendia a soletrar; quando sabia juntar as palavras, passava para o primeiro ano forte. Já tinha embasamento e uma noção para fazer uma leitura. Se soubesse ler, juntar as sílabas, ler as palavras, o aluno passava para o primeiro ano forte. Na Matemática, a mesma coisa. A noção de números: saber escrever os números até uma certa altura, até cem, quinhentos e saber a tabuada também. No primeiro ano forte, nós tínhamos que saber a tabuada até cinco. E a tabuada era cantada. Depois do recreio, nós tínhamos o canto da tabuada. Era uma coisa que chegava a ser bonita. Dois vezes um é igual a dois... aquilo era uma cantoria, muito interessante, um saudosismo. A tabuada era cantada, tabuada de multiplicar, tabuada de somar. Tinha de saber, até cinco, para poder passar para o primeiro ano forte. A tabuada de somar é um mais um, igual a dois, um mais dois igual a três, um mais três igual a quatro. Depois, dois mais um igual a três, dois mais dois igual a quatro.

Tinha que saber de cor. Subtração e divisão não eram exigidas. Já no primeiro ano forte, começamos a subtração e divisão. No primeiro ano forte, já se dividia por dois algarismos. No segundo ano, a gente já começava a dividir por três algarismos. No quarto ano, a coisa complicava. Na terceira série, nós já fazíamos juros, regras de três, juros e capital, determinar a taxa, determinar o capital, determinar o juro, tudo isso na terceira série. No Colégio Espírito Santo, havia uma rigorosa organização, de ordem, de aplicação. As irmãs eram muito severas. A saudosa irmã Teônia, uma delas, depois acho que ela foi Madre Superior aqui do Colégio Coração de Jesus, veio para cá transferida. Então, havia muita preocupação com o comportamento, com a ordem, com a aplicação. As lições tinham que ser bem feitas, bem elaboradas, escritas, muita limpeza, muita lisura. Tudo isso elas cobravam. As correções, os nossos cadernos eram corrigidos sistematicamente. Elas chegavam na sala, por exemplo, já na quarta série, liam uma redação e diziam: “Agora vocês escrevam, façam uma redação sobre isso”. Então, a gente fazia a redação. Elas recolhiam e na próxima aula traziam aquilo corrigido de caneta vermelha. Tinha muito reparo naquilo, nas palavras, correção de palavras, correção de frases. Essa é a lembrança que tenho. Havia muita lisura, muita seriedade no trabalho delas. Tanto que eu me transferi depois para o seminário menor metropolitano, e fiz razoavelmente bem, com embasamento. Minha escola primária também foi muito boa. No Colégio Coração de Jesus, um dos três colégios em que estudei, era exigida pontualidade de todos os alunos. Quando um aluno, porventura, não tinha comparecido à aula, na aula seguinte ele tinha que justificar a falta. Ele, o aluno, não era o pai que justificava. Interessante isso, um aspecto de que eu nunca me tinha dado conta. Preocupação de chamar o aluno à responsabilidade.

Às vezes o pai mandava um bilhetezinho justificando. Mas o aluno se levantava e dizia o motivo da falta da aula no dia anterior. Uma coisa pequena, aparentemente insignificante, que marca na formação, tanto assim que hoje trabalhamos, e não faltamos, para ter que justificar. Essa educação no primário talvez justificaria o modo de vida da criança futuramente, mesmo inconscientemente, por parte dos professores, embora eles não visasse especificamente a isso; mas acarretou. Poderia não ser o objetivo explícito do professor, mas foi um objetivo implícito. Ele não tinha uma idéia clara do porquê fazer aquilo com vista a uma projeção. Mas, sem dúvida, isso marcou a gente.

Os estudos em língua grega começaram na quarta série do Ginásio. Aí nós já tínhamos o Grego como disciplina. A metodologia foi muito apertada. No seminário havia muita seriedade também. Nós tínhamos um vocabulário diário de Latim, por exemplo, de Francês. Francês, duas vezes por semana. Então, Latim e Grego, nós tínhamos um vocabulário de aproximadamente vinte palavras por dia. Você tinha de decorar o significado da palavra. Então, chegava na aula, o professor dizia: “Serpa”. A gente se levantava e ele fazia a cobrança. Ele dizia a palavra em português e você dizia em Grego. Mera felicidade. Não tinha apelação. Então, ele chamava dez palavras. Errou uma palavra, é nove; errou duas, oito; errou cinco, é cinco; errou seis, é quatro. Nós tínhamos notas diariamente; vivia sob aquele clima de tensão. Tinha que estudar, se não estudasse... A mesma coisa o Latim. Ou então ele dizia assim: “Vamos fazer uma provinha. Tire um pedacinho de papel”. Ele dizia a palavra em português e passava para frente. Ele levantava, corrigia e trazia na próxima aula corrigida, já com a nota. Era mais saber de cor. O vocabulário, as línguas, antigamente havia um outro sistema de aprendizagem. Hoje, parece que você estuda

uma língua através de sua estrutura. É um ensino mais estrutural. Naquela época você, como eu aprendi a ler aprendendo o alfabeto, a, b, c, você estudava uma língua, Francês, Português, Latim, Grego, decorando. Decorando as palavras, decorando os verbos, os verbos irregulares, as conjugações, as declinações. A base era a decoreba. Mas acho que a escola estava num extremo, porque se decorava tudo. Eu me lembro do dia em que retrocederam um pouco. O professor chamou para dizer sobre um ponto de história. Eu comecei a dizer um ponto de história sobre colonização portuguesa na Região Sul, tudo decorado. “Os portugueses fundaram uma colônia nas margens esquerda do Rio da Prata, porque queriam que essa colônia fosse um limite natural da colônia ao Sul”. Eu parava ali, tentava continuar, não sabia. Não me lembrava. Tinha o ponto decoradinho. Tudo era decorado, a tabuada era decorada, os pontos eram decorados. Agora, a impressão que eu tenho é que a escola caiu no extremo oposto. Então, ao se decorar tudo; daí a pouco, não se decorou mais nada. Porque, há coisas que tem que ser decoradas. Eu hoje digo para a turma, para meus alunos, o seguinte: “Há coisas que tem de ser decoradas. Não decorem o caminho de casa, para ver se vocês chegam em casa”. Há coisas na Filosofia, na Lógica, que têm que ser decoradas. As categorias de Aristóteles não têm outra forma de você saber se não decorando. Eu acho que a escola caiu no extremo oposto: não se decorou mais nada. No seminário de Viamão não se estudava Latim, pois lá só se falava em latim. Por exemplo, o professor chegou no primeiro dia de aula e nos cumprimentou em latim e começou uma aula de Lógica. Os livros adotados eram em latim. Um livro de Charles Boyer, não um artista, era um jesuíta da Pontifícia Universidade Gregoriana. Ele editou um livro, Lógica Minor. No primeiro dia de aula, cada um de nós alunos recebeu um livro, Lógica Minor, Introduction of Filosofia.

E fomos embora, falando latim. Estávamos no ano de 1964, falando em latim. No começo era cobrado muito seriamente. Quando você fazia uma pergunta, por exemplo, em português - “professor, mas tal coisa” - ele fazia não entender o que falávamos. Aí a gente tinha que fazer em latim, mesmo um latim macarrônico, o “latim de cozinha”, mas tinha que ser em latim. Ele não aceitava que se falasse em português. Mas coisa de um ano a gente já estava falando, diria, normalmente, quase fluentemente. É claro que sempre tinha dificuldade. Latim era uma língua morta. Continuamos a estudar Grego e aí também foi introduzido o estudo do Hebraico. Embora o Latim fosse a língua da Igreja, era uma língua morta, precisa, sobretudo, com muita precisão para o estudo da Filosofia. E todos os compêndios de Filosofia eram em latim. A língua latina era assim: “Pedro matou o leão”. Mas quando a gente diz em português: “Pedro matou o leão”, pode ser “o leão matou Pedro”. Mas o Latim, por força dos casos, da declinação, não deixa dúvidas de que foi Pedro que matou o leão. Não há alternativas, possibilidades de que foi o leão que matou Pedro. O latim é uma língua muito precisa, concisa. Era essa a ocasião do emprego, do uso da língua em latim. Depois a nossa própria linguagem. Mas nós tínhamos que traduzir os clássicos, por exemplo, a Guerra Gaulesa, de Júlio César, aqueles escritos de César. As Catilinárias, os discursos de Cícero. O discurso de Cícero contra o cônsul do Senado Romano. Aquilo nós tínhamos que ler, traduzir. É uma pena que eu relaxei, não dei continuidade, “involui”. No estudo do grego, a gente já lia, por exemplo, o evangelho de São Lucas, o Cadaluca; nós líamos em grego e traduzíamos, arranhando um pouco, com certa dificuldade, mas já traduzia o grego clássico. Também estudamos textos clássicos como a Iliada. Para todo esse estudo tínhamos livros básicos. Um livro de

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

latim que trazia toda a gramática latina, todos os detalhes, propiciava as minúcias que certos professores tinham o requinte de perguntar: exatamente aquilo que estava nas notinhas de rodapé. Havia professores que se davam esses requintes, assim, quase que uma maldade. Nós tínhamos a famosa “Ars latina”.

DISCIPLINAS/ATIVIDADES NA ESCOLA

Tinha educação física na segunda escola. Geralmente depois do recreio. Na primeira escola, também. Era uma irmã da minha professora da primeira escola que dava a aula, na Escola Isolada, em Canelinha, dona Marina. Nós fazíamos exercícios, desses de extensão, basicamente isto.

O RECREIO/BRINCADEIRAS

Brincávamos de roda, meninos e meninas. Cantava-se. A brincadeira era acompanhada de um canto. Era: “Deixa-a entrar, deixa não entrar. Isso aí está um pouco delita viu! Está um pouco delita”. Se eu parar um pouquinho, eu reconstituo, mas assim eu não consigo lembrar dos cantos. Mas aquilo era uma coisa habitual. Quando estudei em Tijucas, tinha as minhas brincadeiras de criança. De manhã era escola; à tarde ajudava na fábrica. Era a única indústria, que eu me recordo, que existia em Tijucas, uma indústria de nozes, essa fábrica de azeite de nozes. Mas sempre sobrava um tempo para brincadeiras: de gaiola, de estilingue, de funda, essas coisas. Já o nosso futebol era um futebol mais primitivo, com aquelas bolinhas de borracha que se ganhava pelo Natal. Não era fácil se ter uma bolinha de borracha. Quando o menino

Jesus nos trazia uma bolinha daquelas no Natal, era uma conquista. O dono da bola gozava do prestígio. E levávamos para a escola para jogarmos no recreio. Havia já times formados, que se formavam durante as aulas e a gente jogava no recreio. Às vezes a professora não via as nossas conversas, mas às vezes ela surpreendia. Chamava a gente a sério. Em Tijucas, quando eu fiz a quarta série no colégio Espírito Santo, meu tempo de brincar era mais restrito. Mas quando eu freqüentei a escola primária, do primeiro até o terceiro ano, eu tinha bastante tempo para brincadeiras, principalmente caçando, de gaiola, de funda, de estilingue. Brincadeiras de criança. Pescando muito. Vivía no rio, dia e noite. Nós também brincávamos com as meninas. Mas as meninas, muitas vezes, brincavam separadas dos meninos, pois tinham suas próprias brincadeiras.

CASTIGOS

Um dos nossos materiais didáticos para escrever e aprender era a lousa, que causava um grande problema para nós. A lousa era de pedra, mas as carteiras tinham uma forte inclinação e oito rapazes sentados numa carteira, balançava para frente e para trás, às vezes a lousa saía do encaixe, caía no chão e quebrava. E era um desespero total. A lousa quebrava e a gente era castigado. Às vezes, o castigo era amarrar os cacos da lousa com cordão, botar no pescoço do aluno. e ele ficava, permanecia na porta da escola. Todo mundo que passava na rua já sabia que aquele tinha quebrado a lousa. Depois a gente conseguiu uma lousa de chapa, essa caía no chão e não quebrava. Não era só por esse motivo que havia os castigos. Às vezes,

a professora surpreendia os alunos conversando muito, ou quando não sabiam os pontos também. Na época, nós tínhamos os pontos de História, os pontos de Geografia, a tabuada. A professora passava um ponto de História, por exemplo, e você tinha que dar conta dele na próxima aula. No dia da cobrança do ponto, a gente ia recitar o ponto. A quem sabia, a professora mandava sentar; quem não sabia nada, às vezes colocava num local, e quem sabia mais ou menos ela colocava noutra local. De acordo com isso vinha a punição. Às vezes, até a palmatória, a régua de uns quarenta centímetros, pesada, larga. Aplicava na mão da gente o chamado bolo. Meia dúzia de bolo, dependendo da gravidade, uma dúzia de bolo. Era o número de palmatória que se levava. Então, por curiosidade, havia uma crença entre nós que se a gente colocasse o cabelo da cola do cavalo em cruz na palma da mão, quando batesse a palmatória quebrava. Nunca quebrou. No seminário, em São Ludgero, os castigos variavam, dependendo do professor. Lá nós já tínhamos um professor que lecionava Matemática, outro ensinava Latim, outro que lecionava História e Geografia, Francês. Então, nós tínhamos quatro professores ou cinco professores para o primeiro ano. A cobrança era, quando não sabia satisfatoriamente, o castigo. Tínhamos que cumprir um castigo referente àquilo, os mais variados, desde escrever lição algumas vezes, até arrancar varreleira, da tabuada. O professor de Matemática chamava para dizer a tabuada. Nós já estudávamos a tabuada até vinte. Então, ele chamava e dizia: “Fulano a tabuada.” Aí você começava a tabuada, 18 vezes 1, 18; 18 vezes 2, 36; 18 vezes 3, 54; 18 vezes 4... Aí você dava uma titubeadazinha, pronto. Não podia titubear. Castigo: você vai arrancar duzentos pés de varreleira, que é uma erva daninha

que dá nos pastos. Não sei se vocês conhecem a varreleira. Você tinha que apanhar 200 pés porque não soube a tabuada. Chegava na sala de estudos, ia estudar a tabuada.

AS DIFICULDADES

Para chegar até o colégio Espírito Santo, era longe e a pé. Nesse colégio, tínhamos que ter calçado, sapato. Então a gente só tinha um par de sapatos, que tinha de durar o ano todo. Se eu andasse com ele o ano todo, não resistiria. Então a gente colocava o sapato no dedo e ia até as proximidades da escola. Chegava lá, dava uma limpadinha nos pés e calçava o sapato. O sapato durava seguramente um ano. No dia de chuva, a mesma coisa. Passava numa pocinha d'água, dava um jeito, limpava os pés, deixava enxugar um pouco e calçava o sapato e entrava na sala. A distância era de uns dois quilômetros de onde morava até o colégio. Para época era perto. Porque quando precisava, por exemplo, a gente se locomovia de Canelinha para Tijucas, que ficava doze ou treze quilômetros. Aquilo ali era facilidade, eram quatro horas a pé que você fazia, no colégio Espírito Santo. E lembro que minha mãe, apesar de ser uma pessoa simples - tinha apenas o primeiro ano -, era uma pessoa que lia. Lia uma literatura que lhe chegava às mãos. Então, ela lia uma revista, um anuário, um almanaque, tudo que lhe chegava às mãos. Não recusava esforços, trabalhando, inclusive trabalhão braçal, para que eu pudesse realizar meus estudos, como, por exemplo, no colégio em Tijucas. Comprava uniforme, comprava o livro. Não era fácil. Éramos nós dois, só. Então, trabalhávamos. Trabalhávamos numa fábrica de nozes para conseguir o dinheiro. Na fábrica de

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

nozes, era tirar a amêndoa de dentro. A máquina quebrava as nozes, ou a gente quebrava com estilingue, com bodoque. Jogava a noz na parede de pedra, quebrava e depois tirava a casca com uma faquinha. Nós recebíamos dois mil réis, na época, por uma caixa. Coisa de duas latas de querosene ou de margarina. Era difícil, suado, tirar uma caixa daquela em um dia. Raras eram as pessoas que tiravam uma caixa e meia. Mas ganhavam-se dois mil réis. Veja como era sacrificada a vida. Hoje, há muita facilidade, até porque a situação da gente é outra e há pessoas que estão na mesma dificuldade. Mas ela nunca enjeitou esforços. Tudo que eu precisava, se a escola pedia uma caixa de lápis de cor, ela trabalhava, conseguia, comprava fiado e trabalhava e pagava, para que eu tivesse, porque a escola pedia. Um caderno de desenho, se era grande, ela me dava esse caderno grande. Um sacrifício que nem Deus sabe, o quanto custava isso. Ela, na sua simplicidade, nunca regateou esforços. Muita dedicação por parte da minha mãe.

UNIFORMES

No meu tempo de primário exigiam de nós que usássemos, como uniforme, uma camisa branca e uma calça azul. E íamos descalço, porque era interior. Já no colégio Espírito Santo, o uniforme era bege. A calça, curta e uma blusa também curta.

OS INSPETORES

A figura do inspetor escolar era periódica. A professora, às vésperas da visita do inspetor escolar, por ela

dever ficar muito mais preocupada do que nós, ficava realmente nervosa. Nós tínhamos uma semana, uma bateria de manhã todinha de Português, Geografia, História, Matemática: era um tal de fazer cálculos, levava resolver problemas, fazer divisão, multiplicação. Era para quando o inspetor viesse a gente não fazer feio e a professora, dar boa impressão diante do inspetor escolar. Essa era uma coisa levada muito a sério. Um dia ela dizia: amanhã vocês cortem as unhas, lavem bem os ouvidos, lavem os uniformes, porque amanhã ou depois de amanhã o inspetor escolar vai visitar a escola. Quando era de manhã, aparecia a figura do inspetor escolar, numa carrocinha de um cavalo só. Vinha trazido pelo boleeiro; às oito horas da manhã chegava o inspetor. O nosso era o professor Xavier, que residia em Tijucas, a aproximadamente uns vinte e cinco quilômetros dali. Depois foi o professor Paulo Praes, que mais tarde foi aluno desta Faculdade de Educação. Por sinal, um dia eu estava lecionando aqui, fiz a chamada e chamei Paulo Praes. Presente, respondeu um alemão grande, lá no fundo. Eu vi, era ele. Fiquei comovido por ter a figura de um nosso inspetor escolar fazendo a faculdade aqui! Ele passava a manhã toda na escola, o período de aula, sabatinando os alunos. Começava pelo primeiro ano, depois o segundo e o terceiro, todos os alunos da sala. Agora, fazer leitura; agora fazer conta; agora os pontos de História. E a professora ali, andando sobre brasas. Havia seriedade, muita cobrança. E mesmo periodicamente, ou melhor, mensalmente, havia o que as professoras nos diziam, as reuniões pedagógicas para todos os professores daquela região: São João Batista, Ribanceiras, Canelinhas. Quando tinha reunião, vinham todos para Tijucas para as chamadas reuniões pedagógicas com o inspetor escolar.

Ali eles recebiam orientação, livros de chamada, fichas, orientação pedagógica. A impressão que eu tenho- embora a gente não saiba avaliar individualmente – é que a coisa era tão séria. A sabatinada que o inspetor fazia era uma verificação oral. Ele chegava às oito horas, entrava, cada um para sua classe. Ele conversava um pouco com a professora e em seguida começava a testar os alunos. Só não me lembro se ele testava todos ou se fazia por amostragem, mas ele passava a manhã toda naquela escola. No dia seguinte, ele ia para a outra sala. É claro que as professoras já sabiam: o inspetor hoje veio aqui, amanhã vai lá. Então, elas também davam pulo-do-gato, elas se preparavam. E a professora ficava na expectativa de que os alunos mais fortes fossem chamados, para não fazer feio.

Ao final do ano, na escola isolada de Ribanceiras, por exemplo, fazíamos o exame final. Nós fazíamos prova final de Português, de Matemática, de Aritmética. Para realizar essa prova, vinha uma professora de outra escola. Era designada uma professora da escola isolada de São João Batista para fazer os exames finais na nossa escola em vez da nossa professora, dona Tomaza de Souza. Talvez a intenção era de não haver apadrinhamento por parte da professora para passar quem ela quisesse. É claro que as professoras se conheciam. Davam-se bem, mas sempre davam aquela tonalidade de muita seriedade. Eu acho que essa é uma das coisas que eu tinha a lastimar do ensino, a supressão da figura do inspetor escolar. Havia inspeção, havia cobrança.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL/DOCÊNCIA

INGRESSO

Sai de Viamão para Florianópolis em 1957, com a intenção de lecionar. Foi aí que eu encontrei, exatamente, a dificuldade de começar a lecionar. Mas depois faltou um professor de Filosofia no Instituto Estadual de Educação e eu me candidatei a estas aulas. Fui admitido a lecionar Filosofia temporariamente. Neste meio tempo eu fui fazendo meu curso e regularizando a minha situação. O mercado não era tão concorrido como hoje. Ter o curso de Filosofia pura, à época, era raro, quase uma excepcionalidade. Talvez esteja exagerando, mas eu acho que dá para dizer isso. Bem, foi esta a oportunidade que eu tive. Comecei a lecionar aqui em março de 1957. Filosofia no Curso Clássico e Científico Mas a minha primeira vez ao dar aulas foi um desastre. Eu preparei um conteúdo para falar três dias e três noites sem parar. E dei esse conteúdo em vinte minutos, e acabou. Tudo o que eu tinha preparado acabou em apenas vinte minutos. Mas a turma de alunos que eu tinha era muito adulta - foi no Curso Clássico, e o professor Carlos Humberto Corrêa, na época, era um dos meus alunos. Eles perceberam a minha dificuldade, a minha situação e contemporizaram. Fizeram algumas perguntas, outras coisas. Realmente, eu estava muito nervoso. Eu olhava para o relógio tentando controlar a minha hora de aula, não enxergava os ponteiros. A minha primeira aula foi um desastre. Se alguém assistisse, diria: “Desiste desse negócio, que tu podes dar para qualquer coisa, menos para professor.” Depois comecei a trabalhar com afinco, muita dedicação, estudando. Acho que de início fui favorecido pela acolhida dos alunos, que

foram muito amigos. A gente chegava em sala, sempre havia brincadeira, me convidavam para depois da aula jogar sinuca. Eu não jogava nunca, nada, nunca joguei nada, mas eu jogava tão pouco que tinha de fazer dupla com quem jogasse bem, que era para poder tirar a diferença. Havia muita amizade. Às vezes festinhas em casa de alunos, que naquela época se chamava festa americana. Nisto eu sentia a intenção deles de me entrosar, a mim que acabava de sair de um seminário, de um colégio de padres, totalmente desentrosado do mundo. Eles me convidavam a participar dessas festinhas e conseguiam me entrosar, pois tive da parte deles uma acolhida muita favorável.

No seminário, a finalidade da minha formação era muito específica, o sacerdócio. Na época, a educação era muito severa, muito rígida. Hoje, a formação do seminarista já está muita aberta. Mas na época havia muita rigidez, severidade, muito controle. Mas a partir de 1957 sempre lecionei como professor. Eu estive dez anos à disposição da Secretaria da Educação, exercendo o magistério. Nunca fiz outra coisa. Só essa assessoria técnica na Secretaria da Educação durante dez anos. Concluí a faculdade de Filosofia, bacharelado, na Universidade Federal em 1957. Em 1966 eu comecei na Faculdade de Educação, e terminei em 67. Comecei aqui como professor assistente a convite do professor Celestino Sachet, com a experiência de ensino superior que eu trazia - praticamente não existia ensino de terceiro grau. Como assistente do professor Celestino eu fui tomando alguns referenciais para me movimentar dentro dele. E comecei por aí. Então, concomitantemente, eu fui convidado também para lecionar em Joinville em 67.

Em Joinville lecionei na Fundação Joinvillense de Ensino. Em 70 fui convidado também a lecionar na Universidade Federal de Santa Catarina. Lecionei até 87. Em Joinville

lecionei de 67 até 76. Íamos diariamente para lá, uma equipe de professores, daqui para Joinville. Eu não sei a situação que me colocou no magistério. Mas está aí uma pergunta. Se eu respondesse que sempre tive vocação para o magistério, estaria mentindo. Acho que foram as circunstâncias que me levaram a isso, era, talvez, naquele momento, o que de melhor eu soubesse fazer, trabalhar. A oportunidade que surgiu me colocou no magistério. Hoje me sinto realizado. Eu realmente não sei até que ponto vai esse negócio de vocação. Eu teria tido vocação para o sacerdócio; desisti no meio do caminho, quase no final do caminho. Faltavam quatro anos, já tinha cursado dez. Por isso, eu não sei esse negócio de vocação. São oportunidades que aparecem. O cavalo passa encilhado, a gente monta. E toda criança tem um objetivo profissional. Toda criança quer ser bombeiro, quer ser aviador, dependendo de onde ela, está quer ser motorista. Na época eu queria ser chofer, como se dizia. O chofer era, na época, o sonho de toda criança. Dirigir um ônibus, um caminhão, um automóvel. Então, eram sonhos de crianças que com o tempo vão passando, se vão deixando de lado porque vão aparecer outros. Por isso, terá sido uma circunstância que me colocou no magistério? Até porque eu não pensava em ser professor, embora eu me surpreendesse, às vezes, até estudando. Estudando no sentido de fixar aqueles conhecimentos, lecionando para ninguém, mas dando aula. Surpreendia-me, às vezes, fazendo isso. Não sei se era qualquer coisa implícita, mas não posso afirmar isso categoricamente não. Era mais para aprender do que por vocação. Não existia isso. Ela passou a existir no momento em que eu apareci aqui no final de 56, início de 57.

A ESCOLA

Quando comecei a lecionar no Instituto Estadual de Educação, sabia que era um ambiente diferente de um seminário. Por ser leigo, não tinha aquele clima de religiosidade que tinha em Viamão. Mas em 1957 o Instituto Estadual já possuía um corpo docente muito qualificado. Era um estabelecimento pequeno, que por isso possibilitava esta série de coisas.

METODOLOGIA

Eu trago como herança aquilo que eu vivi praticamente a minha infância, a minha adolescência e uma parte da juventude. Acho que trouxe isso. Mas no andar da carroça, as coisas se ajeitam. Acho que de certa forma impus certas coisas, mas também concedi, tolerei. Procurei o meu lugar no contexto, procurei me adaptar à situação. E lecionar no Instituto foi uma experiência muito importante para mim, que marcou na minha vida profissional. Primeiro a forma, porque você não pode colocar para uma criança de primeiro ano ginásial, de quinta série, um tema como você colocaria para os alunos de terceiro ano de História da Universidade. Talvez isso me tenha levado a simplificar o esforço que eu faço de desdobrar, de explicar as coisas. Acho que explicar é desdobrar. A palavra explicar significa desdobrar. Desdobrar as coisas - tenho como princípio esse slogan. Quem não vê com clareza, não diz com clareza.

OS ALUNOS

Lembro-me que dentro da sala de aula os alunos não faziam muitas brincadeiras. Havia alunos espirituosos, alunos cujas brincadeiras aconteciam com muito respeito. Até eu vibrava com as brincadeiras deles. Lembro-me de alguns episódios marcantes. Nós tínhamos um aluno no Científico, muito inteligente, muito espirituoso, que fazia muitas brincadeiras., Eu desejava que ele fizesse as brincadeiras dele porque realmente era divertido.

*Josina Teixeira Pacheco*²³

Nascida em Tubarão / SC, em 14 de janeiro de 1919.

VIDA PRIVADA

A FAMÍLIA

*M*eus pais chamam-se Mário Francisco Teixeira e Maria Cardoso de Oliveira. Tenho três irmãos.

A ESCOLA

INGRESSO

Entrei na escola com oito anos, mais para brincar... No dia em que entrei na aula aprendi a contar até vinte. Até foi muito gozado, porque aí comecei a contar. Voltei aos números, aí começaram a rir de mim, porque contei vinte e dez, vinte e onze, vinte e doze. É uma parte, essa do primeiro dia de aula, que nunca esqueço. Depois eu fui para o grupo escolar. A minha professora era a Maria Wernek. Ela ensinava as quatro operações, o Português... No grupo era primeiro ano, segundo ano, terceiro ano e quarto ano, cada um em sua sala. Depois começou a vir o Complementar. Aí já tinha aula à tarde.

23 PACHECO, Josina Teixeira. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira. Imbituba, 18 de fevereiro de 1994. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

ASPECTOS FÍSICOS DA ESCOLA

A escola era numa moradia. Eles alugavam uma sala e a pessoa lecionava ali. As carteiras eram para seis crianças e o banco era junto com a carteira. A mesa do professor, um lixeirinho, nada mais. No grupo, as carteiras eram para duas crianças. Era uma escola boa, num lugar muito bom, confortável. Havia muitas professoras, uma diretora muito boa, lá era muito legal.

MATERIAIS DIDÁTICOS

O material eram a lousa, o papel, o quadro. Os que estavam mais adiantados, do segundo ano em diante, já usavam o caderno. Ah, a lousa! Eles passaram a não mais usá-la porque as crianças passavam a língua na lousa para apagar, compreende? Aí eles achavam que estava prejudicando a saúde. Então acabaram com a lousa. O manuseio com ela era difícil. Quando carregava, às vezes apagava. Às vezes havia uns que eram rebeldes e tiravam o material, tiravam a lousa dos que carregavam e assim apagavam o que estava escrito e quando chegava em casa não tinha mais nada. Então era um pouco difícil também nesse ponto. Para escrever na lousa havia um lápis, chamado lápis de lousa. Era um tipo de lousa só, que era lápis; ele fazia o papel de giz. Era muito fácil de apagar. Era só passar um paninho molhado e apagava tudo. Nos últimos tempos é que veio o lápis de papel. A gente carregava a lousa no cartapasso - um saco de pano com alça que a gente botava no pescoço. Quando passou para o caderno, aí levava debaixo do braço; aí dizia que saiu do

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

cartapasso, quer dizer, passou de ano, e isso era grande vantagem - mostrar que estava maior. O caderno no cartapasso era horrível. Quebrava tudo. Aquelas dobras a gente chamava de orelhas de burro. Aí as crianças pequenas levavam até o segundo ano. O aluno que tinha orelhas de burro no caderno era relaxado. Quando levado na mão, era mais caprichoso, já passou de ano, como diziam eles. Aqueles que tinham que estudar, mesmo, liam e estudavam.

Os cadernos eram todos comprados. Era muito difícil. Passava sacrifício porque naquela época havia muito pouco caderno, não era como agora. A gente aproveitava bem. Tinha o lápis de papel, que era uma massa, mas também tinha a borracha que a criança passava à mão. Também passava a boca, molhava a borracha e raspava. Era caderno raspado para todo lado. Mas os mais espertos raspavam direitinho. Isso era mais no primeiro e segundo anos; do terceiro em diante, já eram mais bonitinhos.

O RECREIO/BRINCADEIRAS

No recreio brincava-se de roda, de esconde-esconde. Os meninos brincavam de bolinha, de peão, de correr, porque naquela época não havia futebol. A escola ficava praticamente dentro de uma roça de milho. O espaço que a gente tinha então era esse.

CASTIGOS

A minha primeira professora usava castigos. As crianças ajoelhavam lá na porta com chapéu na cabeça. Não

era muito duro, era médio. No grupo tinha uma professora que gostava de castigos. Mas era muito bom... A gente, se não ficasse quieto, ia para o gabinete. Era onde a diretora parava... dava castigo.

AS DIFICULDADES

Eu ia para a escola a pé - morava a três quilômetros da escola. No verão quase morria com o calor e no inverno quase morria com o frio. Naquela época era quase tudo mato, só tinha um caminhozinho. Não tinha bicicleta, não existia caminhão nem ônibus. A gente tinha era que ir a pé mesmo. Quando chegava o tempo de chuva, era muita lama.... a gente ia descalço. Quando chegava na escola, lavava os pés numa fonte que havia por lá, por causa da lama. Era muito difícil.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL/DOCÊNCIA

INGRESSO

Eu já vim nominada. Comecei a trabalhar no Mirim. O prefeito municipal de Laguna - aquela era a época da Ditadura - mandava buscar. Não tinha concurso; quem mandava era o prefeito. A minha tia já morava aqui e era professora; então entraram num acordo e mandaram me buscar para lecionar no primeiro ano. Depois ela parou de lecionar, e eu fiquei com o segundo e terceiro ano. Depois, muito depois, quando eu já estava aposentada, eles formaram ali o Ginásio. Foi muito bom trabalhar aqui numa escola do interior. Aqui comecei e aqui terminei. O pessoal era muito bom, eu era muito estimada e sou até hoje. Eu ainda recordo daqueles dias,

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

que foram muito bons. Mas quando saí de Tubarão e fui para o interior de Imbituba, senti muito. Era muito longe da família. A família era grande. Éramos todos unidos. Eu chorava muito. Era difícil de vê-los; eu só os via quando chegavam as férias. E depois, mais tarde, adorei; hoje adoro mesmo. Para falar a verdade, eu gosto mais daqui do que da minha terra natal.

A ESCOLA

O primeiro ano era separado. O segundo, o terceiro e o quarto ano eram juntos. Enquanto a gente explicava para um, dava tarefa para outro, o outro fazia tarefa, e quando aquele outro estava pronto passava lá e assim ia tudo bem. As carteiras eram para dois alunos. Meninos e meninas ficavam juntos; eles não se atrapalhavam na aula do outro. Era muito boa a relação entre eles enquanto eram pequenos.

METODOLOGIA

Eu tinha um plano de trabalho, era o que a gente ia apresentar naquele dia. Fazia o plano em casa, no caderno, deixava tudo direitinho; no outro dia dava o assunto. O plano era de acordo com aquilo que o Secretário da Educação dava. Eu o seguia a rigor, mas antes de o inspetor chegar eu ia verificar tudo, se estava de fato a rigor. A gente procurava trabalhar direitinho. Os alunos tinham que seguir o professor. Eles aprendiam muito bem. Lembro da competição dos meninos: eles tinham um orgulho, cada qual queria saber mais.

Na época, não tinha rádio. Fui conhecer o rádio, a

bicicleta, o carro depois de estar aqui (no distrito de Mirim) já há muito tempo. Conhecimento era só por fotografia, jornal. Às vezes lia jornal e passava as notícias para os alunos. Na época da guerra, eles mandavam revistas com as histórias, contando como era lá, as calamidades, aquele monte de morte. As revistas chegavam aqui para eles, eles iam ler. Lembro de revistas com fotos de pessoas amontoadas. Foi na época de 1945. Era triste, muito triste, muito pesado. As crianças comentavam em ser militar um dia. A gente fazia muita animação com eles, de ser soldado; eles eram muito animados.

COMEMORAÇÕES CÍVICAS

Todos faziam homenagens. Hoje em dia as crianças quase nem sabem o que é o Hino Nacional, a Bandeira. Não sei, não entendo. Na nossa época era muito bom; a gente tinha amor ao Hino Nacional, ao Hino à Bandeira. A gente fazia provas sobre o Hino Nacional, sobre o Hino à Bandeira. Eu achava o ensino mais prático; achava que havia mais emoção.

AS PROVAS

Quando chegava no final do mês, a gente fazia aquelas provas chamadas de 'sabatina'. Essas provas para as crianças a gente apresentava, encapava e guardava. O inspetor escolar, quando vinha, corrigia. A gente já havia corrigido, já havia dado nota, mas esperava ele corrigir para ver se estava de acordo com as notas. A sabatina era, por exemplo, sobre o Português. Tinha

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

mês que dava um ditado grande, de acordo, na época, com aquilo que a gente estava ensinando. Em História, vamos supor sobre o descobrimento do Brasil, as perguntas eram sobre quem tinha descoberto o Brasil, em que dia, e assim por diante. A outra prova era de Geografia. Se não desse de terminar no mesmo dia, continuava no outro dia. Naquele tempo, eles gostavam muito de estudar. A sabatina era feita nas outras escolas, viajava duas horas a pé. Era bom. Todo mundo trabalhava de acordo com o que tinha que apresentar. Quando o inspetor chegasse, tinha que dar conta.

HONRA AO MÉRITO

Elogiava-se quem ganhava nota boa. Também havia a estrelinha. Aluno bom ganhava estrelinha. As estrelinhas iam no caderno, na nota de prova. E como professora, dava presentes.

O RECREIO

Uma coisa que hoje parece ser diferente é o recreio. Antigamente, brigavam muito. Hoje em dia não vejo falar que as crianças briguem. As crianças estão ficando mais espertas. Parece que houve uma melhoria. Quando chegava a hora do recreio, brincavam de bolinha de gude, de peão, de bandeira. Bandeira era como hoje é o futebol, só que era de correr. Ficava do lado oposto, depois corria. Naquela época não se falava em futebol.

UNIFORME

O uniforme das crianças era azul com branco, os pés era à vontade, era descalço, de tamanco (nessa época usava-se muito o tamanco). Pé não tinha importância. Os meninos usavam calça azul-marinho e blusa branca; as meninas, saia de pregas azul-marinho e blusa branca. Eu usava guarda-pó.

OS INSPETORES

O inspetor era de Tubarão. O trabalho dele era verificar como é que estava a escola. Fazia perguntas para as crianças. Ele dava uma aula naquele dia, que era para ver se estava de acordo com o plano de trabalho da gente. Eu recebia o inspetor com medo. Ficava nervosa. Tinha medo de estar errada, mas depois ele conversava com as crianças e ficavam todos bem contentes. Alguns tinham cara de bravos, outros não. Foram muitos em vinte e sete anos em que trabalhei. Hoje acabaram com o inspetor.

OUTRAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS

Fui diretora também. Eu não escapava às aulas. Anotava, estava perto, corrigia para ver se não tinha erro nas composições delas, nas sabatinas. Tinha que cuidar de tudo para que tudo corresse bem. A gente respeitava a rigor a legislação. Não tinha dificuldade; a gente trabalhava de acordo com o plano. Tinha que dar conta daquele plano, todo mês. No final do ano tinha que esgotar tudo.

SER PROFESSOR

Desde criança eu sempre sonhei em ser professora, mas acho o trabalho do professor muito triste. T em-se que ser muito esforçado. Eu nunca quis que ninguém de minha família fosse professor. Quando esta (filha) foi estudar para ser professora, eu não aprovei... Os outros (filhos) também estudaram para ser professor. Praticaram, mas sempre fui contra. Eu gostava, porque naquela época era diferente. O professor era exemplo para os seus alunos. Vestia-se bem, com uniforme. Era pontual. Naquela época, se a gente faltasse um dia, tinha que ter atestado médico ou então mandava outro no lugar, que era para não virar baderna.

*Laurita Franzone Pereira*²⁴

Nascida em 11 de abril de 1922.

VIDA PRIVADA

A FAMÍLIA

*M*eus pais chamam-se Plínio Franzone e Maria Júlia Franzone. Tenho nove irmãos; comigo, somos dez.

A ESCOLA

INGRESSO

Entre na escola com sete anos. Fiz um ano de escola isolada. Depois, as outras séries primárias eu fiz no Grupo Silveira de Souza. Eu vinha lá de perto da Penitenciária, para estudar aqui na Alves de Brito; vinha a pé, naquele tempo. Depois eu ainda me locomovia para um outro grupo, outra escola mais longe, a Escola Arquidiocesano São José, dirigida pelo Frei Evaristo. Estudei mais três anos, o primeiro, o segundo e terceiro ano do Complementar. Depois eu fui para o Instituto de Educação, mais três anos.

24 PEREIRA, Laurita Franzone. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira. Florianópolis, 24 de novembro de 1994. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

Houve uma reforma e eu entrei no terceiro Fundamental e fiz dois da Escola Normal, cinco anos ao todo. Quando entrei lá, eram cinco anos de Fundamental. Na reforma ficaram três anos de Fundamental e dois de Vocacional. Um ano antes de eu entrar, substituíram a palavra Vocacional por Normal.

ASPECTOS FÍSICOS DA ESCOLA

A escola isolada era diferente de um grupo. Era uma sala de aula; uma classe só. Na escola isolada, as quatro séries eram numa sala só. Masculino e feminino sentavam todos juntos. Eram aqueles bancos com carteiras grandes para todos, carteiras compridas. Eu não me recordo do número de alunos; eu era pequena. Não era uma sala muito grande. Era uma sala com poucos recursos. Existiam na época os bondinhos, esses puxados por burros, que ficavam bem de frente à escola. A professora vinha de bonde. E quando ela faltava, vinha a irmã da professora que era tão má. A gente tinha um medo danado da Guiomar. Depois, com o tempo, a Guiomar tornou-se minha amiga. A escola era aqui na Agrônômica. Eu também morava na Agrônômica, perto do abrigo de menores. Eu não lembro o nome da escola, só lembro o nome da minha primeira professora, e sabes que ela ainda vive? Ela se chama dona Zizi Lisboa. No Grupo Silveira de Souza, entrei no primeiro ano. Já eram carteiras de dois lugares. Eram de dois porque quando eu dei aula, dei no próprio grupo. Eu gostava muito da minha professora do primeiro ano, a dona Ema...O Arquidiocesano São José era um prédio antigo; não funciona mais.

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

Tinha uma igreja, a igreja Santo Antônio. Os alunos tinham que ir á missa. Tinha uma gruta no pátio e todos os dias toda a escola se reunia para rezar ali. As orações da manhã eram feitas na gruta. Nesta escola só ensinavam professoras; professores, não. Os padres não lecionavam; os padres dirigiam. O diretor era o Frei Evaristo.

MATERIAIS DIDÁTICOS

Eram uma lousa, um caderno e lápis. A lousa era retangular; em volta era de madeira. No centro, era um quadro escuro, preto, em que se escrevia com um giz, e se podia apagar. Não sei ao certo o momento em que se usava a lousa e o momento em que se usava o caderno. A lousa talvez fosse para fazer o exercício da classe. Também havia um quadro negro em cima de um cavalete, diferente do grupo, que tinha aqueles quadros na parede. Tinha a cartilha do Paulo e depois a do trabalho. Acho que o autor era Henrique Fontes. No Silveira de Souza, tinha o mapa do Brasil, de Santa Catarina.

METODOLOGIA

Começava-se pela letra, depois a sílaba, até chegar à frase. O ensino, antigamente, era muito decorativo (decoreba). Não era como é o ensino de atualmente, que tem que concretizar este ensino. Antigamente não, era mais decorado, o que a professora dizia, escrevia.

DISCIPLINAS/ATIVIDADES NA ESCOLA

No Silveira de Souza estudávamos Português, Aritmética, Educação Cívica, estudavam-se os símbolos nacionais (atualmente Estudos Sociais). Naquele tempo, do quarto ano, eu não me lembro se tinha grupo de leitura, biblioteca. No Complementar, a professora não dava todas as matérias. Tinha uma professora de Inglês, uma de Alemão. A dona Dulce era de Francês; dona Olga Voigt, de Alemão, bem bonita, novinha, alta. No Curso Complementar também se estudava Psicologia, Pedagogia; o ensino era mais forte.

AS PROVAS

Eu me lembro que no segundo ano, uma vez por mês, tinha a sabatina. Aí ou os meninos iam para a sala das meninas ou as meninas iam para a sala dos meninos. A sabatina era uma espécie de avaliação de conhecimento. Eles pegavam um menino e uma menina, que iam para o quadro. Eu sempre pegava o Joel Moura. Às vezes um ganhava....empatava. Ele também era um aluno bom, era excelente nisso. Isso deveria até ser feito ainda hoje em dia. Existiam as notas mensais. Os exames eram com a diretora. No meu tempo tinha a prova oral e escrita, tudo com a Diretora.

O RECREIO/BRINCADEIRAS

A aula era das oito da manhã às duas da tarde. Eu lembro que a gente chegava tarde. E o recreio era de meia

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)
hora. A gente levava merenda de casa: era pão com banana. Os meninos não brincavam junto com as meninas. As meninas brincavam de roda.

CASTIGOS

Durante o primário tinha uma professora da seção masculina, a dona Henriqueta, a dona Quiqueta, como a chamávamos. Pois aqui no Silveira de Souza, eram separadas a seção masculina e a seção feminina. Eu lembro de um primo que chamou a dona Quiqueta de queijada. Foi expulso. Hoje se releva mais. Eu era da Seção feminina. As meninas eram mais quietinhas... A gente ficava de pé olhando para a parede. Mas eu não me lembro de ter ganhado castigo; eu era quietinha.

AS DIFICULDADES

Quando eu estudava no Silveira de Souza, eu vinha a pé de lá de perto da Penitenciária. Às vezes dava temporal. No verão a gente chegava em casa que era um “pinto pelado”. Ah! Na minha casa, quando a minha mãe fazia pão, fazia até pão de inhame. A gente levava este pão para a escola e trocava por pão da venda, como nós chamávamos. A nossa servente fazia uma puxa-puxa muito boa; embrulhava numa folha de bananeira. A gente comprava aquele puxa-puxa na hora do recreio.

UNIFORMES

Na escola isolada não tinha uniforme.

OS PROFESSORES

Tinha a professora das meninas e a dos meninos. No pátio, durante o recreio, ficavam separados. Eu tinha uma professora no segundo ano, dona Otilia Cruz, muito severa, mas eram professoras boas, professoras de peso. A gente respeitava muito o professor. No Arquidiocesano tinha a dona Maroquinha, de quem eu gostava. Como a gente gostava das professoras! Ela era muito bonita; se vestia muito bem. Eu sou a favor da professora que se arruma para dar sua aula. Quando eu era estudante, eu apreciava muito quando a minha professora ia bem vestida para dar a sua aula. Eu acho que a professora deve ir bem arrumada para enfrentar os seus alunos. O aluno gosta disso, aprecia isso.

NAMORO

Devia ter (risos). A gente já saía dali com onze anos. Tinha umas namoradinhas. Só que eu era muito quieta. A gente foi criada num ambiente de muito respeito. Então, uma menina de onze anos não podia falar em namorado. Era difícil. Era uma família muito grande - dez filhos -; a mãe não trabalhava fora, trabalhava em casa. O pai também trabalhava. A gente não podia falar em namoro com onze anos. Mas sempre dava uma namoradinha escondido (risos).

Eu me lembro muito bem de que, quando eu tirei o quarto ano do primário, eu tinha que ser professora mesmo. Minha mãe não veio à minha formatura. Eram muitos filhos. Eu era a quarta. Depois de mim vieram seis. O irmão mais moço tem sessenta anos, hoje, e eu tenho setenta e dois,

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

doze anos de diferença. Quando eu tive a minha formatura, e minha mãe não pôde vir, eu me senti tão importante quando cheguei com aquele diploma que parecia que eu já era professora, que já estava formada, de tão envaidecida que eu me sentia, de tão importante com aquele diploma.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL/DOCÊNCIA

INGRESSO

Não me inspirei em ninguém para ser professora. Tanto que, quando tirei o diploma do quarto ano, me achei tão importante que parece que já ia ser professora. Se desse para voltar no tempo, talvez eu não quisesse mais ser professora. Mas naquele tempo eu tinha vocação para isso. Nós brincávamos muito em casa. Minha outra irmã era diretora. Nós brincávamos muito de professora, de aluno. Hoje as crianças não brincam de professora.

Eu vou te contar como é que surgiu. Nós éramos uma família muito pobre, grande. Antigamente, quando a gente se formava para ser professora, não tinha outra coisa de imediato para ganhar dinheiro. Então, tinha que ser professora. O professor, naquele tempo, era considerado, gozava de certo privilégio. Professora tinha nome. Atualmente, não tem. Nem as autoridades dão o valor devido ao professor. A gente olha, eu vejo todo mundo reclamando. É aquela classe que está lá, não vai ter uma pessoa granfina que vai ser professora. É tudo gente que necessita, como eu. Eu fui a primeira a sair de casa. Era uma despedida dos vizinhos porque ia fazer uma viagem. Fui à casa dos parentes

para me despedir. Tudo porque ia ser professora, ia sair de casa. Às vezes fico recordando. Eu fui para Imaruí. Foi horrível. O ônibus não chegava até Imaruí; ficava em Armazém. Meu Deus, que coisa horrível eu senti quando saí do convívio da família para ir sozinha. Em Imaruí também era um grupo escolar. Só que lá pegamos uma diretora conhecida, por isso que fui pra lá, dona Nair, amiga da família, uma pessoa de muita responsabilidade. Era solteira. Uma pessoa muito enérgica, era espírita. Em Imaruí dava remédios de homeopatia. De noite, as pessoas batiam na casa dela para pegar remédios. No primeiro mês não recebemos, e foi a dona Nair que pagou a nossa pensão. Ela nos emprestou dinheiro. Era uma pessoa muito boa.

Lá no grupo tinha horta. Nós, professoras, tínhamos medo da dona Nair. As crianças iam cedo plantar, e ela gritava: “Não quero fiscal”. Quer dizer que nós também tínhamos que arrancar o mato e trabalhar com as crianças. Era a horta escolar. Nós íamos para o mato, pegávamos macela para ela vender junto com os alunos.

Eu gostei de Imaruí, um lugar pequeno, todo mundo amigo, todos se dão bem. Quando nós fomos para lá, fomos de casa em casa pegar o aluno que não tinha aula, a criança que os pais não botavam na escola. Nos primeiros dois dias de aula nós todos fomos de casa em casa, naqueles arrabaldes, buscar alunos para o grupo. Depois de Imaruí, fui para Blumenau. Lá eu trabalhei muito. O ambiente, o meio é completamente diferente. Aquele meio em que todo mundo é amigo, todo mundo é conhecido, de tratar bem, não tinha. O alemão é reservado; não fala contigo. Eu fui para Blumenau e fiquei um mês no Colégio Sagrada Família, porque não tinha uma pensão. Depois eu consegui uma pensão e fui morar com minhas colegas bem perto do grupo. Depois

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

fui para Itajaí, e de Itajaí eu vim para o Grupo Lauro Muller. A gente tinha que ter um determinado número de pontos para pegar na capital. Eu peguei uma vaga no Grupo Lauro Muller. Isso, solteira ainda. Quando comprei esta casa, em 1958, me transferi para o Grupo Silveira de Souza. Ali fiquei oito anos.

A ESCOLA

Em Imaruí, o grupo escolar era novo, recente. A sala de aula tinha carteiras de dois lugares. O grupo de Blumenau era antigo, como o Silveira de Souza, onde eu tinha estudado. Bem antigo, daquele estilo com pátio interno, com varandão em volta. Neste pátio interno faziam-se as festas.

METODOLOGIA

Eu sempre fui de falar alto. Falava e não deixava o aluno parar; ele sempre teve tarefa. Quando eu dava minhas aulas era assim: se eu dava uma aula, por exemplo, de fazer um trabalho, uma descrição, uma dissertação, eu não parava. Nunca fui professora de ficar numa mesa e o aluno trabalhar. Ele ficava escrevendo e eu percorria as carteiras para verificar os trabalhos. Então, tal palavra se escreve assim, eu ia escrevendo, tal palavra é assim. Ele não gravava aquele erro. Na Matemática, eu também era assim de ficar na carteira, olhando esse, aquele... E nunca deixando aluno parado. Quando faltavam poucos minutos para terminar a aula, eu dizia que a gente ia fazer um pouco de cálculo mental, que

era para não ficar parado. Aluno parado incomoda. Quando eu cheguei nos últimos anos de Magistério, deu-me uma rouquidão porque eu falava alto. Eu falava muito alto e não parava. Os últimos cinco minutos eram para arrumar o material. O cálculo mental era para resolver o problema oralmente. Eu dava o enunciado e eles faziam o cálculo. Por exemplo, no terceiro ano: oito mais oito, mais cinco, mais três, menos seis. O melhor aluno era aquele que vendia torradinho, pastel.... Esses eram os melhores alunos, que hoje não tem mais. Na Matemática, eram excelentes. Era também aquele que vendia o jornal. Eu lembro de um menino, de quem até conheço a mãe, que tinha uma grande facilidade em cálculo mental!

DISCIPLINAS/ATIVIDADES NA ESCOLA

Além da sala de aula e da horta, havia as Instituições Escolares: o Jornalzinho, o Museu, o Clube de Leitura, tudo dentro da escola. O museu era uma estante com pouca coisa, essas coisas do mar, estrela-do-mar... não tinha muita coisa, uma avezinha. No Clube de Leitura fazia-se uma reunião. Aquela instituição tinha uma diretora. Os alunos liam tudo numa sala de aula. No primeiro ano em que eu dei aula, tinha um aluno do segundo ano que não sabia ler. Passaram para o segundo sem saber ler. Eu era iniciante. Achava que ele deveria ler. À medida que você vai ficando no Magistério, você vai aceitando, vai aprendendo. A gente é dona de casa, tem filhos, às vezes sai e tem filho doente com qualquer coisa, e como eu era muito ativa, eu ia na feira, qualquer coisa, mas ia na hora certa. Sempre fui ativa e pontual, nunca

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

fui de faltar. Eu trabalhei vinte e cinco anos e só tive um mês de licença.

CASTIGOS

Quando tinha uma menina ou um rapaz que não aprendia muito bem, que era meio rebelde, eu dava uma atribuição à menina ou ao menino. Aquela menina distribuía os cadernos, recolhia os cadernos da escrita. Era tão bom, que o menino ou a menina mudavam completamente. Eu não me lembro de ter dado castigo para aluno. Quando eles faltavam com os deveres, mandava fazer uma cópia. Não se dava castigo corporal. Quando eu chegava na escola, acabava a minha preocupação com a casa. Mesmo que eu viesse aborrecida, eu fazia de conta que estava feliz com eles. De manhã cedo, eu já perguntava: “Como vão vocês? Vocês estão bem? O que fizeram?” Eu lembro que tinha um menino que morava aqui em cima, que gostava tanto de conversar, que depois que eu fazia a chamada pedia a ele para contar tudo o que tinha feito no dia anterior.

UNIFORME

Em Blumenau, as meninas usavam uma saia pregueada, azul–marinho, com blusinha branca. E os meninos, calça azul–marinho, com blusa branca.

AS DIFICULDADES

Lembro de uma passagem no Imaruí. Lá quase

que nós caímos no mar. Foi na Páscoa, naquele ano em que ninguém foi para casa. Aconteceu quando nós íamos fazer compra em Laguna e a diretora ia buscar o material didático, os mapas que faltavam no grupo de Imaruí. Tínhamos que fazer a travessia de Imaruí para Laguna. Pegamos carona com um fulano que bebia. Ele queria caminhar dentro da canoa. A diretora dizia: “Se tu te levantar, daí eu te dou uma lambada com este mapa”. Aí ele se acomodou.

No interior, tinha-se dificuldade com o material didático. Tanto que quando se precisava do material, tinha que buscar em Laguna, na inspetoria. Imaruí estava subordinada a Laguna.

OS ALUNOS

Eu sempre me apegava àquelas crianças bem humildes, bem pobres. Em Imaruí tinha o Néri, que era tão meu amigo. Eu sempre gostei mais dos meninos. Quando você briga com um menino, na mesma hora ele é teu amigo. A menina fica sentida. Quando eu cheguei em Blumenau, tinha outro aluno a quem muito me apeguei, o Graciano. Ele era tão humildezinho, tão pequenininho. Os alunos deviam levar uma colher para tomar sopa. O Graciano não levava. Eu ia na cozinha, pegava uma colher e a caneca de sopa e dava sopa para ele. . Depois, em Itajaí, tinha o Edmundo, de quem eu também gostava muito. Era uma criança muito boazinha. Depois eu soube que ele faleceu. Quando eu lecionava no Lauro Muller, tinha na sala de aula um menino que era o neto do governador Celso Ramos.

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

Naquele tempo toda a vizinhança estudava no grupo. Hoje, o rico não estuda no grupo. Mas naquele tempo, todo mundo estudava no grupo e todos eram tratados igualmente. Eu me lembro que quando eu lecionei no primeiro, tinha um meninoque era retardado. Ele ficou até o fim do ano. Hoje ele está homem, mas está pior. Com o passar dos anos ele foi piorando. Era filho do dr. Palumbo. Ficou comigo o ano inteiro, o Lineu. Ele vive, está com a mãe, olha pra mim e não me conhece mais. Quando vou a Blumenau gostaria de encontrar mais dois alunos do tempo em que eu fui professora, há cinqüenta e três anos passados. Um deles mora aqui e trabalho no Banco do Brasil, eu sei porque falo com ele. Eu falo para a minha filha que mora em Blumenau: “Eu queria tanto ver algum aluno, outro aluno daquele tempo”. Às vezes eu lembro, ao falar com as pessoas, eu pergunto. Eu tenho em Blumenau a irmã do dr. Raul, que foi minha aluna. Eu tinha uma classe muito bonitinha, tudo alemãozinho, crianças com oito anos, no segundo ano do grupo. Eram filhos de gente que podia. O alemão é muito caprichoso. Era uma classe de oito anos, alunos que não eram grandes. No meio havia crianças pobres.

NAMORO

Eu lecionei no terceiro ano. Eu não me lembro de ter tido namoro. A gente também não dava oportunidade.

OS INSPETORES

Em Imaruí tinha o inspetor Mosmann; depois

foi Manoel Coelho. Nas reuniões pedagógicas, nós tínhamos que apresentar os planos de aula por escrito e tínhamos que apresentar o comunicado à sala. Naquele tempo, falava-se em comunicado e plano de aula. Tinha em casa um caderno em que preparava e programava as aulas. Era o que de fato ia dar no dia seguinte, de acordo com o programa. Ali você escrevia tudo o que ia dar. Esse caderno era levado para a reunião pedagógica para que olhassem e passassem o visto. Muitas vezes as reuniões pedagógicas eram à noite. Nessas reuniões, a diretora apontava os defeitos, chamava a atenção: “Não é para fazer assim; é para tratar melhor o aluno; o aluno está chegando tarde; o aluno esta vindo sem uniforme...” Ela dizia como se devia fazer, como não se devia fazer. Esses assuntos eram tratados nas reuniões pedagógicas.

APOSENTADORIA

Quando completei vinte e quatro anos de trabalho - eu tinha uma licença prêmio que se conta em dobro - em abril, eu pedi minha aposentadoria, mas fiquei substituindo um colega até o fim do ano. O ano de 1966 foi o ano da minha aposentadoria. De lá para cá eu ainda dei aula particular aqui em casa. Alunos do Colégio Coração de Jesus, umas meninas dos Koerich. Inclusive duas que morreram num desastre de avião. A mais velha e a mais moça, filhas da dona Oni, cujo marido é irmão do Walter Koerich. Elas foram minhas alunas aqui. Foi um desastre em que o avião caiu lá no Morro dos Ratonos. Morreu muita gente conhecida, médicos, todos aqui da ilha. Muitos médicos voltavam de um congresso.

Para as aulas, os alunos traziam os deveres e estudávamos o que eles não sabiam. Eu lecionei para o Reinaldo, não do grupo; era aluno de outro colégio que vinha estudar comigo aqui. Dei aula para mais de um aluno. Aqui eu dei aula particular muitas vezes. Aí eu me aposentei de vez.

*Lydio Martinho Callado*²⁵

Nascido em Florianópolis / SC, em 2 de maio de 1919.

VIDA PRIVADA

A FAMÍLIA

Meu pai chama-se Aroldo Callado e minha mãe, Juça Callado. Ele era jornalista e ela, professora. Éramos três irmãos: eu o mais velho, o segundo um irmão e o terceiro, uma irmã. O meu irmão faleceu com 21 anos de idade; minha irmã ainda é viva. Vive neste prédio, no apartamento 2 e 3.

A ESCOLA

INGRESSO

Fui para a escola, a primeira vez, com cinco anos. Fui fazer a primeira série. Aliás, foi porque minha mãe era professora; do contrário, só podia entrar na escola com sete anos. Eu ia para a escola com a minha mãe, a pé. Nós morávamos na Rua Anita Garibaldi, e a escola em que ela lecionava era o Grupo Escolar Lauro Muller.

25 CALLADO, Lídio Martinho. Entrevista concedida a Andréia Cristina Almeida. Florianópolis, 7 de maio de 1998. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

Foi onde eu cursei o primário com cinco anos. Eu já fui lendo para lá. Meu pai tinha uma biblioteca muito grande; nem eu sei nem a minha família sabe como eu aprendi a ler. Só sei que quando fui para lá já sabia ler. Com oito anos eu saí da 4ª série do primário.

ASPECTOS FÍSICOS DA ESCOLA

Naquela época havia separação de sexos. Separação física na aula e no recreio. Havia pátios separados por seção. Chamavam seção masculina e seção feminina.

MATERIAIS DIDÁTICOS

Material didático era o giz e para professora cuspi, né. (risos). Para os alunos, o material didático era uma lousa. Mais tarde a lousa mudou de cor e ficou um quadro verde. Existia um lápis,—borracha; caneta não existia naquele tempo, existia era caneta de pena, mas não se usava na primeira série, só depois, na quarta série. Naturalmente, recursos audiovisuais não existiam naquela época, não do tipo dos que são usados hoje.

METODOLOGIA

O livro básico era uma série chamada Henrique Fontes, quatro manuaizinhos pequenos. Mas aqueles livrinhos ainda ensinavam, mas dependia muito da orientação da professora. Existiam boas professoras, métodos especiais. E havia professoras que se dedicavam menos.

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

Não havia, na realidade, um método que uma escola seguisse. Teoricamente, havia um método.

DISCIPLINAS/ATIVIDADES NA ESCOLA

No primário, eu lembro que se dava muito valor aos ditados e composições. As composições seriam criar alguma coisa. Trazia-se uma idéia para o papel, para a lousa. O tempo da lousa foi muito rápido. Acho que só vi lousas na escola um ano. Já estavam extintas; eram mais cadernos. No Complementar, por exemplo, no 5º ano, eu aprendi coisas, quer dizer, Mecânica Celeste, Cosmografia. Era o que hoje se ensina na Faculdade de Engenharia como Mecânica Celeste, Astronomia, aquela coisa toda. E o professor, um jesuíta, o professor Godofredo Scheraide, daqueles sábios, escreveu livros editados. Enfim, as línguas lecionadas eram o Latim, o Francês, o Inglês, um pouco de Espanhol e Alemão. O Alemão era facultativo, mas como nunca havia pessoas suficientes para montar a classe, geralmente não tinha classe de Alemão. Tinha internato só de rapazes. Hoje o Colégio Catarinense aceita meninas; no meu tempo, internato era só de rapazes. Os professores eram muito bons. Por exemplo, em Francês, a gente usava muito as fábulas de Lavonteier, aquelas histórias faziam diversão... A coisa era muito séria. Eram dois períodos: de manhã, depois ia para casa almoçar e voltava à tarde. O Ginásio era bom. Eu tinha Latim. Lembro de poesias que consigo recitar hoje, poesia em inglês, francês... Eu tinha dificuldade em Matemática. Sempre passei porque eu estudava, mas não gostava e não tinha a facilidade que tinha com as outras matérias.

COMEMORAÇÕES CÍVICAS

Antigamente existia muito o momento cívico. Tanto no nível escolar quanto na faculdade. E de repente, no tempo de Getúlio... Tem muita gente que fala mal do Getúlio, que, claro, tinha seus defeitos como todo mundo tem, mas colocados na balança quilos e quilos de qualidade e gramas de defeitos.... Uma das vantagens de Getúlio foi o cultivo à Bandeira, ao Hino, ao nacionalismo. Praticamente tudo veio da época dele. É um tempo que devia se chamar os quinze anos de Getúlio. Tanto é verdade o que o povo sentia com Getúlio que ele voltou, foi reeleito. Depois da Segunda Guerra Mundial, que foi de 1939 a 1945, Getúlio foi eleito contra o Dutra, general e ex-ministro da guerra. Getúlio foi eleito com esmagadora maioria de votos.

O RECREIO/BRINCADEIRAS

Na hora do recreio, meninos de meninas eram separados, e também havia professores cuidando do recreio. As brincadeiras eram aquelas tradicionais: cabra-cega, bolinha de gude, a brincadeira da calçada.... a minha memória está meio esfumada, essas brincadeiras de fazer correr, andar, mexer. A brincadeira da calçada era que um tomava conta da calçada e os outros, do lado. Imaginava-se uma calçada; se traçava no chão uma linha e aquela linha era a calçada. Então, se pega quem colocar o pé em cima da calçada, e o outro então... É porque o guardião evita que os colegas ponham o pé lá. Era brincadeira assim ingênuas.

CASTIGOS

Aplicavam castigos, palmadas. Mas, era assim tudo sem violência, sem violência no sentido que tem hoje em dia. Uma palmada não era violência; era uma coisa que as mães, as avós usavam em casa. Corrigiam, o que fazia muito bem. Era ficar de castigo num canto. Algumas professoras faziam orelhas de burro, chapeuzinho de papel com orelha de burro e o aluno ia para o canto. Mas era muito raro, quase não se usavam castigos, porque as crianças daquela época eram normalmente mais disciplinadas. Essa disciplina já vinha do respeito que eles tinham no seio da família, pelos mais velho e pelas normas familiares. Então era muito importante obedecer na sala de aula, às normas nas escolas. Não havia necessidade de repressão.

OS PROFESSORES

Eu não me lembro de todos os meus professores; lembro melhor os do ensino superior... Da fisionomia, porém, eu me lembro, lembro da maioria das minhas professoras do ensino primário. Lembro-me da dona Carmem Ramagem, da dona Luiza Gonzaga, de família muito tradicional. Uma professora magrinha, a professora Isabel, parecia um passarinho, muito mimosa. A professora Nana, uma pessoa politicamente correta, que não queria dizer ou falar na cor, mas que naquele tempo existia, embora houvesse respeito: preto valia o branco, o branco valia o preto. Era a dona Nena, Maria Luiza Ozório Zotto era o nome todo dela. Ela era negra, mas de uma personalidade extraordinária. Ela lecionava na quarta série. As moças já estavam mais maduras. Muita gente não sabia o nome dela.

É uma infinidade de professores. O diretor era um nortista, aquele cabra da peste, né. Baixotinho, gordo, professor Florezal Cabral. E uma infinidade. Só existiam professoras no meu primário. O diretor era homem. Mais tarde, quando já não estava mais no grupo, já adolescente, é que começaram a ensinar homens.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL/DOCÊNCIA

INGRESSO

Não sei como decidi ser professor, mas eu já fiz muita coisa na minha vida, só não lavei prato. Já fiz muitos concursos públicos, passei em todos eles e pude escolher. O primeiro que eu fiz foi de fiscal no Cinema Rex. Era um cinema que existia na Catedral, e foi o primeiro e também o único cinema daquela época.

Também foi por concurso que me chamaram para... Eu ainda era moço; tinha 16, 17 anos. Depois fui revisor da Imprensa Oficial do Estado; is fui guardião do... fui desportista, fui professor para ensinar guri pequeno... alfabetização; professor particular. Depois entrei como professor catedrático no concurso da Escola Normal, hoje Faculdade de Educação. Depois fui professor na Universidade Federal. Eu ajudei a montar onze faculdades, isso incluindo a de Medicina, e, mais recentemente, Educação Física. Durante a minha vida eu participei de três universidades: a Federal, a Estadual (UDESC) e a Universidade do Oeste, a do Contestado. Mas eu não sei o dia em que entrei para o magistério. Isso aconteceu de forma tão natural, como se fosse respirar. Talvez tenha influência da minha

mãe, de meu pai. Na casa tinha um quarto que se chamava quarto dos livros, cheio de estantes. Meu pai, quando faleceu, tinha mais de 10.000 livros em casa, uma coisa imensa. Eu, com onze anos de idade, conhecia os autores portugueses Camilo Castelo Branco, Eça de Queiroz... Na minha memória eu tenho muita coisa. Depois, um pouco mais tarde, eu conheci os franceses. Eu não fiz o Curso Normal. Eu comecei Medicina em São Paulo, fiz dois anos, três anos de Medicina. O que mais? Fiz Filosofia também. Foi muita pós-graduação, essa coisarada toda. Eu não tive título específico de professor. Naquela época não existia. Trabalhei como psicólogo, com formação nos Estados Unidos. Depois eu revalidei os créditos permitidos na PUC de Porto Alegre, pelo Conselho do MEC. Quando se criou a profissão de psicólogo no Brasil, eu fui um dos primeiros naquela época. Então, todos os meus créditos foram assim antecipados. Depois, por determinação do Conselho Federal de Educação, eu fiz meus exames complementares na PUC de Porto Alegre. Tanto que antigamente o Conselho Regional de Psicologia era constituído por Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, e o meu número de registro era 0041; e hoje são mais de 10.000 conselheiros psicólogos. O Direito eu fiz parte na Faculdade do Rio de Janeiro e terminei aqui, na única Faculdade de Direito que existia, a Federal. A Federal nem era federal, era Faculdade de Direito de Santa Catarina. Era reconhecida pelo MEC, tanto que nela se formou a maioria dos desembargadores do estado de Santa Catarina. Eu comecei a dar aula em 1941, mais ou menos, não estou muito certo. Comecei dando aula lá onde era a antiga Escola Normal, a FAED, aquele prédio antigo. Eu dava aula para o Curso Normal.

METODOLOGIA

A minha metodologia em sala era tranqüila. Quer dizer, me impunha pelo interesse que podia trazer; impunha-me teatralmente- sempre fui um pouco ator. Através da ação da minha atuação durante a aula é que eu conseguia interesse, interesse necessitado, necessitava de necessidade que vinha automaticamente. Tanto que eu me lembro que na minha aula eu não chamava atenção do aluno, não mandava calar a boca. Não me lembro, em minha longa vida de professor... não precisei. Acontece o seguinte: o cala-a-boca existia, mas era dos colegas. Eu estava explicando uma coisa bastante interessante e o aluno prestando atenção, resumindo; eu sempre motivava bastante a aula. Esse era o sistema, o estilo, a técnica ou a metodologia. Eles mesmos se disciplinavam na aula. Se alguém estivesse cochichando, perturbando, então vinha o cala-a-boca. Eles calavam a boca e sossegavam.

DISCIPLINAS/ATIVIDADES NA ESCOLA

Lecionei sempre Psicologia, Português, História, Sociologia e Filosofia; as básicas eram Psicologia e Português.

CASTIGOS

Nunca foi necessário aplicar castigos. Primeiro, porque nunca trabalhei com alunos novos, e, segundo, porque no ensino superior naquela época ainda não havia muita indisciplina; havia muito respeito. Mesmo no ensino superior havia respeito, amizade, uma ligação

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

muito grande, um elo muito forte. Hoje não é tanto assim. Hoje a vida pessoal do professor é muito separada da vida pessoal do aluno. Eu era psicólogo, a maioria dos professores... Contavam para o professor a vida particular deles: problemas, sonhos, projetos, problemas de aula, enfim, a vida particular do aluno era próxima à vida particular do professor; tanto que havia visitas, coisa que é raríssima hoje em dia. Hoje a relação professor aluno é mais profissional; no meu tempo era mais humana.

OUTRAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS

Fui Diretor da FAED por dois mandatos. Fui eleito por duas vezes. A estrutura do prédio, as cores eram as mesmas. Só que no meio existia uma área externa; existia tipo um pátio aberto, sem cobertura. As aberturas eram retangulares. No meio da parte retangular do prédio havia um centro aberto, e ali chovia. Depois meu colega, Osvaldo Mello, que foi o primeiro diretor da Faculdade de Educação (não da Escola Normal), cobriu a abertura. Eu, como segundo diretor da Faculdade de Educação (isso está lá, registrado na história), arrumei as instalações, as salas de aula. O gabinete do diretor ficava no segundo andar, na parte da frente, uma sala enorme. Quando eu assumi, eu tirei aquilo dali... e transformei no cantinho do diretor. Os alunos ficaram espantados, pois diziam que nunca haviam visto o diretor... Segui o princípio de que na escola o espaço nobre tem que ser tomado pelos alunos. Pela sala de aula.

Assim, fiz modificações estruturais, não apenas de acabamento, melhorei as salas de aula, os cornos...

Eu sempre quis ser advogado; também quis ser jornalista, diretor de jornal... Hoje também sou da Academia de Letras Catarinense.

Mas houve um episódio que muito me marcou na época em que era diretor da Faculdade. No verão, no tempo de férias, eu dispensava os funcionários. Ficava só com um ou dois serventes para manter limpa a escola. Numa dessas, eu estava de shorts, assim, muito singelo, e, pior, descalço, lavando o piso de ladrilho do pátio do vão coberto, sem camisa, ajudando os serventes. Era agradabilíssimo por causa do calor. Então entraram dois cidadãos na Faculdade - a porta estava aberta -, e falaram: “Queremos falar com o diretor”. Eu os levei até o gabinetinho do diretor, pedi que sentassem nas poltronas, que eram modestas, mas confortáveis, fui até a minha mesa, sentei, e disse: “Estou aqui à sua disposição”. Eram americanos. Falaram entre si: “Um servo sentar na direção!” “Queríamos falar com o diretor”. “Sim, o diretor sou eu”. Os caras ficaram apavorados, né. Eu entendi o que eles estavam falando, e me dirigi a eles em inglês: “De onde é que vocês são?” “De Minissouta”. Eles ficaram apavorados e aí eu expliquei. Eu sou diretor, mas fico aqui, entende, ocupado com a disciplina, a estrutura, pela necessidade de manter a ordem e não uma supremacia de uma pessoa sobre a outra. Nem posso dizer como era agradável estar neste pátio, no meio dessa água toda. Eles estavam tão perdidos! Por casualidade, eu tinha estado nos EUA anteriormente fazendo créditos universitários. Entre outros professores, tinha feito amizade, em particular, com o professor Paul Gordon, professor de Psicologia Social. Eles estavam ali porque queriam fundar uma faculdade de educação da América Latina, quer dizer, servir a América Latina inteira.

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

Por isso a rapaziada estava pesquisando. Entre essas pesquisas, procuravam por um lugar para essa faculdade, lugar bem situado do ponto de vista geográfico, social, enfim, o melhor sob vários aspectos para instalar uma Faculdade de Educação que servisse a América Latina. E isso quase se realizou. Eles voltaram para os EUA e propuseram à UNESCO que a Faculdade de Educação deveria ser feita em Florianópolis. Isto só não se realizou porque o Ministro da Educação brasileiro era um gaúcho - Tarso Dutra -, que queria que essa Faculdade de Educação fosse feita no Rio Grande do Sul, não sei em que lugar, cidade... Final da história: não se fez essa faculdade. E veio existir muitos anos depois com outras... Mas naquela época podia ser instalada. Porque aqui, na realidade, existiam duas Faculdades de Educação: a de Brasília e a Faculdade de Santa Catarina, a FAED. A estrutura administrativa era composta pelo Diretor Geral, pelo Diretor de Ensino, pelo Diretor do CEPE, que era o Centro de Estudos de Pesquisas Educacionais. Pessoas executivas, pessoas de trabalho, serventes e, naturalmente, professores.

PROFISSÃO PROFESSOR

O salário do professor, como tradicionalmente, era infame; não lembro exato quanto era... Só sei que era muito pouco. Naquele tempo o maior salário do professor era o prestígio social que ele tinha; eram as amizades que ele confirmava com os alunos, com os pais dos alunos, com a sociedade. Tanto o professor do primário do interior quanto o daqui era profundamente respeitado, talvez mais que o professor universitário de hoje. A sociedade dava mais valor para o professor. Por exemplo, no interior, na constelação social do

interior, ele equivaleria, tranqüilamente ao juiz de Direito, ao padre, ao médico, ao engenheiro, ao agrônomo, essas pessoas de níveis sociais, de profissões liberais do nível superior. Era respeitado tanto quanto os outros; vivia nesse meio, embora o salário dele fosse pequeníssimo perto do dos outros.

Eu não aconselharia diretamente ninguém a ser professor; porque forma o hábito de aconselhamento dos alunos, de orientação profissional, vocacional... Mas só mostraria o que tem de bom e o que tem de ruim, a começar pelo salário, que não é bom. Apesar disso, existe, assim, justificando o professor na sociedade, hoje é só dinheiro que vale. Dinheiro, poder, a prepotência e tal. Mas eu acho que, apesar disso, é satisfatório; a pessoa consegue muito mais realização do que na Medicina, do que no Direito. Todas as disciplinas que têm como matéria-prima o humano, são as que mais permitem a melhor realização da gente: a gente se realiza nos outros. Que é o Magistério, o Jornalismo, as Letras, Poesia, Romances, Assistência Social, coisas assim. O ensino hoje é caótico, cheio de políticas internas, cheio de políticas externas. Nunca fazíamos greve na nossa época. A gente pensava que a greve, que o prejuízo dos alunos, o prejuízo das famílias era uma coisa que tinha muito mais significação que o nosso próprio salário. Não havia nem sindicatos, naquela época; havia a Associação de Professores. O salário hoje... Não estou acusando os meus colegas de hoje, ainda porque é preciso para sobreviver. Nunca sofri preconceito de ser professor homem, porque o ensino era superior, o ensino superior era o contrário, sempre havia uma quantidade esmagadora em cima das mulheres. Essa diferença entre os sexos existia no ensino primário e complementar, nunca ocorreu no ensino superior. As mulheres eram mais raras; dificilmente uma mulher chegava a diretora

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)
ou reitora de uma universidade. Hoje é comum. Que, aliás, é
uma evolução, uma evolução positiva.

APOSENTADORIA

Aposentei-me faz uns dez anos. Nunca me aposentei de
me aposentar; a Constituição é que me botou na rua. Senão
ainda estaria dando minhas aulas. Um trabalho que a gente faz
gostando, não é trabalho, é diversão.

VIDA PRIVADA

Sou casado pela segunda vez. Do primeiro casamento
tive três filhos: a mais velha, mulher, e os mais novos,
homens. Tenho sete netos e dois bisnetos, por enquanto.
Do segundo casamento eu tenho um menino de seis anos.
Tenho dois filhos casados que foram professores universitários,
e já se aposentaram como professores universitários.
Era Hugo Camargo e Ana Maria Camargo. O Aroldo
foi formado em Engenharia Agrônoma; formou-se
na Faculdade de Educação em Licenciatura.
A filha também em Licenciatura; ela estudou na Faculdade
de Educação em Curitiba e tem mestrado na Gama Filho.
A família inteira era católica, apostólica, romana, por
tradição. A religião é indispensável; faz uma falta, hoje.
Tanto é verdade o que eu estou falando que têm avançado essas
religiões, só religião de marketing, religião do Luiz Carlos
Macedo. Eles preenchem uma falta de disciplina religiosa.
A religião é a disciplina auto-imposta, e não é aquele tipo de
educação e disciplina imposta.

*Maria dos Passos Oliveira*²⁶

Nascida em Florianópolis / SC, em 16 de Março de 1902.

VIDA PRIVADA

A FAMÍLIA

Meu pai era João. Mamãe era Luiza, um nome tão bonito, não é?! Meu pai era comerciante; tinha uma grande casa de negócios. Minha mãe, dona de casa – como era naquela época –, cheia de filhos. Sete filhos, não era brincado! Éramos só duas irmãs, e uma já morreu. Todos de minha família já se foram. O marido, o pai (marido não é parente, não é sangue). O pai já se foi primeiro, depois a mamãe, depois os seis irmãos. Somos sete. Só restei eu, da minha família, para contar alguma coisa, só eu. Tanto que nossa propriedade foi vendida, há pouco tempo, há dois anos passados. Um bonito apartamento na Agronômica, antes de chegar na casa dos Carvalho, naquela esquina, perto da Igreja São Luís. Parece-me que aquele terreno ali da Igreja era do senhor Luiz Carvalho, se não me engano. Os Carvalho também já se foram, todos. Só tem a Olga. Dentre meus sete irmãos, eu era das últimas. Depois de mim só tinha o João, o Renato e o Oscar. Tinha três rapazes. A

26 OLIVEIRA, Maria dos Passos. Entrevista concedida a Ana Maria de Brito Gouvêa e participação da professora Vera Lucia Gaspar da Silva. Florianópolis, 29 de julho de 1999. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

minha irmã era a filha mais velha. Papai tinha casa de negócios. Negócio forte. Tinha empregados. Mamãe sempre teve empregada, também por causa disso: muitos filhos e muitos empregados. Muito movimento na casa. Casa de negócio forte tem muito movimento, dois caixeiros, essas coisas todas. Papai era muito conhecido. De mais a mais, uma coisa eu quero salientar: meu pai era o melhor homem do mundo. Era o melhor mesmo. Era bom pai, era bom amigo, era bom irmão. Fiquei muito triste quando papai...

A ESCOLA

INGRESSO

Comecei a estudar em escola isolada, Escola Isolada Dona Lica Valente. Essa escola ficava na esquina da Pedra Grande. Era mesmo ali, onde vira na esquina da Bocaiúva. Essa casa ainda existia há bem pouco tempo. Hoje eu não sei como está... São muitos apartamentos. Estou há quatro anos longe daquela gente, daquele pessoal, daquela vida... Então eu não sei. Depois da escola isolada vieram os grupos. Tinha o Silveira de Sousa e o Lauro Muller, que foram os dois primeiros. O Silveira de Souza era mais ao norte e o Lauro Muller, bem no centro. No Silveira de Souza eu fiz todo o Curso Complementar.

ASPECTOS FÍSICOS DA ESCOLA

Naquele tempo não havia carteiras. No tempo em que eu estudava, no tempo de menina, não era carteira. Existiam classes para cinco ou seis crianças, tudo juntinho. Tinha o lado das meninas e o lado dos meninos.

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

Separados, mas dentro da mesma sala. Havia um corredorzinho no meio que separava.

MATERIAIS DIDÁTICOS

Tinha a carta do ABC. Nunca ouviu falar no “beabá”? Pois é. Eu era uma das primeiras. Era tão bom. Eu gostava tanto de me salientar, gostava tanto de saber, gostava tanto. Tinha o livro que passava de irmão para irmão. Lá em casa se recomendava: “Olha, muito cuidado”. Tinha capa, ficava sempre bonitinho o livro. Recomendava muito o aluno porque iria passar para o fulano. “Não posso ficar comprando livro a vida toda para sete filhos”. Quem primeiro lia o livro era a mamãe. A mamãe gostava muito de ler. Então, a mamãe ficava de noite na nossa sala de jantar, numa mesa grande, nós rodeando e ela lendo para nós. A gente gostava, gente curiosa, não é !?! Os olhos bem atentos. Eu, então, queria aquilo muito bem lido. Quando iniciei na escola tinha lousa. Aquela lousa que se apagava com um paninho ou com a esponja. Sou do tempo da lousa. Depois de um certo tempo ainda tinha um caderninho, não é?!

DISCIPLINAS/ATIVIDADES NA ESCOLA

Eu, no Silveira de Souza, era estrela de primeiro grau para declamar. Às vezes eu fico pensando sobre isso, porque eu não sou uma pessoa inibida. Eu aceitava tudo, sabe o que é? Eu tinha muita facilidade de decorar. E aquelas professoras todas, quando queriam saber poesias, que tinham namorados (elas se davam muito

bem comigo), diziam: “Passinha, vem cá. Tu conheces fulano de tal?” “Conheço, muito amigo do meu irmão.” Porque eu tinha cinco irmãos. “Ele é muito amigo do meu irmão”. “Ah! Escuta, tu sabes se ele tem namorada?” “Ah! Querida, da vida particular deles eu não sei, eu sou menina ainda, não sei nada disso”. Fazíamos pecinhas. Porque o Grupo Silveira de Souza, quem veio inaugurar foram os diretores dos grupos de São Paulo. Seu Arlindo e dona Cacilda. Não me esqueci dos nomes até hoje. Eu era muito pequenininha. Quando menina, eu não tinha desenvolvimento, eu era pequenininha, eu era miudinha. Ela me chamava sempre de pequenininha. Nunca me chamou nem de Maria, nem de Passinha. Linda mulher, educadíssima, mas era amarga que era uma coisa. Linda dona Cacilda, linda dona Cacilda. O senhor Arlindo era Arlindo Rocha, não sei, era Arlindo não sei de quê... Tantas festas bonitas que ela fez. Eles é que fizeram a inauguração, uma inauguração linda, linda, linda, assistida pelo Governador do Estado e tudo. O governador daquele tempo era o Hercílio Luz. O Silveira de Souza era muito bonito, muito, muito bonito. Depois ficou um pouco decadente, mas era um grupo muito bonito. Havia o piano, que era para tocar os hinos. Na entrada tinha as marchinhas. Tinha a Otilia Cruz, filha do Padre Cruz (ela era filha de padre). Tinha a Margarida, casada com o Meirelles do Banco do Brasil. E tinha a Áurea Cruz, que morreu faz pouco tempo. Então, os pianos existiam para acompanhar os hinos e as festinhas. As festinhas todas eram com música. A Otilia tocava muito bem. Ela tinha uma voz muito bonita, uma voz de “contralto”, uma voz muito bonita. Na Escola Normal nós estudávamos piano com a dona Mariquinha Ramos, parente do Nereu Ramos. Uma senhora idosa. Tocava bem, ela. Ela tinha a voz muito tremida. Tinha necessidade de ter voz

boa. Ela tocava uma centena de músicas. Nós estudávamos lá. E, como em todo o tempo, rapaz é rapaz e eles faziam troça da dona Mariquinha. E a gente gostava de rir também. Eu peguei o professor Fernando Machado na Matemática. Quem não aprendesse com o professor Fernando Machado ou era totalmente burro, desculpe a expressão... não sei, ou era doente. Ele ensinava muito bem. Quem não aprendesse com o professor Fernando Machado não aprendia com mais ninguém. Era um senhor, sabe. Eu me dava muito bem com a filha dele. A Emengarda. Eu não era forte em Matemática, era mais fortezinha em Português. Mas ele era um professor! Ah! Meu Deus, que homem, que inteligência, sabia ensinar. Saber ensinar também é dom, sabe! Bom, aí era Matemática, Álgebra e Aritmética. Tinha o doutor Fontes, que ainda não era doutor. Ele que fundou a Filosofia. Ele morava na Avenida Trompowski, na casa onde hoje moram os filhos. Ele dava Geografia e História. Tinha o Heitor Luz, que dava Química e Física. Tinha o professor de Desenho, o professor Joaquim Margarida, desenhista de primeira. Senhor Joaquim Margarida teve um particular muito importante no currículo. No último mês, ele ensinava a fazer planta (fiz minha casa no Rio Grande com planta feita por mim). O professor de Desenho ensinava a fazer planta, e depois exigia de cada aluno a planta da casa. A nossa casa era uma casa baixa, com cinco janelas na frente, platibanda e muito fácil de a gente fazer. Eu que fiz. Eu fiz e ele aprovou a minha planta, o professor Joaquim Margarida, uma pessoa muito boa. E, no Rio Grande, eu que fiz a planta da minha casa. Tinha que ser mesmo com a prefeitura. Foi para a mão do prefeito, um engenheiro, e eu disse: “Eu não sei bem, o senhor me faça o favor de corrigir”. E ele corrigiu e foi aprovado. Naquele tempo eu fazia, acho

que hoje... Não sei, quem sabe! Português quem dava era o professor Barreiros Filho. Ele tinha uma filha, Maria, uma pessoa muito inteligente. Este do Mercado Público, do Box 32, foi ele quem criou. O senhor Barreiros o criou desde pequenino. Meu irmão Renato dizia: “Na casa do senhor Barreiros, você chega lá, não tem lugarzinho pequeno não”. Tinha muitos quartos. O senhor Barreiros era casado. Era cunhado do Altino Flores. Aliás, eu fiquei conhecendo a filha do Altino Flores agora, há pouco tempo. Uma amiga em comum, que é amiga dela, queria que eu a conhecesse, a Noemi Flores. Ela ficou viúva agora. Era casada com o Walter. Um senhor idoso, gordo. Manuais, era a dona Lica Valente. Ela era a professora de trabalhos manuais, a Maria Paulina Valente da Costa.

Religião eram as professoras que ensinavam. Não vinha padre nem freira. Agora, se quer ver rezar com gosto, rezar sem se cansar, venha para cá (refere-se ao Lar São Francisco). Hoje eu mandei rezar missa pela minha família, os meus pais, os meus irmãos... A minha gente falecida. R\$ 2,00 (dois reais), de graça não é?! A diretora daqui é um troço.

O RECREIO/BRINCADEIRAS

Na hora do recreio brincavam separados, o que era uma bobagem muito grande porque, quando eu fui professora, no Grupo Silveira de Souza (eu estudei lá também), os galpões eram separados também. Separados por um muro: Seção feminina e Seção masculina.

HIGIENE /SAÚDE

Quando eu estudei no Silveira de Souza, tinha a farmaciuzinha. Até vieram dois farmacêuticos do Rio de Janeiro. Acontece que um dia, brincando dentro da casa, eu empurro uma porta. Ao invés de empurrar a madeira, eu empurrei o vidro e cortei. Eu tenho até hoje a marca. E aí botaram esses remédios de casa. Saiu muito sangue. Quase aqui no pulso, não é? E tinha também dois farmacêuticos vindos de São Paulo, no Grupo Silveira de Souza. Eles vieram de São Paulo para ficar lá na farmácia do Silveira de Souza para ajudar. E eles então é que fizeram os curativos. Neste tempo existia campanha de vacinação, só para variola. Aos treze anos eu fui vacinada. Naquele tempo a variola era coisa muito séria, pode-se dizer, endêmica, porque seguidamente aparecia.

OS INSPETORES

Lembro de quando vinham aqueles inspetores. Eles perguntavam tantas coisas que a professora nunca ensinava. A professora afirmava que tinha ensinado sim. Coisas facilimas, como divisão da palavra em sílabas. Uma coisa facilima. No entanto, ela nunca ensinou. E a gente, para não acusar, para não desrespeitar, não dizia nada. E ela dizia: “Não, eu ensinei”. Eu era uma aluna aplicada, estudiosa, inteligente, então, eu não aprenderia? Aprenderia sim, como não?!!

ATUAÇÃO PROFISSIONAL/DOCÊNCIA

INGRESSO

Eu, desde pequena, desde menina, quando talvez nem soubesse ler completamente, já era professora em casa. De brincadeira. Papai mandou fazer um quadro negro para mim, de que eu gostava. Comprava uma caixinha de giz e dizia: “Agora vai brincar ali, minha filha, vai brincar de professora”. Eu adorava brincar de professora. Tinha alunos com nomes bonitos. Eu escolhia nomes bonitos. Eu fazia igualzinho no grupo. Os meus alunos eram imaginários, porque a criança tem muito disso. Alguns falavam comigo para eu ser professora particular. Às vezes eram pessoas tão amigas que eu aceitava. Nem que fosse por um mês, mas eu aceitava. Tem um menino que hoje é médico, e também uma menina, que também é médica. Ela mora no EUA. Lembro muito bem dela. Vocação. Por que trabalhar sem vocação? Então não trabalhe. Professora que não tem vocação não trabalha, é favor. Porque é dura a vida, é dura. Porque não é só ensinar, são tantas coisas, tantas escritas para fazer, tantas reuniões para tomar parte. Eu, se tivesse filha, não queria que ela fosse professora. Queria que fosse funcionária de uma secretária. A minha sobrinha, que hoje é minha procuradora, a Bernadete, ela trabalhou muito tempo na Secretaria da Fazenda. Não sei, acho que a gente fica tão cativa. É uma vida tão cativa a vida de professora. Porque a gente tem muita responsabilidade. Para começar, no meu tempo, não podia ser... Não sei... Não podia agir como... Não podia ter namorado, não podia ir a baile. Os passos eram olhados. Tinha que dar o exemplo. Eu acho que isso não é bom.

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

A pessoa deve ter a sua vida particular também, não é? Procedendo bem, não tem importância. Hoje isso já está tão diferente, não é? É, mas agora se ganha muito pouco. Porque naquele tempo se ganhava miséria. Mas se gosta, é um prazer.

No meu tempo, para ingressar era através de concursos. No governo Hercílio Luz, a gente não chorava muito não. Era mais fácil de conseguir. Era sempre o concurso que garantia. Eu fiz estágio fora de Florianópolis. Fiz aqui no Sambaqui. Naquele tempo Sambaqui era longe, não tinha ônibus. Fiquei um ano e meio, morava lá e tinha empregada. Eu morava em Santo Antônio de Lisboa, que é bem pertinho do Sambaqui. Naquela casa bem perto da igreja. Eu gostava muito do Sambaqui, porque eu morava perto da igreja, e na igreja tocava a Ave-Maria, e tocava pela manhã às seis horas. Eu achava aquilo tão bonito. Eu gostava tanto. Morava na casa de um dos filhos de Oscar Lima. Filho criado, porque ele criou, não era filho dele, do casal, porque eles não tiveram filhos seu Oscar e dona Olívia. E ele casou com a Julia, que se dava muito com a gente. Então eu fui morar lá, até que eu consegui empregada e fui morar no Sambaqui. Aos sábados, quando eu podia, eu vinha embora para a casa do papai. Na segunda-feira cedo já estava lá no Sambaqui. Naquela época não havia outra profissão. Naquele tempo, nem comércio havia. Depois é que foi aparecendo.

Ensinei no Complementar, que era o curso que eu tinha. Precisavam de professoras e eu fui. As professoras eram complementaristas. Eu fui professora do Curso Complementar. Pode-se dizer que fui só alfabetizadora. Estudei no Silveira de Souza. Formei-me lá. Não tinha Complementar nesse tempo.

Dali eu saí e fiz exame de admissão para a Escola Normal. Eu e mais três mocinhas, três meninas, que foram as três que tiraram em primeiro lugar. Fiz muito cursinho. Eu tinha um medo de reprovação que nem imaginas. Não por não estudar... Para entrar na Escola Normal, fiz um exame tão bonito. Tão bonito o meu exame era. O curso era numa casa bem nos fundos do Palácio. Uma turma boa, muito boa. A Marieta Konder Bornhausen foi minha colega. Era aluna da turma. Aliás, bem amiga. Depois ela foi para Itajaí. Todas elas que se formavam nas escolas das cidades do interior tinham que fazer o último ano na Escola Normal para ser professora. Do contrário, não seriam. Sabia disso? Estudavam na escola e vinham fazer o último ano na Escola Normal. A Marieta hospedou-se na casa de uma família amiga dela, muito amiga, minha conhecida. Não tão amiga minha, conhecida. Eu morava perto da Agrônômica, mas fazia o trajeto sempre a pé. Com um particular: quando saíamos da escola, íamos à Confeitaria do Chiquinho. Naquele tempo tinha a Confeitaria do Chiquinho, que fazia um pãozinho quentinho. O marido dela dizia: “Está saindo, está saindo o pãozinho, vamos depressa”. E cada uma pegava o seu pacote de pão. Ela sempre comprava para mim. Ela era rica, muito rica. Muito simples. Muito boa, até a hora em que ela morreu, coitada. Era ótima pessoa, ótima pessoa mesmo. Da nossa amizade nada de particular eu consegui; poderia ter conseguido até uma melhor colocação como professora. Mulher do governador, não é? Eu não pedi também. A gente fazia um passeio ali, quando íamos comprar o pãozinho. A Marieta já namorava o Bornhausen. Ele era baixinho, gordo. Depois de velho, ficou mais gordo ainda. Aí ficou mais homem. Quando terminou o curso, ela

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

voltou para Itajaí. Ela não ensinou. Ela foi nossa oradora. Até bem pouco tempo eu tinha guardado o discurso que ela fez. Simples, curto, mas muito bonito. Ainda me lembro da última frase. A última frase era com as palavras de José de Alencar: “não sei o que... não sei o que... mas, no mundo tudo passa”. Assim ela terminou. Era muito bonito. Não era grande, não era extenso, mas era muito bonito. A nossa formatura foi em 1927. Faz um tempinho, não é? Também trabalhei como alfabetizadora. Trabalhei com o terceiro ano. Só não trabalhei com o quarto ano. Mas trabalhei o pior, que é o terceiro ano.

METODOLOGIA

Eu usava o método analítico. A gente ensinava muito. Usava muito o quadro negro. E a prova. A alfabetização era quase individual. Eu ensinava na carteira, sentava na carteira. Quantas vezes, mas quantas vezes eu peguei na mão para ensinar a fazer a letra. E quantos métodos eu utilizei por minha conta, para escreverem, para fazerem a escrita. Tudo à minha linguagem, ao meu método. “Olha uma coisa, vocês estão vendo o caderno. Aqui tem linha, o papel tem linhas.” Então eu dizia uma coisa: “As letras não podem voar. Tem que ficar sentadinhas na linha”. E assim, nesta linguagem, que era acessível a qualquer criança, por mais analfabeta que fosse (porque analfabeta também ninguém pode ser, mas era analfabeta), e assim eles aprendiam. Se existia uma, eu dizia: “Ah! Está voando. Esta eu não quero. Esta aqui fica sem efeito, tem que fazer novamente. E levei, levei a “cambada” para frente. Agora, quando eu estava para

sair do Silveira de Souza, eu ainda alfabetizava. Mandavam muita gente para mim. Eu tinha ... não se podia receber mais que 38 crianças, isto que era engraçado, 38 alunos. A diretora me mandava 38 crianças e eu pedia: "...mas que não saibam nem segurar no lápis, faça-me o favor. Pois, quero ensinar à minha moda.

DISCIPLINAS/ATIVIDADES NA ESCOLA

Depois que eu fiquei viúva e que eu vim trabalhar aqui, tinha horta escolar muito grande. O terreno era morro acima, não é? E o empregado entendia um pouco, o "senhor Flávio. Ele entendia de hortas. E tinha a sopa escolar, com as coisas que se plantavam. Uma coisa muito boa. As professoras tomavam, eu tomava sopa. Daqui eu estava vendo a minha casa ali, e eu tomava sopa. Quem fazia a sopa era a cozinheira nomeada. Comprava-se verdura, pegava-se da horta. E as crianças, a maior parte (porque o Anchieta ficava em um lugar muito pobre), eles iam mais pela sopa.

COMEMORAÇÕES CÍVICAS

Naquele tempo, com a dona Isaura, eram obrigatórios os hinos. Porque Hino Nacional criança nenhuma do grupo sabe de verdade. Quando muito a primeira estrofe, e está acabado. A gente tinha que ensinar todos os hinos. Era aos sábados, se não me engano, ou nas quintas-feiras. Era um dia da semana em que a tarde toda era só para ensinar os hinos.

APOSENTADORIA

Eu não me aposentei, não. Também, eu não me aposentei porque eu não gastei sola de sapato. Se eu tivesse gastado mais sola de sapato, eu me aposentava. Eu tinha tempo para contar.

VIDA PRIVADA

Quando casei, parei de trabalhar. Fui para o Rio Grande e, como vocês sabem, quem era formada em um lugar, com matrícula em uma cidade, num estado, para trabalhar em outro estado precisava fazer concurso. Isso não me dava medo, não, pois ainda estava com as idéias fresquinhas. Mas o meu marido me dizia: “Não, você não precisa trabalhar, você fica em casa. Trabalhando em casa você bota dinheiro no meu bolso”. Não teria que pagar empregada. Na casa da minha mãe tinha empregada. Era uma casa muito grande, de muitos filhos. Eram cinco trabalhando fora. Eu tive só dois filhos. Um, com dois meses eu perdi. Também, viajei muito. Passeei muito. Meu marido não era rico. Tinha um ordenado regular. Naquele tempo, ordenado bom era o do Banco do Brasil, Mala Real Inglesa, nos lugares onde tinha. No Rio Grande tinha Mala Real Inglesa. E onde meu marido trabalhava, era uma Companhia Inglesa, a Cabo Submarino – estação de primeira. Eu tinha irmãos aqui na Cabo Submarino, mas não ganhavam igual ao meu marido, porque lá era estação de primeira e pagavam mais. O nome do meu marido era Clemente Pires dos Santos, já falecido. Eu não tive filhos casados.

Depois que meu marido morreu, eu voltei para a casa do papai. A nossa casa fica bem perto da Igreja São Luís. A nossa casa era uma casa que ficava à beira da rua... A igreja São Luís é perto do Grupo Anchieta. É para cima, um pouquinho para cima. Quando voltei para a casa de meu pai, a diretora do Grupo Anchieta - que fica atrás da nossa casa; da nossa cozinha, do quintal da nossa cozinha avistava-se o galpão do recreio e todo o grupo - era a dona Isaura Faria, que já é falecida. Ela gostava imensamente de mim e da nossa família. Então eu cheguei e fui fazer uma visitinha no grupo. “Ah! Passinha, tu vais lá comigo! Eu arrumo uma aula para você. Sobe o morro, por favor. Te dou um caderno e um lápis, e sobe o morro, vai arrumar aluno porque eu tenho aula”. Isso eu fiz.

*Nereu do Valle Pereira*²⁷

Nascido em Florianópolis / SC, em 13 de setembro de 1928.

VIDA PRIVADA

A FAMÍLIA

Meu pai chamava-se Hipólito do Valle Pereira e minha mãe, Ondina Alves Pereira. Éramos ao todo doze irmãos. A partir de 1936, 1937, as coisas começaram a evoluir muito rapidamente. Roupa diária eram calças curtas, camisetas, descalço, não se usavam sapatos, só em passeios, se bem que o meu pai não era considerado pobre, era de classe média. Meu pai era guarda-livros, guarda-de-escritos de lojas da cidade e freqüentávamos ambientes razoavelmente bem de vida em Florianópolis. Era meu pai que fazia escritas contábeis para a firma do pai do ex-governador Esperidião Amim. Lugares que freqüentávamos; tínhamos relações com a maioria das escritas da cidade. Fazia também escrituras, por exemplo, da Relojoaria Royal, uma relojoaria chique, cujo dono é dono do hotel Royal, da família. Meu pai tinha boas relações, mas nem por isto a gente deixava de andar como todas as crianças: ia para a escola descalço; sapato era para passeio.

27 PEREIRA, Nereu do Valle. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira. Florianópolis, 18 de maio de 1994. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

A ESCOLA

INGRESSO

Entrei na escola em 1935. Na segunda e terceira série, estudei no Grupo Escolar Modelo Dias Velho, um grupo que foi criado ali ao lado da Faculdade de Educação. Foi inaugurado em 1937, e no início de 1938 eu comecei a frequentar. Saí do colégio misto, que foi fechado, era uma outra escola que tinha a uns 300 metros da nossa - que fica próximo ali quem sobe a rua General Vieira da Rosa, também na rua Major Costa -, e esta era uma escola um pouco maior. Esta escola não fechou. Quando eu saí do 2ª ano - ainda era escola mista - e passei para o terceiro, aí já peguei o grupo formado em séries, isto é, ensino seriado. Era uma professora única, professora Julieta Torres, minha professora na 3ª série. E a Julieta Braengália foi na 4ª série, mas na 4ª série já eram três professoras que davam aula. Tinha a professora de Matemática, tinha a professora de Língua Nacional e tinha a professora de Ciência e Educação Física.

ASPECTOS FÍSICOS DA ESCOLA

Lembro com muita lucidez da primeira escola que frequentei. A escola ficava a duzentos metros da casa da minha avó, que tinha uma sala muito grande na frente, próximo de onde hoje é o hospital da Polícia Militar. Era uma escola que se chamava Escola Mista Estadual, mantida pelo Estado. Escola de mestre único, uma professora que lecionava a primeira, a segunda, a terceira e a quarta série, tudo no mesmo prédio, e eram quatro bancos, cada banco era uma série.

O curioso é que as primeiras séries não sentavam no banco da frente; sentavam no banco de trás, porque tinham que ser alfabetizadas. Foi o tempo em que eu já estava quase alfabetizado quando eu fui para escola; minha mãe era professora normalista, tinha trabalhado algum tempo em São Bento do Sul. Depois se casou, deixou o magistério e dava primeiro de tudo para os irmãos mais velhos. A gente já tinha encaminhamento da mãe; então, já valia alguma coisa para a escola que a gente e freqüentava. A professora da escola que eu freqüentava, a escola ali pertinho da minha casa, era Maria da Glória Schütel. Ali eu fiz a 1ª, a 2ª, a 3ª série do curso primário da época. A escola deveria ter, eu acredito, uns vinte alunos, aproximadamente, número que não sei exatamente. Eram todos alunos da mesma sala, mas era grande para a época, devendo ter uns seis metros por quatro, mais ou menos isto. A sala de aula tinha dois quadros negros, um menorzinho no canto para a 1ª série, e outro maior, na frente. Tinha a mesa da professora, uma escrivaninha com uma carteira, giz e um quadriculado que era pra fazer equações em aulas de Aritmética, de tabuada, uma escola simples. A escrivaninha da professora não mudou muito de estilo, porque é daquele estilo das escrivaninhas atuais: retangular com os pés quadrados, também com três gavetas e, naturalmente, fechada na frente, aliás, no fundo. Estava virada para os alunos, e ficava num canto da sala; para quem olhava, era à esquerda. Ela ficava no cantinho esquerdo e tinha uma porta no lado da escrivaninha e do lado direito ficava um quadro. No outro lado tinha outra porta, com a chave da minha avó por dentro. Na outra parede tinha outro quadro negro, dois quadros negros, eu lembro mais ou menos...

Tinha um mapa do Brasil pendurado num determinado local ... Estrutura da sala: os bancos eram inteiros; Na primeira série nós éramos seis. Tinha um banquinho com uma pequena platibanda na frente, onde a gente escrevia, mais ou menos como um banco de igreja. Havia também um gavetão comum. Uma parte mais em cima e outra mais embaixo e a gente trabalhava ali naquelas banquetas. O prédio da escola era uma residência, uma escola que naquela época a gente chamava de bangalô, porque tinha duas águas, forma angular na frente. Essa casa - uma casa de quatro janelas na frente, travessa, uma porta lateral; lateralmente ela tinha duas portas - foi demolida recentemente e foi construído um prédio no local. A lateral esquerda era o lado por onde a gente chegava. Havia uma outra porta nos fundos, pela qual se entrava na cozinha da casa da minha avó. Nessa casa, depois, passou a residir uma tia minha. Esta era a estrutura da casa. A escola ficava na rua Major Costa, nº 106, mas deve ter outra numeração hoje. Ficava mais ou menos a uns cinquenta metros do Hospital da Polícia Militar. Na época chamava-se cantina e enfermaria da Polícia Militar, e a casa em que nós morávamos ficava no nº 124, passando um pouquinho além da casa que era da minha avó. Defronte da escola havia uma empresa funerária, onde se guardavam os carros que carregavam os defuntos aos cemitérios e eram carruagens a cavalos, carros de elite. Eu me lembro muito bem, eram carros dourados, carros engraçados, puxados a cavalo. Havia um carro mais suntuoso com quatro cavalos, galões, dobrões de ouro. Enterro de pobre era em carros mais simples, eram com dois cavalos. De qualquer forma, em termos gerais, a escola primária foi essa que eu frequentei, escola que

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

tinha uma boa atenção do poder público. As escolas eram mantidas pelo Estado, não pelo município. Na época, era exclusivamente o Estado, nem a União não mantinha as Escolas Básicas, só o Estado. A União não mantinha em Santa Catarina absolutamente nenhuma escola, a não ser a Escola Técnica Federal. A Escola Industrial era a que tinha de segundo grau no estado. O restante era tudo ou do Estado ou particular, que eram o Colégio Catarinense e o Coração de Jesus. O restante tudo do Estado. Não me lembro em que ano o município de Florianópolis começou a manter escolas, mas acredito que pelos anos quarenta, quarenta e dois por aí. No interior da ilha, não no centro da cidade; só no interior.

Na Escola Modelo Dias Velho, eu já ia com uniforme, calçado, tenisinho. Havia já uma outra estrutura, com lanche fornecido pelo governo; tinha um lanche às 10h00 da manhã; havia um carro do governo que trazia leite, pão, banana para a turma, lanche escolar, com uma estrutura mais trabalhada nas escolas. Usava-se uma metodologia avançada, moderna, tanto que na 4ª série primária tivemos um professor só, naturalmente com biblioteca, com estudo dirigido, e uma pedagogia que pode ser considerada muito boa. Escola maior, tinha um pouco mais de dias diferentes. Depois chegariam a 3ª e a 4ª série; depois eu fui fazer o Curso Normal Complementar. Como havia escassez de professores, quem tinha a 4ª série primária, fazendo dois anos de Pedagogia, recebia o título de professor complementarista para lecionar nas primeiras séries do primário. Eu fiz este curso: a 1ª série no Grupo Escolar Lauro Muller e a 2ª série no Grupo Escolar Diocesano São José. Terminei em 1941, recebendo o diploma de

professor complementarista. O Curso Complementar já era por disciplinas, não mais um mestre único. O Grupo Escolar Dias Velho ainda existe. É no lado da Faculdade de Educação, onde agora funciona uma escola básica, o Antonieta de Barros. Teve uma época em que também funcionou ali um segundo grau do CENEC, Campanha Nacional das Escolas da Comunidade, educação gratuita. Ele tem em cima seis salas, um pátio interno grande, o pátio externo todo cercado e protegido, uma parte para baixo, quase descendo no segundo piso, mais para baixo, onde passa a rua Vitor Meireles, e tem escadarias nos dois lados. Embaixo funcionavam a sala da direção, a biblioteca, a sala de meios. Era assim que funcionava. Não sei se continua tendo essa estrutura física interna. Esse pátio interno servia para recreios, especialmente para os dias de chuva, porque era uma área bastante ampla, aberta às salas. As salas eram bastante arejadas, bastante iluminadas, com quadro negro cheio de murais, de mapas. Lembro que eu gostava da escola, Grupo Escolar Modelo Dias Velho, porque o achava bastante atraente. É verdade que me alcançou bem na idade da puberdade, de dez para onze anos, o que, portanto, também implica que a gente já tem na mente outras preocupações de guri. coisas como liberdade, brincadeiras... No momento da puberdade agente já fica pensando também em mulher, nas coisas boas que com a liberdade começam a despontar. Talvez eu não tenha vivido muito a escola, mas me lembro muito bem dela.

Logo no início, considerei hoje revendo o passado, a escola-modelo Dias Velho era uma escola de bom nível. A Escola Industrial funcionava na rua Almirante Alvim. Esse prédio foi inaugurado nos anos 60.

Era uma escola de quatro séries e tinha o objetivo de profissionalização. Tinha o exame de admissão e depois nós passávamos em todas as oficinas durante dois meses, e naquela que você demonstrasse melhor pendor e se fosse sua vontade, você ficaria naquele ramo profissional. Eu escolhi Mecânica de Máquinas, na época. Havia Marcenaria, Fundação, Topografia, Modelagem, que é o de Artes Plásticas, tinha, eu acho, Gráfica, tinha Mecânica de Máquinas. Depois tinha ainda o Curso de Mestria, que é mais dois anos. Era mestre em torno, fresa, em máquinas operativas. Mas também não tive habilitação própria. Não era uma cidade industrial. Tive que mudar de ramo, Eletrônica. Fui trabalhar com Eletrônica e Eletrotécnica, até fazer o segundo grau. Universidade, só depois de casado. Era de tempo integral. Entrávamos às sete da manhã e saímos às cinco da tarde. Era o dia todo dentro da escola. De manhã, cultura geral; à tarde, oficinas, dependendo das turmas, pois não podia botar todo mundo ao mesmo tempo dentro da oficina, pois oficina exige menos gente dentro do espaço que é pra trabalhar com máquinas. Também tinha a Educação Física.

Era uma escola bem montada, como ainda é hoje, a atual ETEFESC. As salas de aulas eram boas. Cada série tinha uma sala,- eram quatro séries. As salas eram espaçosas, boas carteiras, quadro-negro, um professor para cada disciplina de cultura geral, e assim era também na área tecnológica. Tinha o laboratório de Física, laboratório de Química, oficinas bem equipadas. A escola técnica, ainda hoje, é uma escola de bom nível, bem equipada também. Os professores eram, acredito, bem remunerados: nunca vi quem reclamasse dos salários. A Escola Técnica é uma das boas escolas que nós temos.

MATERIAIS DIDÁTICOS

Na escola mista eu ainda peguei a lousa. Por falar nisso, a lousa era uma espécie de quadro negro em miniatura. Tinha mais ou menos trinta por vinte (centímetros), um pouco menos de dois palmos por um palmo de altura. Era um retângulo como um quadro em moldura de madeira. Era uma pedra que cabia numa pasta, uma bolsa de pano que se chamava cartapasso. Havia um lápis para escrever na lousa, que era um lápis especial, uma pedra, e um pano úmido que era pra apagar. Aprendia-se a escrever nisso; não se usava papel nem caderno. Era a cartilha e a lousa. A lousa tinha um lado com linhas, para que a gente aprendesse a caligrafia dentro das linhas - caixa alta, caixa baixa, letra com perna para cima, letra com perna para baixo, o bê tem perna para cima, o pê tem perna pra baixo, e assim as letras, o dê com perna para cima, o efe com perna para baixo. Então se aprendia a escrever na lousa. Escrevia-se com uma pedrinha, um giz, e esse giz quebrava, tinha que comprar um novo. Era do tamanho de um lápis, mais ou menos, depois ia reduzindo, gastando, durava quase um ano. Se não quebrasse, dava um ano. E o papel, foi só no final do primeiro ano que começamos a usar o caderno para fazer cópias e ditados. No segundo ano ainda se usou lousa no começo. Depois, passava-se a usar caderno, só o caderno escrito a lápis. No final do segundo ano começamos a escrever a tinta, usava uma caneta que trocava de pena – era um cabo de madeira com uma pena que espetava e se molhava no tinteiro para escrever. A tinta vinha num tinteiro em que se molhava a pena e escrevia; quando secava, molhava outra vez e assim toda vida. Tinha que levar para a escola

tinteiro, caneta e mata-borrão, que era um papelão com absorvente para enxugar. Quando um trecho estivesse muito molhado, secava-se com o mata-borrão. Tinha que escrever e enxugar, e era uma tinta de secagem lenta, não era tinta rápida como hoje. Se derramasse alguma coisa, tinha que secar. Era muito trabalho. O tinteiro tinha que estar sempre bem fechado, levava para casa, tinha que ter cuidado. A tinta ali dentro, se derramasse, sujava a roupa e se manchasse a roupa, dificilmente saía. Tinha um fixador para não sair do papel; dava muito trabalho. Era uma dificuldade muito grande escrever com tinta. Quando passamos para o Grupo Dias Velho, mudou, porque as carteiras já vinham com tinteiro fixo. Molhava-se no tinteiro que a professora ou servente enchia de tinta. Então não precisava levar de casa. O próprio Estado já fornecia a tinta, a caneta, a pena. Não era material que a gente comprava; a gente só comprava o caderno. O caderno começou a ser mais usado na segunda série. Também havia as operações de Aritmética (soma e diminuição) na lousa. Esse trabalho, na segunda série, já era feito no caderno. A professora tinha que corrigir. Levava para casa os cadernos, corrigia a cópia, o ditado. Já se começava a fazer alguma composição, escrever um bilhete, fazer pedido, coisas assim que a gente escrevia. Composição com alguma forma elaborada de escrever. As cartilhas eram dadas pelo governo. A escola tinha mais recursos do que hoje. Nesse aspecto houve uma involução, não só no primeiro grau. No ginásio industrial, hoje o ETEFESC, onde estudei quatro anos, onde fiz Mecânica de Máquinas, recebíamos todo o material didático, caderno, livro, três refeições diárias, fardamento. A escola fornecia absolutamente tudo.

METODOLOGIA

A professora adotava o chamado método analítico de alfabetização. A gente primeiro partia para a decoração e escrita das vogais, depois para a memorização e a grafia das consoantes, ingressando na silabação, na grafia e na leitura da silabação. Depois começava a formar as palavras, função das sílabas, até chegar à formação de frases. E a cartilha que nós usávamos, na época chamada “Série Fontes”, era um livro de 1ª a 4ª série. Esses livros foram adotados nas escolas públicas de Santa Catarina durante quase meio século. Eu ainda tenho guardados os livros de 2ª, 3ª e 4ª série. O da 1ª não tenho mais. Era a “Cartilha do Boi”. Era chamada assim porque tinha uma vaca na capa. Um boi, boi eram as primeiras sílabas que nós aprendíamos: B/A= BÁ, B/E= BÊ, B/I= BI, B/O= BÓ, B/U= BU. BÁ, BÊ, BI, BÓ, BU. Depois vem B/O/I= BOI, boi baba, boi bebe, boi bebeu, essa silabação e formação das palavras em cima do boi. Então ficou intitulada “Cartilha do Boi”. Mas, normalmente, era uma cartilha de 1ª série de alfabetização, que, vulgarmente, passou a ser conhecida com o nome Cartilha do Boi i. Na Aritmética, era a contagem dos números, a forma dos números até a tabuada de somar, que era da 1ª série. Nós íamos até a tabuada de soma, até memorizar a tabuada. Era mais instantâneo: $1+1=2$, $2+1=3$, e assim em seguida. Memorizava a tabuada em cantoria. Na leitura de números, naturalmente, conjugava também alguma composição, das unidades, das dezenas, das centenas e talvez até dos milhares. Que eu me lembro, até o milhar. Acima do milhar a gente não buscava na linha da 1ª série.

Mais ou menos esta era a metodologia que a gente aprendia: leitura em voz alta, várias leituras e ditado,

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

e para casa a gente levava cópia do que era pra fazer em casa, pois a professora dava uma parte do livro. Acho que era a metodologia da 1ª série. Interessante é que tenho uma boa memória da 1ª série, mas muito fraca da 2ª, 3ª e 4ª série.

HONRA AO MÉRITO

Lembro-me somente no final do primário, quando se fazia a formatura da quarta série. Era importante. Vinham autoridades, secretário da Educação, inspetor escolar. Era festa, banda de música, entrega de diploma, premiação dos primeiros lugares. Eu não fui premiado. Naquela época estava assim um pouco rebelde; passei até com notas bastante baixas na quarta série, mas havia uma festa muito bonita. E era uma simples escola. Costuma-se dizer que uma das modificações fundamentais da Educação é que naquela época poucos alunos chegavam à 4ª série do primário. Então, quem tirasse o diploma de 4ª série era um doutor. O ginásio, raríssimo. O ginásio, que seria o final do 1º grau, oitava série, pouquíssimos, quanto mais pensar em 2º grau, quando praticamente só havia o Ginásio Catarinense, que era o curso científico, naquele tempo chamado de Humanidades. Tinha o propedêutico. No Coração de Jesus era o Curso de Normalista. De curso superior só havia o de Direito. Era muito raro uma pessoa ir até aí. A quarta série era uma solenidade de término de graduação.

O RECREIO/BRINCADEIRAS

Das brincadeiras que havia entre meninos e

meninas, no meu tempo, lembro apenas de um colega, o Arnaldo, que era um molequinho, muito amigo meu, que não vejo faz anos, que mais tarde ingressou na Polícia Militar. E de uma colega chamada Geni Cordeiro, que hoje já é bisavó. Não tinha muita relação, mas era amizade simples. Não havia um mundo agitado como o mundo de hoje. Era um mundo mais livre. Nós vivíamos junto à vegetação. Era um tipo de vida bem diferente. Mesmo aqui no centro da cidade a vida não era urbana. Nós tínhamos quase uma vida rural, casas com chácaras, campo, ambiente aberto. O tipo de vida era bem diferente. Quando nós estávamos na escola mista, na hora do recreio, como eu estava na casa da minha vó, naturalmente que eu ia para a casa dela, no quintal da vó, ou ia para minha casa, que ficava mais ou menos a uns 200 metros. A gente brincava com a gurizada, de pegar, de esconder, brincava de roda com as meninas, cantigas de rodas e brincadeiras com bolinha de gude, pião, a champinha - naquela época a gente chamava de pratinho, sabe o que era champinha, não? Tampa de garrafa, que a gente chamava, na época, de pratinho. Havia uma forma, brincadeiras diversas, de jogar com essas tampinhas.

Eram essas as brincadeiras. Futebol era muito pouco. Quando eu fui para o grupo escolar era que tinha Educação Física. Ai a gente não tinha só exercícios físicos, mas também prática esportiva. Foi então que comecei a ter vôlei. Brincava com a bola de vôlei, com a bola de basquete, ou então um futebol. Nós também já tínhamos mais idade. Ai, na rua, fora das salas de aula, a gente jogava futebol. A gurizada vinha, a gente fazia time de futebol. A coisa já tinha uma outra dimensão, com uma outra perspectiva; talvez já tinha uns nove para dez anos.

Lembro-me de quase todas as cantigas, até porque sou um estudioso de folclore. Essas brincadeiras de crianças eu não só lembro, como tenho escritas. Se eu fosse falar, tinha que fazer uma outra gravação cantando e narrando: dá para falar umas duas horas, cantando as cantigas de roda e contando quais eram as evoluções. Das brincadeiras, como sistemáticas das confecções de bolinhas de vidro, de champinha, de pião, de esporão de galo. O esporão eram uns porretes de pau com ponta mais ou menos grossa, que se jogava para fincar no chão e o outro tinha que acertar em cima pra derrubar. Eram paus com ponta de ferro, normalmente um prego, que tinha que cravar numa madeira; tinha uma espécie de alvo, e conforme o ponto que você acertasse tinha pontos. Eram brincadeiras que hoje praticamente não existem mais, como a dança do pião, o pião com feira, com corda. A gente fazia o pião dançar. Os rapazes eram muito fissurados nisso.

Uma cantiga de roda era Terezinha de Jesus, muito conhecida: “Terezinha de Jesus, deu a queda foi ao chão, acordou três cavaleiros, todos três com chapéu na mão; o primeiro foi seu pai; o segundo seu irmão; o terceiro foi aquele a quem Tereza deu a mão”. Outra é assim: “Tanta laranja madura, tanto limão pelo chão, tanto sangue derramado dentro do meu coração”.

CASTIGOS

Na escola mista não tive nenhum castigo. Não sei se realmente eu era quieto mesmo ou se era porque eu estava na casa da vovó, e a professora era muito amiga da família. O fato é que eu nunca recebi castigo. Não lembro

se fiz por merecer; não tenho recordação desse aspecto. Eu lembro de alguns colegas que foram castigados, reguada na mão, ficar de joelho em cima da areia, na frente da sala olhando pra todo mundo, ou então castigo de escrever tantas vezes tal coisa numa folha de papel ou ficar ali preso no final da sala, sem poder sair para o recreio. Castigo desta ordem tinha todo dia. Era a pedagogia da época, pedagogia do castigo. Havia, realmente, esse método.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL/DOCÊNCIA

INGRESSO

Embora formado como professor complementar, só comecei a lecionar a partir de 1956. Fui professor de 1956 até 1992, nada menos que trinta e seis anos como professor. Trabalhei primeiro no Ginásio Comercial, depois no Curso Técnico, em Contabilidade (já era Contabilidade nessa época) e nessa mesma época eu já era formado em Contábeis na universidade. Depois foi na universidade, no curso superior. A partir de 62, só superior. Trabalhei muitos anos na Educação. Fui membro do Conselho Estadual de Educação durante doze anos. Trabalhei na elaboração dos Planos Estaduais de Educação de 1970, 1975, 1980 e 1983. Quatro Planos Estaduais de Educação; participei da equipe de elaboração. Tive uma participação intensa na área da Educação.

OUTRAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS

Hoje trabalho mais na área cultural. Tenho uma

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

dedicação de pesquisa na área de Etnografia, na área da cultura popular, especialmente na cultura açoriana, a que tenho me dedicado. Tenho muitas coisas escritas e como produto do meu trabalho organizei o museu do Ribeirão da Ilha. O museu do Ribeirão da Ilha é um museu de cultura açoriana.

*Norma Machado Pereira*²⁸

Nascida em Florianópolis /SC, em 17 de novembro de 1921.

VIDA PRIVADA

A FAMÍLIA

Meu pai chama-se Agostinho Machado e minha mãe, Isaura Machado Salles. Ambos falecidos. Tenho cinco irmãs e um irmão; uma já faleceu.

A ESCOLA

INGRESSO

Entrei na escola com sete anos, no colégio Silveira de Souza. Minha professora era a dona Iracema.

ASPECTOS FÍSICOS DA ESCOLA

Era um grupo em forma de “U”, com pátio interno no meio, salas, depois o gabinete do professor e salas. Era bem grande mesmo, bem antigo, com mais de 80 anos.

28 PEREIRA, Norma Machado. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira. Florianópolis, 8 de novembro de 1993. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

A escola tinha muitas salas. Era de primeira. Formou muita gente boa; os professores eram ótimos. No meu tempo, era uma sala mista, com meninas e meninos. Assim, todo mundo era amigo. E a professora sempre procurava também ser amiga da gente. Naquele tempo a criança era muito obediente. Tudo o que a professora falava a gente aceitava com muito respeito. Era uma sala bem grande. Tinha a mesa do professor bem afastada dos alunos, e dois quadros enormes na parede, além de um quadro de frequência atrás. Havia o quadro de honra onde se colocava o nome dos alunos que tiravam boas notas. A gente estudava demais para os nossos nomes irem naquele quadro. As carteiras eram de cinco alunos. Se um tinha que levantar para ir para fora, se o professor deixasse, se e ele estivesse sentado mais pelo meio, todos levantavam para ele passar. Depois foi melhorando, e ficou de dois. Um do ladinho do outro. Era o tempo em que já havia tinteiro na carteira. A gente escrevia com aquelas peninhas fininhas. No Complementar, tinha mais professores. A gente aprendia Francês. Era a única língua.

MATERIAIS DIDÁTICOS

A professora utilizava uma cartilha. Era do tempo em que se ensinava muito o bá, bê, bi, bó, bu. Ensinava-se muito a soletrar. A gente naquele tempo aprendia bem. Não passava sem saber. Fazia aquelas provinhas. Tinha que saber, porque senão repetia um, dois, três anos. Só saía daquele ano se soubesse mesmo. Tanto o professor como os alunos usavam muito o quadro. A gente ia com aquelas frases, todos

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

com medo; era primário, o professor cobrava tudo. Eu ia para o quadro diariamente, muitas vezes até. Se a gente estava conversando, o professor chamava: “Fulano, vai no quadro”, principalmente quando conversávamos bastante. Havia uma separação das aulas, em forma de seqüência, mas os professores passavam de uma maneira que a gente não notava. Passavam do Português para a Matemática. Aproveitava o assunto e já globalizava a aula.

DISCIPLINAS/ATIVIDADES NA ESCOLA

Nós fazíamos também muito ensaio de canto. Tinha piano. A professora era a diretora dona Beatriz. Tocava piano e os alunos cantavam. A aula de ensaio de canto era uma maravilha; todo mundo queria. Os rapazes queriam ir para o piano. Naquele tempo era uma novidade para a gente. Eu gostava muito dessa aula. Ensinava-se muito Matemática. No quarto ano do primário, já fazia regra de três. Eu lembro muito bem da divisão, da multiplicação; a gente sabia mesmo aqueles probleminhas. Muito, muito problema de fração. A pessoa naquele tempo se dedicava.

HONRA AO MÉRITO

Havia um quadro de honra. Era comum, mas tinha uma linha vermelhinha, onde se fazia o gráfico de freqüência. Separava um canto assim, desenhava um raminho e ali escrevia o nome dos alunos que tinham melhor nota durante o mês ou nas provas. Ai iam para

o quadro de honra, eram aplaudidos e ficavam felizes da vida. Chegava em casa e falava: “Mãe, eu fui pro quadro de honra”. “Que maravilha!”- a mãe dizia.

O RECREIO/BRINCADEIRAS

Não havia muita diferença no tratamento dos meninos e das meninas, nem muita maldade naquele tempo, como agora. A gente brincava junto, brincava de roda, de “rei se está”. Achava maravilhoso. Brincava de pegar, de bandeira, era balanço com a cabeça no sentido vertical. Mas alguns meninos não gostavam muito de brincar juntos. A professora não gostava de meninos e meninas brincando juntos. Dizia aos meninos que brincavam junto com as meninas que conversaria com eles após a aula. Era menino para cá e menina para lá. As meninas brincavam muito de roda, de pular. A gente pulava muita corda. No recreio tinha o professor de Educação Física e os serventes que não permitiam que a gente gritasse muito. Enquanto isso, os professores lanchavam. Não tinha muita briga. Os rapazes brincavam muito de bola. Ficavam lá no canto jogando bola e as meninas, brincando de roda. Assim, a gente passava o recreio. Naquele tempo não havia merenda. Depois é que surgiu a merenda escolar; e eram aquelas filas enormes para merenda.

CASTIGOS

Os professores batiam, faziam ajoelhar no grão-de-milho, que era o pior. Muitas vezes mandavam ficar

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

atrás do armário. Eu tinha uma professora, dona Iqueta, no 3º ano, que dava muitos castigos. A gente tinha muito medo. Ficávamos quietinhos para não ficar de castigo. Havia também a palmatória, mas, graças a Deus, nunca apanhei. Quando chegava alguém na sala, todos se levantavam. Aquele que não se levantava, quando a visita saía, a professora perguntava: “Quem não levantou? Fulano, fulano, fulano: senta, levanta, senta, levanta”. Era o castigo. Quando chegava uma visita, era aquele que mais podia se levantar. Ficava com medo de ser castigado.

UNIFORMES

A gente tinha como uniforme uma sainha pregueada, azul-marinho; a blusinha, branca. De segunda a sábado. O professor trabalhava aos sábados naquela época. Dos meninos, era calça azul-marinho. A gente chamava de tirante naquela época, era como o suspensório, e a blusinha, branca. Uniforme de esporte, bolsinho, tinha tudo para ir para a escola. Foi uma época maravilhosa.

OS PROFESSORES

A professora dona Jussara, do segundo ano, era muito querida, mas também muito orgulhosa. Ficou na minha memória e eu nunca esqueci. A maioria dos professores, acho, era daqui. O professor Orestes Guimarães, já falecido, mesmo muito doente,

nos ensinou um verso que cantávamos na escola. O professor Guimarães foi um espelho de energia para a sua turma. Os meus professores até o quarto ano não tinham muito problemas com as crianças. Porque eles ensinavam. Era o tempo em que a gente tinha que decorar a tabuada, decorar algarismos romanos, porque eles tomavam. Se tu não sabias, tu tinhas que gravar; se não tu não podias continuar. Por exemplo: “sete vezes cinco... continua fulana”. Ai tinhas que estar atenta ali, porque tu não sabias a hora que ias ser chamada. Não é como agora, que, francamente, as crianças aprendem e daqui a pouco não sabem mais nada. Está muito mau, muito superficial o ensino hoje em dia.

O professor era uma autoridade. O que o professor dizia era lei. Muitos professores provisórios eram formados no quarto ano. Eu conheci muitos. Eles preparavam tão bem que dava para ser professor no interior. Ele aprendia tão bem que sabia transmitir para as crianças. E às vezes eu fico pensando: o bom professor não é aquele que sabe muito, não, é aquele que sabe transmitir. Porque tem professor que não se dobra ao nível da criança, fala de um modo que a criança não entende. A criança sai dali, não entendeu nada. Se se chega à linguagem da criança, a criança entende melhor. Eu acho que isso acontecia antigamente: o professor chegava muito ao nível da criança. A criança aprendia a viver. No primário, principalmente, o professor tem que usar uma linguagem bem simples, ao nível da criança. Mas tem professor que não desce a esse nível, então é um fracasso total. Na época, era uma relação professor-aluno. Porque eles gostavam da gente e a gente gostava deles cada vez mais.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL/DOCÊNCIA

INGRESSO

Minha irmã mais velha e minha mãe tinham muita vontade que nós fossemos professoras. Minha irmã mais velha foi professora. Daí, automaticamente, as outras foram todas. Todas são professoras. A gente seguiu, gostou, foi ficando. Eu comecei a trabalhar em 1947, em Rio do Sul. Peguei um grupo maravilhoso, recém-construído. Peguei o quarto ano. Depois a professora do primeiro ano foi transferida e eu falei para a diretora que eu queria ir para o primeiro ano. Tive uma aprovação maravilhosa, com 100% de promoção. Depois peguei dois primeiros anos, fui ficando, fiquei toda vida. Fiz reciclagem, fiz outro cursinho, o que tinha de alfabetização eu fazia. E fiquei até me aposentar no primeiro ano. Era professora estadual. Quando fui para o Ribeirão da Ilha - naquela época tinha muito político que transferia muito professor -, fui lecionar na Base Aérea, e lá trabalhei nove anos. Depois fui para o Estreito, do Estreito para o Antonieta de Barros, aqui no centro, atrás do correio, até me aposentar. Para trabalhar, tinha que trabalhar com amor. Eu tinha amor, eu trabalhava. A gente não faltava, trabalhava aos sábados. Raramente faltava, só quando estava muito doente.

MATERIAIS DIDÁTICOS

Tinha a cartilha. Eu usei muito “O Caminho Suave”. Aquilo era uma maravilha, alfabetizei muita gente.

Tinha, graças a Deus, boas qualidades, boa promoção, bem simples. Quando eu comecei a trabalhar já não tinha mais nada de antes. O material era esse de hoje. Não tinha mais o quadro de honra, não tinha o gráfico que a professora fazia . Tinha o plano de aula, que apresentava a todos na reunião, tinha o comunicado. Tinha que dar uma aula–modelo; tinha tudo isso nas reuniões.

METODOLOGIA

Como professora, eu deixava meus alunos um pouco mais soltos. Tinha hora para tudo. E dava certo. Não sei, mas eu tenho para mim que não tem nenhum ex-aluno que não gosta da dona Norma. Eles me encontram por aí e dizem: “E aí dona Norma, que tempo bom”... A gente aprendia naquele tempo. Só que quando eu dizia: “Deu! Pronto.” Aí não tinha nada de brincadeira, era só estudar. Quando faltavam uns dez minutos, cinco para terminar a aula, tinha a hora de canto, de dar gargalhada, de bater palma, dava tudo certinho. Nas aulas que dava aos alunos, também usei a seqüência para passar de uma disciplina para outra, mas aproveitando o assunto e globalizando a aula. Tive excelentes resultados. Eu era muito criativa. Eu sempre procurava uma coisa assim, um incentivo qualquer para começar a minha aula. Eu sempre procurava chamar a atenção deles. Se eu tinha uma fruta, começava a aula a partir dali. Comecei muitas vezes, muitas mesmo, fazendo isso. Todos os professores aproveitavam, davam aula de religião dava tudo partindo de algo ou alguma coisa. Se eu ganhava uma flor, eu tinha preparado a aula em casa, é claro, mas eu

aproveitava. Mas também acontecia de fugir completamente daquilo que eu tinha planejado. Ia dar aula de Religião, dali virara para o Português. Depois eu mesma me admirava! Com tudo isso, a gente ia pegando gosto da maneira de fazer. Ah! Eu acho lindo ser professor de primário. É uma classe que devia ser bem reconhecida, porque ninguém parte da faculdade, meu filho, todo mundo vem do primário, não é? Porque quando a gente chega na faculdade, a gente sabe o que quer. No primário, vem de casa sem saber nada, só daquilo que a mãe ensinou. Vem, a bem dizer, um ceguinho e sai dali lendo, escrevendo, sabendo responder a tudo. Que coisa maravilhosa! Peguei gosto pela primeira série, tanto que eu não queria mais nenhuma. Eu me comovia quando mandava uma criança ler aqueles livros. Eu ensinava sempre com o livro “O Caminho Suave”, mas eu não me limitava à cartilha. Eu sempre fui de uma promoção. Pegava exemplos da sociedade, de casa. Eu sempre usava muito o giz. O giz para mim era muito importante. Eu usava muito o quadro, muito. Eu explicava e logo em seguida chamava a criança para ir ao quadro. Eu sempre ficava numa lição uns três dias. Quando eles sabiam realmente, passava adiante, mas sempre voltando para aquelas palavras que já tinha dado. É assim que dava tudo certo. Era uma maravilha. Hoje em dia, eu acho muito fraco. Porque a gente tem os netos e está vendo. Meu Deus! Por que esse rolo? Por que a professora não ensinou? Ela ensinou, mas eu não entendi nada. Levanta o dedo, diz que não entendeu. Mas eu tenho vergonha. Não tem de ter vergonha na sala de aula. E assim vai passando o ano e a criança

também vai passando de um ano para outro, mas sem saber. Não tem mais aquele interesse que antigamente o professor tinha pelo aluno.

CASTIGOS

Eu dava castigos. Muitas vezes fiz isso e me arrependo bastante. Deixava eles sem brincar, mas fazia o lanche lá; ficava sentadinho, não deixava na sala aula, levava junto comigo. Ficava ali, sentadinho na cadeira. A gente também ali na mesa comendo as frutas - o professor tinha fruta ali -, e a criança ficava ali, triste e de castigo, aqueles levadinhos! Que pena, não é? Sabes como é, sempre tem levado na sala de aula (risos). Mas nunca peguei um aluno assim. O aluno mais indisciplinado que peguei foi meu filho, eu alfabetizei. Ele era muito levado. E eu dizia na sala de aula que ele era aluno igual aos outros. Ficou muitas vezes sentado perto de mim. “Mãe, posso brincar agora?” Eu dizia: “Não, não fez hora ainda.” Deixava um pouquinho, porque eu não deixava o recreio todo. O castigo que eu dava era esse. Também não havia ninguém que ficava de castigo na hora da Educação Física. Hora de Educação Física é para o aluno brincar, se expandir. Se continuar dentro da sala de aula, pode sair. O outro aluno faz, ele não pode fazer também? Não, eu não achava direito. O professor de Educação Física mandava para lá e eu dizia: “Não senhor, não admito isso; ele não vai para sala de aula. Ele vai ficar brincando aí com os outros. Agora o castigo podes dar se quiser, mas dentro da sala de aula eu não quero.” Depois que terminava a aula do professor, eu dizia: “Meu Deus! Tu não tens autoridade aí? Por que então tu ficas com

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

eles, queres mandar lá para baixo.” “Não minha filha, eu não fico.” “Dá o castigo que tu achas que eles merecem aí na rua, porque dentro da sala eu não quero.” Eu não gostava de castigar. Eu gosto das minhas crianças. Sabe, vem de casa, a gente começa a cortar, não faz isso, não faz aquilo. E na hora da Educação Física não pode gritar, não pode cantar, não pode...o que há? Olha, eu achava horrível.

AS DIFICULDADES

A gente vestia mesmo a camisa. Hoje muitos professores a gente vê sem trabalhar, pois não há incentivo nenhum. Tu vês agora essas greves; estão inconformados com a situação. Tem de viver de bico, senão morre de fome. Com o salário que ele ganha não dá pra se manter. Fica difícil a vida dele.

OS ALUNOS

Eu acho que o professor que alfabetiza o aluno, esse nunca o esquece. Tenho recebido vários convites de formatura, de casamento de ex-aluno. É a recompensa. A gente fica feliz em saber que tem um aluno que hoje é médico, é um grande na vida. A gente fica bem satisfeita. São professores, são tudo. Quantos que seguiram, não é? E assim a gente vai envelhecendo e vendo que o trabalho que a gente fez não foi em vão. A gente descobre como se dedicava naquele tempo. E hoje, ao encontrar esses alunos, eles reconhecem. “Ah! Dona Norma, se eu sou o que sou, eu agradeço à senhora.” Quantos e quantos eu encontro. “Ah! Não. Porque vocês tinham que ser vocês mesmo, e estudaram.” “Ah! Pois é, mas foi a senhora que começou.”

APOSENTADORIA

Ainda hoje adoro crianças. Quando eu me aposentei, eu senti tanto, tanto que fiquei doente. Eu queria era voltar. Aquilo para mim foi uma doença. Atrás da minha casa moravam três criancinhas e eu chamava para passar a tarde comigo, da falta que eu sentia. Agora não, às vezes eu até penso que eu era tola naquela época. Hoje, em grupos em que trabalhei, não posso mais entrar. E sempre a gente dizia: o grupo em que a gente trabalha, o nosso grupo, o nosso grupo. Eu tive que ir a um grupo no qual trabalhei para buscar um documento que eu precisava. Fiquei transtornada. Meu Deus! Quantos anos eu trabalhei naquela sala. Ai, nesse dia, tinha uma homenagem à bandeira. Eu chorei o tempo todinho, disfarçava mas não adiantava. Meu Deus do céu, como é que pode? Eu acho que o amor que a gente tinha pelo serviço, assim, era amor de verdade. Sabe o que é trabalhar por amor? Eu trabalhava. Trabalhei pelo Estado por trinta e sete anos. Eu não me conformava ficar aposentada. Nós criamos um jardim de infância, eu e minhas irmãs. Eu ia para lá, no prezinho, alfabetizando o prezinho. Fiquei mais cinco anos. Meu genro é que era o dono do jardim. Nós todas trabalhávamos como professoras, depois não deu mais. Meu genro se acidentou e nós vendemos o jardim. Daí, então, me aposentei de verdade. Sinto saudades demais. Se eu fosse para uma sala de aula eu te garanto que continuava tudo como se fosse o começo da minha carreira. Ainda bem que eu tenho muita paciência, muita vontade, gosto muito das crianças e aposto que na sala de aula ia dar conta. Acho que quando a gente já nasce para ser professora.... não adianta!

Plínio Bonassa²⁹

Nascido entre as comunidades de Rio Jordão e Rio Mãe Luzia / SC, 28 de julho de 1922.

O registro é de 7 de agosto de 1922, mas o certo é de 28 de julho de 1922. Isso ocorreu com a maioria das pessoas de mais idade na região, devido a uma lei antiga que obrigava a registrar dentro de oito dias. Se passasse, pagava uma multa. Mas tudo bem. Nasci no interior, entre as comunidades de Rio Jordão e Rio Mãe Luzia.

VIDA PRIVADA

A FAMÍLIA

Meus pais eram João Bonassa e Maria Frasseto Bonassa. Meus pais são do Brasil. Meus avós são da Itália, da região de Ferrara. E eu falo ferrarês igual a meus avós, o dialeto deles. Onde encontro um ferrarês, falo ferrarês. Temos ligação com alguns parentes de lá, mas não com a família Bonassa. Estamos agora fazendo um trabalho para termos uma comunicação entre eles e nós. Estamos preparando um trabalho com a casa de cultura de Urussanga para, dentro de breve, mantermos uma correspondência entre eles e nós. Conhecemos

²⁹ BONASSA, Plínio. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira. Siderópolis, 27 de dezembro de 1994. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

gente de lá, que mora em Ferrara, parentes que possuem mercado, comércio, tudo, a gente sabe.

A ESCOLA

INGRESSO

Entrei no ano de 1931. Foi numa escola do interior, escola isolada do Rio Mãe Luzia. Aí moravam todos os que eram de famílias de Ferrara: os Fabri, Rizzatti, Gianizella, Noveli, Faletti, essa turma toda de Ferrara. Foi nesta escola, a quatro quilômetros e pouco de casa que comecei. Do Rio Jordão eram dois quilômetros. A gente ficava no meio da nossa turma, de origem de Ferrara. O pessoal de Jordão é de outra origem, da origem de Solto. Eles falam soltano; então não combinava bem.

O Curso Complementar era um curso que eu considero de alto nível. Tinha professores que eram demais, professores bons, de formação superior, uma coisa muito importante. Eu fiz o normal regional, depois o normal de férias, tudo com professores importantes. Mas, onde aprendi mais coisas foi no Complementar. Aprendi, assim, a me transformar em outra pessoa.

ASPECTOS FÍSICOS DA ESCOLA

A escola era uma casa de madeira, bem bonitinha por dentro. Era agradável entrar lá dentro. Devia ter uns seis metros de largura, mais ou menos isso. Era uma sala de aula só. Nas carteiras sentavam na base de quatro alunos; tinha uns dois metros de comprimento.

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

A sala era composta pela carteira dos alunos, pela mesa do professor e por um quadrozinho. Os meninos e meninas estudavam juntos. Havia várias séries, todas juntas.

MATERIAIS DIDÁTICOS

Nós usávamos uma sacola atravessada nos braços, nos ombros e dentro se carregava uma caixinha com penas antigas, uma caneta e um lápis, e se carregava a lousa, que tinha uns trinta por vinte (centímetros), mais ou menos. Era ali que se escrevia, faziam cópias, tudo na lousa. A caneta era usada quando se faziam provas. Então se usava a caneta. Botava a pena e a tinta. Com a caneta escrevia-se, às vezes, uma redação, ou se copiava algum trecho do livro, ou era um ditado que a professora fazia.

METODOLOGIA

As aulas eram dadas em brasileiro, em língua brasileira. A primeira professora, a mesma que tinha ensinado italiano na comunidade de Jordão, chamava-se Elizabeta Remos de Luca. Ela lecionou por muitos anos. Ensinava em brasileiro, até o livro que naquela época era o livro chamado “O Boi”: O boi baba, o boi bebe, o boi bebeu. A gente decorava aquilo e era uma carreira só. Era tudo decorado, porque só tinha uma figurazinha com um boi e, depois, é por aí: o boi baba, o boi bebe, o boi bebeu. Depois, a outra seqüência também era decorada. Então sabia-se ler mais decorado do que saber as letras. Todas as séries tinham uma cartilha. Por esse livrinho

do primeiro ano ela ensinava a ler, passava as leituras no quadro, mandava as crianças ler as palavras para ver se sabiam ou não sabiam ler. Até salteava as palavras de uma para outra para ver se o aluno conhecia. Ela estava agindo certo. Ensinava a partir da letra A, B, C, D, letra por letra do alfabeto. Depois juntava as letras para formar as sílabas. Não era um estilo moderno, mas era o que ela podia fazer. Lógico que se esforçava bastante. Se a criança não aprendia, era porque não tinha vontade, mas ela se esforçava. Ela ensinava de uma forma que a gente podia aprender. Mas era essa forma, um sistema de decorar muita coisa.

Havia alunos que decoravam tudo, mas saber, não sabiam, e com o tempo aprendiam. Como eram várias séries juntas numa sala, a professora trabalhava num sistema complicado, porque não era fácil. Quando ocupava o primeiro ano com a leitura, ficava dando uma redação no quadro para o segundo ano e ao mesmo tempo mandava o terceiro ano fazer uma cópia do livro, ou uma cópia de tal folha do livro; outros faziam exercícios do quadro, e assim por diante. Quando era Matemática, era tudo mais ou menos igual. Copiava-se do primeiro ano, do segundo, do terceiro, e era mais fácil. Mas era um rolo. Na disciplina de Geografia, a professora ensinava quantos estados tinha o Brasil, quantos municípios tinha o estado; falava sobre o nosso município, que era Urussanga, dava um esboço geográfico dos limites, dava os limites do estado, dava os limites do Brasil, dava os pontos cardeais, essas coisas. Em Ciências, nem lembro mais o que era ensinado. Ela lia o livro, contava os fatos sobre uma coisa, sobre outra. Na disciplina de História, ela ensinava mais assim: quem descobriu o Brasil, quem era o presidente da

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

República, quem haviam sido os primeiros presidentes. Falava sobre Duque de Caxias, Floriano Peixoto, sobre a Princesa Isabel.

DISCIPLINAS/ATIVIDADES NA ESCOLA

Na escola ensinavam-se Matemática, Geografia, História, Português, Ciências. Havia aquele mapa do Brasil, o mapa do estado. Tínhamos aulas de Francês. A professora até que era muito capacitada para isso; todos eram capacitados. Falo ainda algumas coisas de francês. Não sei falar bem, mas escrever, escrevo certo. Havia aulas de Educação Física. A gente marchava, batia perna no pátio. Antes de entrar, todos eram colocados em fila, e para sair, também.

COMEMORAÇÕES CÍVICAS

Quando eu era aluno, a professora falava alguma coisa sobre datas cívicas, como a Proclamação da República, que nem lembro se era feriado nacional naquele tempo, mas devia ser. Quando era Dia da Independência, ela apontava alguma coisa sobre a Independência. Era um feriadinho. A gente não lembra tão bem. Já faz tanto tempo. Faziam-se homenagens, festinhas cívicas. Então, para quem sabia ler, ela geralmente dava um tipo de discurso, uma palestra, uma coisa assim, uma poesia para o aluno recitar ou ler na hora da festinha. Para outro aluno, outra poesia. Outros alunos debatiam. Até uma vez fiz um debate com um colega meu, Adelino Zanin. Era um

debate assim: Eu fazia uma pergunta, ele respondia. Ele fazia outra pergunta, eu respondia. Era até bonito isso aí.

O RECREIO/BRINCADEIRAS

Geralmente meninos e meninas brincavam separados, mas tudo no mesmo pátio. O pátio lá era pequeno. Até tinha quatro coqueiros, um em cada canto. A gente fazia uma brincadeira: iam quatro alunos, um em cada coqueiro e a gente se jogava um para um lado, outro para outro, para ver quem alcançava pegar o coqueiro. Iam cinco alunos, um sobrava sempre. Uma brincadeira bonita, até. Mas havia várias outras brincadeiras. Às vezes um corria atrás do outro. Lá tinha uma estrada reta, aí a gente jogava carreira, mais ou menos cem metros, para ver quem ganhava. Muitas das brincadeiras eram independentes do ensino da professora.

CASTIGOS

A professora dava castigos. Não era brincadeira, porque também havia alunos rebeldes. Eu tinha vergonha de ver certas coisas. Alguns alunos eram bem perigosos. Mas mais de uma vez ela pegava aquela tinta que tinha na mesa, no tinteiro, e se o aluno facilitasse, ela jogava aquele tinteiro, não importava em quem pegasse. Ela atirava e gritava. Ela chegou a usar canga de boi. Botava dois alunos ajoelhados na porta com aquela canga no pescoço, mais de uma vez. Ela batia com toda a força nas mãos dos

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

alunos utilizando uma régua. Quando ela levantava e batia nos alunos, não era brincadeira. Era com vara de vime e vara de cotia: a mão em cima do banco, e apanhava mesmo. E quem levava a vara para a escola eram os pais dos alunos. Não era ela que ia pegar. Os próprios pais mandavam bater. Teve uma vez que um aluno começou a faltar às aulas. Ele vinha até um certo ponto e voltava, só que voltava depois com os outros alunos; ficava esperando. Aí um dia o pai dele soube, trouxe o aluno até a escola, até dentro da sala de aula e disse para a professora o que acontecia, e a professora disse: “Ele está fazendo isso, sim, eu soube; os alunos aqui aprovaram, está tudo bem”. “Então, isso vou fazer agora”. Pegou um chicote de cavalo, que tinha quase um metro de comprimento, e deu uma cintada no filho que não foi brincadeira; foi pra valer. E disse: “Eu dou isso aqui hoje. Se ele faltar de novo, a senhora dá no meu lugar”. Ele nunca mais faltou.

AS DIFICULDADES

Para estudar, às vezes, saía de manhã, frio, não frio, chuva, não chuva, era de calça curta e de pé no chão. Então, era um problema. A gente saía de casa e só se atravessava mato, passava por alguma casa, aquilo era só mata virgem; era até bonito de ver, era uma maravilha. Percorriamos uns quatro quilômetros e pouco, a pé. Ia-se de manhã para a escola. Saía meio dia, chegava lá pelas duas da tarde, dependendo do que a gente encontrava na estrada. Porque, se era tempo de verão, nós, que acompanhávamos o rio do norte ao sul, não passávamos um dia sem tomar banho. Tomávamos banho e depois vínhamos e por isso, às vezes, tardava.

Atravessávamos o mato da beira do rio para comer fruta, gabioba, essas coisas, que naquele tempo tinha em grande quantidade. Eram pássaros comendo frutas de um lado, nós comendo de outro, até bonito de se ver, aquelas aves, bichos do mato, tudo.

UNIFORMES

Naquela época não havia uniformes. A roupa que mais se usava era uma calça até os joelhos, camisa de mangas, e todos descalços.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL/DOCÊNCIA

INGRESSO

Depois que terminei de estudar a quarta série, passei a trabalhar na roça que tínhamos, cuidando da lavoura e de algumas vacas. Só depois que me acidentei - perdi uma perna - é que resolvi estudar. Estudei um ano na escola de Jordão, preparando-me para fazer um exame para entrar no Curso Complementar. Aí estudei um ano lá, com a professora Amélia Maria Ramos de Bonna Portão, um nome comprido. Eu ia para escola com ela e ia na casa dela também fora de hora para ela me ensinar certas coisas que eu não sabia, partes sobre Geografia, figuras geométricas, essas coisas. Depois fui fazer um exame em Urussanga, onde tinha o Curso Complementar, no Colégio Barão do Rio Branco. Passei. Fiz o Complementar, que naquela época era um curso bom. Estudava-se até Francês.

Depois do Complementar, fiquei um tempo por aí. Podia até lecionar. Depois trabalhei um ano no cartório de paz de Siderópolis, com o senhor José. Dali quiseram que eu fosse para o cartório de Treviso, porque a pessoa lá, a escritã, tinha uma família grande, e o marido dela tinha uma serraria. Pediram para eu ir lá ajudar a dona Júlia, justamente a filha daquela professora: Júlia de Lucca Remor Rizatti. Fui para lá e trabalhei dois anos. Depois surgiu uma vaga na mesma escola em que eu era aluno. Eu disse: “Bom! Vou lecionar lá. ”Fui e lecionei alguns anos. Depois veio uma lei que permitia que a gente se preparasse melhor; podia fazer um curso. Eu e mais alguns colegas fizemos o Curso Normal Regional. Eles pagavam um ordenado para a gente estudar. Mais tarde veio mais uma lei, a gente podia fazer mais um durante as férias, era o curso Normal de Férias, que levava dois anos para ser concluído. Então, a gente estudava só nas férias, por dois anos. O Normal, equivalente ao Normal de hoje. Lecionei alguns anos na comunidade onde estudei. Só que depois de lá eu trabalhei alguns anos aqui na cidade, em Siderópolis, só com uma classe. Lá era com a primeira, a segunda, a terceira e a quarta série, com trinta e oito a quarenta e dois alunos. Era uma loucura lecionar assim. Depois, aqui, lecionei numa classe só, segundo ano ou terceiro. Era uma brincadeira. Trabalhava com quarenta e poucos alunos, primeira, segunda, terceira e quarta série. Depois voltei para lá para ocupar o cargo de um professor que entrou de licença, por uns trinta dias. Não tinha mais jeito de lecionar; me perdi. Era uma loucura.

METODOLOGIA

O meu método de ensinar era obedecer ao programa da Secretaria da Educação. Esta secretaria tinha um programa na área de ensino, e a gente tinha que ensinar dentro desse programa. A gente, quando lecionava, aprendia certas coisas. Eu e o professor do Montanhão, um colega meu, Ruby Sartor, conversávamos e eu dizia para ele: Ruby, olha! Eu estou fazendo assim, assim, e estou achando muito importante para os alunos. Ele dizia: “Sabes que estou fazendo também?”. E os alunos aprendiam bem. Só no primeiro ano, porque tinha aquele plano, tínhamos o quadro e quando eu ia dar uma aula para o primeiro ano, para tudo o que ensinava, usava um desenho da roça onde morava a pessoa. Por exemplo: desenhava uma faca e falava sobre a faca; desenhava uma folha de árvore da comunidade e falava sobre aquilo; se falava sobre a caneca, desenhava uma caneca. Desenhava as coisas da comunidade e eles aprendiam mais fácil. Eu e o Ruby Sartor fazíamos a mesma coisa. Nós aprendemos isso e achamos que era mais fácil para as crianças. Essa era a única exceção em relação àquele programa. Se bem que o programa tinha alguma coisa disso, mas com coisas da cidade, que nós invertíamos para coisas da comunidade. As cartilhas falavam de coisas da cidade, algo distante para essas crianças do interior. Elas nunca tinham visto uma cidade. As cartilhas falavam de um prédio, de um jardim, de flores de lá. E a gente fazia das coisas que eram mais perto dessas crianças.

CASTIGOS

Eu não dava castigos. A gente dava algumas repreensões. Havia alunos rebeldes, rebeldes mesmo, que não dava para aceitar. Mais aqui na cidade; na roça, não. Aqui eu quebrei a cabeça de um aluno com uma lambada; merecia até mais que isso. Mas hoje essa criança é um homem casado. Eram repreensões que a gente era obrigado a dar. Os pais dos alunos, inclusive, concordavam. Mas a gente não fazia igual àquele tempo. Uma repreensãozinha, às vezes um castigo de escrever tantas palavras, que ao mesmo tempo era uma instrução para a criança. Era castigo, mas era uma instrução, era um trabalho que fazia. Mas aconteceu de dar uma lambada boa, e esse hoje é uma pessoa casada que já me disse quantas vezes e quantas vezes: “Meu professor, se o senhor não me tivesse dado aquela lambada não sei o que eu seria hoje; não sei, porque eu era rebelde”. E era, de fato. Havia alunos que mereciam mais do que isso. Experimentava de um jeito, não vai; de outro, não dava. E, pior, incomodavam todo mundo. Ouvir um aluno gritar: “Fulano fez isso”, e a gente enxergar também, não tinha quem suportasse.

UNIFORME

Quando eu era professor, era todo mundo de uniforme. Os alunos usavam calça azul até o joelho, camisa branca e calçado, mas lá no interior geralmente iam descalços.

OS INSPETORES

Todo mês, quando eu era professor, tinha o inspetor. Ele fazia uma reunião, orientava a gente, o que se podia fazer com isso, com aquilo, a forma de atender os alunos, dava muitas orientações. Com isso a gente formava cada vez mais cultura. Era uma reunião mensal na sede do município, em Urussanga. No dia da reunião, tinha que sair a cavalo de onde morava para participar da reunião. Ao inspecionar as escolas ele dizia: “Naquela escola encontrei tal erro que aqui não pode acontecer; naquela outra encontrei tal erro e não pode fazer assim; naquela, a mesma coisa; naquela outra encontrei tudo em ordem”. Tudo assim. Na escola onde ele passava, deixava o termo de visita. No termo de visita da escola dizia que tinha sido no dia tal e tal, e fichava os assuntos. “Achei isso bom, tudo certo. Recomendo que este ponto seja retificado, ensinado desta forma.” Orientava da forma que deveria ser ensinado. As reuniões pedagógicas eram feitas com a supervisora; ela é que fazia essas reuniões. Ela marcava a reunião para tal dia, digamos, no dia vinte e oito do mês. Então, fazia esta reunião pedagógica, orientava do mesmo jeito que aqueles inspetores, dando orientações em torno da Educação. E, naquele mesmo dia da reunião, marcava a reunião para o próximo mês. As reuniões eram sempre marcadas com antecedência. A professora orientava sobre aquela matéria, sobre outra, sobre os erros, sobre o que era certo, o que era errado. Para nós, era importante, porque às vezes a gente tinha um caminho, mas não estava bem certo e o programa da Educação era um pouquinho diferente. Então, às vezes, a gente fugia. Mas nós fugíamos só naquilo

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

de que falei antes, para o primeiro ano, pois achávamos interessante. Ademais, as supervisoras eram competentes, muito boas. Aqui tivemos as supervisoras Adi Emilia Acordi, de Araranguá; tivemos a Celita, daqui, tivemos a Dalva de Criciúma, tivemos a Terezinha de Içara, tivemos outras que também eram muito boas supervisoras.

OUTRAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS

Eu lecionei dezenove anos. Só que fiquei onze anos trabalhando na Secretaria da Educação, época em que fui o Secretário das Coordenadorias Locais, aqui no município. Posteriormente, passei para supervisor local. Antes, era Coordenadoria, depois Supervisão Local (SLE). Trabalhei mais quatro anos, que foram incluídos também, como prefeito. Fui vereador cinco anos. Mais tarde fui candidato a prefeito e ganhei as eleições e trabalhei quatro anos como prefeito, de 1973 a janeiro de 1977. Depois voltei a Coordenadoria Local. Não lecionei mais. Depois é que me aposentei, em 1988. Voltei para a Coordenadoria porque eu tinha amizades com as professoras, com a política, e as supervisoras precisavam de uma pessoa que tivesse conhecimentos, uma certa cultura, que tivesse datilografia. Como era um bom datilógrafo, porque me adaptava bem, e também tinha conhecimentos sobre Educação, a coordenadora pediu para eu trabalhar com ela. Fui até o fim como secretário, com essa Coordenadora. Depois veio outra, passaram umas cinco, seis coordenadoras. Elas se preocupavam pouco, porque iam visitar escolas, chegavam e diziam: “Plínio, está aqui a papelada”. Eu fazia tudo em ordem. Tinha-se que fazer reunião com

as professoras e elas não podiam ir. Eu ia lá e fazia a reunião, a mesma coisa que se fossem elas. Eu acho que eu era competente para isso. Então, me adaptei bem, deu certo, elas gostaram do meu trabalho. Preocupavam-se pouco, porque, como já falei, elas visitavam escolas, jogavam os documentos e eu fazia o relatório. Sabia os assuntos, não precisava dizer nada. Fiquei na Supervisão Local até me aposentar. Até gostei de trabalhar lá. Era um serviço mais leve; não tinha com que me preocupar tanto. Se tivesse que voltar a lecionar, ia ser muito doído para mim. Doído não para dar aula. É que estava com tempo para me aposentar. Tinha até três licenças-prêmio. Juntando os trinta e três anos mais essas licenças, seriam trinta e seis. Tinha mais de um ano de juiz de paz, que não inclui. Ao todo, dava quase quarenta anos para o meu tempo.

Sônia Maria Simões de Bonna³⁰

Nascida em Florianópolis / SC, em 20 de dezembro de 1929.

VIDA PRIVADA

A FAMÍLIA

Meu pai chama-se Severo Vieira Simões e minha mãe Julieta Pavan Simões. Tenho três irmãos. O mais velho chama-se Nilton Severo Pavan Simões; depois sou eu, minha irmã Regina Magda Simões Laus; depois meu irmão Cezar Pavan Simões.

A ESCOLA

INGRESSO

A minha primeira escola foi o Colégio Coração de Jesus. Foi desde o Jardim de Infância até o Ginásio. A escola ficava bem próxima de minha casa. Subia um morrinho todo dia. Minha casa ficava na Rua Fernando Machado, bem próximo. A gente ia com prazer. Esperava aquela hora de ir para o colégio, com

30 BONNA, Sônia Maria Simões de. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira. Imbituba, 12 de janeiro de 1995. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

aquele uniforme, que era muito bem passado. As irmãs exigiam limpeza, aquelas pregas bem feitas. Na época do desfile, tinha que ir com uma boina branca, saia vermelha grená, blusinha branca e sapatinho preto. Era uma beleza. Quando o colégio desfilava então, era um espetáculo maravilhoso. Quando eu saí do Ginásio, entrei no Instituto Estadual de Educação. Lá eu tinha o Curso Normal, que era muito bom. Fiz o Curso Normal em três anos, pela manhã. À noite, eu fazia Técnico em Contabilidade.

ASPECTOS FÍSICOS DA ESCOLA

Era um prédio muito bonito, e ainda continua, apesar de maior que na época em que eu estudava. Ele era muito gostoso, lindo, uma maravilha de escola. Era particular, colégio de freiras, muito bem conceituado na cidade, uma das melhores escolas, muito bom mesmo. O regime não era o internato; eu era externa. Quando, porém, era preciso meus pais passearem, eu ficava no semi-internato. Fazia as refeições lá, continuava estudando e à noite vinha para casa.

A sala de aula era ampla, boa, bem arejada e com carteiras individuais. O quadro negro tomava a parede toda, naquele tempo. Um pátio muito bonito, bem amplo. Era um colégio onde estudavam apenas meninas. Não tinha rapaz. Tinha, parece, apenas no jardim de infância. Naquela época, mocinho não entrava. Eram só meninas e moças. Moças grandes, já feitas, pois se entrava na escola para o Ginásio mais tarde. Então, eram só moças. Moços não freqüentavam aquele colégio. Ultimamente sim.

No Curso Primário era uma professora só,

que dava todas as disciplinas, que atendia toda a turma. No Ginásio já era diversificado. Era uma professora para cada disciplina. Antes de entrarmos na sala de aula, quinze minutos antes, batia a sineta, que era bem antiga, a gente tinha que estar no pátio. Fechava o portão, e a gente fazia fila. Era por série; a série já estava marcado no chão: série A, de tanto a tanto. Aí era formada a fila. Era uma disciplina, uma maravilha. A diretora subia as escadas, ficava no alto e ela apitava, com estes apitos de ginásticas. Não podia cair uma agulha no chão, era um silêncio maravilhoso. Então, havia hasteamento da bandeira, fazia-se homenagem à bandeira, algumas recitavam. Rezava-se, e quando se terminava, ia-se para a sala de aula, tudo na maior disciplina. Eu estudava no período matutino. Depois da aula não havia trabalhos extra no colégio, exceto para as internas que freqüentavam as aulas normais na minha turma. À tarde tinham aula de piano. Outras tinham hora para fazer deveres. Tinham tudo no horário estabelecido. O colégio era religioso, e não tinha nenhuma interferência da Secretaria da Educação com relação a conteúdos ministrados, nem com a inspetoria. Era um colégio administrado só por freiras. Quando eu entrei no Ginásio, já tinha outras professoras. O Latim que se aprendia no Ginásio era com uma freira.

Já no Instituto Estadual de Educação, as salas de aula eram bem arejadas. Algumas salas tinham carteiras duplas; outras, carteira individual. Naquela época, já estavam remodelando, tirando as carteiras duplas e colocando as individuais. No Curso Normal eram professoras bem diversificadas, cada uma para a sua disciplina. Tinha para Ciências, para História, para Geografia, tanto era feminino como masculino. Tinha a dona Madalena Moura

Ferro, ótima professora, aquele Henrique Brigmam, muito bom, Anacleto Damiani, ótimos professores. A gente tem saudades deles.

MATERIAIS DIDÁTICOS

Nas nossas salas da aula sempre tinha o globo, que nas aulas era obrigado a apresentar os mapas, porque se estudava a Europa inteirinha, naquela época. A Europa e todos os continentes. Isto no Ginásio. Estudava os continentes, inclusive todos os países e capitais, cujos nomes a gente tinha que saber de cor. Hoje em dia, muitos estudantes não sabem. Na parte do corpo humano, o colégio tinha o esqueleto. No primário usamos bastante a lousa, mas por pouco tempo. Foi só na primeira série. Depois, passamos para o caderno. Com a lousa, a gente errava e apagava. Já com o caderno era mais difícil; tinha que ter a borracha. Na lousa não, tinha o giz, a gente apagava com um paninho que vinha pendurado na lousa. Além de ser mais difícil para memorizarmos o que aprendíamos.

METODOLOGIA

Acho que minha professora ensinava como se ensina hoje. Era aquele método, não de decorar, mas de aprender. Tinha que ser compreendido. No Ginásio tinha a decoreba. Tinha que saber na ponta da língua, fazer a lição. Era isso. Lembro-me da professora de Matemática, que dava logaritmo, álgebra. Como era difícil, meu Deus! Mas era bom.

DISCIPLINAS/ATIVIDADES NA ESCOLA

Não lembro mais quais eram as disciplinas que estudávamos. Já faz muitos anos. Mas, acho, eram todas as matérias da época. Em relação à disciplina de Matemática, no primário, a tabuada era decorada. A professora fazia no quadro, e a gente fazia as tabuadas no caderno, quando não tinha livro. A gente estudava e sabia de cor aquelas tabuadas. Além do Português, no colégio, também, era ensinado o Francês, o Latim e o Inglês, parece. O Português era ensinado por ótimas professoras, como a irmã Berenice, que não esqueço nunca. Naquela época, o Português era estudado em gráficos, em diagramas; era uma beleza o Português do colégio.

Havia os desfiles do dia Sete de Setembro, que eram bem esperados. Nas procissões de Corpus Christi, as alunas ajudavam a enfeitar os tapetes na rua, para passar a procissão. A gente era convocada e ficava muito faceira, porque ia trabalhar na areia. Fazia os desenhos no caderno, no papel e depois riscava no chão. Depois a gente se preparava para quatro-cinco horas, o tempo daquela procissão. Iam as freiras rezando e a gente.... a banda de música. Sinto saudades daquele tempo.

COMEMORAÇÕES CÍVICAS

As datas de comemorações cívicas eram bem planejadas pelas freiras. No começo das aulas, a gente fazia homenagem à bandeira. Todo sábado tinha a homenagem geral. No dia Sete de Setembro fazia-se o

desfile com todas as alunas. Era programado da seguinte forma: boina branca, blusa branca, saia vermelha, grená, sapato preto e meia bege. Colégio vai desfilar, era um assombro. Havia uma rixa entre o Colégio Coração de Jesus e o Colégio Catarinense, que era só de mocinhos, jovens. Era de ver quem desfilava melhor, ou o colégio das freiras, ou o colégio dos padres. O colégio das freiras sempre ganhava.

AS PROVAS

Os exames eram mensais. As notas eram contadas para a avaliação final dos alunos. Somavam-se as médias. Era média cinco para passar, isso no primário. As professoras é que faziam as provas. Elas distribuíam as folhas e a gente assinalava. No primário era diferente; a gente tinha que escrever. Escrevia muito, a prova inteira.

O RECREIO/BRINCADEIRAS

Geralmente não fazíamos brincadeiras no intervalo de aulas. No intervalo, a gente ia para o pátio, fazia o lanchinho e, após quinze minutos, batia o sinal e a gente entrava. Não era nada corrido, era tudo na disciplina. Geralmente a entrada era por fila. Esperava-se a professora da disciplina. Ela dava bom dia e começava a aula. Mas algumas vezes brincávamos no intervalo. A gente jogava bolinha de papel uma na outra; tinha divertimento. Na sala de música a gente cantava. Além dessas, brincávamos de puxar a blusa, puxava o cabelo de uma, da outra, depois fazia

que não era nada. A minha turma era pequena, por isso não tínhamos brincadeira de corda. Tinha a hora de patinação. Se a gente quisesse, podia fazer patinação no pátio. Era com horário, para não atropelar os outros. Lembro-me que brincava muito com os patins. Andava em roda, uma pendurada na outra, no ombro, puxava, era um trenzinho que a gente ia longe.

CASTIGOS

As irmãs no Coração de Jesus davam castigos como o de fazer uma cópia dez vezes no caderno. Não eram castigos severos. Faziam anotações no caderno para o pai assinar. Isso ia muito. Às vezes eu era meio levada. Lá iam anotação na caderneta. Lá ia meu pai saber o que era. Era assim. Muito bom. Uma disciplina maravilhosa, naquele colégio, mantido por freiras, naquele regime autoritário. Era um colégio pago, muito caro, naquela época, mas, graças a Deus, pude estudar ali.

UNIFORMES

Para estudar, era blusa branca, manga comprida e uma saia de brim, bege, pregueada, com dois machos na frente. Ou tênis, ou sapatinho preto. O tênis era mais para a Educação Física. A gente fazia Educação Física num pátio, numa área bem grande, lá atrás. A gente descia, lá no fundo, uma área de lazer que era uma maravilha. Dá saudade hoje.

OS INSPETORES

Havia a figura do inspetor escolar. Ele passava por lá. Não era muito freqüente, mas aparecia. Eu esqueci o nome dele. Era um professor baixinho. Quando entrava na aula, a classe toda levantava. Mas poucas vezes ele ia ao colégio.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL/DOCÊNCIA

INGRESSO

Inicialmente, pensei em fazer Medicina, mas percebi que não tinha vocação. A minha mãe já era professora. O colégio em que estudava só tinha o Curso Normal. Ai eu fiz o Magistério. Eu podia pegar contabilidade, mas não tinha comércio para isso aqui, em Imbituba. Eu tinha muita saudade de casa, de Florianópolis. A distância era muito grande, eram quatro horas de viagem, na época. Meu marido Henrique disse: “Vai entrar numa escola e vai dar aula, enche o tempo”. Naquela época peguei o Magistério, em 57, e gostei. A primeira escola em que lecionei foi Escola Coelho Neto, em Criciúma. Logo fui removida para a Escola Henrique Lage, em Imbituba. Ao ser removida para cá, peguei a quarta série, por indicação da dona Eliza Costa. Daí para cá, trabalhei sempre com a quarta série. Obtive bons resultados com meus alunos. Não era uma classe forte, era uma classe média. Era muito bom.

METODOLOGIA

As crianças já vinham alfabetizadas. Dali era só continuar. Só abria um caminho maior, um conhecimento maior: Matemática, História, Geografia, Português. Eu dava todas as disciplinas. Era uma professora para todas as disciplinas, até a quarta série. O método era esse, ampliar os conhecimentos deles. Era feita a tarefa diária; todos os dias tinham uma tarefa. Naquele dia dava as matérias e devolvia.

HONRA AO MÉRITO

Dava honra ao mérito aos meus alunos. Inclusive dava voto de louvor para eles. Incentivava, continuem sempre assim, procurem melhorar. Eu fazia sempre alguma coisa em letra vermelha. Fazia sempre um elogio. Mas só isso, não havia quadro de honra no colégio.

CASTIGOS

Dei alguns castigos aos meus alunos, mas não muitos. Botei para fora quando estavam incomodando, ralhava com eles. Só fazia ver que eles estavam errados. Inclusive, quando disse uma vez: “Oh, meu filho, fica quieto”. Ele disse: “Bença, mamãe”. Eu achei graça do jeito dele e a classe toda riu. Era um rapaz muito levado, da quarta série, muito maior do que eu até, mas eu não dava

muito castigo. Só mandava para o gabinete, quando não podia resolver, e a diretora resolvia.

UNIFORME

Alguns alunos tinham uniforme, outros eram mais carentes. A gente evitava pedir. Mas a diretora exigia bastante o uso do uniforme. Era blusa branca e a calça ou saia azul-marinho. O sapato não era uniformizado; viesse quem pudesse. Ou de chinelo, ou de sandália, ou de tamanco, ou de tênis, qualquer coisa. Mas o uniforme, ela exigia mesmo. Quando eles não tinham, se aguardava até que pudessem comprar um.

OS INSPETORES

Havia as reuniões na escola. A diretora reunia as professoras, uma vez por mês, e falava sobre o colégio, a disciplina, as tarefas diárias de cada professor, o guarda-pó que a gente tinha que usar todos os dias. Não era preciso uniforme, mas guarda-pó era obrigatório. Ela falava sobre o plano de aula. A reunião era isso. E ainda, sobre a disciplina dos alunos no pátio, sobre como tomar conta, inclusive durante as refeições. Tudo isso. Uma vez fui visitada pelo inspetor escolar Cuerta, não sei se era Nelson Cuerta o nome dele. A gente ficava agitada mesmo. Mas correu tudo bem. Ele gostou do meu plano; gostou do conhecimento dos alunos, da disciplina, da matéria que eu dava. Gostou; foi bem.

OUTRAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS

Eu dei aulas até 1973. Em novembro de 63, eu fui indicada para ser inspetora escolar. Fui tomar posse em Tubarão, já levando uma companheira que ia ser minha secretária, a Niete Tolentino Pamato. Fomos tomar posse com o senhor Arno Hülse. Dali para cá, fiquei como inspetora, cuidando de vinte e cinco escolas de Imbituba. Tomando conta de cada uma delas. O inspetor escolar tinha reuniões na UCRE. Todo mês, às vezes semanal, eventualmente duas vezes por semana, a gente era convocada para ir à UCRE em Tubarão. A gente tinha que planejar, fazer um roteiro das visitas nas escolas. Tinha que fazer umas dez visitas em um mês, em cada escola. Então, tinha que ficar dentro de um cronograma. Se marcava, era obrigado a visitar. Quando eu chegava lá, as professoras diziam: “A dona Sônia chegou, a dona Sônia chegou”. Os alunos ficavam apavorados. Mas a gente entrava sorrindo, dando bom dia, fazendo brincadeiras com eles, e aí, pronto! A diretora mandava os alunos sentarem. Eu perguntava como é que eles estavam, se estavam estudando bem. A gente pegava a matrícula, a chamada, via quantos alunos havia em cada série, em cada classe. Às vezes, a escola isolada era mista, era segunda e terceira séries juntas, terceira e quarta juntas, primeira e segunda. Era um trabalho bem ruim para a professora lidar com a primeira e segunda série, porque a primeira série exigia muita paciência para alfabetizar. Eu via as dificuldades que elas tinham. Quando estava alfabetizando a primeira série, a segunda série já estava perguntando o que ia fazer. Isso complicava muito. Eu acho que a primeira série, que é a base da disciplina, do conhecimento, tinha que ser em separado. Mas as dificuldades de manter professores lá eram grandes. Às vezes não tinha condução, não tinha moradia. O professor já era estipulado para

aquela turma. Era uma caminhada bem amarga, porque as escolas ficavam distantes uma da outra.

Material didático, o que posso dizer é que era difícil. Em princípio, no interior o aluno já é carente, já não tem uniforme, já não tem lápis, não tem nada. Não tem alimentação de manhã cedo, que é a base. Alimentação é tudo e era pouca. Mas, era bom. Já era melhor o contato com as escolas maiores. No começo, para fazer as visitas às escolas, utilizava o ônibus, indo até Ibiraquera e Araçatuba. Ali eu parava na Rodovia Federal e ia a pé até lá dentro de Ibiraquera, mais de meia hora de viagem. Chegava lá no sol bem quente, encalorada. Chegava cansada na escola. Depois eu vinha mais cedo, devido à volta do ônibus. Até ter um carro particular. Aí passei a visitar as escolas com meu carro, levando, inclusive, o material. Ia de ônibus para Tubarão, e vinha com os braços carregados de material: ficha para professores, ficha para aluno, boletim, tudo era carregado no braço. Com a minha condução própria, tudo ficou bem mais fácil. Eu ia até para as escolas de Laguna, tudo com meu carro. Hoje eu tenho uma saudade que nossa!

Quando eu chegava numa escola e percebia que havia um certo nervosismo, eu procurava acalmar. Vamos ficar tranquilos, porque a dona Sônia só veio saber como vocês estão, se falta alguma coisa. Fazia assim, para acalmar as crianças e a professora. Eu pegava as fichas e perguntava o que é que faltava: “Dona Sônia, chove barbaridade aqui dentro”. Então vamos reunir a APP. Nós fundamos a APP nas escolas, que era a associação de pais e professores. Eles facilitaram muito, se entusiasmavam, se incentivavam, um trazia prego, outro um serrote, outro uma lâmpada, outro arrumava os fios. Chegaram até a mudar uma escola inteirinha para mim, acredita? Lá na Ibiraquera chegaram a mudar e a ampliar. Faziam festinhas juninas e com o dinheiro da festinha

a gente construía e arrumava sala de aula. Era batalhado, para não pedir tudo para o governo. Não vinha nada de lá. Mudava governo, entrava governo, e não vinha. Então, a gente aqui fazia uma melhoria extra, pouca coisa, não durava muito também, era muito fraco. O material era fraco, verba não se tinha. Era difícil quando vinha uma verba. O Departamento de Obras mandava, e a UCRE distribuía; a gente prestava conta. A função do inspetor na sala de aula era assistir à aula, ver a professora dar aula, ver as falhas. As falhas, se houvesse, a gente tinha que consertar, ajeitar. “Oh! Não faz assim, é ao contrário. Tem de orientar. Orientar o aluno.” Se tivesse um aluno excepcional, qualquer coisa, era preciso descobrir e orientar. Era preciso avaliar o aluno com problema; até mesmo a professora era preciso avaliar. Uma vez, ao fazer perguntas para um aluno, percebi que estava com dificuldade de responder. Mas a dificuldade era da professora. Ela não tinha o jeito, a metodologia para ensinar. Então, o aluno fechava. Ficava dentro dele, não se desenvolvia. Eu acho que era a maneira dela de ensinar que não estava de acordo. Isso, no Sambaqui. Foi só. Nas outras escolas em que havia diretora, a própria diretora verificava. Mas em casos com professoras que demonstrassem dificuldades, a gente mandava para uma orientadora da Escola Henrique Lage, que era lotada, até para orientar. Tinha que pedir emprestada à diretora a orientadora para dar aula. Se não, eu convocava, num sábado, as professoras da escola isolada para uma reunião. Naquele tempo, tinha aula nos sábados de manhã. Eu suspendia as aulas e marcava a reunião. Nesta reunião, a professora orientadora dava as explicações, orientava as professoras do interior. Era assim que fazia. Estas orientações eram mais como um processo de reciclagem para as professoras.

Elas não tinham muita base. Naquela época não havia muitas professoras normalistas. Eram mais regionalistas ou não tituladas. Eram professoras que tinham muitos anos de escola, mas não tinham o Curso Normal, nem o Regional. Elas eram admitidas como professoras substitutas, porque não tinha a normalista titular. Agora, hoje todo mundo é formado no Magistério, e é até difícil de encontrar vaga numa escola para normalista. No tempo de inspetora, freqüentei muitas reuniões em Secretaria da Educação de prefeitura; quando era convocada eu ia, nunca faltei. Quando era época de reciclagem de professores, todos os inspetores iam. A gente recebia até certificado de freqüência. Como inspetor escolar, a gente também fazia curso de aperfeiçoamento. Agora, de clube de leitura não. Inspetor não fazia, talvez professor. Cada diretor, cada colégio, também fazia seus cursos de aperfeiçoamento. Os inspetores eram convocados separadamente. Nós, inspetores, era para reciclagem, aperfeiçoamento de curso, curso de religião, curso de língua portuguesa, diversos cursos. Quando das visitas às escolas, se encontrávamos alunos sem uniformes, cabelo mal cortado, aluno sujo, não atuávamos nesse ponto. Só quem atuava era a diretora, ou a própria professora da escola. Porque apenas fazíamos registro nos termos de visita. Não chamávamos o aluno para fazer ver em que estava errado. Cada diretora era responsável pela higiene do aluno, pelo uniforme do aluno. Isso é exigência da direção da escola. A gente até anotava, observava tudo isso, mas apenas no termo de visita. Ficava uma via na inspetoria, e outra na Secretaria da Educação. Esse termo era um imprenso, em blocos grandes. A gente tirava aquelas vias, que era o termo de visita, e escrevia: "Aos tantos dias, o inspetor escolar fulano de tal, compareceu na escola e verificou o seguinte: matrícula,

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

primeira série, segunda série, terceira e quarta série. Primário masculino e feminino. A professora se estava de guarda-pó, se estava em ordem com o material didático. A sala, o ambiente escolar se estava de acordo, se precisava ampliar, se precisava sanitário. Tudo era anotado: se havia reuniões de pais e professores; se o inspetor fazia; se havia reclamação; se a merenda escolar era distribuída; se não era distribuída; se os cadernos dos alunos eram encampados. Tudo isso. Na inspetoria, além de sair para fazer visitas na escola, eu tinha os outros dias para fazer atendimento externo das professoras. Eu atendia professor, servente, a escrituração toda. Nós fazíamos as fichas de custo per cápita, quanto saia cada professor, cada aluno. Fazia-se custo per cápita em folhas de papel enorme. Era mandado para a UCRE e da UCRE para a Secretaria de Educação. Hoje, acabaram com aquilo. Não existem mais o fichário todo da inspetoria, o protocolo todinho, coisas que eu mantinha na maior ordem. Se quisesses encontrar um papel hoje, encontrarias. Mas, hoje foi desfeita a inspetoria; acabou. A gente era organizada, até que extinguiram, e não sei onde anda esta papelada. Eu tinha papéis desde 1973, tudo arquivado, tudo protocolado. Os mais velhos eram embrulhados em pacotes com o ano.

APOSENTADORIA

Aposentei-me depois de um acidente, quando quebrei uma perna. Fiquei com defeito, não pude mais voltar a trabalhar. Mesmo assim, trabalhei um ano ou dois. Mas me aposentei porque eu já estava ficando traumatizada, cansada, não tinha condições mesmo.

VIDA PRIVADA

Havia uma gruta no colégio Coração de Jesus, que era de São José. A gente descia, fazia as orações lá embaixo. Hoje, acho que nem existe mais, porque está tão ampliado neste colégio. Na capela, eu ia todos os dias com uma outra amiga. Eu ia à capela do Coração de Jesus, que era muito linda. Hoje, está mais linda ainda. Elas conservam aquilo. Eu já tenho minhas netas, meus netos estudando lá. Eu digo: A vovó estudou aqui. Eu tenho saudades. Parece que eu tenho a presença daquelas professoras, lá no Coração de Jesus. No Instituto Estadual de Educação, eu também tenho a imagem dos professores. De quando eu subia aquela escadaria, de quando eu descia, de quando eu me debruçava no parapeito daquela área, de quando a gente via as pessoas lá em baixo conversando. Às vezes, quando estava apreensiva, preocupada com a matéria, a gente não descia para brincar; ficava atenta, perguntando para uma, para outra, como era a matéria, a matemática. Então, a gente ficava debruçada ali, olhando lá em baixo, uns conversando, outros correndo, aquela coisa. Dá saudades quando passo em frente ao colégio. Hoje, tenho saudades de tudo.

*Vilma de Souza Fernandes*³¹

Nascida em 7 de dezembro de 1930.

A ESCOLA

INGRESSO

Meu primeiro colégio foi a Escola Santa Catarina. Não lembro o nome da rua, mas fica na Prainha. Era uma Escola Isolada. Comecei ali na primeira série, que não tinha jardim naquela época. Eu escrevia em lousa. Levávamos uma lousa e não caderno, e com um lápis preparado para a lousa, tipo um quadro negro, a gente escrevia. Foi ali que comecei. Não recorro da minha primeira professora. Depois passei para o segundo ano e fui para o Colégio Dias Velho. Ali estudei até o quarto ano primário. Depois fui para o Arquidiocesano São José, onde estudei e tirei o Complementar. Na época o diretor era Américo Vespúcio Prates. Depois estudei e me formei no Regional no Grupo Escolar José Boiteaux, no Estreito. Lá me formei como professora regionalista, mas antes de me formar já estava lecionando. Comecei como auxiliar de ensino aos dezesseis anos e aos dezessete me formei no José Boiteaux.

31 FERNANDES, Vilma de Souza. Entrevista concedida a Sandra Albuquerque Reis. Florianópolis, 24 de janeiro de 1996. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

CASTIGOS

Na escola não tinha palmatória, mas tinha uma maneira de deixar no grão de milho, no areião, aquelas pedras. Nunca fiquei, porque era muito tímida. Sempre tive medo quando era criança.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL/DOCÊNCIA

INGRESSO

Minha primeira escola foi na Costeira do Pirajubaé. Lá fiquei doze anos, até casar. Quando comecei como professora, eu já tinha a minha maneira. Não usei muito o castigo daquele tempo no qual estudei, no qual o meu pai e a minha mãe me educaram, porque o meu pai foi muito severo e eu não aceitava as atitudes dele. Depois eu fui mudando. Sempre fui uma menina muito tímida. Na minha infância não brincava; eu queria ir brincar, mas chegava e não me aproximava e o meu pai era muito rude. Não sei se era por causa daquilo; não sei nem explicar por que, só sei que eu era muito, muito tímida. Então, quando comecei a lecionar, eu me aproximava da aluna que eu observava que era tímida e tentava mudar, me entrosava, brincava, porque comecei muito cedo, com dezesseis anos. Brincava de roda com as minhas alunas, meus alunos. Parece que na época em que comecei a lecionar, assim nova, eu estava voltando para a minha infância. Eu brincava e me aproximei muito de meus alunos, e fui lecionar por gostar, eu queria. Parece que lecionando eu estava me libertando, porque tive uma infância muito dura. Meu pai,

numa ocasião, até de palmatória me batia. Acho que isso me marcou muito e fui mudando. Sempre procurei ser muito companheira de meus alunos; conversava. Por criação, na mesa a gente não conversava, não dava opinião. Comecei na Costeira porque uma professora, dona Olga da Silva, aposentou-se. Eu a substituí. Fui para uma escola, aliás casa de estuque. Era a escola que estava alugada para o governo, mas não era apropriada como colégio, não era adequada para uma escola. Era uma casa de estuque sem banheiro. O banheiro era horrível. As crianças atravessavam numa tábua que nós botamos. Quando um aluno ia ao banheiro, o outro ficava esperando que ele voltasse, eu ficava preocupada que ele pudesse cair, que era tipo uma fossa, muito precária.

Eu consegui lápis, cadernos. Ia na Secretaria da Educação. Minha mãe tinha uma máquina de costura de mão e eu conseguia também nos escritórios papéis e no verso daquelas folhas eu cozia, passava na máquina, fazia as linhas em casa e levava para as crianças estudarem. Era um caderno. No início os pais não queriam comprar, porque estavam muito acostumados com a dona Olga, e não admitiam outra professora. Estavam revoltados. Eu era uma menina para eles, dezesseis anos, o que iria ensinar para eles? Tive que ir de casa em casa. Na saída eles diziam que os filhos iriam, mas na época do camarão teriam que estar com eles no mar. Eu dizia: “Prometo ao senhor que as crianças, seus filhos, irão ao mar.” Dizia isso para eles, mas o meu pensamento era outro. Iria depender de mim se as crianças voltariam para o mar ou se ficariam estudando. Isto era o meu pensamento já naquela época, com dezesseis anos.

E dali comecei. Na época do camarão eles precisam dos filhos para ajudá-los no mar, pois ganhavam pouco. Numa parte, concordava com eles. Além disso, naquela época não era obrigatório colocar os filhos com sete anos na escola. O pai colocaria aos oito, aos dez se quisesse, depois é que veio a lei, então...

Dava aula para a primeira, a segunda, a terceira e a quarta série. Todas as séries juntas numa sala. Cinquenta alunos. Vinte, alfabetizei no primeiro ano, em 1949. Quatro alunos na quarta série; já eram grandes, meninos de quinze, dezesseis anos. Dez, parece na terceira e seis na segunda ou dezesseis... só sei que ao total eram cinquenta alunos numa sala de aula. E só eu de professora.

E assim foi por dois anos. Eu não parava. Aos domingos ia para lá, porque fui muito solicitada pelo pessoal dali, que depois ficou me aceitando. Eu conversava muito, porque naquela época o dono dali era aquele que tinha um armazém, esse armazém que não era só armazém, vendia tecidos, remédios, armarinhos....era venda e loja ao mesmo tempo. E ele se preocupava um pouco com a escola. Então, conversava comigo, e o mais importante é que quando cheguei lá, que passei e dei bom dia, eles disseram: “Quem é essa menina?” Eu escutei: “Essa é a professora que veio para aí. Veja só, uma menina, uma negra dar aula!” Uma negra! Escutei aquilo. Eles não queriam me receber, por ser negra. Se hoje há racismo, naquele tempo havia muito mais. Mas não me preocupei com aquilo. Eu queria era lecionar. Tinha muita vontade. Parecia que ia me libertar.

Comecei a dar aula naquele ano mesmo, 1949. Os alunos já estavam se habituando comigo, chegando pai e eu dando aula. Chegava, batia na janela: “Como é

que é professora? Amanhã vou para o mar e meu filho já está dizendo que não vai, que não quer ir para o mar, que está gostando da escola!” Eu dizia: “Eu nada fiz, só dou aula!” O pai: “Como é que a senhora, o que é que a senhora está passando para as crianças?” Eu dizia: “Estou ensinando, fazendo o meu trabalho. O meu trabalho é esse, é ensinar. Mas vou conversar com os senhores, vou marcar uma reunião – e assim fiz – agora no momento não posso, porque estou dando aula”. Marquei uma reunião e os pais foram.

Preparei-me. Aí comecei a incentivá-los. Conversei muito com eles, era difícil! Mas sempre os convenci, e os filhos não voltaram mais para o mar. Eles foram sozinhos. Mas eles disseram: “Material para o meu filho eu não dou, ele não vai para o mar e a senhora nem manda pedir, porque não tenho dinheiro”. Eu dizia: “Não, não, vou mandar”. Então ficou aquele compromisso para mim até que consegui incentivá-los a dar o material, um caderno, um lápis.

A criança naquela época, na primeira série, não tinha coordenação motora, porque não tinha preparação do jardim, do prézinho. Havia então exercícios que eu fazia primeiro com eles. Levava muito tempo até eles escreverem. Muitas vezes os pais chegavam na minha sala e diziam: “O que é que os alunos estão fazendo na sala de aula? Porque os meus filhos vêm para cá e vão para casa sem nada no papel! A senhora não está ensinando!” Houve um tempo em que fiquei só com exercícios com eles. Naquela época, fiquei só exercitando porque eu já estava tirando o regional e já estava recebendo orientação de como educar a criança, mesmo não tendo o prézinho. Mas a gente já recebia. Eles não aceitavam, mas quando chegou o fim do ano, eles ficaram muito satisfeitos, porque uns já

estavam começando a despertar para a leitura. Também preparei a minha cartilha - eu é que fiz a cartilha. Naquela época não tinha mimeógrafo! Não tinha uma merenda para os alunos. Com uns trocadinhos, a gente comprava uma batata cozida, dava de merenda; outros nada levavam. Mas eles eram muito amorosos, muito meigos. Nunca deixavam de trazer uma flor para mim. Porque aquilo para eles era muito bom, eles gostavam muito. Não sei se foi, porque eles diziam: “Agora a gente tem uma professora mais nova!” Não sei se porque a professora Olga se aposentou e as crianças... Vai tendo uma professora mais nova, se entusiasma, e eles... Era uma flor, ou se comprava uma bala ou duas, e eles queriam e eu não queria, eles diziam: “Nós chupamos se a professora chupar”. Eles adoravam. Eles iam embora e as flores eu trazia noutro dia, trazia tudo. E eles noutro dia: “Professora, esqueceu a flor!” E eu... elas murchas, procurava as melhores e colocava num vaso. Às vezes eu pensava: “Meu Deus! Eles deram de tão bom coração e estou rejeitando esta flor!” Porque eu já ia com tanta flor e caderno, aquela função de professor, ansiosa para pegar o ônibus. Os pais foram se acostumando.

Naquela época, na época dos exames, vinha o inspetor para inspecionar a escola. Eu corrigia as provas, mas havia outro professor para inspecionar. Ele ia e além de ficar inspecionando, fazia a correção para ver se a nota que eu havia dado era correta. E os erros. E um detalhe que não contei. Eu atravessei de canoa para a Costeira para dar aula aos 16 anos, porque não tinha linha de ônibus, só tinha até o Saco dos Limões. De lá eu esperava. Não era como hoje: tocou o sinal, vai para a sala de aula, tem que formar perfilados. Na época, às vezes chegava e os alunos me esperando: 8h10, 8h15, porque tinha que esperar

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

para atravessar de canoa. Quando não ia de canoa, ia de charrete, ia a pé; às vezes chegava às 9h00 na escola. Ia do Saco dos Limões a pé, naquele trilhozinho, até chegar na Costeira. Depois é que construíram rua e teve linha de ônibus para lá.

A ESCOLA

No início, quando cheguei lá, eram bancos compridos em que ficavam sentados cinco, seis, até sete alunos. A mesa já vinha junto, mais ou menos assim como na igreja: você se ajoelha e tem aquela parte onde você bota o livro, quase parecido... no início era assim. E eu não tinha apagador. Eu apagava, levava pano, porque no início não tinha para apagar. Depois é que mandei fazer um apagador; eu mesma pedi, consegui. Também não tinha esses quadros, o flanelógrafo, eu que consegui, mandei fazer para a escola. E ali comecei a botar bichinhos, coisas para atrair as crianças da primeira série.

OS ALUNOS

Aprendi muito com essas minhas crianças; muita experiência. Eu era uma menina de 16 anos, muito tímida, a experiência de casa muito... Eu, porque já tinha outra maneira de pensar, achei que com meus alunos.... Aprendi muito com os pais dos alunos. Tudo foi muita experiência para mim, muita experiência de vida. Valeu-me muito. E a satisfação, a alegria de quando chegava o fim do ano, uma criança daquelas estar lendo, era muito gostoso.

E houve um fato que não esqueço. A pessoa é daqui. Eu vinha do Rio Grande do Sul, depois de um ano casada, não... eu vinha com as minhas filhas pequenas, cinco anos elas tinham, cinco anos depois de casada. Cheguei na rodoviária, peguei um táxi...a criança guarda muito a fisionomia do professor. Tive um aluno filho de pescador que me incomodou muito, o Juca, era José Inácio da Silva, mas o chamávamos de Juca. Às vezes eu ia até buscá-lo em casa para a aula, para ir para a escola. Então entrei no carro e ele: “A senhora não é a Dona Vilma?” Eu disse: “Sou”. Ele: “A senhora não lembra de mim?” Eu: “Não, não lembro de ti”. Ele: “A senhora não lembra de seu aluno?” Eu: “Ah! Tive tantos”. Ele: “A senhora deu aula na Costeira, eu sou o Juca”. Eu: “Ah! Tu és o José Inácio, é?” Ele: “Incomodei muito, não é?” Foram as palavras dele: “Incomodei muito”, o danado. Eu: “Olha, foram tantos que já não recordo, tu é que dizes.” Ele: “É, pois casei com uma professora para saber o que é ser uma professora. A senhora sabe que minha esposa é professora e hoje eu dou valor a uma professora.” E eu disse: “Ai! Que bom que tu casaste com uma professora. Ele: “É, o pouquinho que eu sei, aprendi com a senhora, mas valeu muito. Hoje tenho carro na praça, uma peixaria. Graças a Deus não estou mal, não. Toda vez que converso com a minha senhora, eu digo para ela: eu lembro a dona Vilma, que se não fosse a dona Vilma, eu não tinha aprendido. Lembra que ia me buscar em casa para ir estudar, que eu não queria ir?” Naquela época a gente tinha que cuidar muito da frequência e eram poucos alunos.

OS INSPETORES

O inspetor vinha na época da prova. Naquele tempo fazia minha prova mensal, mas isso eu entregava era para a nossa inspetora. Mensalmente nós nos reuníamos aqui no colégio, aqui no centro. Às vezes era no Grupo São José, ou no Grupo Lauro Muller, dependendo. E era olhando o caderno dos alunos. E pelo caderno dos alunos e pelo meu caderno, no qual fazia o meu diário; tinha que ter um caderno para passar para meus alunos fazer. Porque poderia passar para o diário, mandar para os alunos. Então, bem ou mal que eles escrevessem, tinha que ter a prova ali, diariamente e mensalmente, na reunião. No dia da reunião não havia aula para os alunos. Eu vinha, então, e nós apresentávamos. Então a inspetora passava visto, depois é que foi mudando.

OUTRAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS

Nós não tínhamos uma. Hoje, por exemplo, o aluno se machuca e vai para a secretaria ou vai para uma sala onde tem os medicamentos, e já é medicado. No meu tempo, a professora é que tinha que ter, eu tinha a minha caixinha com remédios. Então eu pedia, vinha no centro pedir. Depois veio o sr. Durval falar comigo: “Dona Vilma, nós não temos uma igreja! Nós precisamos ao menos ter uma, ao menos rezar uma missa por mês aqui”. Eu: “Pois é, seria ótimo!” Ele: “Nós não temos igreja, não temos nenhuma imagem”. Eu: “Pois é, não temos nenhuma imagem.” Ele: “Então faça o seguinte: vamos ver se conseguimos trazer São Pedro que é o protetor dos

pescadores.” Eu: “É, seria bom”. Ele: “Então vamos angariar fundos, pedir para o pessoal. Eles já estão mais animados com a escola, talvez ajudem a senhora. Faça uma lista e vamos de casa em casa e conseguimos, e no início ficará aqui na escola, que é uma casa grande.” E conseguimos! Até hoje eles dizem na Costeira que uma toalha que está lá é a toalha da dona Vilma. Mas não foi. Eles é que deram, eles que deram o dinheiro. Não sei se era vinte centavos. Que era no tempo do cruzeiro, não lembro. Eu sei que cada um deu uma quantia mínima, nós juntamos, e São Pedro veio pelo mar. Uma coisa muito bonita! O padre Agostinho é que veio dar a missa. Naquele tempo ele era professor no Colégio Catarinense, dava aula lá. Foi lá, rezou a missa, daí ele veio: “Ah! Muito lindo!” Daí preparei os arranjos para a comunhão, que tirei curso de catequese na catedral. Fiz as roupas, muitas roupas eu fiz. Naquele tempo era vestido comprido, e tenho várias fotos de meus alunos feitas por mim. Nós orávamos todos os dias. Eu tinha versinhos quando nós íamos para a merenda, que eu inventava. Tinha também um versinho que ensinei a eles a rezar na hora em que fossem dormir... “Meu anjo da guarda, meu bom amiguinho...” E aí ensinava a orar, a pedir proteção. Aí é que eles começaram a ter uma religião. Não posso dizer até uma religião, mas ter um fundo religioso. No início os pais não vinham cá para ir à igreja. Depois, com a continuação, com as reuniões que eu fazia com os pais, as reuniões quase sempre eram nos domingos, ou então sábado a tarde. Mas eu gostava e minha ocupação era o colégio, que era de segunda a domingo. Eu passava conversando com os pais e o sr. Durval— o que era o grande, que tinha mais dinheiro na época ali - que a gente resolvia. Depois ele cedeu o terreno para a escola e depois a Santa Rita, hoje é Santa Rita de

Cássia, também, da mesma forma. E aí colocamos na igreja. Mas houve um fato muito interessante que não esqueço até hoje. Aquela escola de estuque estava ficando muito velha e já fazia uns seis, oito anos que lecionava lá. Já tinha uma amiga lecionando comigo, que era a Ana, que me ajudava e também era professora. Aí pedi uma substituta e veio. Acontece que pedia, pedi para à Secretaria da Educação, pedi para vários lugares, andei, fui até o governador, e não conseguia mandarem construir a escola, ou mandarem restaurar, reformar, o assoalho estava quase caindo. Aí, quando houve a primeira comunhão, muitos de meus alunos não podiam comprar roupa e pediram que eu fizesse e eu costurei. Aí fui à catedral e consegui tênis, calça para os meninos e roupa para as meninas. E tinha toda aquela comemoração: já tinha os anjos, tinha toda aquela festa dos anjos. Tudo isso consegui, graças a Deus! Nós estávamos na igreja, tudo organizado, as crianças com as velas acesas, estava um representante do governador, estavam ali outras pessoas e outras autoridades da Educação também. Na hora da consagração, da elevação da hóstia, o assoalho caiu, e as crianças com as velas acesas! Menina, foi um susto para mim. E tinha crianças com oito, nove anos, doze as maiores. Olha! Na sala, a sala enorme. Dá duas dessas. O assoalho era precário, não dava. Aí é que eles mandaram reformar a escola. Porque eles viram a situação. Não havia mais maneira de pedir, de conseguir, porque ia e não conseguia, aí nessa hora eles viram, foi um susto! Alguma criança poderia ter-se machucado. Sorte que ninguém se machucou na escola.

Para mim foi muito boa a época em que lecionei. Hoje tenho alunos que se formaram no quarto ano, depois preparei para eles Teve esse, não esqueço, de todos eles

o que mais lembro é o Antenor, o Antenor e a Cleide. A Cleide era neta do sr. Durval. Também era aluna. Estudou lá e depois veio a se casar com esse rapaz, o Antenor. O Antenor foi para a Marinha e eu que preparei. Naquela época tinha que fazer segunda época; ele não podia, era filho de pescador. Preparei e ele conseguiu, com todo o esforço, passar. Não foi só meu esforço, ele era muito interessado e foi para a Marinha. De lá foi a oficial da Marinha. Depois se aposentou, em seguida fez vestibular e passou, mesmo depois de aposentado, mas ele era muito esforçado e se formou advogado. E hoje ele advoga. Então diz: “Ah! Dona Vilma! Lembra do tempo que eu levava uma batata doce cozida? Isso valeu muito”. Então digo: “Não esqueço.” “É, tu vê, a dona Vilma que eles não queriam na escola.” Quando estava para casar, chegou uma senhora na minha casa, uma das mães de meus alunos e disse: “Dona Vilma, a senhora gosta desse quadro que estou fazendo?” Eu disse: “Gosto, é muito bonito – era uma toalha de renda de tramóia – gosto, muito bonita.” Ela: “A senhora quer comprar?” Disse: “Não, querida, está perto de eu casar e não tenho condições”. Ela: “A senhora gostou?” Disse: “Gostei”. Então ela fez a toalha e depois de pronta foi levar na minha sala, e até hoje tenho guardada como uma relíquia, um valor muito estimativo para mim aquela toalha. Então ela disse: “Esta toalha são os alunos que estão dando de presente, cada um aqui ajudou com cinco centavos, vinte centavos, e eu comprei a linha, linha de pérola e fiz a toalha.” Aquilo me sensibilizou muito; foi com grande esforço que os alunos fizeram. No dia em que casei, casei na Catedral Metropolitana, o padre Agostinho é que foi rezar a missa. Já estava muito acostumada, porque quando comecei a lecionar lá, quando ele começou a rezar missa, sempre me

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

acostumei muito com ele. E eu pedi, fui falar com ele e ele disse: “Ah, dona Vilma! Estou dando aula, não sei se vou rezar a missa do seu casamento”. Aí estava tão preocupada, tão preocupada, quando entro na igreja, em seguida ele entra. E ele rezou a missa. E meus alunos da segunda série, naquela época já lecionava na segunda série, foram à igreja, simples, e levaram um buquê de lírios. Gostei muito daquilo. Depois o sr. Durval doou o terreno e construíram a igreja e pode ir lá hoje, tem o São Pedro e a Santa Rita. Pode ter outras imagens, mas aquelas estão lá. Nós também conseguimos toalhas, porque nós íamos inaugurar a igreja, a capela, tudo ajudado por eles. Nada fiz sozinha; tudo com o apoio deles. Eles ajudaram a comprar toalhas; as senhoras lá faziam muito a renda de bilros, e elas foram fazendo, compravam a linha, outras doavam para a igreja.

APOSENTADORIA

Depois fui para o Rio Grande do Sul. Aposentei-me por lá. Se tu gostas de lecionar, mas tu estás começando, muitas vezes a pessoa muda. Se tu gostas, fica no ramo, se não... Para mim valeu muito, gostei muito, foi uma profissão que abracei. Mesmo hoje, é que não posso, não tenho mais condição, mas se pudesse estava lecionando ainda. Não dá mais. Mas há momentos assim, em que sinto saudades; então me apego à minha netinha e às experiências que tenho.

*Oliria Oliveira dos Santos*³²

Nascida em Florianópolis / SC, em 21 de janeiro de 1934.

VIDA PRIVADA

A FAMÍLIA

O meu pai chama-se Thomaz Alvim de Oliveira e a minha mãe, Maria Cordeiro de Oliveira. Tenho cinco irmãos. Dois são falecidos. Tive uma infância pobre, mais do que hoje, no caso. Nasci na Trindade. Casei quando tinha 23 anos. Tive oito filhos, dois gêmeos. E sempre me criei assim, como pobre, essa coisa toda.

A ESCOLA

ASPECTOS FÍSICOS DA ESCOLA

A princípio, eram carteiras de seis. Se bem que algumas salas já tinham algumas de dois. Às vezes havia até mista, tanto a de seis como a de dois, para completar, não é? Era aquele grupo onde comecei a estudar, Olívio Amorim. Era um grupo bem pobre, bem pobre mesmo! A diretora daquela época já faleceu. Era um ambiente muito agradável, mas era pobre.

32 SANTOS, Oliria Oliveira dos. Entrevista concedida a Marili Silvestrini. Florianópolis, 26 de abril de 1996. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

MATERIAIS DIDÁTICOS

Tinha a cartilha, tinha aquele outro livro também. A cartilha era a do “Boi”. Era muito conhecido como a “Cartilha do Boi”. A primeira e segunda página era o boi. Hoje eles xerocam, fazem um xeroquinho e vão botando: a, e, i, o, u... Lembro do meu livro de alfabetização. Era “O Barquinho Amarelo”. Também lembro do livro do Paulo. Paulo tinha uma bola, a bola de Paulo é azul. Aquela história toda, da bolinha toda coloridinha. Então era assim, mas acho que esse método de ensino hoje... Não reprovava não, porque eu também tenho dois netinhos, três netinhos. Um está com oito anos, outro com sete e outro com seis. Eles lêem perfeitamente! Esse de seis mora em Tijucas. Ele lê e de vez em quando liga para cá, todo contente: “Vó, hoje eu ganhei dez!” Então, são métodos completamente diferentes daqueles que estudei. Já completamente, até dos meus filhos, entende? Tudo é assim, não condeno. Só acho que são exceções. Que a gente vê crianças aí que estão, patinando, vão ficando, vão ficando! Não são exceções por serem meus netos, não, é assim! Outras crianças também, entendeu? Mas tem criança aí, a maioria, que fica muito sem saber. E para a gente julgar uma coisa assim, a gente tem que ir pela maioria e não pela minoria. Usávamos também essas folhas de papel de embrulho. Porque me criei bem mais necessitada do que hoje. Graças a Deus, digo para os meus filhos que, hoje em dia, comparado com aquele tempo, somos ricos. Pegávamos muito esse papel de embrulho, esse papel escuro, qualquer pedaço de papel para mim era grande coisa para escrever, para fazer rascunho. Às vezes a minha mãe passava na máquina quatro, cinco folhas de papel; passava uma costura e fazia um caderno. Era o caderno. Tinha um caderno assim, para as

coisas principais, compreendes? Porque o meu pai era guarda da Penitenciária, criando seis filhos, todos quase da mesma idade. Era uma vida...

Tinha um tinteiro na própria carteira. Usava-se aquela pena na caneta, que às vezes ficava escarrapachada. Era uma peninha com duas pontinhas, que uma era aberta. Às vezes, de tanto a gente escrever, uma pontinha ficava para cima e outra para baixo. Então não escrevia mais direito. A professora dizia: “Essa aí não presta mais, pode jogar fora que está escarrapachada”. Tinha alunos que pingavam o caderno todo. Naquele tempo não tinha a esferográfica. Havia cartazes, mas feitos pela professora. Ela usava cartolina, não sei se naquela época já era cartolina. Então fazia aquele mural! Era um cavalete semelhante ao de hoje. Fazia aquele cavalete, botava aquelas folhas grandes e ia passando. Ia passando. Ou então também a lousa do quadro. Isso era mais para ser uma coisa assim, quando era dada uma aula com seqüência. Aí tinha que ser na lousa do quadro. Também usei aquela lousa individual, com a madeirinha pelo lado. E a gente escrevia, levava um paninho, ia lá na torneira, molhava o paninho, passava, apagava tudo, e estava pronto para escrever outra vez. Tinha aluno que apagava com as mãos, meu Deus! Era aquela coisa! Os meus irmão usavam sacolinha de pano, assim ...um pouquinho maior do que o caderno. E aí fazia aquela tampinha assim e o botãozinho aqui, um tirante para pendurar para o lado. Tinha um lápis, uma borracha e essa caneta com a pena. Mais nada! Sem hidrocor e essa coisa toda!

Às vezes para a primeira série levava para a escola caramujinho, conchinhas de berbigão. Era para fazer somas na escola.

METODOLOGIA

O método que existia naquela época era o método analítico, que partia das sílabas para o todo. A gente primeiro aprendia as letrinhas. Levava uma semana no a, e, i, o, u. Depois ia para as consoantes, aquela coisa toda, aprendendo tudo isso. Era uma coisa que dava muito bem, a gente aprendia logo. Quando entrei na escola, a meu ver era um tempo assim, comparado com de hoje, bem mais.... Não discriminando o ensino de hoje, nada disso, mas acho que era um ensino que fazia os alunos saírem sabendo bem melhor do que hoje. Porque, veja bem, a começar do meu marido, que tem só o segundo ano do Complementar. Ele tem um conhecimento melhor do que os filhos que chegaram até o Segundo Grau. Essas coisas assim, por exemplo, de História do Brasil, ele tem um conhecimento enorme! Eu noto. Até quando fui tirar o segundo grau no Instituto Estadual de Educação, eu via moças, já dos seus dezesseis, dezessete anos, mais adolescentes, outras mais... para fazer, por exemplo, problemas de Matemática, contavam pelos dedos. Ai: tá, tá, tá, tá... Aquilo me apavorava, porque eu achava que não era mais para ter isso. Por isso acho o estudo de hoje mais superficial, entende? Acho assim, não sei.

Naquela época o aluno tinha que saber. Vamos dizer que sejam outros métodos hoje. Até não condeno. Até a minha filha está aí, na universidade, está se formando em Pedagogia. Mas acho que naquele tempo ficava uma coisa mais fixa para a criança. Hoje é uma coisa que eles sabem naquela hora e depois pronto, já esqueceram tudo! Acredito, não sei, de repente não estou atualizada, não estou certa, mas acho assim. O estudo

era uma coisa puxada desde o início. Oh, a professora que você entrevistou ontem, dona Adelaide, ela sempre deu aula para a primeira serie, sempre! Mas as crianças dela sabiam as quatro operações, sabiam ler perfeitamente... E tudo isso na base daquele tempo antigo. “Anda rapaz, faz isso, faz aquilo.” Era assim. Naquela época as crianças podiam ser, até certo ponto, mal informadas; por outro lado.... Uma criança para tomar uma injeção na escola era uma agonia. Uma vacina, qualquer coisa assim. Era um suplício as crianças irem para a escola naquele dia! Tremiam de nervosismo; tinha criança que desmaiava. Não tinham informação.

Hoje em dia a gente não tem tanto isso. Fala-se mais, a televisão também, não é? Acho que tudo é relativo, que tudo tem seus prós e seus contras. A maneira antiga de ensinar tinha as suas vantagens e suas desvantagens. E hoje é a mesma coisa. Agora, torno a dizer, acho que antigamente as crianças saiam da escola mais preparadas para o futuro.

O RECREIO/BRINCADEIRAS

Brincava-se daquela corda de pular. A criança ficava no meio: vai botando o pé em cima da corda, vai saindo. Tinha a amarelinha: a gente pula aqui, depois pula aqui, aqui... Quem botar o pé em cima do risco... Tinha charuto também, não sei, de repente hoje tem outro nome: faz um risco no chão, aqui tem uma rodinha, aqui fica um e os outros todos aqui em roda. Ele entra por esse lado ou por esse lado. Ele vem para pegar. Se ele pegar alguns daqueles ali, tem que tocar em alguns daqueles ali; aquele que for pego é malhado... Pulava

tábua, uma tabuinha mais alta, um barrote, uma tábua atravessada, né! Aí ia um do lado da tábua e o outro do outro lado. Um pulava, o outro ia para cima.

Sabe, como toda escola, às vezes ficava uns montinhos, de meninas conversando, um grupo assim de menores; tinha bonecas. E os rapazes também: tinha uns que ficavam mais num canto, conversando ali, trocando idéias, essas coisas, enquanto a outra parte brincava.

CASTIGOS

Naquele tempo, se fosse uma queixa de aluno para a diretora, no gabinete, ele ficava lá até de joelhos, ou ficava lá dentro em pé junto com a diretora. Também tinha castigo de ficar virado para a parede. Peguei muito castigo de um que condenava demais. Naquela época, muitas vezes chorei, porque andei na mesma turma do meu irmão, que é cinco anos mais velho do que eu. Mas ele tem problemas de saúde. Então, quando entrei na primeira série, ele passou para a quarta. Passei para a segunda, terceira, passei para a quarta, fiquei junto com ele e... problemas de saúde, era uma coisa justificada. Ele apanhava muito, meu Deus do céu! Uma senhora que, por sinal é irmã da minha tia, uma tia que não é tia carnal, meu Deus do céu, ela puxava assim, pegava a orelha, até o... porque ele não sabia fazer as tabuadas. Eu ficava...! Chorava na minha carteira. Ela fazia, vamos dizer, uma operação, uma divisão. Ela dizia assim: "Olha bem, olha bem como é que está, olha bem!". Ele olhava, mas ele não assimilava muito bem. Então ela apagava. No que ela apagava, ele ia botar e quem dizia: tanto dividido por tanto... ele não sabia mais. Por exemplo,

uma suposição assim: 8 dividido por 2 dá 4; 4 vezes 2 dá 8, assim, era oito, vamos dizer que era nove... Não sabia mais, ficava com medo, não conseguia mais nada. Ai apanhava. Às vezes andava até meio sujo, porque ela encostava o nariz... tadinho, às vezes botava para o canto, ficava ali em pé, triste! Era um problema! E apanhava de régua também. Era com régua de madeira, não tinha de plástico naquela época. Era, parece, cinquenta centímetros, aquelas réguas, apanhava com aquilo em qualquer lugar [lugar do corpo]. Existiam muitas professoras assim. Professoras que às vezes chegavam a puxar os cabelos! Trazia a criança presa pelo cabelo, assim, até lá na frente. Não sou dessa opinião. Meu Deus do céu! Além da humilhação, os problemas de saúde que podia trazer. Porque puxar uma orelha traz um problema tremendo para dor de ouvido. Rasga, pode rasgar a orelha da criança aqui. No meu tempo ali no Itacorubi tinha tanta criança ... , criança que tinha alguma doença, calor de figo, parece, né, que dá aqui na orelha. Às vezes, que não são bem lavadinhas... qualquer coisa, não é? E aquilo ali, a professora está correndo um risco muito sério. Puxar a orelha da criança ali arrebenta, não foi nada por causa do problema que tinha. Foi porque a professora puxou demais. É o que todo mundo vai dizer, não é? Então vi uma professora, uma vez, enrolada a esse respeito assim, de ter puxado a orelha da criança, e chegou a sangrar, foi para a camisa e tudo. E o pai reagiu, e com razão. Mas a criança tinha a orelha com problemas. Isso aí são coisas que não adianta!

ATUAÇÃO PROFISSIONAL/DOCÊNCIA

INGRESSO

Comecei a trabalhar aos dezesseis anos de idade, como substituta ali onde hoje é aquele jardim em frente à Penitenciária. Comecei ali, era uma Escola Reunida. Substituí ali dois finais de ano para duas professoras que tiraram licença-prêmio. Eram duas turmas de quarta série. Depois é que ingressei. Porque, primeiro tirei da primeira à oitava série. Não era bem oitava série, naquela época; eram dois anos de Complementar, não é? Fazia quatro anos de primário e mais dois de Complementar. Depois daqui fui estudar no Estreito, no José Boiteux. Porque lá era o único lugar que tinha esse Segundo Grau. Segundo Grau naquele tempo; hoje é o Primeiro Grau. Então lá concluí o curso. Nesse meio tempo trabalhei também. Aos dezoito anos fiz o concurso de ingresso. Entrei como professora do estado para trabalhar em Pagará. É em Santa Catarina, mas era bem longe [entre os municípios de Palhoça e Santo Amaro da Imperatriz]. Aí me arrumaram para ficar no alto de Biguaçu, catorze quilômetros além de Biguaçu. E lá fiquei três meses, muito novinha que eu era. Hoje em dia, uma pessoa com dezoito anos é uma pessoa bem esclarecida. Mas eu, muito nova, era, assim, pacata. Trabalhava lá, mas chorava mais do que trabalhava. Longe do pessoal de casa, eu não era acostumada. E depois, naquela época tinha uma casa aqui, outra lá adiante. Era uma coisa bem diferente. Na época o meu irmão era Diretor do Tesouro, e tinha muita influência. Então logo arrumou serviço no Itacorubi. Quando chegou em maio de 1952, comecei a trabalhar ali, e ali aposentei,

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

em 1981. Comecei numa ex-escola; não era escola. Era uma casa onde faziam vassoura. Era no Itacorubi mesmo, em frente à ACARESC. Depois passamos para uma outra escolinha, era uma escolinha própria mesmo, mais decente. Tenho até foto. Trabalhei ali bastante tempo. A princípio era Escola Isolada do Itacorubi, depois passou a Escola Reunida do Itacorubi, depois passou a Grupo Escolar José Ronsoni e, depois, a Escola Básica Eleonor de Barros, a atual. Naquela época tinha uma outra Eleonor de Barros, que era lá em cima; era mais antiga, mas era pelo município. Aí resolveram por A mais B fazer esta escola básica e colocar o nome da escola lá de cima... Sempre dei aula para terceira e a quarta série.

CASTIGOS

Olha, até me sinto assim meio constrangida de dizer, sempre fui uma pessoa muito respeitada. Inclusive tem uma professora que trabalhava ali, hoje trabalha em Tijucas. Chegando a época em que eu era auxiliar de direção, ela disse assim: “Olívia, quando tu vais chegando, de longe sei que és tu, por causa das passadas”. Sempre tive assim uma passada mais forte, sei lá. Então ela dizia que me conhecia de longe! Entendeu?

Eu nunca tive aluno rebelde. Também nunca tive coisa que marcasse, a não ser uma vez. Um pai, uma vez, porque nós tínhamos assim... Para começar, trabalhei no Itacorubi. Eu ia de bicicleta. Ia daqui de bicicleta, passava pela Penitenciária e fazia aquela volta. Trabalhei lá muitos anos, sempre ia de bicicleta. Depois criaram um carro, um horário de ônibus próprio para nós... Aí o carro era às cinco horas, depois não tinha mais.

Se eu saísse atrasada, não tinha mais ônibus. Dizia: “Vou perder o ônibus, o último ônibus para ter que ir de bicicleta? De jeito nenhum!”

Bem, voltando à história, uma vez tinha um pai - ele tinha filhos; hoje, por sinal, um desses filhos é uma pessoa drogada – que estava ali na passarela, fiquei com uma pena! Seus filhos não eram mal educados, mas eram malandros, mas malandros mesmo, daqueles assim de olhar para os outros e... O tempo vai correndo, não é! Aí, um dia eu disse a eles: “Olha, amanhã, se vocês não fizerem isso aqui, vocês vão fazer no recreio. Vou deixar vocês comerem a merenda dentro da sala de aula”. Naquele tempo era meia hora de recreio. Eles não fizeram! Eu não gostava de prometer o que não podia fazer. Mas eu prometia, eu tinha que fazer, até com os filhos e m casa. Quando prometo, faço. Porque, se não fizer, a pessoa fica desacreditada! Então disse para eles: “Se vocês não fizerem amanhã... porque dei para vocês trazerem de casa pronto e não acompanharam os outros aqui. Porque vi vocês sem trabalhar. Na hora da pausa, vocês vão comer o lanche dentro da sala,. Assim que terminarem de comer o lanche, vocês não vão brincar; vocês vão começar a fazer o trabalho.” E assim fiz. Eu fiz e o pai veio à tarde, no outro dia, que era segunda. “Eu quero saber por que a senhora deixou os meninos aqui dentro da sala”? Eu disse: “É assim, assim...” “A senhora não pode fazer isso! Então a senhora tem que ficar depois da hora da aula junto com eles, junto com eles a senhora tem que ficar e não tirar o recreio das crianças. Isso aí é uma coisa que eles têm que brincar, são crianças”. Eu disse: “Eles têm que brincar, mas têm que obedecer. A hora de ficar aqui na sala eles têm que cumprir a ordem que dou. Não estou dando nada exagerado, tanto que seus dois filhos

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

são os únicos que não fazem!” Ai... “Não senhora, tem que ficar dentro da sala com os meus filhos”. “Por acaso o senhor quer que eu amasse a comida também para eles botarem na boca?”. Ele disse: “Ah, se eu precisar fazer isso, eu faço, que sou o pai”. “Pois então o senhor seja pai também para chamar a atenção que eles estão errando dentro da sala de aula”. Ele passou uma época assim que ele não falava comigo nem nada. Em lugares assim você conhece todo mundo, conhece os pais, os pais conhecem bem as professoras, a gente já sabe quem é o pai daquele. E ele passou muito tempo sem falar comigo. Mas não me arrependi, não dei para trás, nada. Daí para frente eles começaram a trabalhar, começaram a trabalhar como crianças normais, tudo isso, e pronto. E não teve mais problema nenhum. Mas fiquei meio chateada, porque o pai foi lá discutir. Não gostei dessa situação.

OUTRAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS

Quando a escola passou a ser Escola Básica, eu não podia lecionar, porque não tenho curso superior. Só tenho até o Segundo Grau. Por isso não fiquei com a terceira série. Ai passei a ser auxiliar de direção. Fiz o meu segundo grau quando já tinha quatro filhos. Fui, peguei uma menina que era muito boa, assim, uma pretinha, lá de Canasvieiras. Disse que dava um presente bom para ela se ela ficasse os três anos, que eu queria uma garantia. Então trabalhava de manhã, à tarde e à noite, nesses três anos. Tinha que trabalhar no Itacorubi, assistir aula prática dois anos, depois ainda assistir à aula normal no Instituto. Então, quando me formei, dei uma máquina de

costura de presente para ela. Ela ficou muito tempo ainda comigo.

Então foi assim. Não podia ficar como diretora da escola porque era Escola Básica. Aí, quando criaram o grupo mesmo, fizeram o prédio todo, aí foi uma moça, que era minha amiga também. Depois fiquei como professora. Aposentei-me como auxiliar de direção. Hoje em dia não ganho nada por ter sido auxiliar de direção e não ganho nada por ter sido diretora por doze anos e meio. Ganho só como professora normal, e deu pra bola! Mas fazer o quê, não é? Também fui catequista, inclusive tenho até fotografia com o padre, que por sinal deixou de ser padre, já é casado. Dei aula de catequese alguns anos. Também participava do Clube de Mães que tinha na escola, principalmente aqui na Escola Básica. Era Clube de Mães, orientação para os pais.

APOSENTADORIA

Quando cheguei a vinte e cinco anos, que era tempo de se aposentar, passou para trinta, com aquele ministro, o Passarinho. E quando cheguei a trinta, passou para vinte e cinco. Aposentei-me como professora.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALBERTI, Verena. **Fontes Oraís**: Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanesi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005 (pp. 155-202).

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CATANI, Denice Barbara. **Memória e Biografia**: “O poder do relato e o relato do poder” na História da Educação. In: GONDRA, Jorge Gonçalves (Org.). **Pesquisa Histórica**: Relatos da Educação no Brasil. Rio de Janeiro: UERJ, 1997 (pp. 73-80).

FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria & ALBERTI, Verena (Orgs) **História Oral**: Desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

GASPAR da SILVA, Vera Lucia & SCHÜEROFF, Dilce. *Memória Docente: histórias de professores catarinenses (1890–1950)*. **Anais do IV Congresso Brasileiro de História da Educação**: A Educação e seus Sujeitos na História. Goiânia/GO, 2006.

GASPAR da SILVA, Vera Lucia. **Sentidos da Profissão Docente**: Estudo comparado acerca da profissão docente do ensino primário, envolvendo Santa Catarina, São Paulo e Portugal na virada do século XIX para o século XX. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo (Tese de Doutorado), 2004.

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

JOUTARD, Philippe. **Desafios à História Oral no Século XXI**. In: FERREIRA, Marieta de M.; FERNANDES, Tânia M. & ALBERTI, Verena (Orgs.). **História Oral: Desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

LOPES, Eliane M. S. T.; GALVÃO, Ana M. O. **História da Educação**. 2ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. Ed.: Loyola, São Paulo, 1996.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Baú de Memórias, Bastidores de Histórias: O legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto**. Bragança Paulista/SP: EDUSF, 2002.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; CUNHA, Maria Teresa Santos (Orgs.). **Práticas da Memória Docente**. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção cultura, memória e currículo; v. 3).

NÓVOA, António (Org.). **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 1991.

SCHÜEROFF, Dilce. **Castigos Escolares no Ensino Primário Catarinense (1910-1940)**. Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Centro de Ciências da Educação – FAEd, 2006. (Curso de História. Trabalho de Conclusão de Curso).

SCHÜEROFF, Dilce. **Só Continuei no Magistério por Amor, Vocação: “ser” professora da rede pública de ensino primário catarinense (1920 – 1940)**. Florianópolis/SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009. (Dissertação de Mestrado).

VIDIGAL, Luís. **Os Testemunhos Orais na Escola: história oral e projetos pedagógicos**. Lisboa: Edições Asa, 1996.

FONTES UTILIZADAS

BONASSA, Plínio. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira ao abrigo do Projeto de Pesquisa “Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense - Museu da Escola Catarinense”, coordenado pela professora Maria da Graça Machado Vandresen. Siderópolis, 27 de dezembro de 1994. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

BONNA, Sônia Maria Simões de. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira ao abrigo do Projeto de Pesquisa “Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense - Museu da Escola Catarinense”, coordenado pela professora Maria da Graça Machado Vandresen. Imbituba, 12 de janeiro de 1995. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

CALLADO, Lídio Martinho. Entrevista concedida a Andréia Cristina Almeida ao abrigo do Projeto de Pesquisa “Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense - Museu da Escola Catarinense”, coordenado pela professora Maria da Graça Machado Vandresen. Florianópolis, 7 de maio de 1998. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

FERNANDES, Almerinda da Silva. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira ao abrigo do Projeto de Pesquisa “Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense - Museu da Escola Catarinense”, coordenado pela professora Maria da Graça Machado Vandresen. Imbituba, 4 de janeiro de 1995. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

FERNANDES, Vilma de Souza. Entrevista concedida a Sandra Albuquerque Reis ao abrigo do Projeto de Pesquisa “Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense - Museu da Escola Catarinense”, coordenado pela professora Maria da Graça Machado Vandresen . Florianópolis, 24 de janeiro de 1996. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

MASSISH, Adalby Abraão. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira ao abrigo do Projeto de Pesquisa “Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense - Museu da Escola Catarinense”, coordenado pela professora Maria da Graça Machado Vandresen. Imbituba, 16 de fevereiro de 1994. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

OLIVEIRA, Maria dos Passos. Entrevista concedida a Ana Maria de Brito Gouvêa com participação de Vera Lucia Gaspar da Silva ao abrigo do Projeto de Pesquisa “Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense - Museu da Escola Catarinense”, coordenado pela professora Maria da Graça Machado Vandresen. Florianópolis, 29 de julho de 1999. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

PACHECO, Josina Teixeira. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira ao abrigo do Projeto de Pesquisa “Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense - Museu da Escola Catarinense”, coordenado pela professora Maria da Graça Machado Vandresen. Imbituba, 18 de fevereiro de 1994. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

PACITO, Jamille Trindade Sadelli. Entrevista concedida a Sandra Albuquerque Reis ao abrigo do Projeto de Pesquisa “Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense - Museu da Escola Catarinense”, coordenado pela professora Maria da Graça Machado Vandresen. Florianópolis, 18 de julho de 1996.

Disponível no Acervo de Museu da Escola Catarinense.

PEREIRA, Abel Beatriz. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira ao abrigo do Projeto de Pesquisa “Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense - Museu da Escola Catarinense”, coordenado pela professora Maria da Graça Machado Vandresen. Florianópolis, 11 de maio de 1994. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

PEREIRA, Albi. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira ao abrigo do Projeto de Pesquisa “Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense - Museu da Escola Catarinense”, coordenado pela professora Maria da Graça Machado Vandresen. Florianópolis, 25 de outubro de 1994. Disponível no Museu da Escola Catarinense.

PEREIRA, Laurita Franzone. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira ao abrigo do Projeto de Pesquisa “Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense - Museu da Escola Catarinense”, coordenado pela professora Maria da Graça Machado Vandresen. Florianópolis, 24 de novembro de 1994. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

PEREIRA, Nereu do Valle. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira ao abrigo do Projeto de Pesquisa “Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense - Museu da Escola Catarinense”, coordenado pela professora Maria da Graça Machado Vandresen. Florianópolis, 18 de maio de 1994. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

PEREIRA, Norma Machado. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira ao abrigo do Projeto de Pesquisa “Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense - Museu da Escola Catarinense”, coordenado pela professora Maria da Graça

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

Machado Vandresen. Florianópolis, 8 de novembro de 1993. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

PIRES, Eugênia de Oliveira Nunes. Entrevista concedida a Alessandra Zocoli Borges ao abrigo do Projeto de Pesquisa “Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense - Museu da Escola Catarinense”, coordenado pela professora Maria da Graça Machado Vandresen. Florianópolis, 17 de junho de 1999. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

RAMOS, Ada Bicchochi. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira ao abrigo do Projeto de Pesquisa “Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense - Museu da Escola Catarinense”, coordenado pela professora Maria da Graça Machado Vandresen. Florianópolis, em 29 de novembro de 1994. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

ROSA, Aida Pereira da. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira ao abrigo do Projeto de Pesquisa “Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense - Museu da Escola Catarinense”, coordenado pela professora Maria da Graça Machado Vandresen. Imbituba, 5 de março de 1994. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

SANDRINI, Araci Cesconeto. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira ao abrigo do Projeto de Pesquisa “Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense - Museu da Escola Catarinense”, coordenado pela professora Maria da Graça Machado Vandresen. São José, 18 de março de 1994. Disponível no Museu da Escola Catarinense.

SANTO, Dilma do Espírito. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira ao abrigo do Projeto de Pesquisa “Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense - Museu

Memória Docente: Histórias de professores catarinenses (1890 -1950)

da Escola Catarinense”, coordenado pela professora Maria da Graça Machado Vandresen. Florianópolis, 30 de junho de 1994. Disponível no Museu da Escola Catarinense.

SANTOS, Olíria Oliveira dos. Entrevista concedida a Marili Silvestrini ao abrigo do Projeto de Pesquisa “Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense - Museu da Escola Catarinense”, coordenado pela professora Maria da Graça Machado Vandresen. Florianópolis, 26 de abril de 1996. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

SERPA, Januário Raimundo. Entrevista concedida à Rosinei da Silveira ao abrigo do Projeto de Pesquisa “Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense - Museu da Escola Catarinense”, coordenado pela professora Maria da Graça Machado Vandresen. Florianópolis em 31 de agosto de 1994. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

TRILHA, Fernandes Marques. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira ao abrigo do Projeto de Pesquisa “Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense - Museu da Escola Catarinense”, coordenado pela professora Maria da Graça Machado Vandresen. Florianópolis, 30 de junho de 1994. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

WERNER, Delorme. Entrevista concedida a Rosinei da Silveira ao abrigo do Projeto de Pesquisa “Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense - Museu da Escola Catarinense”, coordenado pela professora Maria da Graça Machado Vandresen. Florianópolis, 25 de agosto de 1994. Disponível no Acervo do Museu da Escola Catarinense.

